

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL DOUTORADO**

ANGELA THUMS

**OS PROCESSOS DE GESTÃO ESCOLAR E SUAS INTERAÇÕES COM A
COMUNIDADE DE NOVA BOA VISTA: INTERRELAÇÕES ESPAÇOS E ESCOLA**

São Leopoldo

2020

ANGELA THUMS

**OS PROCESSOS DE GESTÃO ESCOLAR E SUAS INTERAÇÕES COM A
COMUNIDADE DE NOVA BOA VISTA: INTERRELAÇÕES ESPAÇOS E ESCOLA**

Tese apresentada para obtenção do título de Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Professora Doutora Rosangela Fritsch

São Leopoldo

2020

T534p Thums, Angela.
Os processos de gestão escolar e suas interações com a comunidade de Nova Boa Vista : interrelações espaços e escola / por Angela Thums. – 2020.
254 f. : il. ; 30 cm.

Tese (doutorado) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2020.
“Orientadora: Dra. Rosangela Fritsch”.

1. Gestão escolar. 2. Etnografia. 3. Comunidade. 4. Imigração. 5. Cultura. I. Título.

CDU: 371.11

ANGELA THUMS

**OS PROCESSOS DE GESTÃO ESCOLAR E SUAS INTERAÇÕES COM A
COMUNIDADE DE NOVA BOA VISTA: INTERRELAÇÕES ESPAÇOS E ESCOLA**

Tese apresentada para obtenção do título de
Doutora em Educação, pelo Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade do
Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Aprovada em 30 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Rosangela Fritsch – Orientadora – UNISINOS

Dra. Laude Erandi Brandenburg – EST

Dra. Dinora Tereza Zucchetti – FEEVALE

Dra. Luciane Sgarbin Grazziotin – UNISINOS

Dr. Rodrigo Manoel Dias da Silva – UNISINOS

Dedico às Irmãs Notre Dame,
A minha família,
Aos moradores da pesquisa,
e a todos os que acreditam na educação
como forma de promover a
vida e dignidade para todos.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos:

A Deus, pela vida, pela saúde e pela força que me fez suportar as perdas e ganhos deste longo, e muitas vezes, solitário processo de doutoramento.

À Congregação das irmãs de Notre Dame, pela oportunidade, pelo apoio e pelo espaço para poder viver e fazer a pesquisa.

Às Irmãs das comunidades do Colégio Notre Dame (Passo Fundo e Carazinho): pelo apoio constante; por todas as correrias; pela paciência que me manteve firme e forte; compreensão quando eu precisava ficar horas estudando; percepção de quando eu precisava relaxar; pelo carinho incondicional no período de fragilidade da minha saúde.

Ao meu porto seguro, minha família, pelo apoio, pelas orações, pelo incentivo, pela compreensão da minha ausência.

A minha orientadora, Dra. Rosangela Fritsch, para quem não encontro uma palavra que expresse o sentimento de gratidão que sinto para manifestar sua importância neste período do doutoramento. Você foi a segurança e o equilíbrio, quando estive com a saúde frágil, demonstrou um amor incondicional nesse período. Grata por toda construção e aprendizagem, pelos ensinamentos compartilhados e conduzidos com afeto e carinho.

À colega Leci Paier, pela parceria, partilha e companhia nos estudos.

Aos amigos e amigas que permaneceram comigo, ainda que eu não tivesse tempo ou não fosse uma boa companhia neste período, pela compreensão e paciência.

Aos sujeitos desta pesquisa, por permitirem fazer parte de suas vidas, meu carinho e respeito.

Aos colegas do Grupo de Pesquisa, pelas trocas, partilhas, pelos vínculos, pela aprendizagem e cumplicidade neste período.

Aos professores doutores convidados para a banca, pela disposição em acompanhar, orientar e colaborar no aprimoramento deste trabalho investigativo.

A UNISINOS, ao Programa de Pós-Graduação em Educação, aos professores do Programa, à Secretaria, por todo conhecimento, carinho e acolhimento.

Enfim, tenho consciência do limite no sentido de lembrar e agradecer particularmente a cada um que me ajudou neste período. Por isso, agradeço a todos. Que Deus recompense e multiplique a generosidade que tiveram comigo.

Gente simples,
Fazendo coisas pequenas,
Em lugares pouco importantes,
Consegue mudanças extraordinárias.
(Provérbio africano)

RESUMO

A temática dessa tese está situada no campo da gestão escolar. O seu objeto de investigação é a gestão escolar nas interações com a cidade, com a comunidade e com os moradores. O objetivo principal da tese é compreender as experiências e as práticas de gestão escolar das escolas das redes municipal e estadual a partir das dinâmicas e interações estabelecidas com a cidade, com as linhas e com os moradores do município de Nova Boa Vista. A escolha é a matriz epistemológica da etnografia. Como estratégias para a produção de dados foram utilizadas entrevistas não dirigidas, visitas informais, observação participante, registro fotográfico, análise de documentos, com destaque para o diário de campo. O campo empírico da pesquisa, são a cidade, as linhas, os moradores e as duas escolas do Município de Nova Boa Vista/RS. Os achados vão aparecendo como um espiral, agregando resultados da cidade, das linhas, dos moradores, e estabelecendo conexões com o contexto das escolas. Os “achados” da pesquisa se dão nos contextos macro e micro. No contexto macro, as novas relações sociais estabelecidas com o trabalho, a adaptabilidade e a flexibilização da jornada de trabalho, o êxodo do jovem do campo para a cidade; as interações com a propriedade, do privado para o público, as novas relações empresariais como parceiros e como colaboradores, a terceirização do trabalho e a nucleação das escolas. No contexto micro o fortalecimento da cultura organizacional das escolas, o deslocamento das crianças para a cidade impactando no esvaziamento e enfraquecimento das linhas e das comunidades, e os vínculos com a comunidade e a escola. Estabelecendo relações com o contexto histórico da imigração e colonização alemã, bem como, as conexões com o contexto da cidade, das linhas, dos moradores e das escolas, entrelaçados pela tradição, pela cultura, pela identidade e pelo sentido de pertencimento a uma comunidade. Portanto, a gestão escolar nas escolas estadual e municipal assume formas de participação nas decisões de colaboração de compartilhamento que estão imbricadas com a vida dos moradores, suas memórias e suas práticas. As escolas são construídas coletiva e historicamente por seus moradores dentro do contexto cultural e social ao qual pertencem e suas vivências, experiências e práticas estão vinculadas ao contexto cultural e histórico da comunidade, estabelecendo relações com o lugar, relações de cooperação, de voluntariado e de pertencimento a uma comunidade.

Palavras chaves: Gestão Escolar. Etnografia. Comunidade. Imigração. Cultura.

ABSTRACT

The theme of this thesis is within the field of school management. The object of investigation is the interaction of school management with the city, the community, and the residents. The main focus of the thesis is to understand the experiences and practices of school management within the municipal and state school system which stem from the dynamics and interactions established with the communities of Nova Boa Vista/RS. The method chosen for the analyses is the ethnography. The strategies for data collection used were: non-directed interviews, informal visits, observation of participants, photographic record, and document analysis, with emphasis on campus diary. The empirical field for the research is comprised of the city, the interior communities, the residents and the two schools in the municipality of Nova Boa Vista/RS. The results appear as a spiral, aggregating results from the city, the interior communities, the residents, as well as establishing connections with the context of the schools. In the macro context, it is possible to identify the new social relationships that people establish with work, the adaptability and flexibility of the workday; the linkage with property; new business relationships through partnerships and collaboration, outsourcing of work and the nucleation of schools. In the micro context, it is possible to determine how the organizational culture of the schools is strengthened as well as the impact the displacement of children from the interior to the city has on communities which, in turn, become weaker. One can also define the bonds that people develop with the community and the school. In addition, it was also observed that the community establishes and nurtures strong links with the historical context of German immigration and colonization. Therefore, the school management in the state and municipal educational system takes on a style of participation and collaboration. Decisions are interconnected with the lives, memories, and practices of the community. The schools are built collectively by the residents within the cultural and social context according to their individual experiences and practices which, in turn, are linked to the cultural and historical context of the community. As a result, establishes not only a spirit of cooperation and volunteerism but also a sense of belonging to the place and the community.

Key words: School management. Ethnography. Community. Immigration. Culture.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa conceitual 1 da pesquisa	82
Figura 2 - Localização geográfica do município de Nova Boa Vista/RS.....	95
Figura 3 - Mapa conceitual 2 da pesquisa	101
Figura 4 - Indicação para a Linha Cachoeirinha	113
Figura 5 - Mapa conceitual 3 da pesquisa	138
Figura 6 - Composição da família de Sebastião	148
Figura 7 - Mapa conceitual 4 da pesquisa	165
Figura 8 - Banner incentivador.....	188
Figura 9 - Processo do Programa União faz a Vida	194
Figura 10 - Banner com o logo da escola.....	204
Figura 11 - Convite para comemoração dos 65 anos da Escola	211
Figura 12 - Convite para missa de encerramento da Semana da Família.....	212
Figura 13 - Mapa conceitual 5 da pesquisa	229

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Apresentação no CTG	35
Fotografia 2 - Mulheres trabalhando de forma voluntária	36
Fotografia 3 - Envolvimento das famílias nas atividades promovidas pela escola	38
Fotografia 4 - Festival Municipal da Canção	39
Fotografia 5 - Atividades de integração	46
Fotografia 6 - Integração do Círculo de Pais e Mestres	49
Fotografia 7 - Gincana de integração com as famílias	54
Fotografia 8 - Cooperação voluntária entre as mulheres.....	58
Fotografia 9 - Participação das famílias no evento da escola.....	60
Fotografia 10 - Festa da Escola Santos Anjos.....	63
Fotografia 11- Município de Nova Boa Vista/RS.....	95
Fotografia 12 - Colonizadores de Boa Vista	98
Fotografia 13 - Desfile	99
Fotografia 14 - Placa de identificação da cidade de Nova Boa Vista	103
Fotografia 15 - Placa de Linha Perau e Linha Maneador Baixo	105
Fotografia 16 - Comunidade da Linha Perau	105
Fotografia 17 - Escola desativada	107
Fotografia 18 - Comunidade da Linha Maneador Baixo.....	108
Fotografia 19 - Terceira escola desativada.....	109
Fotografia 20 - Campo de futebol da Linha de Lajeado Boa Vista.....	110
Fotografia 21 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana e o salão da comunidade.....	115
Fotografia 22 - Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Leopoldo Mertins.....	117
Fotografia 23 - Igrejas Católica e Evangélica e salão comunitário	118
Fotografia 24 - As duas instituições religiosas e o salão comunitário	120
Fotografia 25 - O complexo da Linha Jaboticaba	123
Fotografia 26 - A escola escondida	125
Fotografia 27 - A cancha de bocha.....	128
Fotografia 28 - Placa de sinalização da linha.....	130
Fotografia 29 - Estádio da Linha Mirim.....	133
Fotografia 30 - Estádio do Shell.....	135
Fotografia 31- Ginásio de esportes.....	143
Fotografia 32- Artesãos.....	145
Fotografia 33 - Momento da ordenha.....	149
Fotografia 34 - Limpeza da estrebaria.....	149
Fotografia 35- Tratando os bezerras	151
Fotografia 36 - Alimentando os gatos	151
Fotografia 37- Alimentando as vacas.....	154
Fotografia 38 - Levando as vacas no pasto	154
Fotografia 39 - Irmã cuidando o maninho.....	156
Fotografia 40 - Buscando as vacas no pasto.....	157
Fotografia 41 - Turmas da primeira escola comunitária de Boa Vista.....	169
Fotografia 42 - Construção da Escola Santos Anjos	172
Fotografia 43 - Relação escola e igreja	173

Fotografia 44 - A Escola Municipal Santos Anjos.....	176
Fotografia 45 - A limpeza da sala de aula.....	178
Fotografia 46 - Estudantes indo para casa.....	180
Fotografia 47 - Refeitório dos alunos.....	180
Fotografia 48 - Prédio novo	181
Fotografia 49 - Desembarque dos estudantes.....	183
Fotografia 50 - Estudantes indo para as oficinas e professoras no planejamento	187
Fotografia 51 - Sala de recursos e interdisciplinar	189
Fotografia 52 - Sala de Reforço	190
Fotografia 53 - Término da aula.....	191
Fotografia 54 - Envolvimento dos pais na atividade da escola	200
Fotografia 55 - Escola Estadual Antônio Mathias Anschau.....	204
Fotografia 56 - Escola Brizoleta.....	207
Fotografia 57 – Atividades do Setembro Amarelo.....	210
Fotografia 58 - Celebração da família.....	213
Fotografia 59 - Assembleia com a comunidade escolar.....	222
Fotografia 60 - Conversa com as famílias venezuelanas	224

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
1 INTRODUÇÃO	15
1.1 RELEVÂNCIA PESSOAL.....	18
1.2 RELEVÂNCIA SOCIAL E ACADÊMICA DA PESQUISA.....	22
1.3 OBJETIVOS	27
1.4 CAMINHOS TRAÇADOS	28
1.4.1 A revisão de literatura	29
1.4.2 As estratégias de produção e a análise de dados	31
2 ETNOGRAFIA: UMA ESCOLHA	52
2.1. Dialogar.....	
3 O CONTEXTO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL	83
3.1 POR QUE O BRASIL RECEBIA IMIGRANTES.....	84
3.2 HISTÓRIA DE PROMESSAS NÃO CUMPRIDAS	87
3.3 CHEGADA AO RIO GRANDE DO SUL	89
3.4 CHEGANDO A SÃO LEOPOLDO.....	91
3.5 A APROXIMAÇÃO COM NOVA BOA VISTA.....	93
4 ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS DA CIDADE E DAS LINHAS	102
5 CONHECENDO OS MORADORES, OS GRUPOS E AS ASSOCIAÇÕES	139
6 A GESTÃO ESCOLAR E AS INTERAÇÕES	166
6.1 A ESCOLA MUNICIPAL SANTOS ANJOS	168
.....	194
6.2 A ESCOLA ESTADUAL DE ENSINO MÉDIO ANTÔNIO MATHIAS ANSCHAU ..	195
7 PARA NÃO FINALIZAR	230
REFERÊNCIAS	241
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	251
APÊNDICE B - CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NA VIDA DOS EX-ALUNOS	252

APRESENTAÇÃO

“O que conta na vida não é o mero fato de nós termos vivido. É a diferença que nós temos feito às vidas de outros que determinará a significância da vida que nós levamos.”
(Nelson Mandela, 1918-2013)

A tese intitulada “Os processos de gestão escolar e suas interações com a comunidade de Nova Boa vista: interrelações espaço e escola” está inserida na Linha de Pesquisa de Educação, História e Políticas, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A temática dessa tese está situada no campo da gestão escolar. O seu objeto de investigação é a gestão escolar nas interações com a cidade, com as linhas e com os moradores. O campo empírico da pesquisa, são a cidade, as linhas, os moradores e as duas escolas do Município de Nova Boa Vista/RS. A empiria apresenta marcas latentes de uma identidade que vem da tradição do grupo de imigrantes e colonizadores alemães que carregam traços de sua cultura de origem, seus costumes, suas crenças e ritos. É um estudo etnográfico, de natureza qualitativa. Os achados vão aparecendo como um espiral, agregando resultados da cidade, das linhas, dos moradores, e fui estabelecendo conexões com o capítulo das escolas.

O primeiro capítulo intitulado, “Introdução”, aborda o objeto da pesquisa, os objetivos, a justificativa, a relevância da pesquisa e os caminhos que levaram à escolha epistemológica. Apresenta as escolhas metodológicas descrevendo o planejamento e o desenho da pesquisa em torno das estratégias de produção e análise de dados. O tema da gestão escolar está intrinsecamente relacionado com as discussões acerca da qualidade da educação. O gestor da escola pública brasileira, que é um professor, se depara com esse desafio, pois se requer desse profissional dedicação e empenho em áreas de atuação distintas, desde a gestão pedagógica até a gestão de resultados escolares, transitando pela gestão administrativa, gestão de pessoas, isto é, relações entre funcionários, pais e estudantes.

No segundo capítulo, denominado “A etnografia: uma escolha”, é o alicerce da pesquisa, apresento os diferentes referenciais teóricos que auxiliaram nos conceitos teórico-epistemológicos e metodológicos da etnografia e alguns dados produzidos nas visitas informais e observações que sustentam a escolha. E outros elementos teóricos como conceitos de cultura,

de identidade, de colonização e que ao mesmo tempo, apresentei e refleti sobre a minha experiência e quanto eu me apropriei dessas escolhas.

O terceiro capítulo, intitulado “O contexto histórico da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul”, traz a fundamentação e o entendimento do contexto histórico, pois o Município de Nova Boa Vista apresenta marcas latentes desse contexto. No processo constitutivo da história, vários povos contribuíram para a formação do Brasil: índios, negros, portugueses, espanhóis, alemães, italianos e muitos outros. Esses povos chegaram aqui em diversas épocas, de várias formas e por diferentes motivos. A colonização alemã no século XIX foi a dinamizadora da produção agrícola diversificada no Rio Grande do Sul. Neste capítulo foi abordado o início da imigração e colonização alemã, desde a sua chegada ao Brasil, ao Rio Grande do Sul e as aproximações com Nova Boa Vista. É o contexto macro e micro que estão interligados, pelas marcas do tempo, da história, da memória do povo de Nova Boa Vista.

No quarto capítulo, denominado “Aspectos sociogeográficos da cidade e das linhas”, as relações que vão se estabelecendo e que auxiliaram o entendimento e na reflexão do conceito de lugar, de memória. A memória é um fenômeno relacional e, como tal, sujeito a mudanças, acomodações e flutuações. Fui refletindo sobre a minha experiência no campo empírico fazendo a reflexão sobre os embates “aqui tinha uma casa”; do esvaziamento e enfraquecimento das linhas e comunidades, a questão do lugar como um espaço de memória.

O capítulo quinto, “Conhecendo os moradores, os grupos e associações”, a articulação dos moradores nos grupos e associações. Estabeleci relações com os referenciais teóricos e a minhas experiências na observação da rotina familiar dos moradores e como essa é impactada pelas profundas metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho. As tendências macros (sistema empresarial) que impactam as situações micro, (no cotidiano dos moradores). A nomenclatura utilizada pelo sistema empresarial como “parceiros”, “colaboradores”, estipula novas conexões com a questão do trabalho. Mas é essa processualidade contraditória, presente no ato de trabalhar, que emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza.

O capítulo sexto, denominado “A gestão escolar e as interações”, teve como objetivo desvelar as concepções, as experiências e práticas de gestão escolar na Escola Municipal e na Escola Estadual de Ensino Médio. Descrevi os movimentos realizados nas duas escolas, conhecendo o seu contexto educacional dialogando com as observações e registros realizados na empiria. Fui estabelecendo conexões com os resultados dos capítulos anteriores, pois estão interconectados pelas práticas, pela marca cultural, apresentando limitações, possibilidades nos diferentes processos da gestão escolar. Alguns achados como a relação família e escola, a

herança cultural, o planejamento coletivo, o sentido de pertença, a metodologia de projetos o exercício da cidadania, a rotatividade dos professores, diminuição de horas e sobrecarga, diminuição de alunos e salários baixos.

O capítulo sétimo intitulado, “Para não finalizar”, abordou elementos de descobertas, apropriações, “achados” da pesquisa, sem colocá-los numa ordem de relevância. Algumas ideias partem do entendimento de que a escola constitui-se num patrimônio da sociedade, sendo o lugar de formação cultural e científica, pela qual se promove o desenvolvimento intelectual e a formação integral dos estudantes. Alguns apontamentos: as relações de conflito e de poder, as novas relações de trabalho, a flexibilização da jornada de trabalho, o enfraquecimento das linhas e comunidade, escolas desativadas, ensino de qualidade, a relevância do lugar como um espaço de memória. Posteriormente, constam as referências bibliográficas e os apêndices.

1 INTRODUÇÃO

“Aproximar-se de algo é condição para poder apreciá-lo, pois, se a distância é muita e não se pode nem percebê-lo, o desconhece totalmente. Percebo as pessoas, as situações, as coisas, primeiramente, chegando perto delas: só com a aproximação percebo sua singularidade; só com o acercamento percebo seu valor; ao me acercar, tudo cresce, e não só de tamanho, pois a ‘grandeza’ que posso chegar a perceber em alguém nada tem a ver com sua altura nem seu volume”.
(ESQUIROL, 2008, p. 58).

A temática da gestão no âmbito educacional tem sido objeto de estudo e de discussões na atualidade, estando presente não somente na produção acadêmica, mas nas mídias e publicações impressas e digitais. O crescimento de pesquisas sobre essa temática pode estar associado ao papel que a educação tem representado no contexto econômico, social e cultural da sociedade e, em decorrência disso, torna-se foco central de debates e pesquisas.

A gestão escolar está expressa nas relações internas de cada instituição escolar; portanto, é nas demandas pedagógicas e administrativas que vão constituir-se os detalhes, o fazer diário. O estudo pela gestão escolar ocorre por entender-se sua relevância nos processos de ensino e de aprendizagem numa instituição de ensino, os quais são a base para os demais processos escolares. “A organização e a gestão constituem o conjunto das condições e dos meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que alcance os objetivos educacionais esperados” (LIBÂNEO, 2012, p. 411).

Na compreensão de Libâneo (2012), a gestão escolar é um meio e não um fim em si mesmo, pois seu objetivo final é a aprendizagem efetiva e significativa dos estudantes, para que, no dia a dia, possam desenvolver as competências que a sociedade demanda. A escola é uma instituição social com o objetivo explícito: desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, atitudes e valores), para se tornarem cidadãos participativos na sociedade em que vivem. A gestão escolar necessária é aquela que melhor favorece o trabalho do professor, existindo uma interdependência entre os objetivos e funções da escola e a organização e gestão do trabalho escolar.

Conceitualmente, a gestão faz parte da organização, mas aparece junto a ela por duas razões: a) a escola é uma organização em que tanto os objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e afetivas que nela têm lugar; b) as instituições

escolares, por prevalecer nelas o elemento humano, precisam ser democraticamente administradas, de modo que todos os seus integrantes canalizem esforços para a realização de objetivos educacionais, acentuando-se a necessidade da gestão participativa e da gestão da participação (LIBÂNEO, 2012). Quando se fala de gestão escolar, é necessário considerar que não existe uma “receita pronta”, mas experiências a serem compartilhadas, vivenciadas em diferentes contextos e lugares.

No Brasil, o tema da gestão escolar está intrinsecamente relacionado com as discussões acerca da qualidade da educação. O gestor da escola pública brasileira, que é um professor, se depara com esse desafio, pois se requer desse profissional dedicação e empenho em áreas de atuação distintas, desde a gestão pedagógica até a gestão de resultados escolares, transitando pela capacidade administrativa até relações pessoais entre funcionários, pais e estudantes.

As instituições escolares são influenciadas pelo sistema econômico, político, cultural e tecnológico. Não há como a escola ser uma instituição à parte, pois a ela são atribuídas diversas responsabilidades e exigências de preparação dos estudantes para o mundo e a formação para o trabalho. É imprescindível compreender os efeitos das transformações dos demais sistemas para entender a forma como impactam no funcionamento escolar, uma vez que eles são modificados pela necessidade de adaptação de tempos modernos, pelas influências tecnológicas e pelas políticas públicas sociais.

A Gestão escolar é essencialmente complexa, composta por gestores, corpo docente, funcionários, corpo discente, comunidade, gestão educacional dos órgãos superiores e legislações. O que me motivou a fazer esta pesquisa, residiu na (s) concepção (ões) de gestão presente (s) nas escolas públicas e como elas se relacionam com o contexto no qual as escolas estão inseridas. O objeto da pesquisa é a gestão escolar nas interações com a cidade, com as linhas e com os moradores. A gestão escolar nas escolas da rede estadual e municipal assume formas de participação das decisões de colaboração de compartilhamento que estão imbricadas com o contexto histórico, cultural e social no qual estão inseridas.

A fim de compreender o contexto, dialogo com Esquirol (2008), que mostra o movimento do respeito, aspecto relevante da condição humana, buscando uma aproximação que se mantém à distância, com ênfase ao olhar atento, ao respeito pelo objeto de estudo e à atitude do pesquisador ao aproximar-se das pessoas.

Na epígrafe inicial deste capítulo, fica evidente que a proximidade não é mensurável como a distância entre dois pontos do espaço. Essa proximidade é condição humana e é preciso entendê-la valendo-se da noção de aproximação, vizinhança, sensibilidade e olhar. Conforme

Esquirol (2008), tal proximidade como condição humana é o resultado de aproximar-se sem “tocar, sem manipular, sem subjugar, sem dominar”. Aqui, aproximar-se é o oposto a ser indiferente ou permanecer ignorante; consiste em prestar atenção, reconhecer, considerar, olhar bem. Por sua vez, entra na devida manutenção a distância, a contenção, o olhar (que exige perspectiva), a moderação, a discrição. Seu oposto é a apropriação, a violência. Aproximar-se guardando a distância exata, tal é o movimento do respeito.

Considere relevante cercar o “lugar da pesquisa”, pois há diferentes conceitos sobre o termo lugar/local. Dialoguei com Souza (1997), Cavalcante (2011) e Santos (2000) a fim de clarificar esse termo. Para Souza (1997), o conceito de lugar tomou inúmeras interpretações, tendo sempre a necessidade de adjetivá-lo: lugar da existência, da coexistência, da copresença, da solidariedade, do acontecer solidário, da dimensão do espaço cotidiano, do singular e do subjetivo.

O campo empírico é um lugar que se abre para outros lugares e o lugar de todos os lugares. Dialoguei com esse “lugar” – o município de Nova Boa Vista –, inserido num contexto macro, que interage e é impactado com as influências do mundo global. Portanto, o campo empírico são a cidade, as linhas e os moradores e as escolas do Município de Nova Boa Vista/RS. O campo empírico é esse lugar das complexidades, das singularidades e das diferenças.

Nas leituras que realizei, percebi que é tênue a diferença entre lugar e mundo. Souza (1997) considera que o mundo é dialético e, que os lugares parecem revelar todas as contradições do mundo. Ou seja, nos lugares esse mundo se revela cruel, perverso, tornando o cotidiano de cada um quase uma fatalidade, bem como, é o espaço cotidiano, do singular e do subjetivo. Mas cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, também se torna exponencialmente diferente dos demais. (CAVALCANTE, 2011).

A tese que defendo é que a gestão escolar nas escolas estadual e municipal do município de Nova Boa Vista assume formas de participação nas decisões de colaboração de compartilhamento, marcas latentes da tradição e da herança cultural, dos primeiros imigrantes e colonizadores alemães. As escolas foram construídas coletiva e historicamente por seus moradores, agregando valores, princípios, experiências e práticas que estavam vinculadas ao contexto cultural e histórico do lugar, estabelecendo relações de cooperação, de voluntariado e de pertencimento a uma comunidade.

1.1 Relevância pessoal

As discussões e debates sobre a gestão escolar nunca se esgotam. Estas estão imersas num contexto educacional, político e econômico, permeado de mudanças e influências de diversas áreas, promovidas por políticas que perpassam o ambiente escolar. Para mim, enquanto pesquisadora, a pesquisa foi muito além do crescimento pessoal e acadêmico decorrente das leituras que realizei, as quais contribuíram para o aperfeiçoamento e crescimento profissional, pois pude conhecer outras facetas da gestão escolar, suprimindo minhas fragilidades e dificuldades enquanto professora e gestora.

Quanto à trajetória de vida, a importância se evidenciou à medida que se entrelaçou com minha formação profissional e com os estudos que venho realizando (THUMS, 2015)¹. A escola, local de aprendizado, lugar de fazer novos amigos, era um local sagrado. As religiosas² que cuidavam da educação das crianças seguiam o princípio da bondade com firmeza³, prevalecendo sempre o olhar atencioso e a mão acolhedora. Com a escola, portas foram abertas, sendo possível desenvolver atitudes de liderança⁴, com uma educação que promove os indivíduos. Saviani (2007, p. 43) observa que: “a educação visa o homem; na verdade, que sentido terá a educação se ela não estiver voltada para a promoção do homem”? A escola é o lugar da inclusão e da construção de referências de humanidade. Ferreira (2006, p. 18) afirma que:

O desejo de ser, que corresponde à busca da realização da vida, como força motriz de cada um, constitui-se para a educação não só no ponto de partida, mas no polo para o qual devem convergir toda a intencionalidade e ação educativa.

Os estudos acadêmicos nos cursos de Licenciatura em Pedagogia e Gestão Escolar, somados ao exercício da docência, como professora das séries iniciais e vivências da educação informal, reforçaram minha convicção de que “o exercício da profissão docente estará sempre circunstanciado a um tempo e a um lugar” (CUNHA, 1999, p. 131). De 1998 até 2019, desempenhei diversas funções: professora no Ensino Fundamental, no Ensino Médio, na

1 Estudei na Escola Municipal Santos Anjos desde a pré-escola até a oitava série (nomenclatura usada neste período).

2 Congregação das Irmãs de Nossa Senhora, conhecida como Irmãs de Notre Dame.

3 “Bondade com Firmeza” está presente no cotidiano escolar, um dos princípios educacionais da Rede de Educação Notre Dame.

4 Nos mais diferentes campos: como catequista, participante da equipe de liturgia, no canto coral, na banda escolar, no grupo gauchesco e envolvida nos grupos de base da Pastoral da Juventude.

Educação de Jovens e Adultos (EJA), vice-diretora, coordenadora de curso, articuladora de grupos de jovens, pastoral escolar e membro da equipe gestora da escola⁵.

Nesse contexto, confirmei o pensamento de Larrosa (2002, p. 21) quando diz que “a experiência é o que nos passa, o que nos acontece”. As experiências que vivi foram significativas porque contribuíram para a construção da percepção da escola, suas teias de relação, seu funcionamento, de forma mais sistêmica, dinâmica, permitindo compreender melhor cada um dos atores que constituem uma comunidade escolar. É colocar-se no lugar de aprendiz, ciente de que “todo conhecimento é autoconhecimento”. (SANTOS, 2010, p. 83).

Nas diversas pesquisas que li, observei nas investigações as interrogações de como podem existir escolas tão diferentes e que produzem resultados tão diversos em uma mesma rede pública de ensino. Uma escola não é melhor nem pior que outra porque seus alunos alcançam índices menores que os esperados. Esperados por quem? Instituídos por quem? Com que finalidade? O questionamento que a sociedade é desafiada a fazer dentro deste cenário é: que projeto de sociedade se pretende construir? Uma sociedade em que o individualismo é exacerbado e a exclusão crescente? Ou uma sociedade em que, de fato, formamos cidadãos preocupados com o coletivo, com o outro, cumpridores de seus deveres e sabedores de seus direitos? Cidadãos conscientes, alunos atuantes, capazes de, diante de cada situação, buscar alternativas de saídas coerentes e humanas; cidadãos críticos, capazes de apresentar ações solidárias, preocupados com os seus semelhantes, pensando em uma sociedade integrada, participativa, autônoma e justa. São algumas indagações, constatações, propósitos, desafios e inquietações abordados nas pesquisas que li.

Durante o período do mestrado (THUMS, 2015), alguns estranhamentos: há um referencial de qualidade de educação e práticas de gestão que fazem com que determinadas escolas atinjam a excelência nos índices educacionais, quando comparadas a outras que estariam nas mesmas condições sociais, de infraestrutura e de profissionais qualificados? Por que alunos de determinadas escolas públicas conseguem atingir melhor desempenho em avaliações externas? A escola, por meio da sua dinâmica organizacional, pode contribuir para a melhoria da qualidade educacional dos seus alunos? Que práticas educativas podem ser identificadas como desdobramentos relacionados aos processos de gestão escolar da escola pública? (THUMS, 2015).

A pesquisa da dissertação (THUMS, 2015) foi iniciada com o pressuposto de que as avaliações em larga escala tinham forte implicação com a gestão escolar e os indicadores de

⁵ De 1998 a 2019, sempre participei da equipe da gestão da escola.

qualidade (IDEB⁶). Procurei potencializar a problematização através de diversos indicadores, mostrando como escolas de municípios com perfis tão similares apresentam resultados tão diversos nas avaliações em larga escala.

Tive como pressuposto que as respostas seriam vinculadas a fatores internos da escola: infraestrutura adequada, corpo docente comprometido, perfil de liderança e material didático pedagógico. No problema de pesquisa, questionei: como acontecem os processos de gestão na escola pública e sua relação com o IDEB? Nas primeiras aproximações com o campo empírico, percebi que havia fatores externos vinculados à comunidade local que estavam internalizados pelos gestores da escola, que integravam a comunidade. Nesta dinâmica, percebi os fatores externos, que perpassavam a cultura da escola, e como eles estavam imbricados pela cultura da cidade, o que me fez optar por reconfigurar o problema e os objetivos da pesquisa (THUMS, 2015).

A dissertação (THUMS, 2015) teve como objetivo “compreender quais variáveis tinham contribuído para que a Escola Municipal Santos Anjos (EMSA) atingisse IDEB acima das metas projetadas”. Foi uma pesquisa qualitativa, com dados produzidos por meio de observação, entrevistas e documentos. A variável “cultura da cidade e da escola” destacou aspectos que contribuíram para a qualidade do ensino na Escola Municipal Santos Anjos: a herança cultural, o relacionamento entre família e escola, a valorização dos alunos, a razão de ser da escola, os valores, as diretrizes, os princípios e a presença das religiosas.

A integração família-escola foi identificada como um fator de impacto nos resultados de aprendizagem dos estudantes. A interação escola, família e comunidade tornou-se um princípio na medida em que as relações construídas nessa interação tinham, em sua singularidade, ideais comuns e a partilha do trabalho e da responsabilidade na educação das crianças e dos jovens.

No Projeto Político-Pedagógico, identifiquei a valorização dos estudantes, o que ocorria na medida em que eram reconhecidos em suas diferenças individuais, sendo encaminhados para atendimentos personalizados. Nas observações, percebi que a qualidade da educação passava pelo conhecimento, pela dinamicidade da troca de saberes, pelo saber ouvir, respeito ao diferente, diálogo, comprometimento e pela busca constante da excelência pedagógica. A valorização do aluno gerou a qualidade da educação, entendida como desenvolvimento integral das potencialidades humanas, como desenvolvimento das habilidades sociais, físicas e afetivas, como cultivo dos valores e da espiritualidade.

⁶ Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.

Destaquei que a metodologia de projetos, adotada pela gestão da escola, auxiliou para atingir seu objetivo, que foi proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, incentivando-o à pesquisa, à construção do conhecimento e à preparação para o exercício consciente da cidadania. Percebi que o processo de ensino e aprendizagem da escola estava embasado nos quatro pilares da educação: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser (DELLORS, 2010).

Constatei que a comunidade escolar agia de forma alinhada com valores, diretrizes, princípios, objetivos e metas educacionais continuamente discutidos e analisados nas reuniões mensais. Havia a preocupação em preservar a excelência educacional, pois os valores, os princípios e os objetivos educacionais eram definidos e conhecidos pelos professores, sendo continuamente reexaminados à luz de avaliações do trabalho realizado. Esse ideário se fez presente no projeto pedagógico da unidade de ensino.

Em relação à variável gestão na e da escola, observei aspectos que contribuíram para a qualidade do ensino na EMSA – equipe gestora, qualidade da formação docente, planejamento coletivo, excelência pedagógica, processo dialógico, clima organizacional, ambiente acolhedor e o Programa “A União faz a Vida”.

Os resultados da pesquisa da dissertação apontaram para uma equipe gestora comprometida com a clareza da missão, da visão e dos valores educacionais, de modo a manter sua equipe focada, buscando constantemente a excelência pedagógica. Considerei que também seja um processo relevante a valorização do ser humano, o respeito entre professores, alunos e funcionários e a organização institucional. Percebi que existe a preocupação com o trabalho da equipe, pois seus membros se organizavam, pensavam, planejavam e avaliavam, com antecedência, os envolvidos nesse processo (THUMS, 2015).

O planejamento coletivo entre professores era um processo que vinha acontecendo na escola há algum tempo. Semanalmente, o corpo docente e a equipe gestora estudavam e refletiam sobre algo vinculado à prática pedagógica. Uma das questões é o comprometimento dos professores em fazer o melhor. Havia um tempo de planejamento coletivo, quando o grupo de professores se reunia semanalmente para planejar de forma coletiva os projetos da escola.

A coordenação pedagógica tinha um papel significativo nesse processo de pensar, organizar, acompanhar e assessorar o processo pedagógico. Destaco que o processo de formação continuada dos professores proporcionada pela EMSA ocorria pelo planejamento coletivo semanal de quatro horas e reunião de estudos mensal, além da busca individual pelo aperfeiçoamento (THUMS, 2015).

Esta pesquisa não se realizou na solidão ou na exclusividade pessoal. Embora a solicitude, a intuição e o árduo trabalho individual sejam elementos fundamentais, a pesquisa se deu na perspectiva coletiva, com a colaboração da orientadora e a socialização com colegas do grupo e prática de pesquisa. Tenho consciência de que foi preciso ousadia, coragem e muita disciplina para me colocar na atitude de pesquisadora de um assunto impregnado na minha própria identidade. A atitude de afastamento ou distanciamento metodológico de algo que está dentro de mim mesma talvez tenha sido um dos aprendizados no sentido de crescimento na disciplina e na arte de ser gestora-pesquisadora.

1.2 Relevância social e acadêmica da pesquisa

A relevância acadêmica e social da pesquisa potencializou discussões e debates com estudos e pesquisas nesta área e em áreas afins, que dialogaram diretamente com o objeto da pesquisa, com seus estranhamentos e suas contribuições, evidenciando a fragilidade de investigações e pesquisas que utilizam como matriz epistêmica a etnografia na área educacional vinculada com o objeto da pesquisa.

Duas dimensões dialogaram com o objeto da pesquisa. Os estudos de Battisti (2016), de Timm (2013), de Campos (2016), de Castro (2016), de Goularte (2015), de Cavalcante (2014) e Pan (2015) dialogaram diretamente com o objeto da pesquisa, os quais abordaram conceitos de cultura, identidade, colonização, gestão escolar e comunidade. A outra dimensão, com os estudos de Vitorino (2014) e de Matos (2013), que realizaram pesquisas de cunho etnográfico em educação, dialoguei com as aproximações, as contribuições e os estranhamentos dos resultados dessas pesquisas.

O estudo de Matos (2013) teve como tema as culturas indígenas e a gestão das escolas. Tratou de um estudo de desenho etnográfico, cuja coleta de evidências se deu por meio de entrevistas semiestruturadas, censo, observação, análise de documentos, mapas e fotografias, com destaque para o diário de campo. Teve como objetivo compreender as interações entre as culturas indígenas e os processos de gestão das escolas na Comunidade Indígena Guariba, no Município do Amajari, Roraima. A pesquisa de Matos (2013) contribuiu com o objeto da tese, pois apresentou uma contextualização do campo empírico, fazendo uma descrição da localidade e dos povos indígenas de Roraima e suas culturas, com uma abordagem da interculturalidade e diversidade cultural. As aproximações com os estudos de Matos (2013) ocorreram principalmente com os elementos internos e externos que interferem na gestão das escolas, bem

como os aspectos formais e informais que configuram o cotidiano específico da gestão escolar. O processo analítico e a permanência no campo me permitiram verificar que há uma influência mútua entre as culturas indígenas e os processos de gestão das escolas na Comunidade Guariba. Destaquei outras contribuições e aproximações: as interações entre a vida na comunidade e a vida nas escolas têm a cultura indígena local como elemento mediador; a Comunidade Indígena Guariba atualmente utiliza a escola para reafirmar e manter manifestações culturais locais; as interações e inter-relações podem ser percebidas em diferentes e diversas situações (ou ações) que ocorrem nas escolas e na comunidade, amplamente descritas nesta tese; e as manifestações culturais indígenas locais são parte inerente à forma como se configura a gestão das escolas.

Outra pesquisa relevante foi a de Timm (2013), com o intuito de compreender e pesquisar a relação escola-comunidade, no contexto da italianidade, na Antiga Região de Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, no período de 1915 a 1960. Ele buscou identificar essa relação no processo escolar da imigração italiana, verificar os motivos que levavam a escolha dos professores pela comunidade e como esta continuou a influenciar em tal escolha, mesmo depois das escolas serem assumidas pelo município. E, por fim, objetivou analisar, a partir das narrativas dos professores entrevistados, como os conceitos de cultura, identidade, etnicidade e memória, trabalhados nesta tese, influenciavam sobre a escolha docente, a escola e sua relação com a comunidade. Nos seus estudos, Timm (2013), constatou as aproximações, a existência da relação escola-comunidade no contexto da italianidade, no período de 1915 a 1960, o que foi de extrema importância, pois os imigrantes e/ou descendentes demonstravam grande respeito e interesse na/pela escola. Por isso, empenharam-se para sua construção e manutenção, responsabilizando-se pela escolha e pagamento do professor, já que o município não o assumia até então. Mesmo com a passagem da responsabilidade da escola da comunidade para o município, os italianos ainda contribuíam e influenciavam em tudo o que fosse necessário para o bom funcionamento da escola. Portanto, foram muitos aspectos da pesquisa de Timm (2013) que contribuíram e dialogaram com o objeto desta tese.

A pesquisa intitulada “A Gestão da Relação Escola-comunidade”, de Castro (2016), objetivou investigar como os órgãos colegiados de gestão democrática oficial existente para gerir a relação escola-comunidade, conselho da escola, conselho de classe e série, associação de pais e mestres e grêmios estudantis possibilita, de fato, a gestão democrática. Com o estudo de Castro (2016), as aproximações e contribuições com o objeto desta tese estabeleceram-se com a relação existente entre a escola pesquisada e a comunidade de Vargem Grande. E pela possibilidade de saber se os mecanismos de gestão da relação escola-comunidade existentes na

escola pesquisada garantiram a gestão dessa relação e o consequente atendimento às demandas da comunidade pela escola. Outra aproximação foi o levantamento da história da comunidade e da escola estudada, assim como um levantamento de outros teóricos e trabalhos acadêmicos relacionados ao tema. A pesquisa de Castro (2016) possibilitou constatar que a existência de mecanismos de gestão não garante automaticamente uma gestão democrática e participativa, uma vez que não acontecem de modo regular as convocações ordinárias ou extraordinárias do Conselho de Escola, Associação de Pais e Mestres e o Grêmio Estudantil.

Battisti (2016) apresentou a intencionalidade de dar visibilidade às práticas de letramento dos membros e das crianças que vivem em uma comunidade rural em diferentes contextos, abrindo caminhos para que a instituição escolar reconheça e valorize o conhecimento que elas levam à escola, desconstruindo, assim, uma visão deficitária sobre as populações rurais. Além dessa importância da pesquisa de Battisti (2016), também houve contribuição de cunho metodológico, pois sua pesquisa foi realizada como trabalho de campo de nove meses, que envolveu a geração de dados etnográficos na escola e na comunidade por meio de observação participante, gravação audiovisual das aulas, entrevistas com os professores e membros da comunidade, registros fotográficos e coleta de documentos. E ele concluiu que há, dentro da escola, orientações de letramento alinhadas à valorização de um conhecimento construído socialmente e que está diretamente conectada à configuração socioeconômica dos grupos que fazem parte da comunidade investigada. Nessa escola, saber ler e escrever serve para: ser agricultor; ser cidadão do mundo; ser pesquisador. Outro destaque na aproximação com a pesquisa de Battisti (2016) está no fato de que as crianças e seus familiares são membros de um grupo social que usa a escrita de diferentes maneiras e para diversos propósitos em suas vidas. Nesse sentido, as crianças acabam por se envolver em práticas de letramento ligadas ao mundo adulto, seja como participantes ou apenas observadores.

Igualmente relevante foi a pesquisa de Goularte (2015), cuja proposta investigativa buscou identificar as variáveis de violência envolvidas com os contextos em que estavam inseridas as duas escolas pesquisadas. A aproximação e contribuição estabelecida ocorreram com a opção pela etnografia para compreender a relação das comunidades escolares de duas instituições de ensino da rede municipal de Gravataí com as violências, na qual foram utilizados instrumentos de produção de informações, como a observação participante, diário de campo, diálogos e entrevistas semiestruturadas. Outra aproximação foi o reconhecimento, por professores e equipes diretivas, do reforço da relação escola-aluno-família como alternativa para minimizar as interferências dos fatores de violência compartilhados nos cenários onde se

localizam as escolas. A aproximação e a permanência em campo expuseram detalhes da complexa teia de relações e práticas sociais compartilhadas que estabelecem uma configuração singular para cada instituição de ensino.

A pesquisa de Vitorino (2014) teve sua relevância por apresentar dados de uma pesquisa etnográfica que teve como lócus a pequena comunidade de Bananal (pouco mais de 11 mil habitantes), localizada no Vale do Rio Paraíba do Sul. Essa pesquisa teve como intuito investigar entre os estudantes de ensino fundamental da localidade o imaginário popular sobre uma personagem característico do “folclore” no país: o Saci. Os pesquisadores perceberam que, para além dos muros da escola local, havia contos, lendas, artes de cura, músicas e danças, que são algumas das tradições e marcas da identidade da população negra vinda para o Brasil, o que se convencionou como a diáspora africana. A partir dos dados coletados, Vitorino (2014) observou práticas, técnicas, artes e saberes que perduraram por muitas gerações através de mestres de ofício, como as benzedadeiras ou curandeiros, as parteiras, os foliões, os jongueiros e os calangueiros. As aproximações com a sua pesquisa se dão porque esses conhecimentos, adquiridos no seio da comunidade por seus habitantes, permanecem na memória individual, familiar e coletiva, criando formas de resistência ao longo do processo histórico-cultural ocorrido na região. No cotidiano do sistema escolar, a cultura afrobrasileira foi marginalizada, uma vez que, entre outros aspectos, o currículo na educação escolar, ainda hoje, se mantém eurocêntrico e reproduz ideologias perversas para a vida na comunidade.

Outra pesquisa relevante foi a pesquisa de Pan (2015), cujo objetivo era interpretar os significados do processo de reinserção escolar atribuídos a crianças sobreviventes de queimaduras, familiares, profissionais da saúde e professores, caracterizando-se como uma pesquisa da área da saúde, contribuindo na área da educação. As contribuições deste estudo ocorrem por tratar-se de uma pesquisa com abordagem metodológica qualitativa, fundamentada no referencial teórico da Antropologia Interpretativa e no método etnográfico. Na dimensão metodológica, Pan (2015) apresentou a coleta dos dados por meio de entrevistas áudio gravadas e observação participante, complementadas pelo diário de campo, contribuições das quais me apropriei e dialoguei com o objeto da minha pesquisa.

Cavalcante (2014) questionou se, diante dos embates, avanços e recuos em torno da construção da democracia no Brasil, o conselho escolar tem se constituído como uma possibilidade de democratização da gestão da escola pública, a partir da comunidade. Ele aferiu, através dos achados da pesquisa, que o conselho escolar, a partir do princípio da comunidade, desenvolve ações que constituem um potencial para a democratização da gestão. Diante disso,

estabeleci um diálogo a partir das contribuições, das aproximações e dos estranhamentos com os achados da pesquisa e com o princípio da comunidade. Abriu-se, diante dos embates e tensões presentes no cotidiano da gestão da escola pública, novas problemáticas e fronteiras de estudo.

As aproximações com a pesquisa de Campos (2016) se efetivaram na evidência de que a ideia de comunitário contém valores que permitem o amadurecimento das potencialidades humanas por meio dos espaços particulares do cotidiano; logo, não é contrária à individualidade. Assim, a comunidade contém individualidade, mas não como unidade consensual. Ela não pode, portanto, ser estudada por meio de um sujeito único, porque os valores comunitários devem ser interiorizados como projeto individual para transformar-se em ação, pois ninguém é motivado por interesses coletivos abstratos. Bem-estar coletivo e prazer individual não são dicotômicos; portanto, ambos foram abordados na pesquisa. As contribuições, os estranhamentos com a pesquisa de Campos (2016) são latentes, em especial na discussão do conceito de comunidade, do qual me apropriei – comunidade como espaço da vivência dos paradoxos: lugar de aconchego e insegurança; das singularidades e multiplicidades; da inércia e da dinamicidade, da coletividade e da individualidade; da autonomia e da dominação; do sujeito ativo e do passivo; da unidade e dos conflitos. Assim, estabeleci relações e interconexões entre o objeto da pesquisa e os resultados da pesquisa de Campos (2016).

Outro aspecto que considerei foi a relevância sociogeográfica, a tentativa de compreensão do mundo e do lugar, as singularidades, as tensões, os significados, as particularidades, as relações, os conflitos sobre o lugar e sua adjetivação, onde se situou o objeto da pesquisa. Nessa perspectiva, dialoguei com Santos (2000), para quem “o mundo é um conjunto de possibilidades”. E as possibilidades são dadas a todos, mas nem todos sabem disso. Ele afirma que o lugar, de maneira geral, é um espaço sensato, isto é, apropriado ao nosso sentido, um espaço que nos convém, um espaço sensível. É também um espaço orientado, um espaço de orientação, que permite responder à pergunta: onde estamos? Enfim, é um espaço que dá lugar ao sentido, ao bom senso, ao pensamento sensato, como entende Souza (2006), outro autor importante do qual recebi contribuições. Segundo ele, cada comunidade, morador e ou constituição familiar apresenta diferentes perspectivas em relação a suas vivências, práticas, sentidos e significados. É por isso que Souza (2006) afirma que os lugares parecem revelar todas as contradições do mundo. E com essa contribuição sobre a compreensão do lugar, pesquisar comunidades de pequenos municípios (menos de 2000 habitantes) – seu contexto,

suas experiências, os saberes e as experiências dos moradores dos locais – constitui aspectos relevantes no âmbito social. A partir dessa compreensão, problematizo a pesquisa, a partir do seguinte questionamento: quais as interações de gestão escolar presentes nas escolas da rede municipal e estadual e como se relacionam com a cidade, as linhas e os moradores de Nova Boa Vista/RS?

Para buscar as respostas a essa problematização, tracei os objetivos que constituem a próxima seção.

1.3 Objetivos

O objetivo geral desta pesquisa é compreender as experiências e as práticas de gestão escolar das escolas municipal e estadual, do município de Nova Boa Vista, a partir das dinâmicas e interações estabelecidas com a comunidade.

E os objetivos específicos são os seguintes:

- a) Compreender o contexto histórico da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul e seus efeitos na comunidade de Nova Boa Vista.
- b) Caracterizar aspectos sociogeográficos que influenciam na dinâmica da cidade.
- c) Reconhecer os diferentes moradores, as concepções e sentidos de comunidade e de gestão presentes nos grupos e nas associações.
- d) Desvelar as concepções, as experiências e práticas de gestão escolar na Escola Municipal e na Escola Estadual de Ensino Médio.

1.4 Caminhos traçados

*“Há um tempo em que é preciso
abandonar as roupas usadas
que já tem a forma do nosso corpo
e esquecer os nossos caminhos que
nos levam sempre aos mesmos lugares.
É o tempo da travessia
e se não ousarmos fazê-la
teremos ficado para sempre
à margem de nós mesmos.”
(Fernando Teixeira de Andrade)*

Utilizei a metáfora de Fernando T. de Andrade “*que é preciso esquecer os caminhos que nos levam sempre aos mesmos lugares*”, com o intuito de instigar as diferentes possibilidades para descrever os momentos de uma tese. Para facilitar a compreensão descrevi os movimentos utilizando o termo “passos”, enfatizando caminho, percurso, movimento. Primeiro passo: o desenho da pesquisa; segundo passo: a escolha epistemológica; terceiro passo: Bronislaw Malinowski; quarto passo: a revisão de literatura; quinto passo: as estratégias na produção de dados.

Os caminhos traçados, bem como os passos descritos estão imbricados com as intencionalidades da pesquisa e para facilitar a compreensão pela escolha epistemológica. No primeiro passo, explicito o planejamento e o desenho da pesquisa em torno das estratégias de produção e análise de dados. Configurou-se como uma pesquisa qualitativa que, conforme Minayo (2010), trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, e das atitudes.

No segundo passo, o movimento ocorrido durante o mestrado (THUMS, 2015), onde tive a intenção de realizar uma maior imersão no campo empírico, mas, devido ao curto tempo do curso, a intenção foi postergada para o doutorado. Portanto, a escolha epistemológica, que detalhei em capítulo específico.

O terceiro passo foi conhecer a obra do polonês Bronislaw Malinowski (1884-1942), que realizou diversos estudos sobre as sociedades tradicionais. Realizei a leitura da obra “Malinowski, um diário no sentido estrito do termo”, a fim de entender a proposta do diário e a imersão no campo de pesquisa, de como o autor se questionava: “Qual é a essência mais profunda destas investigações? [...] o que é essencial em nós mesmos?” (1997, p. 149). Aos poucos, percebi a importância do diário e de como é exigente esse exercício. Adotei como hábito fazer o registro logo após a imersão no campo de pesquisa, encontrando apoio em Malinowski, que escreve sobre o significado de um diário como uma ferramenta metodológica.

1.4.1 A revisão de literatura

No quarto passo, os movimentos exercidos na revisão de literatura. Dialoguei com Miotto e Silva (2012), para esses autores não é raro que a pesquisa bibliográfica apareça caracterizada como revisão de literatura ou revisão bibliográfica. Isso acontece porque falta a compreensão de que a revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica implica um conjunto ordenado de procedimentos em busca de soluções, atento ao objeto de estudo, e, portanto, não pode ser aleatório.

Os autores Miotto e Silva (2012) apresentam a pesquisa bibliográfica como:

Um procedimento metodológico que se oferece ao pesquisador como uma possibilidade na busca de soluções para seu problema de pesquisa. Para tanto, parte da necessidade de exposição do método científico escolhido pelo pesquisador; expõe as formas de construção do desenho metodológico e a escolha dos procedimentos; e demonstra como se configura a apresentação e análise dos dados obtidos. Apresenta, também, um desenho metodológico de aproximações sucessivas, considerando que a flexibilidade na apreensão dos dados garante o movimento dialético no qual o objeto de estudo pode ser constantemente revisto. (2012, p. 35).

Segundo Miotto e Silva (2012), ao tratar da pesquisa bibliográfica, é importante destacar que ela é sempre realizada para fundamentar teoricamente o objeto de estudo, contribuindo com elementos que subsidiam a análise futura dos dados obtidos. Portanto, difere da revisão bibliográfica, uma vez que vai além da simples observação de dados contidos nas fontes pesquisadas, pois imprime sobre eles a teoria, a compreensão crítica do significado neles existente.

A pesquisa bibliográfica é, portanto, um procedimento metodológico importante na produção do conhecimento científico, capaz de gerar, especialmente em temas pouco explorados, a postulação de hipóteses ou interpretações que servirão de ponto de partida para outras pesquisas. A pesquisa bibliográfica possibilita um “amplo alcance de informações, além de permitir a utilização de dados dispersos em inúmeras publicações, auxiliando também na construção ou na melhor definição do quadro conceitual que envolve o objeto de estudo proposto”. (MIOTTO; SILVA, 2012, p. 44).

Em 2017, iniciei o mapeamento de pesquisas no sistema de Pesquisa Integrada da Biblioteca UNISINOS/Portal Periódicos CAPES, com os descritores “Escola AND Cidade”, relacionados com a lógica *booleana*, no intuito de conhecer e organizar os estudos realizados

em torno da temática “escola” como objeto de pesquisa, no período de 2012-2017. Num primeiro exercício, encontrei 2.966 produções.

Após a leitura de alguns títulos destas produções, refinei a busca, utilizando os critérios: produções que fossem teses e/ou dissertações; textos completos disponíveis em português; recorte temporal de 2012-2017; assunto específico “escola”. Desta triagem, obtive oitenta e seis (86) produções. Após leitura de títulos, percebi a necessidade de refinar um pouco mais a busca e optei pela escolha do segundo descritor: “Escola AND Comunidade”.

Enquanto lia os títulos e os resumos das teses e ou dissertações, selecionei as que pudessem conversar com o objeto de pesquisa. Abri diferentes arquivos com seus respectivos descritores. Realizei uma nova busca com os descritores “Gestão AND Comunidade Escolar”, intencionando olhar para a gestão e para a comunidade local.

Nesse exercício, encontrei duzentos e cinquenta e sete (257) estudos. As duzentas e cinquenta e sete (257) pesquisas selecionadas apresentavam diversos assuntos que não conversavam diretamente com o meu objeto de estudo, por isso utilizei o filtro “assunto-escola”. Dessa busca, cheguei a trinta e sete (37) resultados. A partir da leitura dos resumos, selecionei as pesquisas de Matos (2013) e Cavalcante (2014), cujos estudos abordaram a metodologia etnográfica.

Outra busca foi realizada com os descritores “Escola AND Comunidade local AND etnografia”, cujos filtros utilizados foram os mesmos citados anteriormente. Nesse exercício de conhecer as pesquisas, cento e oitenta e quatro (184) teses e/ou dissertações foram captadas. O objetivo consistiu em analisar as produções que fossem etnográficas na educação e, portanto, desse novo filtro, encontrei seis produções, das quais selecionei a pesquisa de Goularte (2015).

O site da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BTDT) – IBICT também foi fonte de pesquisa, na qual utilizei os descritores “Escola AND Comunidade”. Na busca, quarenta e duas (42) dissertações e quatro teses foram encontradas. Identifiquei estudos na área de enfermagem, serviço social, currículo com comunidades indígenas, percepções matemáticas pela comunidade, comunidade de Orkut, comunidades quilombolas, educação do campo e comunidade de mulheres indígenas.

Optei por uma nova busca, utilizando os descritores “Escola AND Comunidade escolar”, com os mesmos critérios já mencionados, e encontrei vinte e quatro pesquisas de mestrado, das quais selecionei as pesquisas de Timm (2013) e de Battisti (2016). A fim de cercar o campo empírico, utilizei o descritor “Escola AND etnografia”. Somente três teses foram selecionadas: Pan (2015), Vitorino (2014) e Matos (2013). Uma nova busca com os

descritores “Gestão AND Comunidade Escolar” foi realizada com a intencionalidade de olhar para a gestão e a comunidade local e sua interlocução com a pesquisa. Selecionei as produções de Campos (2016) e Castro (2016).

Nesses diferentes exercícios, criei categorias teóricas, e nove (9) pesquisas foram selecionadas e categorizadas: a) cultura e identidade – pesquisas de Battisti (2016) e Matos (2013); b) conceito de comunidade – pesquisas de Timm (2013) e Campos (2016); c) conceito de gestão democrática – pesquisa de Castro (2016); e d) conceito da metodologia de cunho etnográfico – pesquisas de Goularte (2015), Vitorino (2014), Cavalcante (2014) e Pan (2015).

O próximo movimento foi apropriar-me das pesquisas. Para isso, abri diferentes arquivos, a fim de extrair objetivos, metodologias, resultados das pesquisas, conceitos, autores mais citados, com o intuito de estudar cada pesquisa selecionada. Percebi que os objetivos propostos e a temática da pesquisa não têm aproximações diretas com a pesquisa em questão, mas os nove estudos selecionados têm aproximações, ora metodológicas, ora com conceitos que serão enfatizados na pesquisa; portanto, não apresento especificamente cada uma, sendo elas agrupadas por categorias: cultura; relação escola-comunidade; metodologia de cunho etnográfico; estratégias metodológicas e identidade.

1.4.2 As estratégias de produção e a análise de dados

A pesquisa empírica aconteceu no período de 2016-2019 na processualidade e na informalidade, com estratégias de produção de dados com as visitas informais, entrevistas não diretivas e observações registradas com o diário de campo. Como tive a preocupação de não “perder” nenhum detalhe, realizei o registro fotográfico e também a gravação em áudio (com o celular). No decorrer da pesquisa fui operacionalizando com as escolhas feitas, dessa forma, estabelecendo relações com o campo empírico. Após a observação, fazia sua descrição, o que possibilitou que eu pudesse utilizar os demais sentidos no decorrer da observação.




O tempo que permaneci no campo empírico proporcionou com que tivesse acesso a rotina das escolas, a rotina familiar, as associações, atividades e eventos festivos, celebrações, as relações da escola com a comunidade. Minha imersão no campo empírico efetivou trinta (30) entrevistas não diretivas com moradores e moradoras, totalizando 93 horas. E durante o período de 2016-2019 foram quinhentos e trinta e quatro dias (534) de observações.

Nas visitas informais, entrevistas não dirigidas⁷, aproveitei as situações sem ter um roteiro definido, mas com um objetivo claro, pois as entrevistas tiveram cada uma o seu propósito. Conforme Barcellos, Campos e Turato (2006), os antropólogos aplicam frequentemente as referidas entrevistas informais nas situações chamadas de observação participante, em sua imersão na comunidade em estudo. Foi o que fiz, em cada visita, em cada observação, sempre a clareza do que queria observar.

As leituras que realizei apresentam que a estratégia das visitas informais foi desenvolvida a partir de um famoso estudo sobre os nativos da Oceania, há quase um século. Esses pesquisadores pressupõem ter, assim, mais compreensão do problema, que seria alcançado por qualquer tipo de questionário (longo ou curto, múltipla escolha, escalas ou outros). Algumas vantagens da técnica são a garantia de ter acessado a fonte original, a alta validade dos dados coletados e, por fim, a grande confiança com baixo custo operacional.

A fim de sistematizar as entrevistas informais, elaborei um quadro colocando a data, objetivo e o (a) morador (a). Para preservar o anonimato das pessoas, não citei o nome dos (as) moradores (as), utilizando o termo morador/moradora e o número (1, 2, 3, 4...) para diferenciá-los, termo esse que foi acordado com os sujeitos, para que seus nomes permanecessem no anonimato.

Barcellos, Campos e Turato (2006) afirmam que as entrevistas não dirigidas são registradas geralmente em gravador de fita ou digital, ou, ainda, menos frequentemente, em vídeo, permitindo um tratamento posterior do material. A transcrição do áudio facilita alguns aspectos da análise da entrevista, leitura e releituras flutuantes, assim como as repetidas audições dos registros em áudio permitem uma recordação mais precisa do contexto afetivo, através do novo contato com as variações emocionais e com o tom da voz.

Durante a pesquisa, utilizei ícones para diferenciar excertos das visitas informais, observação participante, registros no diário de campo, excertos de jornais. Para representar a fala dos sujeitos da pesquisa, utilizei o ícone . Para representar as observações, utilizei o ícone . E, para os excertos do jornal, utilizei o ícone . Falas mais breves estão entre aspas, *em itálico*, integradas no texto.

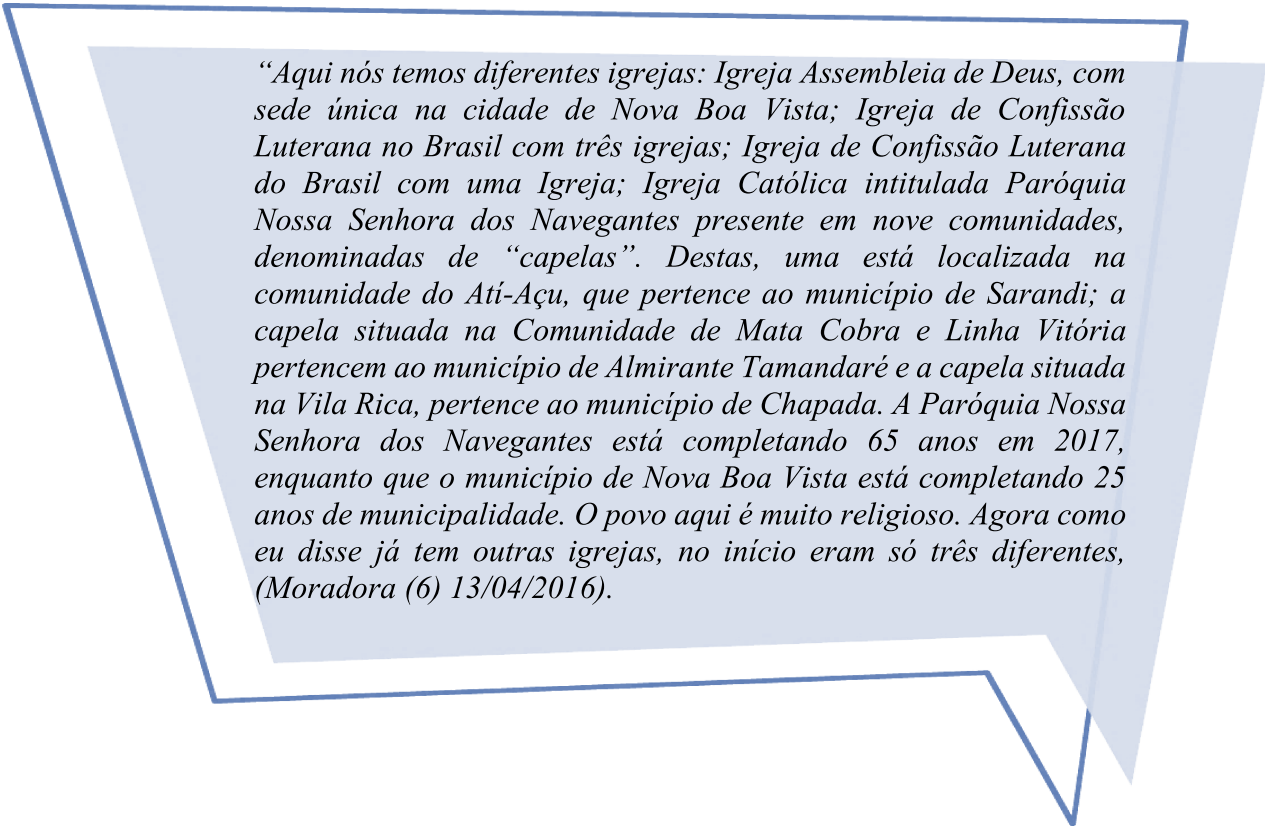
Segundo Brandão (2003), as entrevistas são pertinentes para produção dos dados da pesquisa pela possibilidade de, no diálogo, na relação face a face, ser possível uma melhor compreensão.

⁷ Barcellos, Campos e Turato (2006).

A entrevista é uma conversa e toda conversa é um desafio ao diálogo aberto com o outro e não apenas um controle sistemático da fala de outro, segundo os usos de meus interesses científicos ‘sobre’ o outro e ‘através’ do outro. (BRANDÃO, 2003, p. 92).

A entrevista representou um dos instrumentos básicos para a produção de dados na perspectiva da pesquisa qualitativa. Seu objetivo principal foi a obtenção de informações do (a) entrevistado (a), um momento privilegiado entre entrevistado (a) e pesquisador (a), o que proporcionou um maior conhecimento da realidade pesquisada. Conforme Esquirol (2008, p. 56), “o olhar atento está muito perto tanto da palavra como da escuta. A atitude respeitosa está sempre pronta a escutar. Devemos, porém, aprender a olhar”.

Conversei com a Moradora (6) sobre as manifestações religiosas presentes no município e, nos registros, fica evidente que a religiosidade é algo latente na colonização alemã e italiana⁸. Nos estudos sobre a colonização alemã, fica claro que esse aspecto era a forma que os imigrantes encontraram para amenizar a saudade dos familiares, da língua materna, da pátria. A religiosidade foi um pilar que contribuiu para que os imigrantes ficassem unidos e se apoiassem mutuamente para enfrentar as adversidades da época.

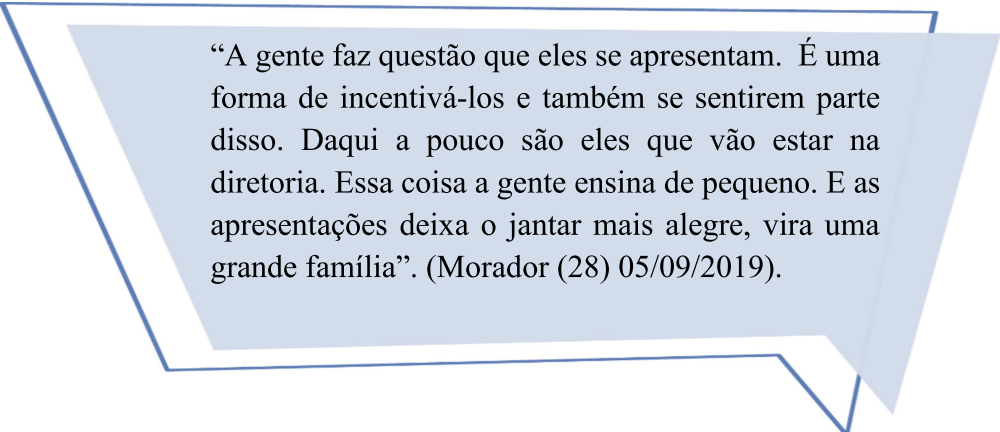


“Aqui nós temos diferentes igrejas: Igreja Assembleia de Deus, com sede única na cidade de Nova Boa Vista; Igreja de Confissão Luterana no Brasil com três igrejas; Igreja de Confissão Luterana do Brasil com uma Igreja; Igreja Católica intitulada Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes presente em nove comunidades, denominadas de “capelas”. Destas, uma está localizada na comunidade do Atí-Açu, que pertence ao município de Sarandi; a capela situada na Comunidade de Mata Cobra e Linha Vitória pertencem ao município de Almirante Tamandaré e a capela situada na Vila Rica, pertence ao município de Chapada. A Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes está completando 65 anos em 2017, enquanto que o município de Nova Boa Vista está completando 25 anos de municipalidade. O povo aqui é muito religioso. Agora como eu disse já tem outras igrejas, no início eram só três diferentes, (Moradora (6) 13/04/2016).”

⁸ Particpei do Filó em Vila Flores/RS, onde fazem memória da colonização italiana. Destacam diferentes aspectos e um deles é a religiosidade. Como a religiosidade, o cultivo da fé foi fundamental para enfrentar a saudade da terra natal, enfrentar as dificuldades, etc.

Percebi na fala da Moradora (6) que, possivelmente, pertence à Igreja católica, pois cita todas as capelas e sabe inclusive onde estão situadas (diferentes municípios). E, quando falou das outras igrejas, se referiu às igrejas de Confissão Luterana, pois parte dos imigrantes alemães eram católicos e luteranos. Quando a Moradora (6) relatou que tinha outras igrejas, referiu-se à igreja da Assembleia de Deus. No seu relato e expressão facial, percebi que essa última igreja não é bem aceita pela moradora. Não perguntei detalhes, pois esse não é o foco da pesquisa.

Como citei anteriormente, nas diversas imersões no campo empírico, tive a oportunidade de conversar com pessoas em diferentes situações, eventos, atividades e até mesmo em circunstâncias bem atípicas. Em 2019, participei do jantar dançante do Centro de Tradições Gaúchas (CTG), com apresentação dos estudantes das duas escolas. Percebi o orgulho dos pais em verem os filhos dançando na apresentação. Na entrevista informal com o Morador (28), ele falou:



“A gente faz questão que eles se apresentem. É uma forma de incentivá-los e também se sentirem parte disso. Daqui a pouco são eles que vão estar na diretoria. Essa coisa a gente ensina de pequeno. E as apresentações deixa o jantar mais alegre, vira uma grande família”. (Morador (28) 05/09/2019).

Na imagem apresentada na sequência, é possível visualizar a apresentação dos estudantes no jantar dançante.

Fotografia 1 - Apresentação no CTG



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Ficou evidente na fala do Morador (28), a preocupação com a sucessão. Quando falou: *“Daqui a pouco são eles que vão estar na diretoria”*. Isso permite perceber que o pai utilizou estratégias de pertencimento ao grupo e a corresponsabilidade, mesmo que de forma indireta e lúdica. Quando falou *“essas coisas a gente ensina de pequeno”*, ele se referiu ao quesito da responsabilidade, de valorizar as atividades, os eventos da comunidade, o voluntariado, pois os que estavam trabalhando no evento estavam lá gratuitamente. Vendo os pais e outros familiares envolvidos nas atividades sem receberem nenhuma remuneração, vai mostrando aos filhos/estudantes a importância de ajudar de forma voluntária. Nesse caso, eles ensinam com o exemplo. Os pais desses estudantes aprenderam isso com seus pais e, assim, sucessivamente, pois os primeiros imigrantes, quando aqui chegaram, atuavam de forma coletiva para sobreviver. Portanto, a vida comunitária, o bem comum e o voluntariado são princípios básicos dos colonizadores alemães e italianos, no contexto da pesquisa.

Em outra observação, participei de um evento que mostra essa questão do voluntariado, como se visualiza no registro fotográfico.

Fotografia 2 - Mulheres trabalhando de forma voluntária



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Nas fotografias, é perceptível o envolvimento das mulheres na cozinha. Vem ao encontro do entendimento do Morador (12)⁹ quando falou sobre as pessoas ajudarem de forma voluntária, o pertencimento ao grupo, a comunidade: “Como faço parte, é minha obrigação ajudar”. Isso remete ao início da colonização, quando se formavam grupos para atender as crianças, os jovens, e a vida acontecia de forma coletiva em torno da comunidade. A comunidade era o centro, congregando, fortalecendo e promovendo o voluntariado, o que favorecia a união e o trabalho para a coletividade.

Para Barcellos, Campos e Turato (2006), em entrevistas não dirigidas, é desnecessário o entrevistador formular muitas perguntas. Ele meramente convida os entrevistados a falar sobre os próprios problemas vivenciados, interesses, preocupações, opiniões, expectativas, medos, fantasias, devaneios etc.

Perguntei à Moradora (6) sobre os grupos existentes na igreja e de outros grupos em que os moradores participam. Ela respondeu:

⁹ Responsável por me levar a percorrer as linhas que constituem o município, com o qual passei um dia inteiro.

“Existem diferentes grupos/ movimentos vinculados à Igreja Católica como por exemplo: a) Cursilho: é um movimento de casais jovens, encontram-se esporadicamente para momentos de formação. b) Curso de Liderança Juvenil (CLJ): esse grupo encontra-se semanalmente para seus momentos de formação, um casal adulto acompanha esse grupo. c) Coral adulto: aqui há uma valorização pelo canto coral, no município existem quatro grupos, cada grupo é independente e tem uma promoção anual em que convida corais de outras cidades; d) Coroinhas: grupo de crianças reúne-se para a formação específica de coroinha. e) Santa Julia: é um grupo formado por senhoras que se reúnem mensalmente para rezar e estudar sobre a vida Santa Julia Billiart, anualmente o grupo se encontra para um retiro espiritual com outros grupos; f) Apostolado da oração: é um grupo de senhoras que se reúnem semanalmente na Igreja à tarde rezar o terço, acho que são esses, são os que lembro agora”. E os evangélicos de confissão Luterana, eles também têm grupos de crianças, com jovens, mulheres, cultos, mas eu não sei o nome que eles utilizam, sei que eles têm o culto infantil” (Moradora (6) (18/08/2016).

Neste relato da Moradora (6), ficou expresso o seu envolvimento na comunidade, pois vai citando os grupos com uma certa facilidade. Relata de como a comunidade agrega os diferentes grupos e como a religiosidade é algo marcante. Ela relatou, que cada grupo tem uma forma de se organizar, alguns proporcionam encontros semanais, outros quinzenais e outros são mensais. Cada qual com o seu processo formativo, geralmente tem um coordenador ou um assessor, que ajuda a conduzir o processo formativo. Em outra visita informal, participei da celebração do dia das mães, ocasião em que percebi a força da religiosidade na comunidade.

Cheguei cedo com o intuito de encontrar as pessoas, pois sabia que a celebração eucarística, mais conhecida como missa, pelos moradores, foi organizada pelas duas escolas. A missa foi conduzida pelos professores, com a participação dos jovens e das crianças. Foi um momento muito participativo, em que o coral infantil animou com os cantos. Muitas famílias presentes na missa e a homenagem das escolas às mães. (DC, 10/05/2018).

As escolas proporcionam atividades que congregam as duas realidades de ensino. Na foto e no meu registro ficou evidente a participação da comunidade escolar na celebração. Em outro momento, participei da celebração e tive pouca participação da comunidade local. Portanto, há uma contradição neste contexto da religiosidade. Por que essa participação não acontece em todos os momentos celebrativos? Minha estranheza se deu porque participei em outros momentos da celebração da comunidade e novamente a pouca participação da comunidade de fé. Portanto, há um embate entre a comunidade, que valoriza o quesito da religiosidade, mas não participa de forma atuante em cultos, celebrações, missas etc.

Fotografia 3 - Envolvimento das famílias nas atividades promovidas pela escola



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Nessa participação, constatei o incentivo com o canto coral. As crianças participavam dos ensaios semanais e de eventos fora do município. O canto coral é outra estratégia para envolver crianças e adolescentes nas atividades das comunidades, pois praticamente todas as comunidades têm grupos de coral. O município promove o festival municipal da canção. Estive presente e vi a quantidade de crianças que estavam inscritas no concurso, não é o canto profissional, mas sim amador.

Fotografia 4 - Festival Municipal da Canção



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Esse contexto fez com que eu trouxesse Esquirol (2008) e Morin (1981, p. 23), especificamente: “é preciso olhar atentamente, saber ver a realidade”. Essa forma de pensar é o que pode aproximar o pesquisador da complexidade da comunidade, abrindo-a ao inteligível e ao explicável. Adotei como premissa o que o autor aborda sobre o universo do olhar, o que se olha e como se faz isso: “olhar em torno e para trás, no sentido de olhar duas ou mais vezes, de repetir o olhar, de olhar com cuidado e com especial atenção”. (MORIN, 1981, p. 23). É preciso percorrer o “contorno” da comunidade, como sugere o autor, procurando abordar e dialogar com ela para descobrir seus movimentos de recriação.

Perguntei à Moradora (6) se existiam outros grupos que não estivessem vinculados à igreja, e ela respondeu afirmativamente, identificando alguns grupos.

“[risos] aqui o que mais tem são grupos. Grupos da Terceira Idade têm o daqui e cada comunidade tem o seu grupo, tem os grupos de bochas, de futebol, de bolãozinho, grupos do jogo de canastra, o grupo do CTG, o grupo dos corais, isso aqui é forte; nas comunidades tem também o grupo chamado OASIS, grupo de mulheres da religião Evangélica de Confissão Luterana”. (Moradora (6), 10/06/2017).

O relato da Moradora (6) mostrou a articulação da comunidade e dos pequenos municípios, onde essa articulação é mais visível do que em centros maiores. O relato da Moradora (6) fez sentido, pois mostrou a articulação dos pressupostos da entrevista reflexiva nas entrevistas não dirigidas. Considerei a oralidade natural dos entrevistados, que se expressaram com suas próprias palavras, comportando-se como sujeitos ativos na entrevista.

Fui para o município de Nova Boa Vista/RS, em 2017, com o intuito de mapear os sujeitos que constituem a comunidade local. Conversei com o Morador (3) sobre alguns elementos que compõem a cidade: número de escolas, transporte público, como as crianças vão à escola e outros assuntos do cotidiano dele.

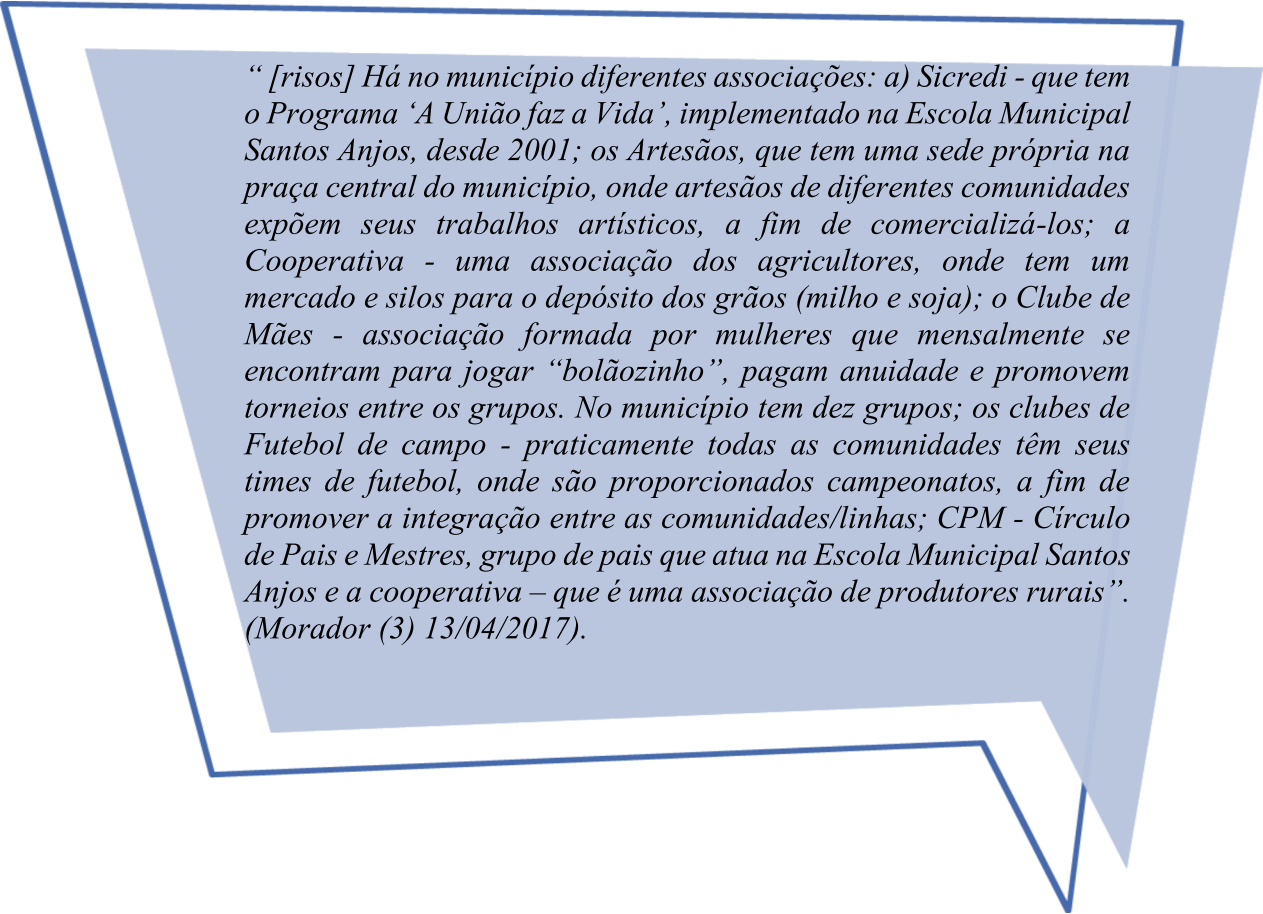
“Aqui existem duas escolas: tem a Escola Municipal Santos Anjos, que atende crianças da Educação Infantil até o 9º ano, o meu menino estuda ali e a Escola Estadual de Ensino Médio Mathias Antônio Anschau, que atende estudantes do Ensino Médio. O município também oferece o transporte escolar para os estudantes da escola municipal e também para a escola estadual. E ainda vêm os estudantes da cidade de Sarandi. E a escola aqui de cima está cheia, não tem mais vaga”. (Morador (3), 13/04/2017).

O Morador (3) citou as escolas e disse que fazia parte do Círculo de Pais e Mestres da Escola (CPM), ajudava a escola, arrumando o parquinho das crianças e em outras atividades que a escola precisava.

Durante as entrevistas, tive cuidado com a abordagem, pois na literatura pesquisada consta que abordar indivíduos em entrevistas não dirigidas implica intervir cuidadosamente para se obter o máximo em profundidade sobre seus pontos de vista. Os indivíduos podem falar sobre os tópicos almejados, mas também sobre questões introduzidas por eles mesmos durante a entrevista, obviamente se forem úteis aos objetivos da pesquisa.

Intervenção mínima pode significar simplesmente permitir um momento ao entrevistado para que ele pense sobre o que está dizendo. O silêncio do entrevistado ou da entrevistada não significa necessariamente a conclusão de seu raciocínio, inibição ou desinteresse, mas pode ter diversos significados a serem interpretados, como a procura da melhor forma de elaborar mentalmente o que se está sentindo ou imaginando.

Tendo isso presente e considerando que a entrevista informal estava fluindo naturalmente, perguntei ao Morador (3) como as pessoas se mobilizavam na comunidade, quais os grupos ou associações existentes. Ele disse:



“ [risos] Há no município diferentes associações: a) Sicredi - que tem o Programa ‘A União faz a Vida’, implementado na Escola Municipal Santos Anjos, desde 2001; os Artesãos, que tem uma sede própria na praça central do município, onde artesãos de diferentes comunidades expõem seus trabalhos artísticos, a fim de comercializá-los; a Cooperativa - uma associação dos agricultores, onde tem um mercado e silos para o depósito dos grãos (milho e soja); o Clube de Mães - associação formada por mulheres que mensalmente se encontram para jogar “bolãozinho”, pagam anuidade e promovem torneios entre os grupos. No município tem dez grupos; os clubes de Futebol de campo - praticamente todas as comunidades têm seus times de futebol, onde são proporcionados campeonatos, a fim de promover a integração entre as comunidades/linhas; CPM - Circulo de Pais e Mestres, grupo de pais que atua na Escola Municipal Santos Anjos e a cooperativa – que é uma associação de produtores rurais”. (Morador (3) 13/04/2017).

A descrição do Morador (3) sobre os grupos e as associações demonstra o conhecimento que ele tem. É servidor público e disse que conhece praticamente todos os

moradores do município, pois trabalha na Secretaria da Agricultura, percorrendo o interior do município. Ele relatou inclusive que os campeonatos de futebol eram fortes, mas que, atualmente, alguns campos não têm mais time, somente a sede do clube. Percebi que as comunidades se organizam em grupo, para fortalecer vínculos e conseguir sobreviver diante do sistema econômico. As associações são uma força que vem em prol da coletividade.

A fim de não perder nenhum dado, fui realizando o registro em imagens (fotos) e gravações em áudio dos moradores das conversas informais com a autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) – que constitui o Apêndice A desta tese.

Realizei trinta e um (31) entrevistas informais/entrevistas não dirigidas com moradores (as) novaboavistenses com diferentes objetivos: Conversar com o presidente da Terceira idade; participar da domingueira; conversar com professores, estudantes, diretoras e vice-diretoras; conhecer as linhas, acompanhar o transporte público; entender a logística do transporte no final da aula; entender a lógica da produção de leite; mapear os grupos, associações; entender a nucleação das escolas; conhecer a história das escolas; compreender o planejamento coletivo, etc. Com o propósito de aproximar-me do campo empírico realizei vivências e experiências que contribuíram para que eu pudesse compreender o contexto em que a tese está inserida.

Para que se tornasse um instrumento válido e fidedigno de investigação científica, a observação precisou ser, primeiramente, controlada e sistematizada. Isso implicou o planejamento cuidadoso do trabalho e minha preparação rigorosa enquanto pesquisadora, pois,

Planejar a observação significa determinar com antecedência “o quê” e “como” observar. Definindo-se claramente o foco da investigação e sua configuração espaço-temporal, ficam mais ou menos evidentes quais aspectos do problema serão cobertos pela observação e qual a melhor forma de captá-los. (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 25).

Desse modo, para algumas observações, utilizei os recursos de áudio e fotografias, com o objetivo de não perder nenhuma informação. Como mencionei anteriormente, as fotografias são demonstrativas, portanto, não serão elementos de análise. Para relacionar as observações, elaborei um quadro contendo dia da observação, objetivo, detalhamento, sujeito da observação e duração (horas) aproximada da observação.

Quadro 1- Exemplo de observações realizadas no campo empírico

Data e nº de observações	Objetivo	Detalhamento	Pessoas envolvidas	Tempo de duração da observação
1ª Obs. 07/04/2016	Visitar o campo empírico.	Fui conhecer o campo empírico, a EMSA. Chegando ali, fui acolhida por uma das gestoras da escola. (segue o relato)	Gestora da EMSA	2h30min

Fonte: elaborado pela autora.

Barcellos, Campos e Turato (2006) são autores vinculados à área da saúde e falam que as técnicas de observação em ciências humanas se aperfeiçoaram como resultado da experiência dos antropólogos em campo, particularmente em sua interação com pessoas de diferentes crenças e valores, como participantes da cultura.

O diário de campo transformou-se em uma técnica básica para registrar as observações conhecidas como anotações de campo. Em entrevistas não dirigidas, as anotações provavelmente tenham que ser feitas durante seu andamento, minimizando o posterior viés de uma memória diluída. Mas, para facilitar a espontaneidade dos entrevistados, é preferível anotar os dados da linguagem não verbal logo em seguida. Nesse sentido, como já mencionei, utilizei o gravador do celular e, portanto, a ferramenta estava sempre comigo.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), o conteúdo das observações deve envolver uma parte descritiva e uma parte reflexiva. A parte descritiva compreende um registro detalhado do que ocorre “no campo”, ou seja, a descrição dos sujeitos, a reconstrução dos diálogos, a descrição dos locais, dos eventos, das atividades, o comportamento do observador. A parte reflexiva das anotações inclui as observações pessoais do pesquisador feitas durante a fase de produção: especulações, sentimentos, problemas, ideias, concepções, dúvidas, incertezas, surpresas e decepções.

Na imersão no campo empírico, percebi que se perdiam vários detalhes das observações, pois nem sempre é possível realizar o registro logo após a imersão, fazendo com que o registro ficasse comprometido. Por esse motivo, na maioria das vezes, realizei o registro em áudio (celular), o que facilita o armazenamento das observações, porém exige mais tempo para realizar a transcrição. A disposição de escutar o outro não é tarefa evidente, exige um aprendizado a cada saída de campo, a cada visita para a entrevista, a cada experiência de observação.

A entrada em campo sempre transcorre desde uma rede de interações tecidas pelo pesquisador, sendo o trabalho de campo um laborioso trabalho de entrada do etnógrafo, desde uma situação periférica no interior da vida coletiva deste grupo até seu deslocamento progressivo no coração dos dramas sociais vivos por seus membros. A inserção no contexto social objetivado pelo (a) pesquisador (a) para o desenvolvimento do seu tema de pesquisa, o(a) aproxima cada vez mais dos indivíduos, dos grupos sociais que circunscrevem seu universo de pesquisa. (ECKERT; ROCHA, 2008, p. 5-6).

A prática etnográfica permite interpretar o mundo social aproximando o pesquisador do outro “estranho”, tornando-o “familiar” ou no procedimento inverso, estranhando o familiar, superando o pesquisador e suas representações ingênuas, as quais são substituídas por questões relacionais sobre o universo de pesquisa analisado. Este lugar não é neutro de sentidos. Cada acontecimento está vinculado ao contexto social em que a ação humana é desenvolvida. Tendo isso em mente, assim que retornava da observação, realizava logo o registro, a fim de não perder os detalhes, os gestos, as expressões faciais, os silêncios e não deixar cair no esquecimento cada ação observada. A respeito de tipos de registros, Malinowski (1997) se posiciona sobre o significado do diário e sobre a existência e a experiência do pesquisador.

Entrei numa touceira de coqueiros. Ali meditei sobre o significado de um diário: mudanças no curso da vida, *reajustamento de valores* – o conteúdo da ética- como base na introdução da harmonia. [...] penso no valor do diário: alcançar as correntes mais profundas de meras ondulações; conversa consigo mesmo, e vislumbre do conteúdo da vida. Obviamente algo tem que ser sacrificado – a gente não consegue as coisas por nada, mas o que está em questão é uma escolha. [...] a vida precisa se desenvolver num ritmo vagaroso para poder se aprofundar. Ou o reflexo de efêmeros brilhos faiscantes na superfície mutável e ondulada, ou imenso sorriso do fundo – depende do ponto de vista. Devemos nos obrigar a contemplar o vazio da superfície sem ilusão. Estou sentindo que o trabalho sistemático embora monótono, com objetivo, deve ser suficiente para mim. Sinto uma satisfação semelhante ao Nirvana com relação à existência (nada está acontecendo), olhando as folhas úmidas e o interior sombreado da selva australiana. (MALINOWSKI, 1997, p. 212-213, grifo do autor).

O autor reforça a dinâmica do trabalho sistemático, em certo termo monótono em relação ao diário. O diário de campo constitui esse instrumento de produção de dados, no qual pretende registrar todas as informações pertinentes à pesquisa e que favorece a compreensão e análise dos dados produzidos, tanto nas entrevistas como nas observações. Todavia, o diário de campo nada mais é do que um caderninho de notas, no qual o investigador, dia a dia, vai anotando o que observa e que não é objeto de nenhuma modalidade de entrevista. Nele devem ser escritas impressões pessoais que vão se modificando com o tempo, resultados de conversas informais, observações de comportamentos contraditórios com as falas, manifestações dos interlocutores quanto aos vários pontos investigados, dentre outros aspectos. Na sequência, o

relato contido no Diário de Campo (DC), cuja intencionalidade foi perceber a integração entre família e escola.

É sábado à tarde! Acontece a integração com as famílias dos estudantes do 1º ao 9º ano, no campo de futebol do Shell, são os jogos rurais de integração e colaboração, com o intuito de comemorar a Semana da Família. A Secretaria Municipal de Educação de Nova Boa Vista, juntamente com a Escola Santos Anjos, esteve realizando uma integração entre as famílias da escola. O clima colaborou e as atividades puderam ser realizadas no campo do Grêmio Esportivo Shell. Os participantes foram divididos em dez equipes e, a partir disso, foram realizadas inúmeras atividades, começando pela escolha do nome da equipe e o grito de guerra. Depois, as atividades incluíram: corrida de 100 metros, salto em distância, corrida do saco, corrida do cavalinho, corrida do ovo na colher, chute no gol, tiro de laço na vaca parada, bater o prego, corrida com carrinhos de mão, corrida da plantadeira, lançamento de milho no balaio, debulha de milho, encher litrão com feijões, tiro ao alvo com bodoque, cabo de guerra, dança no cepo, corrida da tora, futebol de duplas, corrida da carroça e corrida com sacos beg. Foi uma tarde muito divertida. (DC, 26/08/2017).

Minha estranheza, de como o contexto macro do sistema capitalista influência no contexto micro, ficou perceptível nesta integração com atividades típicas do local, envolvendo práticas agrícolas, pois a mecanização da agricultura faz com que os adolescentes e as crianças desconheçam atividades como andar de carroça, plantar milho com máquina manual, cortar soja e colocar na máquina de moer, cortar lenha, etc.

Particpei das atividades podendo ter uma visão mais profunda e integrada de um contexto social complexo, composto de múltiplas práticas e sentidos. Permaneci toda a tarde no local, observando as relações, as atividades, o envolvimento dos pais com os filhos. Isso exigiu o meu tempo, a minha disponibilidade e tempo necessário para permanecer no campo empírico a fim de que minha presença fosse bem aceita e passasse a ser vista pela comunidade como algo normal. Foi o que fiz nesta tarde, vendo as atividades, o envolvimento dos pais, da comunidade escolar, a alegria e frustração dos estudantes na realização das atividades.

Fotografia 5 - Atividades de integração



Fonte: arquivo da autora (2017).

As brincadeiras realizadas nesta tarde foram situações vivenciadas, na maioria das vezes, pelos pais dos estudantes. Trata-se de potencializar atividades que remetem à memória de experiências vivenciadas pelos pais para que os filhos não esqueçam sua identidade, cultura, valorizando o que foi conquistado pela coletividade. Essas observações e discussões tecidas até o momento me permitiram afirmar que o Município de Nova Boa Vista se constitui um lugar de memória.

O diário de campo é considerado um espaço fundamental para o (a) pesquisador (a) arranjar o encadeamento de suas ações futuras em campo, desde uma avaliação das incorreções e imperfeições ocorridas no seu dia de trabalho de campo até dúvidas conceituais e de procedimento ético. Um espaço para o (a) etnógrafo (a) avaliar sua própria conduta em campo, seus deslizes e acertos junto às pessoas e/ou grupos pesquisados, numa constante vigilância epistemológica. (ECKERT; ROCHA, 2008). Na sua obra, Malinowski (1997) retrata a solidão do antropólogo, em que o diário se torna uma referência para o pesquisador, pois nada significa para outra pessoa.

[...] ele observou que, embora se aprenda pouco sobre o método de pesquisa de campo no Diário, ele mostra muito bem o dilema de todo antropólogo no campo, reter sua

identidade a ao mesmo tempo se envolver o máximo possível nos assuntos da sociedade local. A solidão do antropólogo é de um tipo especial, cercado de pessoas das quais gosta e que gostam de você ou no mínimo toleram de bom grado, mas que não fazem ideia de quem você é, que tipo de pessoa [...] as saudades de uma civilização idealizada e distante são frustrantes, as cartas decepcionantes; ‘há apenas uma pessoa que pode começar a entender como você se sente, e é você mesmo’. Portanto, para aqueles que têm facilidade em escrever, um diário é uma catarse valiosa. ‘Essa é a função de um diário sob tais condições, um lugar para desopilar o fígado de forma que no dia seguinte tudo possa dar início’. Mas como assinala Forge, de forma talvez radical demais, os diários dos pesquisadores de campo nada significam para ninguém, a não ser para eles mesmos, o produto de uma espécie de estado suspenso entre duas culturas. (MALINOWSKI, 1997, p. 30).

Eckert e Rocha (2008) referem-se ao caderno de notas de campo, onde o(a) antropólogo(a) costuma registrar dados, gráficos, anotações que resultam do convívio participante e da observação atenta do universo social onde está inserido e que pretende investigar. É o espaço onde situa o aspecto pessoal e intransferível de sua experiência direta em campo, os problemas de relações com o grupo pesquisado, as dificuldades de acesso a determinados temas nas entrevistas e conversas realizadas, ou, ainda, as indicações de formas de superação dos limites e dos conflitos por ele vividos. O caderno de notas e o diário de campo são instrumentos de transposição de relatos orais e falas obtidas desde a inserção direta do pesquisador no interior da vida social por ele observado.

A fim de sistematizar as observações, como relatei anteriormente, criei um quadro contendo: dia da observação, objetivo, detalhamento, pessoa entrevistada ou situação observada e duração aproximada da observação. Nas observações, identifiquei o envolvimento da comunidade nas diversas atividades e eventos, percebi como acontece a integração entre família e escola, percebi a integração das duas instituições de ensino, conheci as linhas e seus moradores, a fim de compreender a formação do povo novaboavistense.

Em outra visita, participei do jantar de confraternização, com a troca dos representantes do Círculo de Pais e Mestres (CPM), ocasião em que a diretora da escola disse: “*A Escola Santos Anjos busca, ao longo de sua história, estreita cada vez mais a relação entre família e escola*”. Percebi que o fator “história”, “memória”, está intrínseco nas falas dos moradores, e isso é um fator relevante, que me remeteu à imigração. Enquanto os relatos aconteciam, fui fazendo o registro, sobre o que apareceu de relevante nas falas, não contendo uma ordem, mas sim as ideias e, assim, percebi o pensar do grupo.

1ª) Através do Círculo de Pais e Mestres (CPM) concretiza-se esse vínculo por meio da integração da família, escola, comunidade e poder público, em ações que visam o desempenho mais eficiente do processo educativo. 2ª) O CPM tem a finalidade de auxiliar e complementar a administração escolar, prestando serviços à escola em benefício dos alunos e da educação como um todo. Dessa forma, a cada dois anos é constituída uma equipe de representantes de pais e professores para assumir a Diretoria desta Entidade. 3ª) Realizaram os agradecimentos pelo empenho, trabalho prestado e dedicação de cada um dos membros que, por dois anos, assumiram o compromisso de concretizar projetos e investir na educação. Dessa forma, a Direção da Escola, a Secretária Municipal de Educação e o prefeito, deixaram seu agradecimento aos integrantes do CPM, e acolheram a nova diretoria para a gestão 2018/2019. 4ª) O presidente também agradeceu o trabalho de cada membro que esteve na equipe no período de 2016/2017, bem como a parceria com a Escola e Poder Público, pois juntos muitos projetos foram concretizados para a melhoria dos espaços físicos, investimentos em materiais didáticos e pedagógicos, bem como formação dos educadores. (VI, 04/04/2018)

Percebi que há uma integração entre família, escola e poder público. A presença da secretária da educação e do prefeito demonstrou que há uma tentativa de sintonia. No relato do presidente, ele diz que os projetos e as ações foram concretizados, bem como os investimentos pedagógicos e a formação com os educadores. Em outra visita, apareceu esse elemento do incentivo do poder público com a formação dos educadores do município. Quando a municipalidade traz algum palestrante, a escola estadual é convidada, participando dos encontros formativos.

Na fotografia a seguir, é possível ver a dinâmica da reunião que aconteceu no ginásio de esportes da escola.

Fotografia 6 - Integração do Círculo de Pais e Mestres



Fonte: arquivo da autora (2018).

Em outro momento, nas idas e vindas do doutorado, meu ponto de chegada e de saída era a Estação Rodoviária de Porto Alegre, local de encontro e desencontros, repleto de malas e sacolas, aglomerado de pessoas, horas e horas de espera aguardando transporte, buscando diferentes destinos. Eu apreciava observar essa movimentação; em cada corpo havia uma história entrelaçada com outras histórias e, assim, passava o tempo com devaneios e pequenos *insights*.

Enquanto aguardava o ônibus para voltar de Porto Alegre, encontrei o Morador (4) de Nova Boa Vista. Conversamos sobre o que estávamos fazendo na estação rodoviária. Relatei sobre o estudo e perguntei se ele tinha algum conhecimento sobre a configuração do município, como a cidade e o interior são constituídos. Relatei sobre o mapeamento das linhas e questionamentos que surgiram: por que as comunidades são denominadas também por "linhas"? O que é uma comunidade ou uma linha? O Morador (4) sorriu e disse: "Há dois anos eu era o secretário dos transportes, nós organizamos o mapa, identificamos as linhas, inclusive com placas". Perguntei como conseguiria ter acesso a esse material, e ele disse que poderia enviar para mim. Trocamos e-mails e sai às pressas, pois o ônibus estava no box de embarque. Fui feliz, por ter conseguido essa informação.

Fiquei pensando na atitude de ser pesquisadora, de estar predisposta, sensível para olhar as oportunidades que aparecem nos lugares menos esperados. E aí a indagação: como se aprende a olhar? Aprende-se a olhar, olhando, assim como se aprende a pensar, pensando. "O

exercício é o primeiro mestre. Donde se pode dizer que não se aprende a visão senão de si mesma”. (ESQUIROL, 2008, p. 57).

No dia seguinte, recebi por e-mail o mapa das estradas e a declaração do dia 20 de maio de 2015, que diz:

Em termos de tráfego e importância no sistema viário municipal, as estradas municipais são classificadas em: Estradas Gerais: _Asfalto 386 BRS 9195 – L^a Maneador, Estrada Geral L^a Cachoeirinha, Estrada Geral L^a Lajeado Boa Vista, Estrada Geral L^a Perau Baixo, Estrada Geral L^a Maneador Baixo, Estrada Geral L^a Caúna, Estrada Geral L^a Jaboticaba, Estrada Geral L^a Mirim, Estrada Geral L^a Graff. Estradas Secundárias: Estrada L^a Colli, Estrada L^a Fritzen, Estrada L^a Scheibe, Estrada L^a Furini, Estrada L^a Jahn, Estrada L^a Tijolo, Estrada L^a Barraca, Estrada L^a Gabriuva, Estrada L^a Lino Hahn, Estrada L^a Knob, Estrada Travessão L^a Jaboticaba, Estrada Travessão L^a Maneador Baixo, Estrada Travessão L^a Perau Baixo, Estrada Travessão Salto Barroso, Estrada Travessão L^a Cachoeirinha, Estrada Travessão L^a Mirim, Estrada Travessão L^a Gabriuva. (E-mail de 9 de junho de 2017).

Em outra ocasião, recebi por e-mail da secretária da EMSA a relação de estudantes que usam o transporte escolar público. Nessa relação constavam os estudantes do município de Sarandi e os estudantes do município de Nova Boa Vista que moram na cidade. A intenção era identificar quantas crianças vinham das linhas visitadas, realizando um inventário do número de crianças e adolescentes oriundos das linhas. Depois de extrair as informações específicas que me interessavam, cheguei ao total 113 estudantes, assim distribuídos: Linha Cumprida (12); Linha Cachoeirinha (23); Linha Mirim (14); Linha Tijolo (2); Linha Maneador (9); Linha Perau (8); Linha Lajeado Boa Vista (7); Linha Jaboticaba (5); Linha Barraca (10); Linha Caúna (14); Linha Maneador Baixo (3); Linha Knob (2); Linha Colli (3) e Linha Gabriúva (1).

Em 2019, estiveram matriculados na Escola Municipal Santos Anjos duzentos e oitenta e cinco (285) estudantes. Destes, cento e treze (113) são oriundos das catorze (14) linhas mencionadas, dezoito (18) são oriundos da cidade vizinha e cento e cinquenta e quatro (154) estudantes residem no perímetro urbano do município. É interessante observar o que dizem os números. Mesmo com o esvaziamento das linhas, constatei que há um número expressivo de crianças e adolescentes oriundos da zona rural.

A análise foi realizada pela triangulação de dados, que, para Sarmiento (2000), é uma abordagem metodológica que requer um desenho de pesquisa, cujo desenvolvimento pode contar com técnicas de produção de dados diferentes, tanto com instrumentos para a pesquisa quantitativa, quanto para a qualitativa. Ou, ainda, mobilizar instrumentos quantitativos e qualitativos em uma mesma pesquisa. Para Günther (2006),

A triangulação é a utilização de diferentes abordagens metodológicas do objeto empírico para prevenir possíveis distorções relativas, tanto à aplicação de um único método, quanto a uma única teoria ou um pesquisador. Denzin e Lincoln afirmam que o 'uso de múltiplos métodos, ou da triangulação, reflete uma tentativa de assegurar uma compreensão em profundidade do fenômeno em questão'. [...] Para eles, a triangulação é um caminho seguro para a validação da pesquisa. É a alternativa para se empreender múltiplas práticas metodológicas, perspectivas e observadores em uma mesma pesquisa, o que garante rigor, riqueza e complexidade ao trabalho. (GÜNTHER, 2006, p. 19).

No capítulo de Briceño-León (2003), há o relato de uma pesquisa que combina métodos qualitativos e quantitativos. Ele discute a tomada de decisão pelo pesquisador sobre iniciar a pesquisa com técnicas qualitativas ou quantitativas e a forma como tal decisão se vincula aos objetivos da empreitada, ao que já se conhece sobre o objeto e à clareza sobre as hipóteses da pesquisa. A metodologia serve à pesquisa, ao problema e aos objetivos que se quer alcançar.

André (2012) enfatiza que o (a) pesquisador (a) não pode deixar de lado seus valores, suas crenças e seus princípios. Deve estar ciente deles e ser sensível para saber como eles afetam ou podem afetar os dados. Inspirada em Fernando T. de Andrade, já citado na epígrafe da seção "Caminhos Traçados" (tempo da travessia), percebi que, independentemente da pesquisa em que está inserido, mas principalmente se a pesquisa for de cunho etnográfico, é pertinente para qualquer pesquisador (a) abandonar "pré-conceitos", julgamentos e análises preconceituosas.

2 ETNOGRAFIA: UMA ESCOLHA

“Quando penso em história, penso em possibilidade – a história é o tempo e o espaço da possibilidade [...] Fazendo história, escolhemos e realizamos possibilidades. E, ao fazermos história, começamos por ser feitos pela história”
Paulo Freire (1989).

A etnografia é uma especialidade da antropologia, que tem por fim estudar e descrever os povos, sua língua, raça, religião e as manifestações materiais de suas atividades, conforme Geertz (1989). A etnografia se constituiu uma escolha metodológica. Como foi identificado na revisão de literatura há uma lacuna em relação a esse método, verificou-se que está sendo pouco utilizada na academia no campo da educação, vinculada ao objeto da pesquisa. Durante a abordagem dos conceitos fui trazendo a minha experiência como pesquisadora no exercício de desenvolvimento de uma pesquisa etnográfica.

Este capítulo evidencia a densidade e a profundidade da etnografia, dialogando e expondo reflexões com diferentes autores abordando conceitos de comunidade, de identidade, de cultura, de colonização, de identidade e que foram necessários para o estudo etnográfico, fui dialogando e estabelecendo relações com as contribuições das observações do campo empírico.

Após as diferentes leituras realizadas para o aprofundamento teórico etnografia na educação, estabeleci uma relação dialógica com Malinowski (1997) Mattos (2011), Sarmiento (2000), André (2012), Fonseca (1998), Eckert E Rocha (2008) e Geertz (1989,1978). As contribuições desses autores são imprescindíveis no processo de entendimento dos conceitos e para a empiria, considerando o objetivo de compreender as experiências e práticas de gestão escolar das escolas das redes municipal e estadual a partir das dinâmicas e interações estabelecidas com a cidade, com as linhas e moradores do município de Nova Boa Vista.

Conforme a pesquisa de MATTOS (2011), a antropologia cultural, vertente da antropologia social, emerge do funcionalismo, representado na pessoa de Malinowski, considerado um dos pais da etnografia, à medida que sistematiza os caminhos que se deve percorrer para realizar, no campo, a própria pesquisa (MATTOS, 2011). Malinowski (1997) preconizou que apenas pela “observação participante” seria possível ao pesquisador conhecer o outro em profundidade e superar os pressupostos evolutivos e o etnocentrismo (visão pela qual o homem branco europeu letrado seria superior a todos quando apresentassem diferentes constituições, tanto físicas quanto de formas de vida e pensamento).

A etnografia, em seus primórdios, caracteriza-se como uma pesquisa intensiva, de longa duração: o etnógrafo precisaria viver no local, aprender a língua nativa e, sobretudo, observar a vida cotidiana. O pesquisador deveria dar conta da totalidade da vida da tribo observada, a partir da constituição da sociedade, da vida real e do espírito do nativo. Atualmente há um reconhecimento mais nítido de que a posição do etnógrafo “não é simplesmente a de alguém que registra a vida de uma sociedade, mas de alguém que tanto afeta essa vida como é afetado por ela”. (MALINOWSKI, 1997, p. 32). Essa afirmação de Malinowski leva a potencializar o ser pesquisador (a), o deixar-se afetar pela realidade do outro, a situação do outro, o que torna desafiador tomar distância da realidade e produzir o estranhamento.

Dialogo com André (2012) que sustenta que os pesquisadores, a partir da década de 1970, estão interessados em estudar as questões relacionadas à integração na sala de aula, interação professor/aluno, métodos de avaliação educacional e habilidades de ensino dos docentes. Esses são temas recorrentes nos estudos etnográficos em educação neste período. Nos anos 1980, conforme André (2012), a abordagem etnográfica ganhou muita popularidade, inclusive na área educacional. Nesta década, foram desenvolvidas teses e dissertações que descreviam as atividades em sala de aula e as relações construídas diariamente neste espaço educacional.

Entretanto, conforme Geertz, praticar etnografia não é somente estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário; “o que define é o tipo de esforço intelectual” que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15).

A etnografia é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e sociedade. Etimologicamente etnografia significa “descrição cultural”. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. Se o foco de interesse dos etnógrafos é a descrição cultural (práticas, valores, crenças, hábitos, linguagens, significados de um grupo social, a preocupação central dos estudiosos da educação é com o processo educativo). (ANDRÉ, 2012, p. 27).

De acordo com André (2012), o que se tem feito é uma adaptação da etnografia à educação. Isso leva à conclusão de que se fazem estudos do tipo etnográfico e não etnografia no seu sentido estrito.

Mattos (2011, p. 49) introduz o conceito de etnografia e desenvolve aspectos que envolvem o trabalho etnográfico, informando que fazer etnografia implica em: 1) preocupar-se

com uma análise holística ou dialética de cultura: 2) introduzir os atores sociais com uma participação ativa, dinâmica e modificadora das estruturas sociais; 3) preocupar-se em revelar as relações e interações significativas de modo a desenvolver a reflexividade sobre a ação de pesquisar, tanto pelo(a) pesquisador(a) quanto pelo(a) pesquisado(a).

Enquanto que André (2012) sinaliza, ainda, alguns cuidados que podem auxiliar o (a) pesquisador (a) a desenvolver este tipo de pesquisa, em particular, preocupações com o período despendido no campo da investigação, a descrição densa e minuciosa dos dados coletados, o processo indutivo de análise, a questão da ética na pesquisa, dentre outros.

Das inúmeras imersões no campo empírico, tive a intenção de familiarizar-me com o contexto da pesquisa e aproximei-me das pessoas, dos grupos, das linhas, das comunidades, para conquistar a confiança das pessoas para a observação sistemática das práticas etnográficas. Como exemplo, participei da gincana da família, realizada no campo esportivo do Shell. Famílias e estudantes formam as equipes e competem entre si, com brincadeiras que lembram a rotina da vida no campo.

Fotografia 7 - Gincana de integração com as famílias



Fonte: Acervo da autora (2017).

Minha presença nos eventos e em outras atividades não foi de estranhamento, pois minha família reside no local. Mas, conforme salienta Fonseca (1998), a interação é a condição da pesquisa, portanto, participei de inúmeros eventos, atividades, festas e celebrações a fim de que minha presença fosse considerada algo “normal”. O método etnográfico é uma forma interessante para pensar a interação do pesquisador com o material empírico de seu dia a dia. Para Sarmiento (2000, p. 140), “a investigação científica realiza-se sempre no interior de um diálogo (convergente ou divergente) com a produção do respectivo campo”.

Participo de duas atividades envolvendo estudantes e suas respectivas famílias, minha estranheza que nestes eventos aparece novamente brincadeiras, tarefas que recordam a rotina familiar rural, como por exemplo: plantar milho manualmente, andar de carroça, etc. Ficou evidente como as influências do capitalismo (macro) impactam na vida dos moradores de pequenos municípios (micro), neste caso Nova Boa Vista.

Entretanto, para Eckert e Rocha (2008), a pesquisa etnográfica constitui-se no exercício do olhar (ver) e do escutar (ouvir) e impõe ao pesquisador ou pesquisadora um deslocamento de sua própria cultura para situar-se no interior do fenômeno observado, através da sua participação efetiva nas formas de sociabilidade da realidade observada.

Em uma das visitas informais, conversei com uma das munícipes, a Moradora (18), que relatou sua indignação em relação aos banheiros públicos e à rotina das associadas.

Somos dez associados, colocamos nosso artesanato em comum, mas todos são identificados com o nome do associado. Um dia por semana cada associado é responsável em cuidar da loja, à medida que vai vendendo marca no caderno de quem era a peça, para quem vendeu e o valor'. Essa conquista é da gestão anterior da prefeitura, onde a primeira dama lutou para conseguir o espaço. O local foi alvo dos vândalos, quebraram a porta, quebraram vidros. (VI, 13/07/2017).

Entre uma fala e outra, relatou:

“Ninguém viu nada. Foi na mesma época que tinha um pessoal de outra cidade fazendo o asfalto. Mas não tem como saber. Lamento que não tem mais flores na praça “um pessoal” arrancou as roseiras, a praça sempre era bem florida. Vi uma construção parecendo uma casa, aponte e perguntei o que era, respondeu indignada: são os banheiros e olha o que fizeram cercaram os banheiros. *No Ginásio tiveram que criar uma área para fumantes, e fizeram bem ali, imagine só cercaram o banheiro público*”. (VI, 13/07/2017).

A indignação da Moradora (18) é nítida. Minha estranheza: como cercar algo que é público? Se for público, por que a existência da cerca? Se tiverem que criar um espaço para os fumantes, por que cercar o banheiro público junto, já que no ginásio há banheiros? O relato da Moradora (18) expôs a situação das associadas, o trabalho da coletividade, suas conquistas como artesãs, bem como sua indignação com o que é público, nesse caso, os banheiros que estavam cercados. E ela questiona: “*como algo que é público está cercado, se é público é para ser usado e não estar cercado*”.

A etnografia visa apreender a vida, tal como ela é conduzida cotidianamente, simbolizada e interpretada pelos atores sociais nos seus contextos. Ora, a vida é, por definição, plural nas suas manifestações, imprevisível no seu desenvolvimento, expressa não apenas pelas palavras, mas também por meio da linguagem dos gestos e das formas, ambígua nos seus significados e múltipla nas direções e sentidos por que se desdobra e percorre. (SARMENTO, 2000).

Ter a atitude de observar o outro, perceber suas angústias, seus medos ou suas alegrias, é tarefa que exige estar no campo empírico e lidar com essas diferentes situações num mesmo contexto, sem posicionar-se, ter a atitude de estranhamento, de desnaturalizar-se. O fato de ter vínculos afetivos com a escola e com o local torna exigente o estranhamento, mas saber conviver com as dúvidas e incertezas é algo inerente a essa abordagem da pesquisa. Esse afastamento e estranhamento desafiam o conceito da metodologia de cunho etnográfico do ser pesquisadora¹⁰, pois este é um momento de escuta e observação.

¹⁰ Tenho vínculos afetivos e familiares com a empiria.

Neste dia fui à escola para ver como estavam, mas, para minha surpresa, senti um clima um pouco tenso, pois algumas trocas de pessoas e suas respectivas funções aconteceriam no ano seguinte. O motivo é que houve troca de partido, e, na nova gestão administrativa do município, a vice-diretora, que também é a atual secretária, e a coordenadora pedagógica dos anos finais, ambas estão há muito tempo na escola, vão deixar a função para assumir a sala de aula. Percebi que há muito tempo elas não atuam em sala [...]. Portanto, de um lado, a troca de funções; e, por outro lado, a decepção da perda partidária, com a qual não contavam, pois consideravam que estava ganha a disputa. (DC, 07/12/ 2016).

O clima estava tenso; a maioria das pessoas estava contida; “pairavam no ar” a insegurança, a insatisfação, relações de conflito, o jogo de poder.

Em sua obra “Juntos”, Sennett (2012) focaliza a atenção na receptividade aos outros, como acontece na capacidade de escuta em uma conversa, e nas aplicações práticas da receptividade no trabalho ou na comunidade. Certamente existe um aspecto ético na capacidade de ouvir e trabalhar em sintonia com outros, mas pensar na cooperação apenas como um fator ético positivo limita a compreensão. Assim como o bom cientista-artífice pode direcionar suas energias para a confecção da melhor bomba atômica possível, também é possível cooperar eficazmente em um assalto. Além disso, embora se possa cooperar porque os recursos não são suficientes, em muitas relações sociais não se sabe com exatidão o que se precisa dos outros – ou o que eles poderiam querer de alguém. (SENNETT, 2012, p. 10).

Assim é que Sennett (2012) explorou a cooperação como uma habilidade. Ela requer a capacidade de entender e mostrar-se receptivo ao outro para agir em conjunto, mas o processo é espinhoso, cheio de dificuldades e ambiguidades, e não raro leva a consequências destrutivas. A cooperação ajeita a máquina de concretização das coisas, e a partilha é capaz de compensar aquilo que acaso nos falte individualmente.

A cooperação está embutida em nos genes humanos, mas não pode ficar presa a comportamentos rotineiros; precisa desenvolver-se e ser aprofundada (SENNETT, 2012, p.9). O que se aplica particularmente quando se lida com pessoas diferentes; com elas, a cooperação torna-se um grande esforço. Em outra observação, na festa junina da escola, presenciei a

concretização desse conceito de Sennet sobre a cooperação com as mulheres ajudando na produção de cocadas e de pés-de-moleque.

Fotografia 8 - Cooperação voluntária entre as mulheres



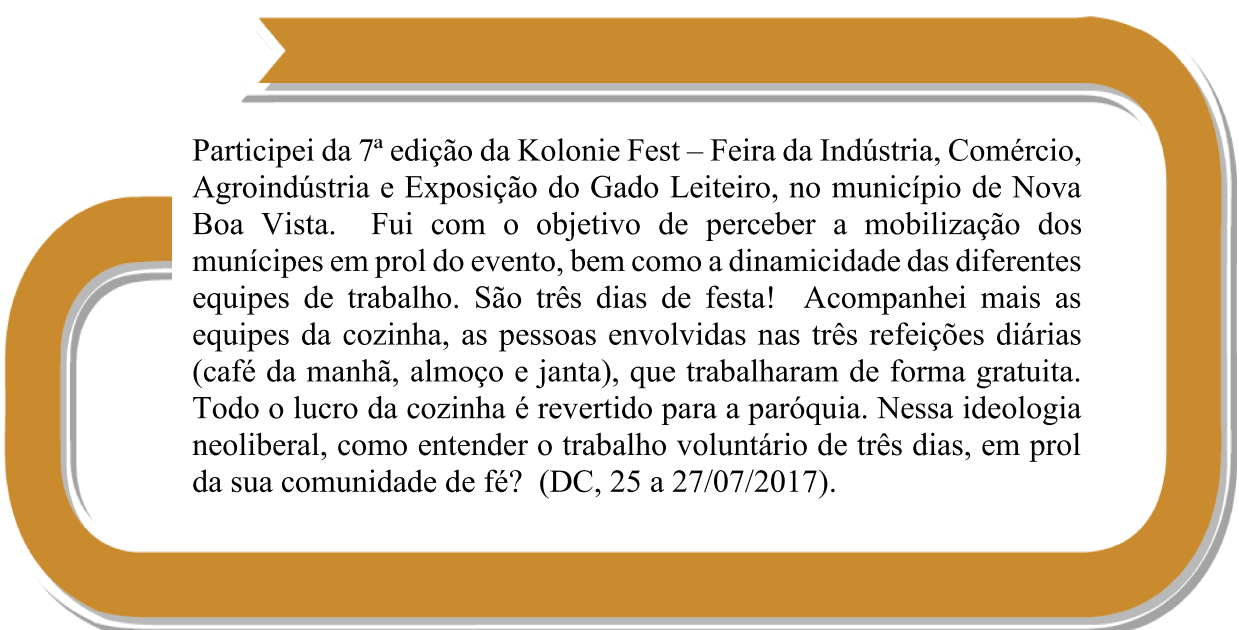
Fonte: Arquivo da autora (2017).

Passei a tarde no ginásio, enquanto acompanhava algumas mulheres na produção das cocadas, outras na organização dos enfeites e da festa, de um modo geral. Utilizei inúmeras vezes o registro fotográfico e o gravador, a fim de coletar os detalhes observados nessa tarde. Nesse sentido, Fonseca (1998) discorre longamente sobre a relação pesquisador-pesquisado, ressaltando a importância do diário de campo nesta etapa da pesquisa, portanto, o registro. Através desse método, em geral, tecem-se conclusões dos pesquisados: modo de vida, formas de organização social, valores familiares, crenças religiosas, atitudes políticas, etc. Segundo a autora, entre a experiência de campo e essas conclusões, há uma série de etapas.

Um dos marcos teóricos que se destaca nos estudos etnográficos é o interacionismo simbólico, especialmente aplicado às análises do processo de socialização. Nessa teoria, o processo é entendido como uma negociação constante que não se limita ao vínculo social. (MATTOS, 2011, p. 52). Para Eckert e Rocha (2008), uma etnografia inicia-se com o processo de negociação com os indivíduos e/ou grupos que se pretende estudar, transformando-os em

parceiros de projetos de investigação, compartilhando com eles as ideias e intenções de pesquisa.

O consentimento implica saber quando e onde, com quem, e o que se pode falar, como agir diante de situações de conflito e risco. A negociação com os indivíduos desta pesquisa, conforme as autoras citadas anteriormente, vem sendo realizada há um tempo, quando participei dos eventos proporcionados pela comunidade local, a fim de que os munícipes percebessem minha presença com normalidade, sem causar estranhamento, realizando o registro fotográfico nos diferentes eventos.



Participei da 7ª edição da Kolonie Fest – Feira da Indústria, Comércio, Agroindústria e Exposição do Gado Leiteiro, no município de Nova Boa Vista. Fui com o objetivo de perceber a mobilização dos munícipes em prol do evento, bem como a dinamicidade das diferentes equipes de trabalho. São três dias de festa! Acompanhei mais as equipes da cozinha, as pessoas envolvidas nas três refeições diárias (café da manhã, almoço e janta), que trabalharam de forma gratuita. Todo o lucro da cozinha é revertido para a paróquia. Nessa ideologia neoliberal, como entender o trabalho voluntário de três dias, em prol da sua comunidade de fé? (DC, 25 a 27/07/2017).

Participar dos eventos e das atividades no campo empírico permite perceber as relações construídas no fazer do dia a dia, as relações de entreajuda, as situações de conflito, o descontentamento por parte de alguns, as tensões e as relações de poder. Sennett (2012) diz que:

A conversa é como um ensaio, que depende da capacidade de escuta. Ouvir bem é uma atividade interpretativa que funciona melhor quando focalizamos a especificidade do que está sendo ouvido e buscamos entender com base nesses elementos específicos o que a outra pessoa dá por descontado, sem chegar e dizer explicitamente. Os procedimentos dialéticos e dialógicos facultam duas maneiras de praticar uma conversa, uns pelo jogo de contrários que leva a um acordo, outros pelo ricochetear de pontos de vista e experiências de forma aberta. Na boa escuta, podemos sentir simpatia ou empatia; são ambos impulsos cooperativos. A simpatia é mais entusiasmante, a empatia, mais pausada, e também mais exigente, pois requer que focalizemos a atenção fora de nós mesmos. Na dialógica, embora não se encaixem perfeitamente como peças em um quebra-cabeça, as pessoas podem extrair conhecimento e prazer das trocas. “Talvez” facilita a cooperação na conversa. (SENNETT, 2012, p. 37).

Para Sennett (2012), a contracorrente da competição é agressão e raiva, sentimentos profundamente enraizados nos seres humanos. Ensaios, conversas, coalizões, comunidades ou oficinas podem contrabalançar esse impulso destrutivo, pois o impulso da boa vontade também está gravado nos genes humanos. Como animais sociais, precisamos descobrir, pela experiência, como encontrar o equilíbrio. Talvez alguns voluntários encontrem esse equilíbrio ao qual Sennett se refere. Particpei do dia da família na escola, uma das ações em comemoração aos 65 anos da Escola estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau, carinhosamente nomeada de EAMA.

Fotografia 9 - Participação das famílias no evento da escola



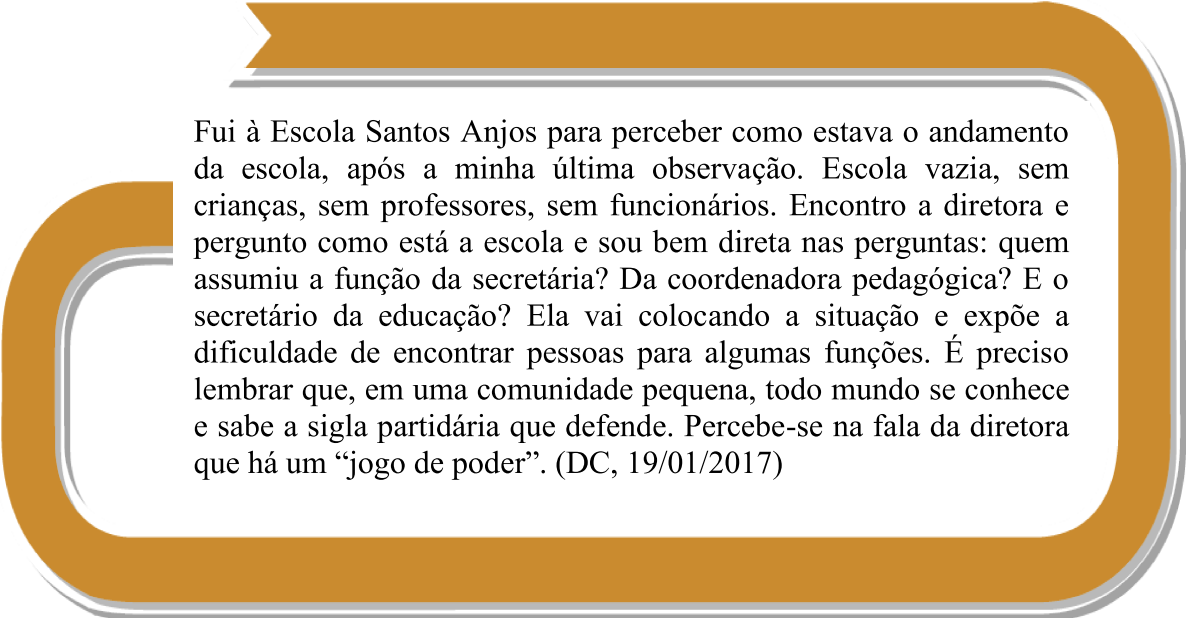
Fonte: arquivo da autora (2018).

Destaquei a participação nas ações, nas atividades do campo empírico; portanto, a observação participante das práticas cotidianas, as conversas com os membros da comunidade educativa e a análise de conteúdo do conjunto de documentos produzidos pela escola auxiliam e fornecem dados sobre o contexto pesquisado (SARMENTO, 2000). Outros instrumentos e formas de análises abordadas apontam que, a partir dos anos 1980 até os dias atuais, instrumentos etnográficos passaram a ser frequentemente utilizados em pesquisas educacionais, como exemplifica Mattos (2011, p. 31):

Observação participante, entrevista, imagens de vídeo, história de vida, questionários, dentre outros. Decorrentes desses tipos de coleta, podemos apontar algumas formas de análises: análises indutivas, microanálise etnográfica, análise de contexto, análise de discurso, análise sociolinguística, análise documental, análise histórica, análise representacional, análise cultural, análise hermenêutica e análise crítica. Com relação

às maneiras que estes trabalhos são relatados, podemos encontrar as mais variadas nuances que vão desde processos narrativos livres com simples descrições de falas sobre o que os participantes dizem até fotografias com análises detalhadas de representações e significados para pesquisadores e pesquisados.

O ofício de etnógrafo pela observação participante, pela entrevista não diretiva, pelo diário de campo, pela técnica da descrição etnográfica, entre outros, coloca o cientista social, o antropólogo, diante do compromisso de ampliar as possibilidades de (re) conhecimento das diversas formas de participação e construção da vida social. (ECKERT; ROCHA, 2008, p.13-14). Fazer parte, sentir-se incluída e importar-se com a realidade pesquisada, faz parte do ser pesquisadora. Para exemplificar, no período das férias escolares, realizei uma visita informal a fim de perceber e entender a nova configuração da escola.



Fui à Escola Santos Anjos para perceber como estava o andamento da escola, após a minha última observação. Escola vazia, sem crianças, sem professores, sem funcionários. Encontro a diretora e pergunto como está a escola e sou bem direta nas perguntas: quem assumiu a função da secretária? Da coordenadora pedagógica? E o secretário da educação? Ela vai colocando a situação e expõe a dificuldade de encontrar pessoas para algumas funções. É preciso lembrar que, em uma comunidade pequena, todo mundo se conhece e sabe a sigla partidária que defende. Percebe-se na fala da diretora que há um “jogo de poder”. (DC, 19/01/2017)

Nesta visita informal (VI), pude perceber o jogo de poder e os conflitos existentes no campo empírico. Nessa perspectiva, Sennett focaliza um pouco do que poderia ser feito a respeito da “cooperação destrutiva do tipo nós-contravocês ou da cooperação degradada em conluio” (2012, p. 16). Segundo o autor, a boa alternativa é um tipo exigente e difícil da cooperação, pois ela tenta reunir pessoas de interesses distintos ou conflitantes, pessoas que são desiguais ou não se entendem, pessoas que não se sentem bem em relação umas às outras. O desafio consiste em reagir aos outros nos termos deles. É o desafio de toda gestão de conflito. Um dos resultados da boa gestão do conflito, seja em uma guerra ou em uma luta política, é que essa cooperação sustenta os grupos sociais nos infortúnios e reviravoltas do tempo. Além disso,

a prática desse tipo de cooperação ajuda os indivíduos e grupos a apreender as consequências dos próprios atos. (SENNETT, 2012, p. 16).

Nas organizações, conforme Sennet (2012), as relações sociais também são de curto prazo, e a prática gerencial recomenda que as equipes de trabalhadores não sejam mantidas por mais de nove a doze meses, para que os empregados não se vinculem pessoalmente uns aos outros.

As relações sociais superficiais são um produto dessa tendência para o curto prazo; quando as pessoas não permanecem por longo tempo em uma instituição, debilitam-se seu conhecimento da organização e seu comprometimento com ela. As relações superficiais e os vínculos institucionais breves reforçam o efeito de silo: as pessoas ficam na reserva, não se envolvem com problema que não lhes dizem respeito diretamente, sobretudo no trato com aqueles que fazem algo diferente na instituição. (SENNETT, 2012, p. 18).

Para André (2012), alguns elementos fazem com que um estudo possa caracterizar-se como etnográfico na educação. Primeiro, quando se faz uso de técnicas que tradicionalmente são associadas à etnografia, ou seja, observação participante, entrevista intensiva e análise de documentos. Segundo, quando o pesquisador é o instrumento principal na coleta e análise dos dados. O fato de ser uma pessoa o põe numa posição bem diferente de outros tipos de instrumentos, porque permite que ele responda ativamente às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, revendo as questões que orientam a pesquisa, localizando novos sujeitos, revendo toda a metodologia durante o desenrolar do trabalho.

Outra característica da pesquisa etnográfica é a ênfase no processo e não nos resultados. Conforme André, a preocupação com o significado também é uma característica, a maneira própria com que as pessoas veem a si mesmas, suas experiências e o mundo que as cerca. E, ainda, pesquisa etnográfica envolve um trabalho de campo, ou seja, aproximar-se de pessoas, situações, locais, eventos, mantendo com eles um contato direto e prolongado.

A empatia vem sendo apontada há muito tempo como uma característica essencial dos pesquisadores que realizam trabalho de campo. Para André (2013), o observador deve tentar colocar-se no lugar do outro para procurar entender melhor o que está dizendo, sentindo, pensando. Se há um clima de confiança, as informações fluirão mais naturalmente. Por isso, a importância de tentar ouvir com atenção as opiniões, os argumentos, os pontos de vista que divergem dos seus próprios.

Desloquei-me ao campo empírico num sábado e permaneci durante o dia e a noite, a fim de observar a dinâmica da festa junina, realizando o registro da observação e o registro fotográfico.

Cheguei cedo ao ginásio de esportes da comunidade local, no intuito de perceber a dinâmica da organização para a Festa Junina. Entrei e visualizei mulheres na cozinha, homens num espaço destinado à venda de bebidas, alunos maiores ajudando a colocar os enfeites nas mesas e pendurar bandeirinhas, professoras organizando o local para a pescaria e um grupo terceirizado enchendo brinquedos infláveis. É uma festa aberta que acontece no período da noite, com cobrança de ingresso e comercialização de bebidas alcoólicas. Perguntei ao senhor que estava organizando as bebidas sobre a comercialização de bebida alcoólica, e ele disse que nunca tiveram problemas. Fui à cozinha, cumprimentei as mulheres, todas as mães, e muitas delas eu conhecia; estavam cozinhando sagu, preparando o molho para o cachorro-quente e o quentão. Vários cheiros gostosos num mesmo lugar. Mostraram com orgulho as rapaduras e os pés-de-moleque, muito famosos na festa. Esses doces são feitos na escola dois ou três dias antes. O estranhamento é que os pais e as mães estavam trabalhando de forma voluntária para a escola, durante o dia e a noite. Chegou a hora da festa, encontrei o ginásio lotado, crianças e adolescentes com vestimentas características da festa. Havia um espaço preparado para as apresentações no meio do ginásio de esportes; iniciaram as apresentações com danças desde os pequenos da educação infantil até os adolescentes das turmas do 9º ano, com o tradicional casamento caipira. Os pais sentaram nas cadeiras dispostas em círculo e muitos ficaram em pé para apreciar as apresentações. Depois, iniciou-se o baile. Havia uma banda contratada para animar a festa, e os casais iniciaram a dança. A festa terminou por volta de duas horas da manhã e depois foi feita a limpeza do ginásio de esportes pelo Círculo de Pais e Mestres e outros pais voluntários. (DC, 24/06/2017).

Fotografia 10 - Festa da Escola Santos Anjos



Fonte: Arquivo da autora (2017).

Essa visita informal provocou alguns questionamentos que me fizeram pensar a função social da escola, bem como o envolvimento da comunidade num evento organizado pela escola, tendo à frente a equipe gestora e os pais representantes, aqui nomeados como Círculo de Pais e Mestres (CPM). Alguns estranhamentos: por que fazer uma festa junina no turno da noite, com banda? Cobrança do ingresso para a festa? O consumo de bebida alcoólica? E o ministério público fiscaliza? As apresentações de todas as turmas, desde a educação infantil até o 9º ano é para garantir o comparecimento das famílias?

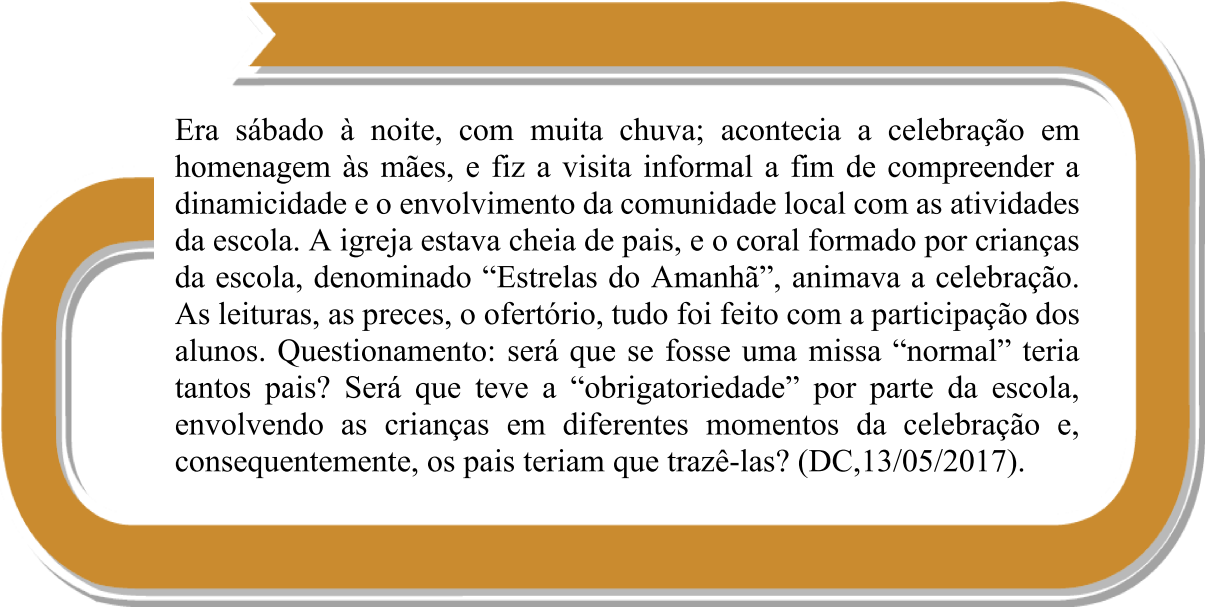
Na pesquisa etnográfica, a descrição e a indução também são características importantes. Dados descritivos são utilizados para situações; pessoas; ambientes; depoimentos; diálogos. Esses dados são reconstruídos em forma de palavras ou transcrições literais. (ANDRE, 2012). Para a autora, a pesquisa etnográfica busca:

A formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a sua testagem. Para isso, faz uso de um plano de trabalho aberto e flexível, em que os focos da investigação vão sendo constantemente revistos, as técnicas de coleta, reavaliadas, os instrumentos, reformulados e os fundamentos teóricos, repensados. O que esse tipo de pesquisa visa é a descoberta de novos conceitos, novas relações, novas formas de entendimento da realidade. (ANDRE, 2012, p. 30).

Segundo Fonseca (1998, p. 66), para viabilizar essa passagem entre a experiência de campo e as interpretações analíticas, para dar corpo a este elo perdido, desdobra-se o “método etnográfico” em cinco etapas: 1) estranhamento; 2) esquematização (dos dados empíricos); 3) desconstrução (dos estereótipos preconcebidos); 4) comparação (com exemplos análogos tirados da literatura antropológica); e 5) sistematização do material em modelos alternativos. Fonseca (1998) também defende que não se pode prever se o modelo construído é “a chave de compreensão” ou sequer relevante quando se lida com casos específicos. Deve-se trabalhar como hipótese a ser testada ao lado de outras hipóteses. Serve para oferecer uma alternativa, para abrir o leque de interpretações possíveis, não para fechar o assunto ou criar novas fórmulas dogmáticas.

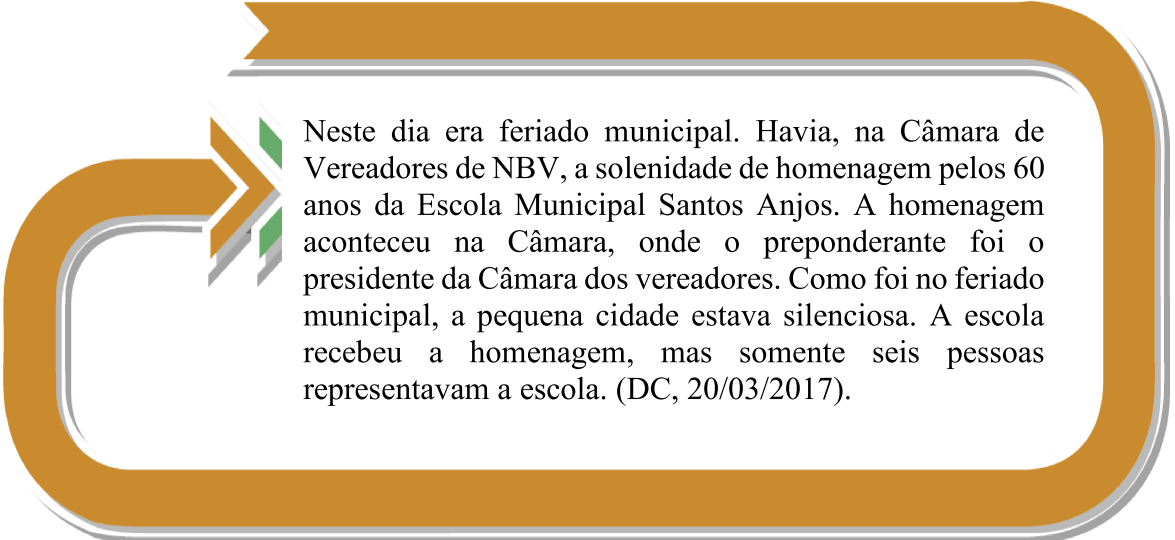
Ao cruzar dados, comparar diferentes tipos de discurso, confrontar falas de diferentes sujeitos sobre a mesma realidade, constrói-se a tessitura da vida social em que todo valor, emoção ou atitude está inserida. Sem esses recursos, é fácil o pesquisador descambar para uma visão simplificada da realidade em que, por exemplo, o informante é visto como sendo “falso” ou “verdadeiro”. Quando existe uma empatia entre os dois, o pesquisador chega a quase entregar ao seu interlocutor a tarefa analítica. Transcreve as palavras deste como sendo a versão definitiva da realidade. (FONSECA, 1998, p. 64).

Fonseca (1998) afirma que é na ambição de mergulhar em situações estranhas que o etnógrafo passa a ter a esperança de conhecer seu próprio universo simbólico. Ao reconhecer que existem outros “territórios”, ele enxerga com maior nitidez os contornos e limites históricos de seus próprios valores. Completando o processo com a volta para casa, alcança a reflexividade almejada. Conhecer esses outros territórios é importante, a fim de perceber o contexto do campo empírico. Estar atento às variáveis relacionadas ao ambiente físico, às pessoas, aos comportamentos. Foi isso que procurei fazer, como se constata neste fragmento:



Era sábado à noite, com muita chuva; acontecia a celebração em homenagem às mães, e fiz a visita informal a fim de compreender a dinamicidade e o envolvimento da comunidade local com as atividades da escola. A igreja estava cheia de pais, e o coral formado por crianças da escola, denominado “Estrelas do Amanhã”, animava a celebração. As leituras, as preces, o ofertório, tudo foi feito com a participação dos alunos. Questionamento: será que se fosse uma missa “normal” teria tantos pais? Será que teve a “obrigatoriedade” por parte da escola, envolvendo as crianças em diferentes momentos da celebração e, conseqüentemente, os pais teriam que trazê-las? (DC,13/05/2017).

Outra situação que experienciei foi a homenagem da Câmara de Vereadores à Escola:



Neste dia era feriado municipal. Havia, na Câmara de Vereadores de NBV, a solenidade de homenagem pelos 60 anos da Escola Municipal Santos Anjos. A homenagem aconteceu na Câmara, onde o preponderante foi o presidente da Câmara dos vereadores. Como foi no feriado municipal, a pequena cidade estava silenciosa. A escola recebeu a homenagem, mas somente seis pessoas representavam a escola. (DC, 20/03/2017).

Estranhei a pouca participação das famílias, estudantes, até mesmo os funcionários na homenagem da escola. Não havia representação estudantil; estavam a diretora, a vice-diretora, uma professora, um funcionário. Estranhei a pouca participação da comunidade escolar. Portanto, há uma contradição, pois no relato dos moradores (as) é evidenciado a participação das famílias, a participação da comunidade. Enfim, era um feriado, será que isso proporcionou com que a comunidade não participasse? Enfim, ficou o estranhamento.

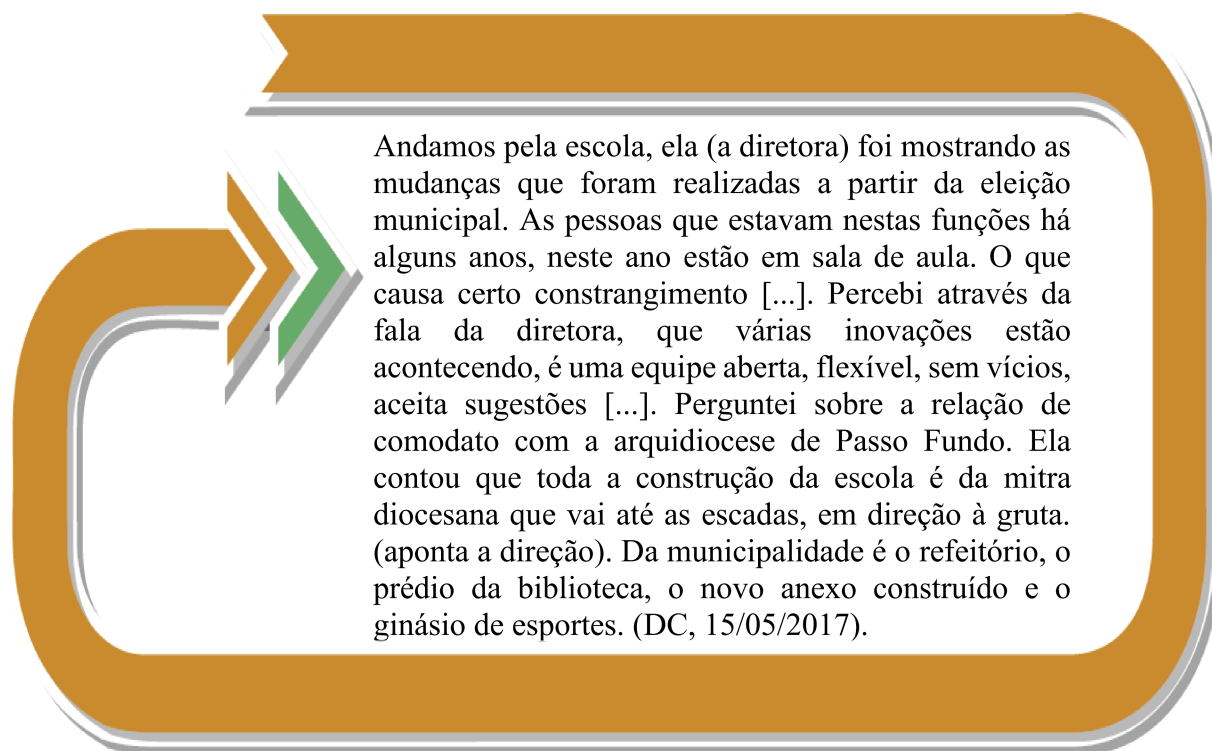
Como pesquisadora, sempre precisei manter uma constante atitude de vigilância para detectar e avaliar o peso das preferências pessoais, filosóficas, religiosas e políticas no decorrer da observação. Tentei capturar o sentido dos gestos, das expressões não verbais, das cores, dos sons, entre outros.

Tive necessidade de retomar uma das etapas abordadas por Fonseca (1998), que é o estranhamento e a desconstrução de estereótipos preconcebidos, e os pressupostos epistemológicos propostos por Sarmiento (2000), com a intencionalidade de realizar uma pesquisa etnográfica. Segundo o autor, o primeiro pressuposto epistemológico é o da singularidade; postula que não pode haver uma ciência das dinâmicas da ação em contexto escolar que não seja uma ciência das singularidades, das diferenças, das infinitas variações dentro de um campo de possibilidades, da emergência do inesperado, do fluido e do ambíguo.

Uma implicação deste primeiro pressuposto é a recusa tanto da explicação causal, quanto da definição de critérios universais de verdade. O segundo pressuposto epistemológico é o do interpretativo crítico: o centro do esforço interpretativo dirige-se para os sistemas de interpretações gerados (e geradores) da ação pelos atores sociais. O esforço de ouvir é eminentemente interativo e, neste ouvir, no outro estão às condições de uma “ciência mais humana”.

O terceiro pressuposto epistemológico é o da natureza eminentemente linguística da investigação interpretativa da ação. Esse pressuposto decorre imediatamente do anterior, e a interpretação faz-se no quadro de interações comunicativas, as quais utilizam a linguagem verbal como material primeiro de realização. Isso não significa menor atenção a gestos, objetos, comportamentos não verbais, indícios físicos e materiais dos contextos da ação. Pelo contrário, são elementos determinantes na compreensão do funcionamento e da dinâmica das organizações. Mas a escuta da significação atribuída pelos atores sociais a esses índices, quando verbalizada, mesmo se essa verbalização constitui uma racionalização *a posteriori*, é um componente indissociável do diálogo interpretativo.

O quarto pressuposto proposto por Sarmiento é o da reflexividade metodológica. Em todas as investigações que se fazem sob o paradigma interpretativo, o investigador é o primeiro instrumento da coleta e análise da informação. O conceito de reflexividade metodológica tem o interesse de lembrar que todo o trabalho investigativo é uma construção com implicação de investigador. Não se trata de uma transposição imediata e linear da realidade; sobre ela são feitos cortes, seleções. Nela há pontos de luz particularmente pregnantes para a atenção do investigador, bem como há pontos cegos. “A reflexividade metodológica é o momento em que se interroga o sentido do que se vê, e por que se vê, e se acrescenta o escopo do campo de visão a um olhar-outro, coexistente do investigador” (SARMENTO, 2000, p.146-151). E, nessa experiência, procurei identificar os pontos de luz, os pontos cegos da realidade do outro, o que exigiu a habilidade de ouvir com atenção e compreender as intencionalidades de cada fala, com o objetivo de identificar e compreender as mudanças propostas pela nova gestão municipal, sem ser muito evasiva.



Nesta visita informal, fica visível o terceiro pressuposto de Sarmiento, o qual cita a linguagem verbal e a linguagem não verbal, elementos que se destacam e provocam o rigor da reflexividade, sem deixar-se abater emocionalmente pela situação. Portanto, parece fácil reconhecer a pesquisa qualitativa, mas destacar dela a etnografia é uma tarefa que exige olhos exigentes e perspicazes. Entretanto, as metodologias ou os procedimentos não qualificam ou

desqualificam uma pesquisa; o que o faz é a rigorosidade, o compromisso, a relevância científica e social, a capacidade do pesquisador em proceder e comunicar aquilo que fez e o que resultou do seu fazer científico.

A etnografia, como as demais abordagens de pesquisa, pertence a um campo teórico-epistemológico que precisa ser compreendido para que possa ser utilizado pelo pesquisador. No campo da socioantropologia e/ou da sociologia da educação, podemos afirmar que existe uma atração entre as áreas de exclusão social e as pesquisas etnográficas, isto é, o “etnos”, que é um radical grego que significa o outro, escrever sobre o outro, mas na perspectiva dele. (MATTOS, 2011, p. 35).

Conforme Mattos (2011), fazer etnografia é dar voz a uma minoria silenciosa; é caminhar em um mundo desconhecido; é abrir caminhos passando das contingências para a autodeterminação, para inclusão na escola, na vida social, no mundo da existência solidária e cidadã. Fazer etnografia é perceber o mundo estando presente no mundo do outro.

O método etnográfico forma-se num processo lento, longo e trabalhoso de acesso às inúmeras camadas interpretativas da vida social, e que conforma os fenômenos culturais na qual a vida social se apresenta para seus protagonistas. Estranhamento e relativização foram conceitos cunhados na tradição do pensamento antropológico na tentativa de dar conta dos processos de transformação de olhar o outro, o diferente, desde os deslocamentos necessários do olhar do antropólogo sobre si e sua cultura, o igual. (ECKERT; ROCHA, 2008).

2.1. Dialogar

Geertz é representante de uma linha simbólica que acredita que a cultura deve ser entendida a partir da compreensão de um conjunto unificado de sistemas que compõem a vida do homem, como o mito, a religião, a arte, a escrita, a comunicação, a moda, os hábitos sociais. E, a partir do entendimento de seus significados, de ações e de suas inter-relações, pode-se compreender o que é cultura.

O conceito de cultura que eu defendo [...] é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado. É justamente uma explicação que eu procuro, ao construir expressões sociais enigmáticas na sua superfície. (GEERTZ, 1978, p. 4).

A cultura deriva da capacidade e necessidade que o homem possui de aprender e de compartilhar com seu grupo de convivência os significados atribuídos às suas experiências de vida. A respeito disso, Geertz (1978), antropólogo norte-americano, afirma:

Não dirigido por padrões culturais – sistemas organizados de símbolos significantes, o comportamento do homem seria virtualmente ingovernável, um simples caos de atos sem sentido e de explosões emocionais, e sua experiência não teria praticamente qualquer forma. A cultura, a totalidade acumulada de tais padrões, não é apenas um orçamento da experiência humana, mas uma condição essencial para ela – a principal base de sua especificidade. (GEERTZ, 1978, p. 58).

Morin (1991) entende que tradição, educação e linguagem são constituintes nucleares da cultura e formam em conjunto os ídolos da sociedade (tribos). Dessa forma, “cultura e sociedade encontram-se em relação geradora mútua” (p. 13) e, nesta relação, ocorrem interações entre indivíduos, sendo eles próprios portadores e transmissores de cultura; essas interações, portanto, regeneram a sociedade, que regenera a cultura.

Os conceitos de cultura, identidades, colonização, comunidades e gestão democrática nortearam esta pesquisa desde o seu início. Por essa razão, percebi a necessidade de apresentar esta discussão conceitual. Para cultura e identidades, estabeleci diálogo com Warnier (2003), Morin (2002), Botelho (2001), Bauman (2003; 2007), Geertz (1978, 1989), Matos (2013), Chauí (1995), Timm (2013) e Sawaia (2007).

Chauí chama a atenção para a necessidade de alargar o conceito de cultura, tomando-o no sentido de invenção coletiva de símbolos, valores, ideias e comportamentos, de modo a afirmar que todos os indivíduos e grupos são seres e sujeitos culturais (1995, p. 81). O patrimônio cultural imaterial, os modos de fazer, a tradição oral, a organização social de cada comunidade, os costumes, as crenças e as manifestações da cultura popular que remontam ao mito formador de cada grupo são valorizados.

A cultura é uma totalidade complexa feita de normas, de hábitos, de repertórios de ação e de representação, adquirida pelo homem enquanto membro de uma sociedade. Toda cultura é singular, geográfica ou socialmente localizada, objeto de expressão discursiva em uma língua dada, fator de identificação dos grupos e dos indivíduos e de diferenciação diante dos outros, bem como fator de orientação dos atores, uns em relação aos outros e em relação ao seu meio.

Toda cultura é transmitida por tradições reformuladas em função do contexto histórico. As culturas são feitas de práticas e de crenças religiosas, educativas, alimentares, artísticas, lúdicas. Elas concernem também às regras de organização da família, do parentesco e dos grupos políticos. As práticas e as crenças ligadas ao corpo, à saúde e à doença têm um lugar

importante na cultura. Para transmiti-las, assimilá-las, é preciso tempo, muito tempo. (WARNIER, 2003, p. 23-24).

O conhecimento está na cultura, assim como a cultura está no conhecimento, considerando que ela fornece ao pensamento “as suas condições de formação, de concepção, de conceitualização. Ela impregna, modela e, eventualmente dirige os conhecimentos individuais” (MORIN, 1991, p. 24-25). Assim, a cultura é coprodutora da realidade observada e concebida por cada um. As nossas percepções estão sob controle, não só de constantes psicológicas e fisiológicas, mas também de variáveis culturais e históricas.

O autor afirma que “os homens de uma cultura, pelo seu modo de conhecimento produzem a cultura, que produzem o seu modo de conhecimento. A cultura gera os conhecimentos que regeneram a cultura” e que o “conhecimento depende de múltiplas condições socioculturais e, em retorno, condiciona essas condições”. (MORIN, 2002, p. 26).

Botelho (2001, p. 2) ressalta:

Cultura é definida como um sistema de signos e significados criados pelos grupos sociais. Ela se produz através da interação social dos indivíduos, que elaboram seus modos de pensar e sentir constroem seus valores, manejam suas identidades e diferenças e estabelecem suas rotinas.

Não há cultura-tradição que não seja ligada a uma dada sociedade, histórica e geograficamente situada. Uma cultura não pode viver ou transmitir-se independentemente da sociedade que a alimenta. Reciprocamente, não há nenhuma sociedade no mundo que não possua sua própria cultura. É aí que a cultura é socializada. (WARNIER, 2003, p. 13).

Nesse sentido, Bauman (2007) afirma: “Não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. As nações modernas são, todas, híbridos culturais”. Deve-se levar em consideração que o indivíduo está em constante busca de conhecimentos e, para isso, aberto à aquisição de conhecimento, informação, uma nova ideia, e essas aquisições do “mundo exterior” podem, segundo Morin (2002, p. 26), “modificar uma cultura, transformar uma sociedade, mudar o curso da história”. Dessa forma, pode-se considerar que, se o conhecimento está extrinsecamente e intrinsecamente relacionado aos processos culturais, ele está sempre em constantes transformações. E essas transformações culturais são concebidas dentro do contexto sócio-histórico em que elas transformam e serão transformadas. A cultura é, pois, condição para a existência humana. O contexto social é formado por um conjunto de signos que são interpretados e aceitos pelos atores sociais, definindo a cultura de uma sociedade. Uma das formas de dominação mais difícil de detectar é

a dominação cultural (cultura, no seu sentido mais amplo, é todo agir humano). Delimita-se aqui o sentido de cultura como sendo um conjunto de relações entre pessoas ou grupos que se sedimentaram, que, de certa forma, se cristalizaram, de tal modo que, em alguns casos, passam a ser pensadas e tratadas como se fizessem parte da própria natureza das pessoas e das coisas. Muitas vezes, essas relações cristalizadas são assimétricas, desiguais, e dá-se o fato de existirem em determinadas circunstâncias, relações de dominação cultural. (SAWAIA, 2007, p. 93).

Diferente dos sentidos de cultura explicitados, cultura como a mistura de características relacionadas às origens de uma pessoa, seus costumes, suas práticas e suas vivências, Sawaia defende que não existem homens cultos ou incultos, nem homens com muita ou pouca cultura, como normalmente se diz.

Os documentos que os historiadores analisam se configuram numa seleção especial das informações mais importantes sobre um determinado assunto. E, como toda seleção, acaba por excluir outros elementos. Porém, esses outros elementos têm um valor que, frequentemente, exigirá outros lugares na História. Nesse contexto, a fala é um dos primeiros “locais” de pesquisa. É a forma de saber onde obter as primeiras informações. E é também onde se recorre quando uma informação não se encontra registrada de forma escrita. A oralidade indica caminhos possíveis, interpretações possíveis e formas distintas de construir uma visão sobre o mesmo fato. Podem, para uns, significar conjunto de elementos aleatórios e subjetivos. É nesses elementos, que englobam maneira de falar, palavras específicas, seleção dos acontecimentos, expressões, etc., que é possível a percepção mais apurada sobre os significados existentes de uma memória coletiva.

Portanto, existem elementos que permanecem no imaginário da população e que compõem uma identidade cultural. Nesse caso, elementos que não são palpáveis, que não dizem respeito a monumentos arquitetônicos, por exemplo, são aspectos que fazem parte de uma esfera imaterial da cultura. O Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial é um instrumento de preservação nacional dessa esfera. Esse registro se estabelece em um ou mais destes livros: Livro de Registro dos Saberes, Livro de Registro das Celebrações, Livro de Registros das Formas de Expressão, Livro de Registros de Lugares¹¹.

Entretanto, ainda há aspectos desta cultura imaterial que não são registrados e talvez nunca sejam. Justamente por não serem elementos que devem ser destacados e registrados como memória oficial ou como “cultura oficial” de uma sociedade. Esses elementos são os esquecidos. São aqueles que apenas uma parcela da população preserva, de forma muito sutil.

¹¹ Revista IPHAN. Cultura Imaterial. Informativo, 2012, p. 23.

Nesse caso, a “memória esquecida” se mantém apenas como uma atmosfera que paira sobre a sociedade, que é presente sem ser considerada importante, se constituindo numa parte da história quase intocada.

O tipo de memória que a cultura imaterial preserva não faz referência a uma verdade pura, a um fato da forma que aconteceu, ou de um passado verídico que insiste em estar presente através do monumento, mas a aspectos deste passado que se modificaram sem perder a essência e que, no desdobramento do tempo, adquirindo nuances também modernas, caracterizam uma coletividade, construindo sua identificação. Dessa forma, não é apenas o registro escrito que identifica essa sociedade; muitas vezes, o que a identifica é o que os indivíduos falam sobre ela e que, na maioria dos casos, não é um consenso muito bem estabelecido como o registro parece apontar.

Falar em oralidade nesse contexto remete à imigração e colonização alemã. Falar um dialeto gera aproximação, interatividade, conectividade. A oralidade é um lugar de inconstância devido à contínua construção. É o lugar da invenção, da alteração, do acréscimo, da violação e do testemunho. E é nesse lugar que se encontram elementos há muito perdidos, que quase sempre permanecem apenas na memória da população e que, por terem sido ocasionalmente ou propositalmente esquecidos, são mais difíceis de sobreviver. Nesse caso, os elementos quase perdidos se associam às pessoas que ainda os preservam, acrescentando-lhes valor histórico. Faz perceber que todos os elementos que compõem uma identidade dependem primeiramente daquele que os propaga e depois das circunstâncias de preservação ao qual são submetidos.

Apesar das particularidades de cada fala e suas diversificações, o que é amplamente discutido, a fala histórica consiste na explicação, caracterização e formação não só de um lugar específico, mas de uma personalidade coletiva. Essa personalidade coletiva é quem indica os elementos-bases de uma sociedade, as marcas acumuladas ao longo do tempo, a forma como as mudanças se estabelecem e, acima de tudo, o modelo de funcionamento civilizacional que passou a ser construído e que em cada lugar se torna peculiar.

As manifestações folclóricas, como danças e ritos, por exemplo, antes de serem preservadas pelos registros, foram ensinadas através da oralidade e da demonstração, aprendizado este que foi sendo passado, durante muito tempo, de geração em geração. A história contada sobre lendas, fatos, festividades ou até mesmo sobre a formação de determinadas localidades, geralmente é reflexo da visão que a população tem de determinado lugar e sobre si mesma. E não raro, é o que o povo entende como história da sua tradição, que deve ser preservada, pois ele se identifica com ela. Quando essa identificação se torna

recorrente e ganha notoriedade, dentre outras razões, essa tradição passa a ser considerada oficialmente parte da história do lugar.

Devido a isso, na construção de uma identidade cultural, a maioria dos elementos que a compõem se expressam primeiramente na oralidade, depois é que passam a ser escritos, documentados, registrados e guardados. Assim, inicia-se a distinção entre aquilo que foi documentado e o que não foi. Como se dá essa escolha? Quem faz essa escolha? A identidade cultural pode ser formada pelo coletivo e os elementos que a compõem, que, oficialmente, devem ser os de maior destaque e os de maior ênfase da essência de uma cultura.

Timm (2013) afirma que a identidade pode mudar de acordo como o sujeito é interpretado. Tradições, costumes e língua podem contribuir na (re) construção da identidade, pois nossa identidade pode ser formada tanto por características pessoais, como por características do grupo em que estamos inseridos. Com os imigrantes italianos e alemães não seria diferente. Quando eles vieram para o Brasil, trouxeram uma bagagem que os diferenciava dos aqui nascidos; no entanto, a convivência com os brasileiros fez com que essa bagagem pudesse se constituir com novas aprendizagens.

De acordo com Warnier (2003), a noção de identidade encontra um sucesso crescente no campo das ciências sociais desde a década de 1970. O autor reforça que Denys Cuche (1996) observa que essa noção teve numerosas definições e reinterpretações. A identidade é definida como um conjunto dos repertórios de ação, de língua e de cultura que permitem a uma pessoa reconhecer sua vinculação e acerto em um grupo social e identificar-se com ele. Mas a identidade não depende somente do nascimento ou das escolhas realizadas pelos sujeitos.

No campo político das relações de poder, os grupos podem fornecer uma identidade aos indivíduos. No entendimento de Warnier (2003, p. 17),

[...] estas observações permitem compreender que seria talvez mais pertinente falar-se de identificação ao invés de identidade, e que a identificação é contextual e flutuante. No quadro da globalização da cultura, um mesmo indivíduo pode assumir identificações múltiplas que mobilizam diferentes elementos de língua, de cultura, de religião, em função do contexto.

Na fluidez do discurso, encontra-se a construção e a desconstrução de identidades. O que foi dito pode passar a ser esquecido, e o esquecido pode retornar e fazer parte de uma história presente. A oralidade é uma forma de preservação, que inclui o olhar da sociedade sobre seus diversos aspectos, colecionando detalhes que fazem profunda diferença em um relato. Os saberes que são transmitidos pela oralidade estabelecem um nível de proximidade entre as

pessoas, pois aquele saber não é algo distante, dado por uma instituição ou outra; é algo comum, que se fala e que se passa adiante.

Enfim, a oralidade e os seus produtos são parte do patrimônio imaterial de uma sociedade, pois também é um bem que aquelas pessoas possuem no meio em que constroem e perpetuam sua própria cultura. O patrimônio de uma sociedade inclui sua oralidade, pois ela contribui para a perpetuação da História que a estuda e é, portanto, forma de afirmação de suas próprias identidades.

Para o conceito epistemológico “colonização”, estabeleci diálogo com Sawaia (2007), Kreutz (2004), Luchesi (2011), Timm (2013). A pesquisa de Timm (2013) teve o intuito de compreender a relação escola-comunidade no contexto da italianidade na antiga região de imigração italiana no Rio Grande do Sul, buscando identificar essa relação no processo escolar da imigração italiana, bem como analisar os conceitos de cultura, identidade, comunidade, etnicidade e memória. A fim de aprofundar conhecimentos sobre a imigração italiana, que é muito similar com os imigrantes alemães, citei Kreutz (2004) e Luchesi (2011).

Em relação à estrutura organizada dentro desta região, no que se refere aos imigrantes alemães, Kreutz (2004) afirma:

Alguns países europeus vinham, desde o fim da Idade Média, experimentando a organização de núcleos agrários com variedade de disposição, mas sempre sob o princípio de que, para um determinado número de colonos, se dispusesse de um centro (vila) com a infraestrutura de artesanato, comércio e atendimento religioso-escolar fundamental. As formas de disposição desses núcleos variaram, mas uma das mais consagradas pela prática foi a de – espinha de peixe, onde um travessão central se ligava transversalmente aos lotes, sendo que normalmente o travessão era planejado ao longo de um curso de água de modo que as casas e benfeitorias ficassem próximas ao mesmo. Era comum que os lotes tivessem uma testada de 200 metros ao longo dos caminhos ou linhas. O comprimento dependia da topografia. E, na medida do possível, cada lote deveria ter acesso ao curso de água. O mais importante era o núcleo para o qual convergia todo o travessão. Esse núcleo deveria ter as condições básicas para a integração dos habitantes da área ou, como se dizia, para o desenvolvimento comunitário. A partir desses núcleos, foram surgindo às vilas e sedes distritais. (KREUTZ, 2004, p. 94-95).

Para Timm (2013) afirma que cada núcleo colonial se denominava de picada, linha ou comunidade; no caso, utilizei sempre o termo comunidade. Na compreensão de Sawaia (2007), comunidade tornou-se um conceito capaz de abarcar qualquer perspectiva de prática profissional, contanto que realizada fora de consultórios e instituições, permitindo seu uso demagógico no discurso político neoliberal para designar o compromisso com o povo e a união do povo, ou, ainda, no discurso dos que se arvoram de inventores da sociedade ou defensores da pureza étnica e cultural.

Embora haja diferentes modos de pensar sobre o conceito de comunidade e, conseqüentemente, muitos outros autores tratem do assunto, estabeleci diálogo com Bauman (2003) Sawaia (2007), Kreutz (2004), Timm (2013), Luchese (2011), Campos (2016) e Elias (1994). Conforme Bauman, as palavras têm significado, e algumas delas até guardam sensações. A palavra “comunidade” é uma delas, sugere uma coisa boa. O que quer que “comunidade” signifique, é bom “ter uma comunidade”, “estar numa comunidade”.

O conceito “comunidade” provoca sua interpretação polissêmica pelos diferentes contextos, locais, lugares e situações em que é empregado. Pode-se entender comunidade como diferentes grupos sociais, moradores de um bairro, uma comunidade virtual, um condomínio, enfim, são várias possibilidades. (BAUMAN, 2003).

Comunidade aparece, atualmente, como a utopia do final do século para enfrentar o processo de globalização, considerado o grande vilão da vida comum e solidária. Uma utopia reacionária, saudosista, que, em vez de orientar ações voltadas ao futuro, remete ao passado, como uma espécie de lamento. Aliás, é possível notar que toda utopia propõe modelos de comunidade como arquétipo de situação ideal, que teria ocorrido nos primórdios da humanidade e que o homem perdeu. Um lugar cujos habitantes inclinam-se ao bem, naturalmente, portanto, onde se atinge a perfeição e não há o que mudar. Todavia, a comunidade pode ser o lugar da dominação, da segregação racial e cultural, da formação de guetos, de grupos estritamente fechados.

Para Bauman (2003), “comunidade” produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” carrega — todos eles prometendo prazeres e, no mais das vezes, as espécies de prazer que se gostaria de experimentar, mas que não se alcança mais. Para começar, a comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É como um teto que abriga da chuva pesada, como uma lareira diante da qual se esquentam as mãos num dia gelado.

Lá fora, na rua, toda sorte de perigo está à espreita; temos que estar alertas quando saímos prestar atenção com quem falamos e a quem nos fala, estar de prontidão a cada minuto. Aqui, na comunidade, podemos relaxar — estamos seguros, não há perigos ocultos em cantos escuros (com certeza, dificilmente um “canto” aqui é “escuro”). Numa comunidade, todos nós entendemos bem, podemos confiar no que ouvimos, estamos seguros a maior parte do tempo e raramente ficamos desconcertados ou somos surpreendidos. (BAUMAN, 2003, p. 9).

Para conceituar comunidade, Bauman (2003) utiliza os termos segurança, relaxar, confiar, contar com a boa vontade, ajudar uns aos outros a obter ajuda. Ele afirma que, em relação à palavra comunidade, o que ela evoca é tudo aquilo de que se sente falta e de que se

precisa para viver seguros e confiantes. Nesse sentido, Elias (1994, p. 67), em “A sociedade dos indivíduos”, trata diversas vezes da vida em grupo, atribuindo alguns termos ao conceito de comunidade: vida em comum; sociedade de indivíduos; saberes incorporados pelo grupo do qual se faz parte; uma pessoa que se forma na relação com o outro.

Bauman (2003, p. 10) esclarece os sentidos de comunidade:

Não é só a “dura realidade”, a realidade declaradamente “não comunitária” ou até mesmo hostil à comunidade, que difere daquela comunidade imaginária que produz uma “sensação de aconchego”. Essa diferença apenas estimula a nossa imaginação a andar mais rápido e torna a comunidade imaginada ainda mais atraente. A comunidade imaginada (postulada, sonhada) se alimenta dessa diferença e nela viceja. O que cria um problema para essa clara imagem é outra diferença: a diferença que existe entre a comunidade de nossos sonhos e a “comunidade realmente existente”: uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, o sonho realizado, e (em nome de todo o bem que se supõe que essa comunidade oferece) exige lealdade incondicional e trata tudo o que ficar aquém de tal lealdade como um ato de imperdoável traição.

Para o autor, viver em comunidade é um privilégio pelo qual se paga um preço.

O preço é pago em forma de liberdade, também chamada “autonomia”, “direito à autoafirmação” e “à identidade”. Qualquer que seja a escolha, ganha-se alguma coisa e perde-se outra. Não ter comunidade significa não ter proteção; alcançar a comunidade, se isto ocorrer, poderá em breve significar perder a liberdade. A segurança e a liberdade são dois valores igualmente preciosos e desejados que podem ser bem ou mal equilibrados, mas nunca inteiramente ajustados e sem atrito. De qualquer modo, nenhuma receita foi inventada até hoje para esse ajuste. O problema é que a receita a partir da qual as “comunidades realmente existentes” foram feitas torna a contradição entre segurança e liberdade mais visível e mais difícil de consertar. (BAUMAN, 2003, p. 17).

Devido à diversidade de significado e ao uso demagógico da palavra comunidade, é preciso refletir sobre esse conceito, nas suas múltiplas significações e esclarecer o enfoque adotado sob pena de cometer falhas e interpretações falsas, especialmente hoje, quando a maioria dos profissionais da saúde e das ciências humanas, dizem estar trabalhando nas e com as comunidades (SAWAIA, 2007).

Em ambas as perspectivas, comunidade aparece como utopia que remete ao passado, com significado reacionário, cujo protótipo é a família, encontrando sua expressão simbólica na religião, nação, raça, profissão e nas cruzadas. Sua delimitação pode ser local ou global, pois o que importa é a comunhão de objetivos, a condição de continuação no tempo, o engajamento moral, a coesão e a coerção social. Na obra “Comunidade: a apropriação científica de um conceito tão antigo quanto à humanidade”, Sawaia enfatiza algumas ideias como fundamentais à comunidade:

Comunidade abrange todas as formas de relacionamento caracterizado por um grau elevado de intimidade pessoal, profundidade emocional, engajamento moral [...] e continuado no tempo. Ela encontra seu fundamento no homem visto em sua totalidade e não neste ou naquele papel que possa desempenhar na ordem social. Sua força psicológica deriva duma motivação profunda e realiza-se na fusão das vontades individuais, o que seria impossível numa união que se fundasse na mera conveniência ou em elementos de racionalidade. A comunidade e a fusão do sentimento e do pensamento, da tradição e da ligação intencional, da participação e da volição. O elemento que lhe dá vida e movimento é a dialética da individualidade e da coletividade. (SAWAIA, 2007, p. 50).

Nessa perspectiva, comunidade apresenta-se como dimensão temporal/espacial da cidadania, na era da globalização, portanto, espaços relacionais de objetivação da sociedade democrática (plural e igualitária). No entender de Sawaia (2007, p. 89), é questão, agora, de “examinar, para cada caso específico, o tipo de relação existente e, conseqüentemente, ver de que tipo de grupo se trata”.

Essa não é, evidentemente, uma tarefa fácil. É necessária muita observação, argúcia e paciência. Muitas vezes as relações são mais latentes que manifestas, mais disfarçadas que evidentes. O discurso, muitas vezes, é o contrário da prática. Para se detectar as relações, usam-se todos os instrumentos de pesquisa necessários: observação, entrevistas, pesquisa participante, questionários, enfim, todo tipo de procedimento que possa revelar a “vida social”, esta vida que se constrói nas e pelas relações: e se é “vida”, é sempre dinâmica, sempre em transformação.

Fica claro também que as relações podem ser diferentes, até mesmo contraditórias, dependendo do momento. Desse modo, é importante ver quais são as que mais se manifestam, a intensidade com que se mostram sua abrangência e generalização.

Torna-se evidente, ainda, que é extremamente difícil, senão impossível, quantificar essas relações. Elas devem ser vistas em escalas mais ou menos gerais, mais ou menos intensas, mais ou menos fixas, em especial quando esse conceito é abordado em comunidades de pequenos municípios, neste caso o município em estudo.

Kreutz refere-se à estrutura das comunidades alemãs e tece uma comparação com os imigrantes italianos e poloneses:

Os resultados dessa estrutura física, favorecendo a integração em comunidades florescentes econômica, religiosa e socioculturalmente, foi se tornando de uso geral, orientando também a fundação das colônias italianas e polonesas e acompanhando os colonos do Rio Grande do Sul na sua expansão para outros estados brasileiros e países, como o Paraguai e Argentina. (KREUTZ, 2004, p. 96).

Conforme Timm (2013), os imigrantes alemães contribuíram para a formação de outras comunidades, para a organização de outros imigrantes. As comunidades descritas por Kreutz eram ocupadas por uma média de 80 a 130 famílias por lote. As maiores chegavam a 170 famílias, com espaço suficiente para o sustento da família, consideradas comunidades rurais. Depois, com interesse da Igreja, a intenção era favorecer a formação de comunidades pela homogeneidade étnica e religiosa.

De acordo com Kreutz (2004), havia um zelo muito grande dos próprios colonos pela criação de condições físicas (proximidade) e sociais (número de pessoas) apropriadas para se estabelecerem as interações econômicas, sociais e culturais de uma comunidade rural.

O centro da organização física de uma comunidade rural era a vila, planejada para concentrar a administração, o comércio, as atividades artesanais, e especialmente a escola e igreja (tendo um cemitério anexo) e, mais recentemente, também um salão de festas. Na vila, havia uma função muito especial para a venda, isto é, para a casa comercial. O comerciante era o elo entre o colono e o mundo externo, trazia a correspondência, os jornais e as notícias. Era por meio do comerciante que o colono encaminhava uma possível poupança aos bancos. (KREUTZ, 2004, p. 98-99).

No que diz respeito à estrutura da comunidade, Kreutz (2004) afirma que, em alguns países europeus, desde o fim da Idade Média, os imigrantes vinham organizando formas que contemplassem as condições básicas para a integração dos habitantes da área, ou, como diziam, para o desenvolvimento comunitário.

Nesse sentido, erigiram-se estruturas de forma a deixar pontos convergentes de acesso, como escola, igreja, comércio, salão de festas e cemitério ao centro da respectiva localidade, para que todos os moradores estivessem mais próximos das instâncias comunitárias. “O resultado dessa estrutura física favorece a integração em comunidades florescente econômica, religiosa e socioculturalmente, o que foi se tornando de uso geral, orientando também a fundação das colônias italianas”. (KREUTZ, 2004, p. 96). A partir disso, é interessante ressaltar que:

Quando falo em colônia alemã, entendo o conjunto dos núcleos rurais (comunidades) fundadas e habitadas por imigrantes alemães e seus descendentes. E quanto à opção por *núcleo rural ou comunidade rural*, levo em conta que a tradição mais forte, consagrada na literatura teuto-brasileira e ainda hoje comum, é e foi o emprego da expressão *comunidade rural*. [...]. Tenho preferência pelo termo comunidade por me parecer mais afim e explicitativo do Projeto Católico junto aos teuto-brasileiros na área rural e por ser a expressão mais consagrada na tradição e no uso regional entre os católicos de descendência alemã. No entanto, não desconhecendo o sentido relativo do termo comunidade, referido a esses núcleos rurais e sendo um dos objetivos desta pesquisa detectar também elementos arbitrários e autoritários paradoxalmente presentes numa aparente e propalada representação comunitária, farei uso dos termos *comunidade rural* e *comunitário*, mas fazendo-os acompanhar do sinal significativo

da ressalva, pois, ainda que não seja o objetivo específico da investigação, o tema nos reporta seguidas vezes à questão das representações comunitárias. Trata-se de elementos importantes para se entender, no contexto de hoje, o renascimento das representações comunitárias novamente na esfera religiosa e político-social, incentivando-se comunidades eclesiais de base, erigindo-se governos democráticos e comunitários, formando-se uma mística do comunitário como via de solução e salvação quase universal. (KREUTZ, 2004, p. 23, grifo do autor).

Utilizei as palavras de Kreutz para descrever as escolhas da nomenclatura usada neste estudo ao se referir à organização da comunidade. É pertinente colocar que comunidade é, muitas vezes, erroneamente compreendida como um lugar totalmente pacífico, em que todos concordam com todos e em tudo. Comunidade engloba a questão de ser considerado um lugar calmo, onde pessoas com interesses comuns convivem, mas isso não significa que pensem e sejam iguais; pelo contrário, apresentam características e pensamentos distintos, enfim, discordam. Também é, portanto, lugar de tensionamentos, conflitos, brigas, permeado por ideias, ações e modos de viver diferentes.

Timm (2013) traz a pesquisa de Constantino (2008) intitulada “O italiano da esquina”, que mostra a relação comerciante-comunidade. Ao longo da pesquisa de Constantino, é interessante notar a importância dada ao comerciante, ao padre e ao professor, todos com responsabilidades importantes dentro da comunidade. A casa de comércio costumava ficar em localização central para facilitar o acesso de todos. O negociante ou o bodegueiro foi outro elemento importante na estrutura dessas comunidades coloniais, pois eram considerados segundo líder, animador da sociedade (em muitos casos); a venda sempre estava localizada ao lado das igrejas e/ou capelas e lá tinha tudo o que os imigrantes necessitavam.

O comerciante, que negociava os produtos para os colonos, era responsável pela questão financeira, logo, resolvia problemas de terras e hospitalizações. A escola e a igreja/capela surgiam tão logo se iniciava uma nova comunidade. A discussão sobre a construção das escolas ocorria, primeiramente, na igreja/capela e, depois, nos encontros domingueiros, em que se rezava o terço e se realizavam encontros com os conterrâneos. Em capítulo posterior, é possível visualizar a relação da escola com a construção da igreja/salão paroquial na cidade.

Timm (2013) enfatiza que os integrantes da comunidade auxiliavam uns aos outros. Sobre a construção da escola, a pessoa com maior influência assumia maior responsabilidade e os demais auxiliavam, cada qual contribuindo da forma que podia, sendo projetada dentro dos limites e das características existentes e de acordo com as disponibilidades de material do local.

Muitas das escolas foram organizadas pelos pais e pela comunidade, que criavam aulas, e o professor era pago para que ministrasse os conhecimentos básicos de leitura, escrita e cálculo. Essas iniciativas foram muito comuns no interior das colônias. Diversos foram os casos em que as famílias de imigrantes uniram-se para empreender, em mutirão, a construção da escola, geralmente uma pequena casa de madeira rústica, apesar de, nos primeiros tempos, as aulas terem funcionado na própria casa do professor ou na casa de alunos. (LUCHESE, 2011, p. 311).

Certamente, as relações nas e entre as comunidades foram perpassadas por relações de poder e dominação. É latente fazer aqui uma distinção entre "poder" e "dominação". (SAWAIA, 2007, p. 90). Pode-se definir "poder" como sendo a capacidade de uma pessoa, de um grupo, para executar uma ação qualquer ou para desempenhar qualquer prática. Nesse sentido, todas as pessoas têm algum poder, na medida em que "podem" fazer alguma coisa. Já "dominação" é definida como uma "relação" entre pessoas, entre grupos ou entre pessoas e grupos, através da qual uma das partes expropria, rouba, se apodera do poder (capacidade) de outros.

Por extensão, dominação é uma relação onde alguém, a pretexto de o outro possuir determinadas qualidades ou características (ser mulher, fazer parte de determinada etnia ou raça, ser jovem, etc.), se apropria de seus poderes (capacidades) e passa a tratá-lo de maneira desigual. Dominação, portanto, é uma relação assimétrica, desigual, injusta.

Conforme Sawaia,

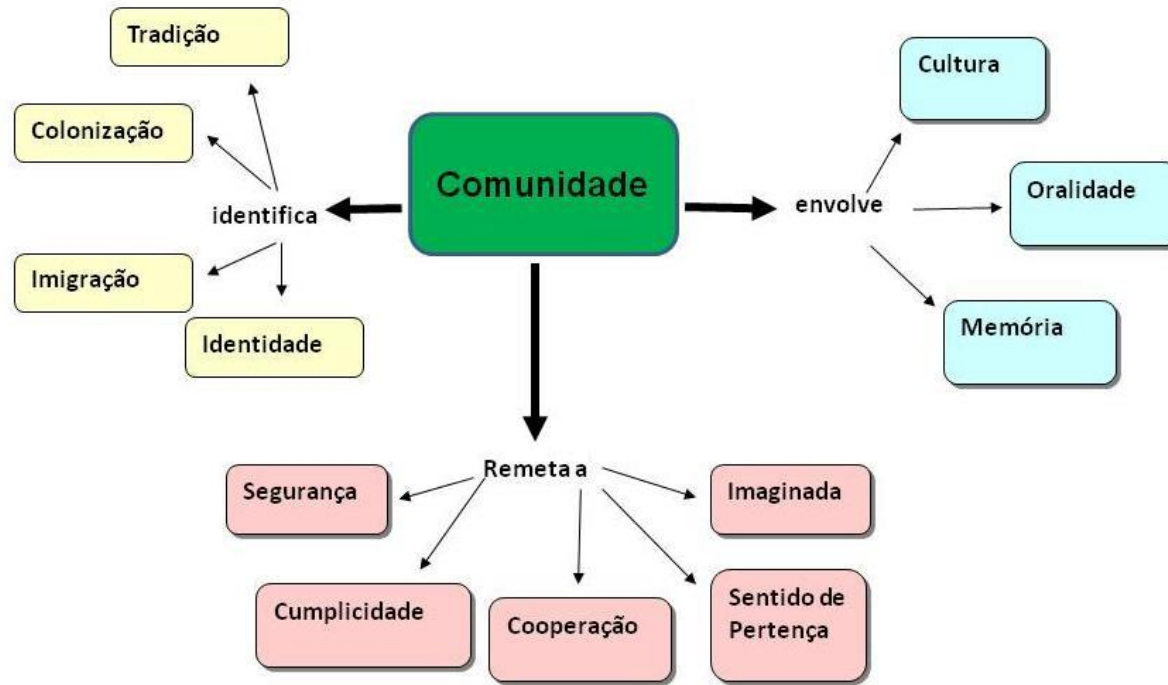
a dominação econômica, que é a forma mais geral, e para onde vão desaguar quase todas as outras, acontece sempre que alguém rouba, expropria a capacidade (poder) de trabalho de outras pessoas. O trabalho humano é a fonte única de riqueza das nações. É só o trabalho que pode ser explorado, nada mais. Essa é, com certeza, a principal forma de dominação e se faz presente, em geral, como consequência da dominação política e cultural. Uma segunda forma é a dominação política. Política, no seu sentido mais amplo, é o conjunto de relações que se estabelecem entre pessoas e grupos, na sociedade em geral. Vivemos todos mergulhados nessas relações políticas, pelo fato de vivermos numa sociedade. No sentido mais estrito, entende-se por política as relações que se estabelecem entre pessoas, ou grupos, e os responsáveis pelo bem comum de toda a sociedade; são as relações que se dão entre o Estado, o governo e os cidadãos. Todas as ações humanas são políticas, no sentido mais geral do termo; o ser humano é um ser político por natureza. São chamadas relações políticas no sentido estrito do termo, as que se dão imediatamente entre os cidadãos e seus governantes, entre os cidadãos e o Estado. Existe, então, uma dominação política quando as relações entre pessoas e grupos, entre grupos, ou entre as pessoas, grupos, governo e Estado não forem justas, democráticas, desrespeitando os direitos dos diversos sujeitos. (SAWAIA, 2017, p. 92),

Retomei a ideia de Campos (2016), já citada no primeiro capítulo, sobre a ideia de comunitário, a qual contém valores que permitem o amadurecimento das potencialidades humanas por meio dos espaços particulares do cotidiano e, portanto, não é contrária à

individualidade. A questão cultural, a imigração e colonização, assim como a relevância do termo comunidade são elementos que fazem parte do município de Nova Boa Vista.

Na Figura 1, pode ser visualizada uma síntese dos conceitos desenvolvidos tendo em vista o lugar que o conceito de comunidade engloba os demais conceitos. O conceito “comunidade” provoca sua interpretação polissêmica pelos diferentes contextos, locais, lugares e situações em que é empregado. A comunidade produz uma sensação boa por causa dos significados que a palavra “comunidade” significa. A comunidade é um lugar “cálido”, um lugar confortável e aconchegante. É pertinente colocar que comunidade é, muitas vezes, erroneamente compreendida como um lugar totalmente pacífico, em que todos concordam com todos e em tudo. Comunidade engloba a questão de ser considerado um lugar calmo, onde pessoas com interesses comuns convivem, mas isso não significa que pensem e sejam iguais; pelo contrário, apresentam características e pensamentos distintos, enfim, discordam. Também é, portanto, lugar de estranhezas, conflitos, brigas, permeado por ideias, ações e modos de viver diferentes. A comunidade é identificada pela tradição, pela identidade, pela colonização e imigração. Ela envolve a cultura, a oralidade e a memória, bem como a comunidade remete a segurança, cumplicidade, sentido de pertença, de cooperação e ela podendo ser imaginada.

Figura 1 - Mapa conceitual 1 da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2019).

3 O CONTEXTO HISTÓRICO DA IMIGRAÇÃO E COLONIZAÇÃO ALEMÃ NO RIO GRANDE DO SUL

“A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade. A memória, na qual cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens”.
(Le Goff, 2003).

Dialogo com Le Goff (2003), quando diz que “A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e da sociedade”. A memória auxilia a nos reinventarmos, a ressignificar nossos conceitos e preconceitos, a refletir sobre nossas ações, a interagir e conhecer nossas condições, possibilidades e limites e olharmos com criticidade o contexto no qual estamos inseridos.

A colonização alemã no século XIX foi a dinamizadora da produção agrícola diversificada no Rio Grande do Sul. Neste capítulo foi abordado o início da imigração e colonização alemã, desde a sua chegada ao Brasil, ao Rio Grande do Sul e as aproximações com Nova Boa Vista. É o contexto macro e micro que estão interligados, pelas marcas do tempo, da história, da memória do povo de Nova Boa Vista. Trouxe a fundamentação e o entendimento do contexto histórico, pois o Município de Nova Boa Vista apresenta marcas latentes desse contexto. No processo constitutivo da história, vários povos contribuíram para a formação do Brasil: índios, negros, portugueses, espanhóis, alemães, italianos e muitos outros. Esses povos chegaram aqui em diversas épocas, de várias formas e por diferentes motivos.

O processo imigratório foi de extrema importância para a formação da cultura brasileira que, ao longo dos anos, foi incorporando características das mais distintas partes do mundo. Basta parar para pensar nas influências trazidas pelos imigrantes que se tem um leque enorme de resultados: o idioma português, a culinária italiana, as técnicas agrícolas alemãs, as batidas musicais africanas, entre tantos outros.

Pode-se considerar a data de 1530 como a do início da imigração no Brasil, pois, a partir desse momento, os portugueses chegaram para dar início ao plantio de cana-de-açúcar. Porém, a imigração intensificou-se a partir de 1808, com os primeiros imigrantes não portugueses, que chegaram durante a regência de D. João VI.

3.1 Por que o Brasil recebia imigrantes

Essa é uma das perguntas que o historiador foi explicitando no decorrer da pesquisa, considerando as razões que levaram a promover a imigração no Brasil, Danilo Lazzarotto diz que há necessidade de distinguir, pelo menos, dois períodos: a) o que vai de 1822 a 1830; b) o que segue depois de 1845. O primeiro foi marcado pela ação de José Bonifácio e Dona Leopoldina, quando se pretendia:

Conseguir soldados para uma possível guerra com Portugal. Estava-se no início de 1822. D. Pedro, com o Fico, praticamente rompera com Portugal. Envia-se para a Alemanha Jorge Von Schaeffer, secretário particular de Dona Leopoldina, para angariar soldados sob a capa da colonização. (LAZZAROTTO, 1982, p. 48).

Lazzarotto (1982) conta que, ao chegarem os primeiros imigrantes, em julho de 1824, o perigo de guerra com Portugal estava quase superado. As cortes haviam sido vencidas, e D. João VI retomara o poder absoluto e não se mostrava disposto a guerrear com o filho. Em vista disso, os imigrantes foram enviados para o Sul, onde estava a fronteira viva do império e a recém-conquistada Província Cisplatina (Uruguai) não estava mais integrada. Nesse sentido, o autor destaca os seguintes objetivos:

1. O Rio Grande do Sul dedicava-se quase exclusivamente à pecuária. Pretendia-se que os colonos fornecessem às cidades e ao exército outros produtos.
2. Criar uma classe média agrícola no Brasil, pois só existiam os grandes latifundiários e os que nada tinham. Este objetivo já havia sido tentado com os casais açorianos, mas havia fracassado. A classe média tornava-se necessária para a criação de um mercado interno.
3. Aumentar a população brasileira.
4. Colonos livres e operosos deviam servir de exemplo de trabalho numa sociedade corrompida pela mentalidade de que o trabalho era só para escravos, uma das razões por que fracassara a colonização açoriana. Mais tarde, por esta mesma razão, vai se proibir a permanência e uso de escravos nas colônias (1850) (LAZZAROTTO, 1982, p. 48-49).

Esses objetivos eram os visados por José Bonifácio e Dona Leopoldina. Mas os ideais dessa colonização agromilitar nunca foram executados como eles imaginaram. Depois de 1845, recomeçava a imigração, mas os objetivos eram outros:

- 1) O primeiro e principal foi a substituição do braço escravo pelo trabalho livre nas plantações de café em São Paulo.
 - 2) Outros Estados que possuíam vastas regiões de matas inexploradas pela economia local, como Espírito Santo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, se interessaram pela imigração para tornar produtivas tais regiões.
- É bom salientar que a imigração para o Brasil sempre foi patrocinada pelo governo que, além de ter agentes aliciadores na Europa, tinha que tomar outras medidas, como

a de pagar as diferenças de custo entre uma viagem para os Estados Unidos com a que se efetuará para o Brasil e financiar as demais despesas da colocação dos colonos. (LAZZAROTTO, 1982, p.48-49).

É pertinente no contexto dessa pesquisa conhecer a história da imigração de europeus para o Brasil que iniciou-se em princípios do século XIX. Até então o povoamento brasileiro se realizava através da vinda espontânea de colonos brancos (na maior parte portuguesa), da importação de escravos e incorporação de indígenas. (LANDO E BARROS, 1980). Havia estrangeiros no Brasil; não havia, contudo, correntes propriamente imigratórias, isto é, oriundas de uma política intencional do governo. Os poucos casos de imigração provocada por uma política oficial que ocorreram antes do século XIX objetivaram povoar e ocupar regiões de valor estratégico, que a imigração espontânea deixara ao abandono, uma vez que não eram propícias à produção de gêneros tropicais de grande valor comercial, como açúcar, café, etc. (LANDO E BARROS, 1980).

Foi o que ocorreu nas zonas fronteiriças que se achavam expostas à concorrência espanhola – Santa Catarina e Rio Grande do Sul – e cuja posse a metrópole pretendia assegurar. Para tanto, foi necessário recrutar povoadores entre as camadas mais pobres da população portuguesa, facilitando-lhes a vinda através da concessão de grandes vantagens: pagamento do transporte, demarcação prévia das terras e fornecimento gratuito de instrumentos agrícolas, sementes, animais, etc. Fato semelhante, embora em menor escala, verificou-se no extremo norte, no Pará (LANDO E BARROS, 1980, p. 10).

Afora estes casos, onde a imigração e colonização dirigidas tiveram objetivos políticos e militares, o processo colonizador e imigratório dirigido se fez, na acepção verdadeira da palavra, a partir da transferência da Corte Portuguesa para o Brasil, e da conseqüente Abertura dos Portos. Efetivado em 28 de janeiro de 1808, o ato que oficializava a abertura dos portos brasileiros às “nações amigas” só pode ser compreendido se encarado como parte do processo de expansão mercantil britânica, e, particularmente, o da conquista do mercado brasileiro. (LANDO E BARROS, 1980, p. 10).

Consta nos registros que vindo para o país inicialmente como soldados e colonos, os alemães venceram dificuldades e marcaram de maneira muito significativa a história do Brasil. Daí a importância em conhecer a trajetória desses imigrantes para se firmarem aqui e perceber como sua tradição está presente nos diversos aspectos da vida brasileira. São Leopoldo, no Vale dos Sinos, Rio Grande do Sul, foi o ponto de partida de uma luta pela sobrevivência que mudou a história do Brasil e que começou em 1824, com a fundação da primeira colônia de imigrantes alemães no país.

Os historiadores abordaram que na época, o Brasil havia acabado de tornar-se independente de Portugal. Por influência de José Bonifácio, o então imperador Dom Pedro I decidiu inaugurar, com esses imigrantes, um programa de imigração para o Sul, movido por questões de segurança nacional, diante das sucessivas disputas territoriais naquela erma região fronteiriça. Nessa época, a Alemanha estava dividida em uma porção de reinados, principados e ducados, todos independentes, mas unidos precariamente pelo idioma.

A questão da imigração europeia para o Brasil no século XIX está intimamente ligada ao problema da escravidão. Trata-se de dois aspectos distintos de um mesmo processo: a transformação do regime de trabalho na sociedade brasileira. Na realidade, a existência do regime de escravidão impede o crescimento do fluxo imigratório, sendo a decadência do primeiro a condição para a expansão do segundo. No que diz respeito à fixação dos imigrantes em determinada zona, vamos encontrá-los justamente em regiões onde a participação da mão-de-obra escrava era muito pequena e insignificante, ou onde o trabalho livre passou a substituir o trabalho escravo. No primeiro caso, encontramos Rio Grande do Sul e Santa Catarina, e no segundo, São Paulo. (LANDO E BARROS, 1980, p. 11).

A colonização alemã no século XIX foi a dinamizadora da produção agrícola diversificada no Rio Grande do Sul. E, ao lado de uma produção artesanal, uma indústria de transformação, a partir da produção agrícola, se estabeleceu nas colônias. Mais para o fim do século, uma corrente de imigrantes espontâneos, que se localizou em núcleos urbanos, deu origem à indústria propriamente dita na província. Só um ramo industrial – o das carnes – não estava ligado aos alemães. A importância econômica da zona colonial acentuou-se a partir de 1860. Assumia o Rio Grande do Sul, por força da produção colonial, a posição de “celeiro do Brasil”. As transformações econômicas que ocorreram, além de se traduzirem na emergência de novos grupos sociais, demonstraram a capacidade e a excelência de novos grupos sociais, assim como demonstraram a capacidade e a excelência do trabalho livre e revelaram a colonização e a imigração como instrumentos de capitalização. (PICCOLO, 1979, p. 115).

Conforme Piccolo (1979), a insegurança causada pelo ajuntamento de escravos, a campanha abolicionista, o alto preço dos escravos, a falta de mão de obra, a crise na pecuária e, principalmente, na charqueada, fortaleceram a ideia de que a solução dos problemas estava na colonização. O colono foi visto, no início, como mão de obra substituta do escravo. Era essa a ideologia do grupo dominante. No entanto, aos colonos que se dirigiam para o Rio Grande do Sul, não interessava ser mão de obra nas grandes propriedades ou nas charqueadas. A eles interessava a propriedade da terra que lhes era prometida pelas autoridades brasileiras responsáveis pelos programas de colonização.

Com a imigração, formaram-se pequenas propriedades rurais, voltadas à agricultura de gêneros de subsistência, com a finalidade de melhorar o abastecimento de gêneros alimentícios no Brasil e proporcionar braços para os exércitos reais. Ao aumentar o número de camponeses livres, o governo imperial contrabalançava também as multidões de trabalhadores escravizados africanos e afrodescendentes. Em virtude das tradicionais disputas territoriais com a Espanha, na América Meridional, o Sul do Brasil foi uma das principais regiões a acolher colonos camponeses europeus não lusitanos.

3.2 História de promessas não cumpridas

Lazzarotto (1982) diz que atraídos por falsas promessas do Império brasileiro, os alemães criaram, à sua maneira, um ambiente propício para se desenvolverem no país. A história da imigração alemã para o Brasil começou em 1822, quando o major Jorge Antônio Schaffer foi enviado por Dom Pedro I para a corte de Viena e demais cortes alemãs com o objetivo de angariar colonos. Outro motivo era conseguir soldados para o Corpo de Estrangeiros, situado no Rio de Janeiro. Ao proclamar a independência do Brasil, Dom Pedro deparou com o seguinte problema: a falta de defesa da capital, o Rio de Janeiro, já que Portugal tinha levado embora todos os soldados. (LAZZAROTTO, 1982).

O autor diz que outra preocupação que havia na época era evitar que mais escravos fossem trazidos ao país, pois o número deles já se igualava ao de não escravos, podendo representar perigo para o *status quo*. Dom Pedro preocupava-se em povoar o Rio Grande do Sul com pessoas que soubessem trabalhar na terra.

Diferentes etnias contam a história de geração em geração, a fim de não esquecer a vida árdua de tantos imigrantes, como os italianos, alemães, poloneses, etc. Uma das formas é o filó. Em Vila Flores/RS, acontece semanalmente um filó. O filó era a maneira encontrada pelos imigrantes italianos para, juntos, passarem horas alegres, descontraídas após a jornada de trabalho. O terço era suporte de sua fé e os mantinha unidos, dando-lhes coragem para amenizar as saudades e as dificuldades. As mulheres teciam os fios de lã ou linho; os homens pregavam os instrumentos de trabalho; os idosos contavam histórias. Juntos narravam os acontecimentos e faziam planos.

Não conhecia o que era um filó. Desloquei-me até este município, há uma distância de 2h30 de carro. Passei o final de semana ali, a fim de conhecer um pouco a cultura italiana. Fui recebida gentilmente pela senhora com a qual realizei o agendamento para fazer a vivência do filó. Na hora marcada para o início fomos recebidos à luz dos lampiões e envolvidos pela magia do ambiente, num clima de passado, casa típica italiana, vinte seis atores, a grande maioria senhores e senhoras filhos e netos de imigrantes. O ambiente acolhedor propicia que ficamos todos à vontade, interagimos e convivemos com o grupo de Filó, participando de todos os momentos. Na simplicidade do encontro, mesa farta, cantoria, jogos e vinho. No filó de Vila Flores, tive a oportunidade de vivenciar a cultura trazida pelos imigrantes italianos. É um momento de recordar, refletir, interagir, saboreando a gastronomia típica italiana. Trata-se de uma festa italiana de época, com momentos de alegria, diversão para todas as idades, jogos, cantorias e farta gastronomia. Um grupo de descendentes dos imigrantes italianos que colonizaram a região contou, de forma emocionante, divertida e envolvente, a história de seus antepassados. Não era uma superprodução teatral; eram histórias de suas vidas contadas por quem as conhece intimamente. E, além das emoções pessoais, também estavam presentes as brincadeiras, as músicas, as rezas, os sonhos e a culinária. Comi a melhor polenta que talvez já tenha provado, preparada em fogão a lenha ali mesmo, como se a plateia fosse hóspede de suas casas. A vivência do filó teve a duração de 4h. (DC, (19/09/2019).

Consta nos registros que foram convocados principalmente soldados e alguns colonos; mas, à medida que o Império brasileiro foi se estabilizando, passou, efetivamente, a se preocupar em trazer mais colonos. Para isso, anunciava aos interessados que, aqui, eles receberiam 50 hectares de terra, juntamente com vacas, bois e cavalos; auxílio de um franco por pessoa no primeiro ano e de cinquenta cêntimos no segundo; isenção de impostos e serviços nos primeiros dez anos; liberação do serviço militar; nacionalização imediata; e liberdade de culto (LANDO e BARROS, 1980). Daquilo que foi oferecido, ao menos a primeira promessa superou as expectativas: em vez de 50, os colonos receberam, no início, 77 hectares. Já as duas últimas nunca poderiam ser cumpridas, pois contrariavam a Constituição brasileira. Os imigrantes trouxeram uma nova língua, uma sua cultura, uma nova economia e uma nova religião, a evangélica luterana. A promessa da liberdade religiosa foi quebrada, mas a

Constituição imperial, em seu artigo quinto, dizia que outras religiões seriam toleradas, desde que praticadas em casas sem aparência de templo, ou seja, nas quais não tivesse cruzeiros, sinos ou algo que as caracterizasse como igrejas. Então, eles se reuniam em galpões.

Consta ainda que das outras promessas, algumas também não foram cumpridas integralmente. Mas o que interessava realmente aos colonos era a posse da terra, e isso, ao menos, eles obtiveram, ainda que à custa de grandes sacrifícios. As viagens para o Brasil eram verdadeiras tragédias. Quando eram muito boas, duravam dois meses. Mas muita gente viajou três, quatro meses ou até mais. O historiador esclarece que os primeiros imigrantes desembarcaram no Rio de Janeiro e foram recebidos pelo casal imperial, já que Leopoldina era uma princesa germânica, filha de Francisco II, último imperador do Sacro-império Romano Germânico, outro motivo para Dom Pedro ir buscar imigrantes naquela região.

3.3 Chegada ao Rio Grande do Sul

Conforme os registros, o início da colonização alemã no Rio Grande do Sul ocorreu no ano de 1824, com a chegada e instalação de 38 imigrantes às terras da Real Feitoria do Linho Cânhamo, posteriormente denominada São Leopoldo. Muito cedo, os colonos que se localizaram em São Leopoldo foram privilegiados, tendo recebido a maior parte do que lhes fora prometido. Já a segunda leva de imigrantes, que chegou em 1824, encontrou sérios problemas, e o principal deles era a inexistência de demarcação de suas terras. Em vista disso, viu-se o Governo Alemão na contingência de intervir, o que resultou, depois de dois anos, numa mudança de atitude por parte do Imperador, autorizando o pagamento das passagens, do subsídio diário e a concessão gratuita dos lotes de terra. (LANDO e BARROS, 1980, p. 28).

A colonização por via oficial encontrará êxito nas áreas onde a ausência da grande lavoura propicia a formação da pequena propriedade. Foi justamente isso que aconteceu no Rio Grande do Sul durante o século XIX. Propunha-se o governo, com esta realização, alcançar objetivos bem específicos. Do exame do Regulamento de 1900, observa-se que a política colonizadora da Província tinha, entre outras, as seguintes características: 1) evitar a concentração da propriedade, proibindo a concessão de mais de um lote à mesma pessoa e a transferência das glebas antes da totalização de seu pagamento; 2) as áreas concedidas deveriam ser efetivamente exploradas; 3) o colono deveria morar no seu lote de terra, explorando-o pessoalmente ou através da produção familiar. (LANDO e BARROS, 1980, p. 22).

A ocupação do território rio-grandense ocorreu em várias etapas. As reduções jesuíticas, fundadas a partir de 1626, foram os primeiros núcleos estáveis nesse espaço. Por volta de 1640, os jesuítas abandonaram a área e passaram para outra margem do Uruguai. Cerca de 40 anos

depois, começaram a retornar, organizando a estrutura comunitária dos Sete Povos das Missões, que, mais tarde, se tornariam centros econômicos importantes, dedicando-se à produção de erva-mate, à extração de couro e às atividades criatórias.

Conforme os registros de LANDO e BARROS (1980) no século XVIII, a estratégia adotada pela Coroa Portuguesa para garantir a posse e a defesa das terras localizadas ao sul de sua colônia foi a instalação de acampamentos militares e a construção de fortes e presídios, bem como a distribuição de sesmarias a pessoas de prestígio e ou militares. Até a metade do século XIX, desenvolveu-se no Rio Grande do Sul uma pecuária voltada à produção de charque, ciclo responsável pela prosperidade do Sul e de suas cidades. Os açorianos vieram a partir de 1752, fixando-se em Rio Grande, Mostardas, São José do Norte, Taquari, Santo Amaro (próximo a Rio Pardo), Porto Alegre, Santo Antônio da Patrulha, Cachoeira do Sul e Conceição do Arroio (Osório). Receberam terras para desenvolver atividades agrícolas, principalmente a produção de trigo e, dessa forma, abastecer a Colônia. Essa ocupação deu origem a pequenas propriedades rurais e também criou base para o surgimento de inúmeros núcleos urbanos.

A ação colonizadora do Governo Imperial e do Governo da União constitui um dos elementos para o Brasil, além do financiamento do transporte marítimo do imigrante. Confirma este fato o desenvolvimento que teve a imigração no Rio Grande do Sul, onde se efetuou a maior colonização oficial do país, que se iniciou com a fundação, em 1824, da Colônia de São Leopoldo. Salienta-se ainda que, com a colonização oficial, visava o Governo garantir a posse e exploração de regiões menos povoadas, conturbadas por questões de limites. Por outro lado, este sistema convinha às províncias, cuja produção era essencialmente a de gêneros alimentícios. (LANDO e BARROS, 1980, p. 21).

Nesse contexto, no Sul do Brasil, os alemães receberiam 77 hectares de terras e ocupariam a região menos povoada. A política governamental visava, ao fixá-los a terra, formar colônias para produzir gêneros necessários ao consumo interno, ocupar e defender regiões despovoadas e estratégicas. Posteriormente, as propriedades diminuíram de tamanho, passando para 48 hectares. Aos italianos coube a zona das matas, zona deixada pelos portugueses, entre a região dos campos de Cima da Serra e a Depressão Central. Receberam 25 hectares de terra, pois as melhores já se encontravam ocupadas. O lote era vendido a crédito e o prometido subsídio para a alimentação foi cancelado. No início, os colonos adotaram a economia de subsistência. As primeiras áreas de colonização alemã e italiana, no Rio Grande do Sul, passaram a ser chamadas de Colônias Velhas.

Durante todo o século XIX, o Rio Grande do Sul foi influenciado pelo processo de assentamento da imigração europeia, inicialmente alemã (1824) e, posteriormente, italiana

(1875), localizada principalmente na região nordeste do Estado. Como resultado, essa área tornou-se mais dinâmica, embora a pecuária continuasse sendo um forte setor econômico e político. A diversificação industrial e a crescente urbanização do eixo Porto Alegre-Caxias tornou essa região diferente da área de agricultura diversificada do norte do Rio Grande do Sul, fazendo com que se tornasse mais atrativa aos empreendedores.

3.4 Chegando a São Leopoldo

Conforme os registros de LANDO e BARROS (1980) desde a fundação de São Leopoldo, aproximadamente 300 mil alemães vieram para o Brasil. Depois de colonizar o Rio Grande do Sul, ainda no século XIX, eles subiram para Santa Catarina, que atualmente tem a maior população de descendência alemã — mais de 20% do total —, e seguiram rumo ao Espírito Santo, marcando presença no Paraná e, em menor escala, no Rio de Janeiro e em São Paulo.

A primeira leva de colonos alemães — composta por 39 pessoas de nove famílias — chegou ao Rio Grande do Sul em 1824, desembarcando em 25 de julho na colônia de São Leopoldo, antiga Real Feitoria de Linho Cânhamo. Portugal, que tinha sua navegação baseada em navios de vela, precisava de muitas cordas para eles. Então, em muitos lugares, havia feitorias que produziam a cordoalha necessária, tirada do linho cânhamo. A feitoria que abrigou os alemães ficava exatamente onde é hoje a cidade de São Leopoldo. No lugar não existia nada. O governador da província, José Feliciano Fernandes Pinheiro, trouxe os primeiros colonos e os colocou na única construção que existia no local. Quando ela foi fechada, dois meses antes, abrigava 321 escravos. Os alemães foram albergados lá até que ganhassem suas terras e começassem a trabalhar, esclarecem os historiadores Lando e Barros (1980). A partir de São Leopoldo, as colônias alemãs se espalharam primeiro pelas áreas mais próximas, atingindo depois zonas mais isoladas. Geralmente, as colônias — principalmente as primeiras — situavam-se à beira de rios. Isso tinha uma grande importância estratégica: em uma época em que os caminhos eram muito precários, os rios serviam como “estradas fluviais” para o recebimento de equipamentos e o escoamento da produção.

De maneira geral, a colonização obedeceu a uma ocupação sistemática. Apesar da interrupção da imigração e da colonização, patrocinadas pelo governo central a partir de 1830 (a prática seria retomada mais tarde), o governo da Província (em alguns períodos) e particulares dedicaram-se a criar colônias e vender os lotes. Embora o surgimento da pequena propriedade possa parecer, à primeira vista, uma regressão nas relações de produção, uma vez que o Brasil se constituiu com base no latifúndio

exportador, é necessário perceber as relações que se estabelecem entre estas duas formas de produção. Só assim é possível compreender por que, com o desenvolvimento do capitalismo, a pequena produção não desaparece por completo; ao contrário, se reproduz para permitir, em última instância, a permanência do próprio capitalismo. No entanto, esta convivência não é pacífica, mas carregada de contradições e tensões sociais (LANDO e BARROS, 1980, p. 41).

No último decênio do século XIX, não existiam mais terras à venda nas margens inferiores dos rios, e a serra já estava ocupada pelos italianos (que começaram a chegar à década de 70). Iniciou-se, então, a colonização do Alto Uruguai, com colônias que iam desde Marcelino Ramos até o Rio Ijuí. Nessa etapa, foram criadas quase que exclusivamente colônias particulares, com algumas exceções, como Sobradinho (1901) e Erechim (1908), que foram patrocinadas pelo estado, e Ijuí (1890), criada pela União. Outra característica dessa fase é que, enquanto nas colônias particulares predominavam grupos de uma mesma etnia, nos oficiais havia a preocupação de misturar elementos de diferentes origens. Isso foi feito, por exemplo, em Ijuí, que desde sua criação recebeu colonos das mais variadas procedências.

As novas colônias que surgiram a partir do núcleo inicial de São Leopoldo não foram, entretanto, ocupadas apenas por imigrantes alemães. Houve um processo a que o historiador Jean Roche — outro estudioso da imigração alemã para o Rio Grande do Sul — deu o nome de “enxamagem”. Os filhos de colonos (ou até mesmo os colonos) das zonas mais antigas saíam em busca de terras nas novas regiões e, com isso, iam ocupando boa parte do Rio Grande do Sul (LANDO e BARROS, 1980).

Os primeiros colonos passaram privações, produziam praticamente tudo o que consumiam, e adquirir qualquer bem no mercado era impossível, pois o preço era alto e havia dificuldade de abastecimento. A policultura era uma prática comum a todos os minifundiários. A repartição de terras logo se tornou um problema, pois as levas de imigrantes eram cada vez maiores e o direito de herança fracionava os lotes originais, porque fazia parte da tradição os descendentes de colonos, ao atingir a maioridade, receber a posse de uma gleba de terra para se sustentar.

Foi assim que a disputa por novas terras determinou a ocupação de todo norte, especialmente o Planalto sul-rio-grandense, em pouco mais de meio século. Os italianos apossaram-se de algumas colônias originalmente alemãs, imprimindo a elas suas características culturais e ou fundando novos núcleos de colonização. Nessas condições, a repartição dos lotes entre os herdeiros determinou a expansão da zona ocupada pelos imigrantes europeus e sua descendência. Boa parte da ocupação das regiões que atualmente fazem parte de Erechim, Passo Fundo, Palmeira das Missões, Carazinho, Sarandi, Frederico Westphalen, Planalto, Santa Rosa,

Ijuí, entre outros municípios, foi realizada por descendentes dos primeiros imigrantes. (LANDO e BARROS, 1980).

Entre diversos fatores que motivaram a expropriação de terras ou limitaram o direito de acesso a elas pelos imigrantes e seus descendentes, destaca-se o esgotamento dos solos nas antigas áreas de colonização. A coivara e o desmatamento logo reduziram a fertilidade da terra, aumentando, no mesmo tempo, os custos da produção. Além dos motivos apontados, os agricultores foram afetados pelos mecanismos inerentes à economia do mercado. Como os comerciantes eram praticamente os únicos elementos de ligação entre o colono e os mercados de São Leopoldo e Porto Alegre, impunham os preços de compra e venda dos produtos comercializados na região. Dessa forma, os agricultores viam-se dependentes desses intermediários, cujo acúmulo de capitais deveu-se em boa medida à expropriação dos pequenos produtores.

Juntos, alemães, italianos e outros grupos de imigrantes, contribuíram com a remodelagem do perfil social, cultural e econômico do Estado. Como em geral os casais de imigrantes tinham muitos filhos, constituindo famílias numerosas, dentro de poucos anos as novas gerações passaram a distribuir-se em novas áreas. Cada colono havia recebido lotes com um determinado número de hectares de terra e, à medida que os filhos casavam, a divisão dessas posses limitava as perspectivas de sustentação ou maiores ganhos.

3.5 A aproximação com Nova Boa Vista

A aproximação com Nova Boa vista, foi constituindo esse movimento histórico, as novas gerações foram migrando para outras regiões dentro do Rio Grande do Sul. Algumas famílias de colonos iniciaram, por volta de 1917/1918, uma corrida para colonizar uma grande região, situado entre as margens do rio da Várzea e do rio Passo Fundo, região conhecida como Fazenda Sarandi. As terras pertenciam à Comarca de Passo Fundo e eram vendidas em lotes pelas companhias colonizadoras. (VENCATO, 1994).

A região, antes da chegada dos colonizadores, era habitada por posseiros, principalmente nas margens do rio da Várzea. Essas pessoas eram lusos brancos, negros alforriados, índios remanescentes dos Sete Povos das Missões e de caboclos. Elas haviam visto seus domínios, onde construíram seus ranchos, serem queimados e destruídos pelos colonos. Tomando consciência das injustiças cometidas, aliaram-se aos Maragatos (revolucionários que se opunham ao governo), que, frequentemente, atacavam as famílias dos “colonos” de toda a região, saqueando os já escassos recursos e maltratando famílias (EEMAMA, 2012).

A localidade de Boa Vista, que pertencia à Colônia Sarandi, recebeu, na década de 1920, as primeiras famílias provenientes das Colônias Velhas. Esses homens e mulheres traziam consigo a esperança de melhorar as condições de vida, o que só seria possível com muito trabalho e persistência. Eram muitos os entraves para a ocupação das novas terras, dentre os quais ganham destaque a derrubada da mata, a dificuldade de acesso e o isolamento em que se encontravam. O trabalho era árduo e realizado com ferramentas rudimentares. Para chegar às terras adquiridas, algumas famílias iam de trem até Carazinho, de onde partiam a cavalo ou de carroça para a nova localidade. Não havia estradas de Sarandi para Boa Vista, e o acesso era feito por piques abertos em meio à mata. Não raro, famílias se deslocavam das Colônias Velhas até a Fazenda Sarandi a pé e ou carroças, gastando, nesse percurso, uma média de quinze a trinta dias (EEMAMA, 2012).

As famílias iniciaram suas atividades como pequenos agricultores, cultivando milho, feijão, arroz, trigo, batata, fumo, mandioca e abóbora. Também criavam, para a subsistência, suínos, aves e bovinos. O nome de Boa Vista foi inspirado na localidade de poços das Antas, local que ficava próximo das cidades de onde vieram os primeiros fundadores. Esses imigrantes trouxeram os hábitos de seus antepassados e guardaram, com muita perseverança, algumas tradições da pátria originária. O município de Nova Boa Vista/RS situa-se ao norte do Estado do Rio Grande do Sul, região do Planalto Médio. A imagem apresentada a seguir possibilita ter uma visão panorâmica do Município de Nova Boa Vista/RS.

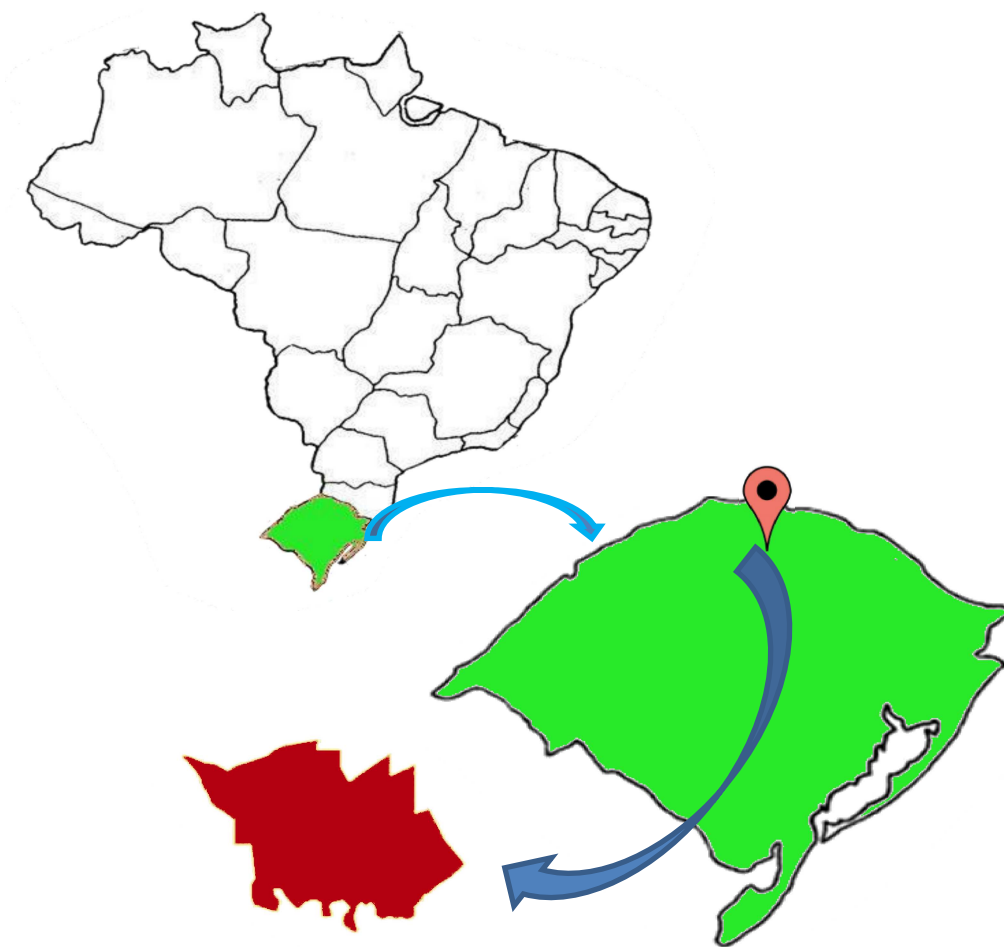
O município foi criado por meio da Lei Estadual nº 9608/92, de 20 de março de 1992, tendo se emancipado dos municípios de Sarandi e Chapada. Nova Boa Vista está 332,6 km distante de Porto Alegre, a capital do Estado. Com uma área de 94.238 km², confronta com os municípios de Barra Funda, Almirante Tamandaré do Sul, Sarandi e com o município de Chapada.

Fotografia 11- Município de Nova Boa Vista/RS



Fonte: Acervo Rádio Simpatia/RS.

Figura 2 - Localização geográfica do município de Nova Boa Vista/RS



Fonte: IBGE – adaptado pela autora (2017).

Atualmente, o município conta com uma população de 1.965 habitantes (Censo IBGE 2014)¹², constituída, em sua maioria, por descendentes de europeus, predominantemente alemães e italianos. Desta população, 70,51% reside no meio rural e 29,49% reside no perímetro urbano, com predomínio de pequenas propriedades¹³. A imersão no campo demonstrou que essa realidade vem sendo modificada, pelo esvaziamento das linhas.

O próximo censo mostrará uma realidade diferente. Mesmo apresentando um desenvolvimento na indústria, no comércio e na prestação de serviços, a principal atividade econômica continua sendo a agropecuária, na qual merece destaque a produção agrícola de soja, milho, trigo, suinocultura, bovinocultura de leite e fruticultura. A sede municipal, situada na região mais centralizada do município, concentra os principais serviços públicos, escolas, indústrias, comércio e prestadores de serviço. O município é constituído pelas seguintes comunidades¹⁴: Sede Municipal, Cachoeirinha, Caúna, Jaboticaba, Lajeado Boa Vista, Maneador, Mirim, Maneador Baixo e Perau¹⁵. Essas localidades contribuíram e contribuem com suas peculiaridades e particularidades, relevantes para a construção da história do município.

O povo novaboavistense organiza-se em pequenos grupos, buscando atender suas necessidades econômicas e sociais, através de associações, cooperativas, sindicatos e entidades sociais, pois aspiram ao progresso, a uma vida melhor, com emprego para os filhos, já que veem pouca perspectiva de futuro na agricultura¹⁶.

Para os munícipes, a educação é um dos pilares propulsores, assim como a saúde, a agricultura, o esporte, a cultura e o lazer. O objetivo da educação neste município traduz-se na visão de que o ser humano necessita de oportunidades para crescer como sujeito, para poder sentir-se em sua subjetividade e sociabilidade, com espaço para desenvolver seu potencial criativo e afetivo, num processo de descoberta e construção de sua história em família e comunidade.¹⁷ Tive o entendimento de que pesquisar a história de uma instituição não é apenas narrá-la de maneira cronológica e linear, mas problematizá-la em seu contexto, selecionando elementos que contribuam na construção dessa história. O objetivo desta pesquisa não foi investigar a história de instituições educativas, mas como já mencionado, apropriar-se de alguns

¹² Informações: https://novaboavista.rs.gov.br/pt_BR/historico Acesso em: 19 mar. 2019.

¹³ Informações: https://novaboavista.rs.gov.br/pt_BR/historico Acesso em: 19 mar. 2019.

¹⁴ Essas comunidades estão situadas nas linhas que recebem também o nome da linha.

¹⁵ Informações: https://novaboavista.rs.gov.br/pt_BR/historico. Acesso em: 19 mar. 2019.

¹⁶ Informações retiradas do PPP da Escola Santos Anjos.

¹⁷ Informações extraídas da obra E. E. E. M. Antônio Mathias Anschau, Nova Boa Vista: história e memórias, 2012.

conceitos, a fim de entender o contexto local que influencia diretamente as concepções e os desdobramentos de gestão da EMSA e da EAMA com a dinâmica da cidade.

[...] compreender e explicar a existência histórica de uma instituição educativa e sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, é por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico. (MAGALHAES, 1999, p. 64).

Nesta pesquisa, optei pelo entendimento de comunidade como um grupo de pessoas que partilham elementos, como espaço geográfico, costumes e valores, enfim, elementos que acabam por propiciar a criação de um grupo identitário. Os conceitos comunitários e identidade foram aprofundados no capítulo epistemológico.

Na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes, tive acesso aos Livros Tombos¹⁸. Isso porque, no início da colonização, o atendimento religioso era prestado por sacerdotes oriundos de Passo Fundo e Carazinho/RS, que ficavam hospedados nas casas das famílias por não haver casa paroquial. Com os Livros Tombos em mãos, apropriei-me da riqueza dos detalhes, da perfeição da letra manuscrita, dos sentimentos e das lutas expressos nos registros. Li relatos sobre a localidade de Boa Vista, pertencente à Colônia de Sarandi, que, na década de 1920, recebeu as primeiras famílias provenientes das Colônias Velhas. Diante dessas informações, selecionei algumas que se referem ao início desse povoado, como se constituiu, a fim de compreender, posteriormente, os processos de gestão presentes nas escolas e a sua relação com a dinâmica da cidade. Importante lembrar que a pesquisa se realizou numa realidade de descendentes alemães, onde é utilizado o termo comunidade. Para Kreutz,

Quando falo em colônia alemã entendo o conjunto dos núcleos rurais (comunidades), fundadas e habitadas por imigrantes alemães e seus descendentes. E quanto à opção por *núcleo rural ou comunidade rural*, levo em conta que a tradição mais forte, consagrada na literatura teuto-brasileira e ainda hoje comum, é e foi o emprego da expressão *comunidade rural*. Falava-se em, por exemplo, Comunidade de Santo Antônio, Comunidade de Linha Divisa, etc. tenho preferência pelo termo comunidade por me parecer mais afim e explicativo do projeto católico junto aos teuto-brasileiros na área rural e por ser expressão mais consagrada na tradição e no uso regional entre os católicos de descendência alemã. (KREUTZ, 1991, p. 11).

¹⁸ No Livro Tombo nº1 de Boa Vista do Sarandi, no termo de abertura, diz: “O presente livro há de servir para serem lançados os fatos e documentos mais importantes com relação à vida jurídica e histórica da paróquia (vida pastoral e coletiva nº1125 - 1º 1129- CPB 97) de Nossa Senhora dos Navegantes. Passo a abrir e rubricá-lo com meu nome que diz D. Paulo e no fim lançarei o competente termo de encerramento. Passo Fundo, 25 de janeiro de 1952. Secretário Geral do Bispado”

Fotografia 12 - Colonizadores de Boa Vista



Fonte: Acervo das famílias Wagner e Haefliger.

Conforme Thums (2015), os padres se deslocavam de Carazinho/RS para celebrar a missa e ficavam hospedados na casa de Jacob Wagner Sobrinho, que lhes destinava o melhor quarto, conforme os registros. Eram homens e mulheres descendentes de europeus, predominando alemães e italianos, que traziam consigo a esperança de melhorar as condições de vida¹⁹. O nome Boa Vista foi inspirado na localidade de Poço das Antas, local próximo das cidades de onde vieram os primeiros fundadores. Em 1925, foi criada, provisoriamente, em um galpão, uma escola para que as crianças não ficassem sem aula, tema retomado posteriormente (Livro Tombo nº1, p.13).

Quanto ao aspecto religioso, um grupo de agricultores construiu a primeira capelinha, que recebia assistência de Passo Fundo/RS e, a partir de 1929, da Paróquia de Carazinho/RS. No ano de 1945, foram iniciadas as obras da atual Igreja Matriz, concluída seis anos depois e transformada oficialmente em Paróquia em 24 de janeiro de 1952, com a denominação de Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

Em 1990, líderes políticos e empresários da comunidade iniciaram o processo reivindicatório pela emancipação política de Boa Vista. Na área da saúde havia poucos recursos, e os remédios eram caseiros. A partir de 1950, na residência de João Dalcin, e sob os cuidados do médico Milton Alves de Souza, passou a funcionar um pequeno hospital.²⁰ Em 31 de maio de 1963, pela Lei Municipal nº 0899, foi criado o Distrito de Boa Vista, pertencente ao

¹⁹ Os colonizadores, da esquerda para a direita: Jacob Wagner Sobrinho, Felipe Werlang, Arthur Lampert, João Thalheimer, João Knob e Henrique Thalheimer.

²⁰ Informações retiradas do Livro Nova Boa Vista: histórias e memórias da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau de 2012, p. 35.

município de Sarandi. No dia 07 de setembro desse mesmo ano, houve um almoço comemorativo e um grande desfile, ocorrido no local onde hoje se encontra o Salão Padre Urbano Maldaner, ocasião em que era celebrada essa importante conquista da Comunidade de Boa Vista. A próxima figura representa o desfile realizado em 1963, em comemoração à elevação de Boa Vista a distrito de Sarandi.

Fotografia 13 - Desfile



Fonte: Acervo da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

Em 1990, líderes políticos e empresários da comunidade iniciaram o processo reivindicatório pela emancipação política de Boa Vista²¹. Essa importância ficou clara no relato de um ex-prefeito:

O desenvolvimento e o crescimento são constantes. Para termos noção da importância da emancipação, algumas conquistas: na área da agricultura e pecuária houveram avanços significativos na produção desenvolvida na bacia leiteira e na suinocultura. As indústrias aqui estabelecidas também receberam incentivos da municipalidade e já possuem grande participação no que diz respeito à geração de renda e empregos, sendo hoje fundamentais na remuneração do nosso trabalhador, e como consequência, atingindo de forma significativa e positiva as diversas atividades desenvolvidas pelos comerciantes prestadores de serviço. Os avanços foram grandes, mas queremos e precisamos evoluir ainda mais. E com a ajuda de todos, faremos com que Nova Boa Vista continue sendo um ótimo lugar para vivermos.²²

²¹ Informações retiradas do Livro Nova Boa Vista: histórias e memórias da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau de 2012, p. 66-67.

²² Informações extraídas <http://www.radiosimpatia.com.br/noticias/375-nova-boa-vista-kolonie-fest-escolhe-soberanas-neste-s-%C3%A1bado.html>. Acesso em: 20 ago. 2014.

Com a leitura dos registros do Livro Tombo nº1 e dos relatos de moradores na obra “E. E. E. M. Antônio Mathias Anschau Nova Boa Vista: histórias e memórias”, constatei a preocupação dos primeiros colonizadores com a educação. Nos registros²³ arquivados na secretaria da escola também encontrei relatos sobre a educação sempre ter sido uma preocupação constante, desde o início da colonização de Nova Boa Vista.

Diante da necessidade da melhoria do ensino, o pároco da época, David Antônio Schwantz, começou uma grande campanha em prol da construção de uma escola paroquial²⁴ que fosse dirigida por religiosas. Em 1956, diante da precariedade do prédio, o padre David Schwantz idealizou a construção de uma escola paroquial. (THUMS, 2015).

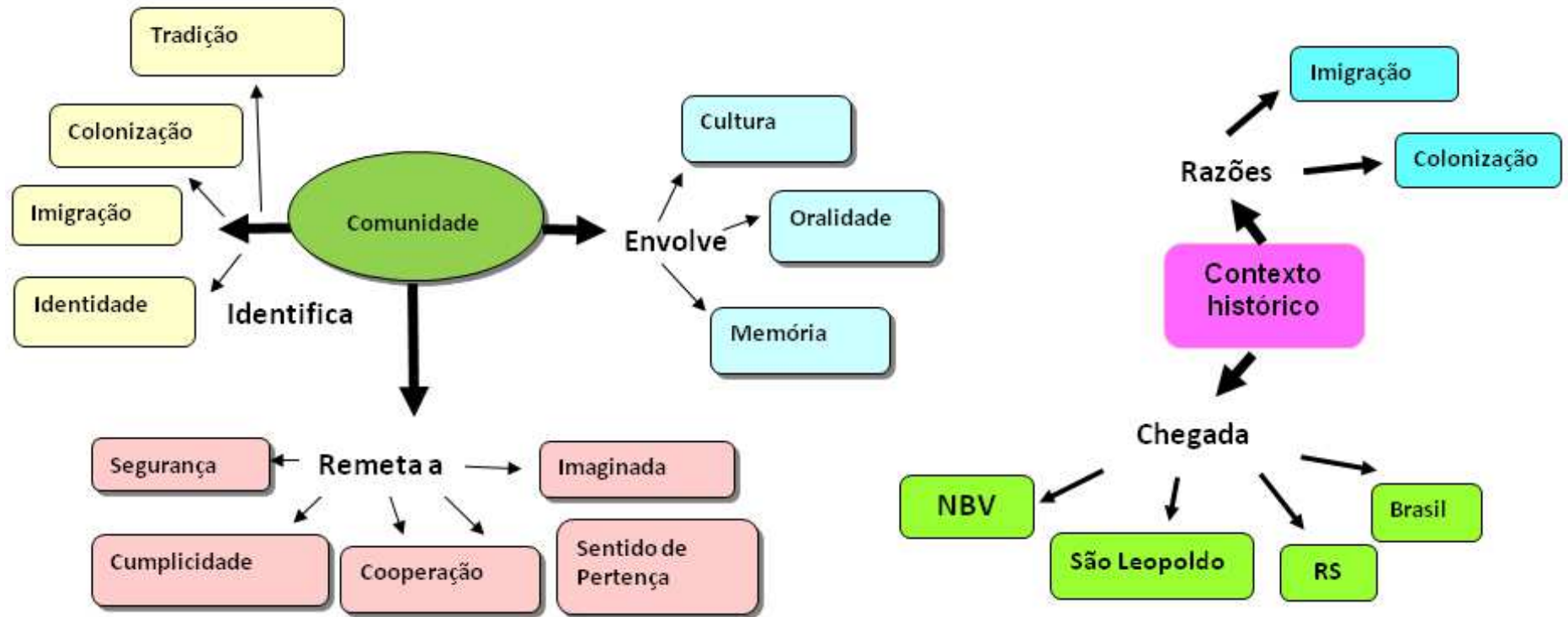
Em suma, retomar a história da imigração e colonização alemã no RS e até a sua chegada em NBV foi dar visibilidade a processos/iniciativas de desenvolvimento local, que resultaram na organização social dos indivíduos, dos primeiros moradores. E, nessa organização, o trabalho coletivo foi preponderante para enfrentar as dificuldades, a saudade da terra natal, os conflitos, interagindo em diversas áreas de ação, no contexto social e educativo.

Na Figura 3 (Mapa conceitual 2 da pesquisa), estabelecem-se relações do mapa conceitual 1 – que abordou os conceitos de comunidade, de cultura, de identidade – com o mapa conceitual 2 da pesquisa, que aborda o início da imigração e colonização alemã, desde a sua chegada ao Brasil, ao Rio Grande do Sul. A aproximação com Nova Boa Vista, foi constituindo esse movimento histórico, as novas gerações foram migrando para outras regiões dentro do Rio Grande do Sul. O contexto macro e micro que estão interligados, pelas marcas do tempo, da história, da memória do povo de Nova Boa Vista, sendo que os moradores desse Município apresentam marcas latentes desse contexto.

23 Após a leitura dos anais e de ouvir a secretária da escola, que é a memória viva da escola, pois sua memória histórica impressiona. Esse registro foi gravado de forma bem informal.

24 Alguns registros abordam como escola comunitária.

Figura 3 - Mapa conceitual 2 da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

4 ASPECTOS SOCIOGEOGRÁFICOS DA CIDADE E DAS LINHAS

*“É pelo lugar que vemos o mundo e ajustamos nossa interpretação,
pois nele o recôndito, o permanente, o real triunfam, afinal,
sobre o movimento, o passageiro, o imposto de fora...
Mas, se o lugar nos engana, é por conta do mundo”*
(SANTOS, 2008, p. 37).

*“A proximidade não é um estado, um repouso, mas é, precisamente,
inquietação, não lugar, fora do lugar do repouso”*
(ESQUIROL, 2008, p. 51).

As epígrafes afirmam que a proximidade é condição humana e é preciso entendê-la valendo-se da noção de aproximação, vizinhança, sensibilidade e olhar. Tal proximidade como condição humana é o resultado de um aproximar-se sem “tocar”, sem manipular, sem subjugar, sem dominar. Aqui, aproximar-se é o oposto de ser indiferente ou permanecer ignorante, consiste em prestar atenção, reconhecer, considerar. (ESQUIROL, 2008, p. 52). Este capítulo tem o intuito de compreender os diferentes exercícios que realizei, contextualizando aspectos sociogeográficos a partir das linhas do município. Identifico as linhas, efetuando o registro fotográfico, gravação em áudio, entrevista informal com o Morador (12). Ao longo do texto, narro o dia, conhecendo as linhas e as comunidades²⁵.

Dialogo com Charlot (2003) pois o sujeito é, ao mesmo tempo, um ser humano singular e social [...] é um ser que ocupa uma posição social adquirida por pertencer a um grupo social e, ao longo da vida, produz sentidos e significados sobre si e o mundo, construindo sua singularidade. Para o conceito de lugar dialoguei com Santos (2001), e Souza (1997). Para o conceito de comunidade, e linha dialoguei com Kreutz (1991) e com Abreu (2015) sobre as expressões culturais; e as relações sociais de cooperação dialoguei com Sennett (2012).

Como pesquisadora, coloco-me como aprendiz, o que facilita minha aproximação com os moradores o fato de falar o idioma alemão (dialeto), propicia a aproximação com os moradores, pois muitos deles falam o idioma alemão. Falar a língua materna gera uma aproximação natural.

O dia amanhece e com ele as expectativas do que encontraria. Após o café, início a visita ao campo empírico²⁶. Saio da cidade de Passo Fundo/RS, na BR-285, em direção à BR-

²⁵ Neste dia a orientadora esteve presente.

²⁶ Essa visita ao campo empírico, conhecendo as linhas, aconteceu no dia 13 de junho de 2017. Com aproximadamente 8h de imersão.

386, com destino à cidade de Nova Boa Vista (NVB), aproximadamente 1h10min de viagem. No carro, expectativas, curiosidades, máquina fotográfica, gravador, celular, água. Durante o trajeto, a geografia é específica, campos verdes de trigo, cevada, aveia e pastos para a produção da bacia leiteira, temperatura amena e agradável. Chego perto do acesso ao município de NVB, a placa alerta e indica a direção a ser tomada. Ao sair da BR-386, a estrada fica estreita e sinuosa, sem acostamento. O asfaltamento em cima da estrada velha é resultado do trabalho do governo estadual, sem realizar os cortes das curvas.

Fotografia 14 - Placa de identificação da cidade de Nova Boa Vista



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Aos poucos, a situação geográfica do local muda. Visualizo as moradias dos agricultores, as propriedades rodeadas pelo pasto verde, com o gado leiteiro pastando, ora vejo um chiqueiro com criação de suínos, ora galpões com a criação de galináceos. Ao aproximar-me da zona urbana do município de NBV, várias casas vão surgindo, na denominada Avenida Jacob Wagner Sobrinho, onde visualizo a escola e a igreja que se localizam bem no alto da cidade.

Contextualizo o cenário da rua principal: uma farmácia, uma padaria, dois supermercados, um posto de combustível, lojas de confecção de roupas, duas escolas, uma da rede municipal e outra estadual, duas fábricas de móveis, uma delas com três turnos de trabalho, uma fábrica de laticínio, a Prefeitura, a praça e o açougue, além das bodegas²⁷.

²⁷ Local frequentado estritamente por homens, onde jogam cartas e tomam cerveja.

A primeira parada é na Escola Municipal Santos Anjos. Subo as escadas, vejo uma escola sem muros, sem grades, com flores e gramado. Questiono se, de fato, tem aula, pois está tudo silencioso. Ando pelos corredores e, aos poucos, ouço vozes. Não tem porteiro e nem porteira. Encontro a diretora da escola no pátio; realizadas as devidas apresentações, menciono que pela parte da manhã pretendo conhecer as linhas e que chego para o final da aula. Antecipadamente, havia entrado em contato com o Morador (12), que já me aguarda, com o propósito de me acompanhar durante o dia, mostrando o caminho e a localização das linhas. Para Kreutz,

A cada núcleo colonial desses denominava-se de *picada, linha ou comunidade*. Era estruturado para uma vida em comum bastante fomentada pelas mais diversas organizações associativas, sendo que o costume era de famílias com prole numerosa; uma comunidade com 100 a 130 famílias associadas, tinha as bases para ser tida como núcleo forte quanto à organização da escola, igreja, clube e associações. (KREUTZ, 1991, p. 56).

Para o autor, o resultado dessa estrutura física que favorece a integração em comunidades florescentes econômica, religiosa e socioculturalmente, foi se tornando uso geral, orientando também a fundação das colônias italianas e polonesas e acompanhando países, como Paraguai e Argentina. (KREUTZ, 1991, p. 56). Portanto, na ocupação do espaço físico, a orientação era de favorecer a formação de picadas ou linhas, isto é, núcleos populacionais em torno de 80 a 130 famílias, cada qual morando em seu lote apenas do tamanho do sustento de uma família, variando de 25 a 75 hectares. Estas eram consideradas condições físicas e sociais (número de pessoas) apropriadas para se estabelecerem as interações econômicas, sociais e culturais de uma *comunidade rural*. (KREUTZ, 1991, p. 57).

Feitas as combinações, volto da observação em torno de 11h30min, a fim de acompanhar a saída das crianças da escola. O Morador (12) indica a linha pela qual iniciamos.

Fotografia 15 - Placa de Linha Perau e Linha Maneador Baixo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A primeira linha que visito é a Linha Perau. Paro o carro e visualizo uma Igreja Católica, um salão paroquial, um cemitério e uma moradia. Pergunto ao Morador (12) onde moram as famílias dessa linha e, em sua simplicidade, ele responde: *“Moram por ali, atrás dos morros. Esta estrada que você está vendo, leva a várias propriedades e a diferentes lugares”*.

Fotografia 16 - Comunidade da Linha Perau



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Nas fotos, observa-se o complexo referido por Kreutz (1991), em que o centro dessa organização física de uma comunidade rural era a vila, planejada para concentrar a administração, o comércio, as atividades artesanais, e, especialmente, a escola e a igreja (tendo o cemitério como anexo) e, recentemente, um salão de festas. Na vila, havia uma função muito

especial para a “venda”, isto é, a casa comercial. O comerciante era o elo entre colono e o mundo externo; ele trazia a correspondência, os jornais, as notícias. Era através do comerciante que o colono encaminhava uma possível poupança aos bancos. Porém, também foram os comerciantes que capitalizaram o trabalho das colônias. Com eles ficava a maior margem de lucro na produção colonial. (KREUTZ, 1991, p. 58).

Para entender melhor o contexto das linhas, trago Milton Santos (2000), que, na obra *“Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal”* propõe a valorização do lugar e também do saber:

O conhecimento de outros lugares, mesmo superficial e incompleto, aguça a curiosidade. Ele é certamente um subproduto de uma informação geral enviesada, mas, se for ajudado por um conhecimento sistêmico do acontecer global, autoriza a visão da história como uma situação e um processo, ambos críticos. Depois, o problema crucial é: como passar de uma situação crítica para uma visão crítica e, em seguida, alcançar uma tomada de consciência. Para isso, é fundamental viver a própria existência como algo de unitário e verdadeiro, mas também como um paradoxo: obedecer para resistir e resistir para poder pensar o futuro. (SANTOS, 2000, p. 116).

O local traz referências à heteronomia, enquanto o lugar é portador de anseios de autonomia, complementando-se, portanto.

Por enquanto, o lugar – não importa sua dimensão – é, espontaneamente, a sede da resistência, às vezes involuntária, da sociedade civil, mas é possível pensar em elevar esse movimento a desígnios mais amplos e escalas mais altas. Para isso, é indispensável insistir na necessidade de um conhecimento sistemático da realidade, mediante o tratamento analítico do território, interrogando-o a propósito de sua própria constituição no momento histórico atual. (SANTOS, 1996, p. 206-207).

Para as pessoas que residem nas linhas, o lugar tem seu sentido. Para Santos (1996), deste ângulo, existe um conhecimento do lugar a ser obtido, que depende de conceitos que incorporam a natureza do prático inerte local e que se abre a múltiplas vozes no desvendamento de possíveis futuros. O lugar é, então, uma determinada manifestação da tecnicidade exigida pela sobrevivência, de um ativismo da reprodução e de uma resistência do singular e do diverso.

Os lugares, de acordo com Maria Adélia de Souza, são reveladores, basta atingi-los. Essa ruptura manifesta nos lugares pela alegria que, apesar de tudo, eles irradiam, deve ser também compreendida não como a visão forjada pelo mundo (o da globalização), de incerteza e caos: nos lugares busca-se furiosamente a liberdade. (SOUZA, 1997).

Sigo o trajeto para outro lugar, a Linha Maneador Baixo. A placa sinaliza a direção também para os municípios de Chapada e Barra Funda. Estrada sinuosa e de chão batido, aprecio a plantação de trigo e cevada, além do gado leiteiro. O Morador (12) nomeava os

moradores cujas propriedades ficavam bem distantes umas das outras. Relata que tem uma escola que foi fechada há alguns anos, aliás, outras também foram fechadas. Pergunto o motivo do fechamento dessas escolas, o ano, se era uma escola multisseriada, se era estadual ou municipal. Ele conta que a escola foi adquirida pela família que mora ao lado, transformando-a em local de confraternização, chamado de Recanto Chaleira Preta. Questiono: é possível comprar um terreno que pertence ao Estado? Ele diz: *“houve um tempo que fecharam as escolas rurais, pelo motivo de terem poucos estudantes nestas escolas, a sustentabilidade com poucos estudantes, bem como a qualidade da educação”*.

Fotografia 17 - Escola desativada



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A obra “Nova Boa Vista: história e memórias” apresenta, entre outras informações, relatos sobre as escolas e sobre a produção dos imigrantes:

Nas décadas de 1920 e 1930 instalaram-se em Perau e Maneador Baixo migrantes de origem italiana oriundos das colônias Velhas. Destaca-se o trabalho cooperativo na construção das capelas São Roque, em Perau, em 1923, Nossa Senhora das Graças, em Maneador Baixo, em 1947, bem como a construção de escolas. Em Perau, a escola São Roque funcionou até 1994 e em Maneador Baixo foi construída a Escola Princesa Isabel. Os primeiros colonos plantavam parreiras para a produção do vinho, que era feito de maneira rudimentar e envolvia todos os membros das famílias. Essa produção destinava-se ao consumo familiar e à venda na comunidade. (EAMA, 2012, p. 21).

Rumo ao próximo lugar; na encruzilhada, outra placa. Avisto um campo de futebol, a sede esportiva, grama cortada, postes pintados. O Morador (12) fala que muitas vezes vêm ali aos sábados à tarde ou aos domingos para ver o jogo e que se trata de um local de encontros das

peessoas. Pergunto de quem é o campo de futebol e por que aquelas cores. Sobre as cores, não sabe explicar. Quanto ao dono da sede esportiva, menciona que não é do time de futebol, pois é uma propriedade particular, cujo dono empresta a terra, a fim de que as pessoas tenham um lugar para se encontrar e praticar esporte. Minha estranheza: por que alguém empresta algo de valor sem ter um retorno financeiro? Que tipo de parceria acontece entre o time de futebol e o proprietário? Avisto algo bem característico das comunidades do interior: um complexo formado por uma igreja católica, um salão comunitário e uma escola²⁸.

Fotografia 18 - Comunidade da Linha Maneador Baixo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Na colonização alemã, houve uma íntima conexão entre igreja e escola. A vida em comum desses núcleos populacionais, a partir de uma base comum de produção, girava fundamentalmente em torno da Igreja e da escola. (KREUTZ, 1991, p. 58).

Havia um zelo muito grande, da parte dos próprios colonos, pela criação de condições físicas (proximidade) e sociais (número de pessoas) apropriadas para se estabelecerem as interações econômicas, sociais e culturais de uma *comunidade rural*. (KREUTZ, 1991).

Algo vai marcando a fala do Morador (12). Ele usa muito a expressão “*aqui tinha*”, remetendo ao enfraquecimento dessas linhas quanto ao número de moradores. A visita às linhas me leva a outro lugar. A identificação das estradas é clara e objetiva. Na ocasião, lembro-me

²⁸ Essa é a segunda escola que se encontrou desativada. Estava trancada e não conseguimos entrar pelas janelas quebradas consegue-se visualizar a única sala de aula.

da conversa com o Morador (13) na Estação Rodoviária em Porto Alegre, quando disse que foi no mandato de secretário dos transportes que foram mapeados as linhas e os demais limites do município, bem como a confecção das placas.

Seguimos para Linha de Lajeado Boa Vista. Ao chegar ao topo do morro, visualizo a cidade de Chapada. A estrada fica mais sinuosa e começa a descida; os olhos se enchem com os diferentes tons de verde, campos verdes pelo pasto e nele as vacas leiteiras, poucas casas, a dificuldade de visualizar os vizinhos, pois moram longe. A orientadora que nos acompanha comenta: *“e de noite, se precisa de alguma coisa, os vizinhos moram longe, ai, ai, ai [...] Que situação”!* A expressão de medo e a dura realidade de ter vizinhos nada próximos²⁹.

O Morador (12) relembra que pela estrada que percorríamos passa o ônibus escolar para buscar as crianças e também transportar as pessoas que não têm carro. As pessoas que vão à cidade podem ir junto com o ônibus escolar, pois não tem problema. O Morador (12) diz: *“Olhem lá, já podemos ver a escola³⁰, aqui tinha uma escola. Disse que o dono da terra deixaria a escola como recordação. Hoje ele guarda maquinário, ferramentas e adubo”.* Das três escolas desativadas, percebo que são escolas de uma única sala de aula, banheiro e um pequeno depósito. Na próxima imagem, a terceira escola desativada que encontro.

Fotografia 19 - Terceira escola desativada



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

As linhas Lajeado Boa Vista, Knob, Barraca, Tijolo e Gabriúva, segundo consta na obra *“Nova Boa Vista: história e memórias”*, receberam, na década de 1920, os colonizadores provenientes de Montenegro, poço das Antas e Venâncio. Na obra mencionada, vários relatos dão conta das dificuldades enfrentadas pelos primeiros moradores, mas todos são unânimes em

²⁹ Isso nos remete ao enfraquecimento e esvaziamento das linhas.

³⁰ É a terceira escola desativada encontrada na visita, a fim de conhecer as linhas.

afirmar que “a solidariedade foi fundamental para a superação das adversidades”. (EEMAMA, 2012, p. 21). Uma das realizações dos moradores, em 1968, foi a fundação da Escola Borba Gato, em Lajeado Boa Vista.

Enquanto prossigo no trajeto, o Morador (12) traz à memória fatos peculiares dessa linha. Avisto o campo de futebol, que é um ponto de encontro, de convivência e lazer. O Morador (12) diz que os campeonatos de futebol reúnem vários times. O campo de futebol visualizado apresenta um pórtico de entrada com a identificação do campo, cercado e pintado com as cores do clube.

Fotografia 20 - Campo de futebol da Linha de Lajeado Boa Vista



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Novamente, pergunto ao Morador (12) de quem é esse campo de futebol. Com sua simplicidade e risada franca, ele diz: “o dono da terra, ou melhor, do potreiro,³¹ não cobra nada, isso ele dá de graça, imagina cobrar por isso, nem pensar”. Como num mundo consumista, incentivado pelo mercado a sempre “ganhar”, tirar proveito, alguém deixa que utilizem a sua propriedade sem ter retorno financeiro? Construir a sede esportiva para o time, fazer a cerca numa propriedade que é de outra pessoa? Que tipo de acordo/parceria existe?

O destino agora é a Linha Cachoeirinha, antigo lar do Morador (12). Nessa região há muitas propriedades com criação de suínos³². Ao passar na frente de uma delas, sou informada que ali tem matrizes³³. O dono é o Morador (11), e as matrizes não são dele; trata-se da maternidade dos leitões (porquinhos pequenos), que, ao adquirirem em torno de 20 quilos, são levados para outros produtores que fazem a engorda do suíno. Portanto, o Morador (11) é um

³¹ Termo usado pelo Morador (12) para denominar o local dos campos de futebol. Uma área verde, cercada, com grama. Durante a semana é um local de pastagem do gado.

³² Popularmente conhecidos como porcos.

³³ Matrizes são porcas reprodutoras. Os leitões (filhotes) ficam com as matrizes somente até o desmame.

prestador de serviços. O cheiro é forte! A família que ali reside certamente já se acostumou. A estrada fica cada vez mais estreita e sinuosa. É preciso ter cuidado ao dirigir, pois não se tem campo de visão amplo. As memórias do Morador (12) brotam, trazendo à tona lembranças de quando os filhos faziam esse trajeto a pé até a escola, totalizando seis quilômetros de ida e seis quilômetros de retorno. Lembra que depois comprou uma mibilete³⁴, facilitando o acesso à escola.

Para o Morador (12), recordar é traçar relações. Desse modo, a memória é um fenômeno relacional e, como tal, sujeita a mudanças, acomodações e flutuações. Essas flutuações se processam em função do contexto (pessoal, político, etc.) no qual a memória é articulada e demonstram o quanto ela é um dado construído. Sendo assim, sobre a memória incide um trabalho de organização que exclui, aproxima, esquece, relembra etc.

Pollak aponta dois elementos formados por “pessoas, personagens” (com as quais nem sempre mantivemos contato direto) e os “lugares”. Com relação aos lugares, o autor afirma:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal, mas também pode não ter apoio no tempo cronológico [...]. Locais muito longínquos, fora do espaço-tempo da vida de uma pessoa, podem constituir lugar importante para a memória do grupo, e por conseguinte da própria pessoa, seja por tabela, seja por pertencimento a esse grupo (POLLAK, 1992, p. 2-3).

É dentro desse contexto que entendo a comunidade de Nova Boa Vista como um lugar de memórias. Continuo o caminho em busca de outro lugar. Quando chego ao topo do morro, enxergo longe, e a paisagem continua sendo a mesma. Campos verdes de trigo ou cevada, pasto e gado leiteiro. É uma tranquilidade, ninguém na estrada; o ritmo do interior é outro.

O Morador (12) aponta o local da sua antiga moradia e mostra a sua terra, que foi arrendada³⁵. Lembra com tristeza a antiga moradia, pois sempre teve um jardim com várias flores, grama bem cortada. *“Essa família que comprou não é muito caprichosa, não gosto nem de passar por aqui. Lembro como tudo era bonito e agora está tudo abandonado”*. Pelo caminho, lembra-se dos vizinhos que ali residem e segue o bordão: *“aqui tinha uma casa”*, *“aqui morava uma família”*. Preciso parar o carro, pois vacas leiteiras são conduzidas até o pasto. O proprietário, Morador (14), é conhecido do Morador (12) e, após algumas falas, ele conta que tem aproximadamente quarenta vacas leiteiras e tem três chiqueirões de porcos.

³⁴ É uma moto pequena, parecida com uma moto bis.

³⁵ Terra arrendada significa que outra pessoa cultiva a terra e entrega uma porcentagem dos produtos cultivados.

Despeço-me do Morador (14) e de sua esposa e início a descida do morro, enquanto o guia diz: “*aqui morava uma família*”, mais adiante, “*aqui também tinha uma casa*”. Nas curvas sinuosas, as pequenas propriedades³⁶ surgiam e ele dizia: “*aqui tem duas crianças que vão à escola. Esta casa está vazia, não mora mais ninguém, mais adiante, aqui neste lugar, também tinha uma família, agora transformaram em roça*”³⁷. As casas são bonitas devido ao incentivo durante o governo do Presidente Lula para os pequenos agricultores permanecerem no interior, o que resultou em ampliação e melhoria do patrimônio. Nestas andanças, saio da Linha Scheibe e vou em direção à Linha Cachoeirinha.

³⁶ Pequenas propriedades podem ser identificadas como a área construída (casa e galpões).

³⁷ Termo usado pelo Morador (1) para designar a lavoura.

Figura 4 - Indicação para a Linha Cachoeirinha



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Na obra “Nova Boa Vista: história e memórias”, consta este relato sobre a Linha Cachoeirinha:

Em 1924 iniciava a colonização da Linha Cachoeirinha. Ao longo dos anos foram se organizando nessa comunidade casas de comércio, moinho, ferraria, olaria, serraria e fábrica de refrigerantes. A luz elétrica era gerada por meio de uma turbina instalada junto ao moinho. Havia também carregador de bateria para rádio. Em Linha Cachoeirinha formou-se a Igreja de Confissão Luterana no Brasil e a Escola Rural da Cachoeirinha. A comunidade sempre manteve a cultura do canto coral e fundaram em 1928 o Coral Lyra que mantém suas atividades até a atualidade. (EEMAMA, 2012, p. 20)

O Morador (12) aponta na direção da mata e diz que ali passa o Rio Turvo, que, com frequência, alaga a estrada impedindo o acesso por até mais de três dias. De fato, visualizo as marcas marrons na vegetação e nos postes de luz. A Linha Cachoeirinha é uma comunidade preponderantemente Evangélica de Confissão Luterana, mas não há diferença entre católicos e evangélicos, conforme relata o Morador (12):

“Aqui era uma comunidade forte, tinha fábrica de refrigerante, tinha fábrica de queijos, armazém. O campo de futebol foi desativado, pois não tem mais jovens, eles vão para centros maiores. Não há políticas de incentivo para que os jovens fiquem no interior. Se eu quero fazer uma festa neste salão, eu posso! Pois ajudei a construir o salão, vim muitos dias ajudar. Mesmo sendo de outra religião posso usar o salão para uma festa familiar. Aqui o pessoal se ajuda”. Morador (12) 13/07/2017).

No relato, percebo a saudade de quando era uma comunidade com possibilidade, ou seja, com vários moradores. Comenta que tinha um comércio que proporcionava emprego, pois até o campo de futebol foi desativado. Os jovens não permanecem no campo, as famílias vão envelhecendo. Quando o Morador (12) fala da sua ajuda na construção, me remete ao que Kreutz aborda sobre a organização dos núcleos coloniais:

Insisto na explicação da estrutura física destes núcleos coloniais, pois eles são a base sem a qual não teria sido possível a rede de organizações socioculturais e religiosas a animar e caracterizar a vida dos colonos, praticamente sem a marginalização de ninguém que compusesse esta *comunidade rural*. Previa-se a participação de todos na igreja, escola e associações, inclusive com trabalhos concretos. Especificamente, repetia-se por diversas vezes ao ano a convocação dos sócios para as *Gemeindearbeiten* ou *Frohnarbeiten* (serviço de comunidade obrigatório e gratuito), isto é, o mutirão que, segundo Willems, é uma expressão da experiência e organização *comunitária* dos imigrantes teutos. Os sócios da comunidade rural eram regularmente convocados, cada ano, para serviços como estrada (o travessão). E havia convocações especiais para momentos ou finalidades mais específicas, como construção (seja da Igreja, escola, casa do professor ou salão de festas) ou para a preparação de algum evento especial. Certamente estes aspectos inspiraram a expressão hoje bastante difundida de “democracia rural, agrária”, atribuída a estas colônias. (KREUTZ, 1991, p. 57).

Conforme Kreutz (1991), alguns países europeus vinham, desde o fim da Idade Média, experimentando a organização de núcleos agrários com variedade de disposição, mas sempre sob o princípio de que um determinado número de colonos se dispusesse de um centro (vila) com a infraestrutura de artesanato, comércio e atendimento religioso-escolar.

As formas de disposição destes núcleos variaram, mas uma das mais consagradas pela prática foi a de “espinha de peixe”, onde a um travessão central se ligava transversalmente os lotes, sendo que normalmente o travessão era planejado ao longo de um curso de água de modo que as casas e benfeitorias ficassem próximas ao

mesmo. Era comum que os lotes, testada de 200metros ao longo dos caminhos ou linhas. O comprimento dependia da topografia. E, na medida do possível, cada lote deveria ter acesso ao curso de água. O mais importante era o núcleo para o qual convergia todo o travessão. Este núcleo deveria ter as condições básicas para a integração dos habitantes desta área, ou, como então se dizia, para o desenvolvimento *comunitário*. A partir destes núcleos foram surgindo às vilas e sedes distritais. (KREUTZ, 1991, p. 56).

Então Kreutz (1991), na estruturação física das colônias de imigrantes, aproveitou-se, inicialmente, de uma experiência reduzida, mas secular, de alguns países europeus. A diferença é que no país de origem eles haviam morado em aldeias, estando a roça desvinculada do lugar de moradia. Como no Rio Grande do Sul o lote era maior e não fracionado, era inviável a organização ao estilo aldeia europeia, mas que cada qual se estabelecesse na própria terra. E só ao redor da Igreja, da escola, da venda, pouco a pouco se constituíram os centros frouxos da povoação, que, em casos favoráveis, conduziram à formação de vilas e cidades. (KREUTZ, 1991).

Enquanto conheço as linhas, seus lugares, lembro-me de que, para Santos (2000), o lugar é uma expressão da vontade organizadora, que excede as diretrizes administrativas das organizações. Na construção social de lugares, encontram-se envolvidas, segundo Certeau (1998), diferentes artes de fazer. Entretanto, a valorização dessas artes, assim como a memória, é geralmente impedida pelo ritmo da vida social, por exigências de atualização de conhecimentos e pela sobrecarga da informação sem análise. A memória está sendo ativada pelo Morador (12) nas suas vivências e experiências, proporcionando novos sentidos.

Fotografia 21 - Igreja Evangélica de Confissão Luterana e o salão da comunidade



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

O Morador (12) aponta na direção de mais uma escola, perto da igreja, há menos de um quilômetro. Passo por uma casa e vejo uma senhora de 96 anos sentada na varanda. O guia cita alguns aspectos da idosa, o que remete a Charlot:

A relação com o saber é relação com o tempo. A apropriação do mundo, a construção de si mesmo, a inscrição em uma rede de relações com os outros, o aprender, requerem tempo e jamais acabam. Esse tempo é o de uma história: a da espécie humana, que transmite um patrimônio a cada geração; a do sujeito; a da linhagem que engendrou o sujeito e que ele engendrará. Esse tempo não é homogêneo, é ritmado por momentos significativos, por ocasiões, por rupturas; é o tempo da aventura humana, a da espécie, a do indivíduo. Esse tempo, por fim, se desenvolve em três dimensões, que se interpenetram e se supõem uma à outra: o presente, o passado, o futuro. (2000, p. 79).

O Morador (12) tem uma relação com o contexto, mesmo não tendo uma ligação direta com a moradora em questão, mas ele a conhece; portanto, toda relação consigo é também relação com o outro. E novamente cito Charlot:

há aí um princípio essencial para a construção de uma sociologia do sujeito: cada um leva em si o fantasma do outro e porque, inversamente, as relações sociais geram efeitos sobre os sujeitos que são possíveis uma sociologia do sujeito. [...] Nascer, aprender, é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem um sistema de sentido, onde se diz quem eu sou, quem é o mundo, quem são os outros. (2000, p. 47; 53).

Ao chegar ao local onde funcionava a “Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Leopoldo Mertins”, a única ainda com identificação, o Morador (12), indignado com a situação, diz que ali mora um senhor solteiro³⁸, que denomino Morador (15). A escola/residência está aberta. Ao entrar, constato que a estrutura dessa escola é diferente das outras três escolas desativadas. É maior, tem três salas grandes, uma varanda e um banheiro. Os espaços estão abertos; uma sala de aula transformou-se em depósito de cadeiras e mesas velhas; os outros espaços estão repletos de entulhos. O Morador (12) diz que era uma escola muito bonita e que, muitas vezes, nos períodos de eleição, ele esteve ali. Menciona que a Prefeitura vem de vez em quando fazer uma limpeza na escola/residência. Isso me remete novamente à teoria de Charlot: “o sujeito é, ao mesmo tempo, um ser humano singular e social [...] é um ser que ocupa uma posição social adquirida por pertencer a um grupo social e, ao longo da vida, produz sentidos e significados sobre si e o mundo, construindo sua singularidade” (2000, p. 63).

A concepção de sujeito pode ser considerada na questão da aprendizagem. O aprender está presente e é condição obrigatória no processo de construção do sujeito, que envolve tornar-

³⁸ Termo usado pelo Morador (12) para denominar uma pessoa que não casou e já está em idade avançada.

se um membro da espécie humana (hominizar-se), um ser humano único (singularizar-se) e um membro de uma comunidade, ocupando nela um lugar (socializar-se). Mas esses aspectos não devem ser tratados separadamente; na concepção de Charlot (2000). O sujeito é sempre simultaneamente social e singular.

É através do aprender que o sujeito se constrói, relacionando-se consigo próprio, com os outros a sua volta e com o mundo em que está inserido. Questiono-me: sendo uma escola de propriedade do Estado, por que a rede municipal realiza a limpeza do local? Se for de responsabilidade do município, por que não transformar o local num museu histórico?

Fotografia 22 - Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Leopoldo Mertins



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Ao entrar no carro, pergunto ao Morador (12) onde o Morador (15)³⁹ residia anteriormente e se o mesmo tem família. Ele relata: “*a casinha caiu de velha, não tem mais familiares, por isso a Prefeitura o recolheu e o colocou para morar na escola*”. De acordo com Charlot (2000), é verdade que todo sujeito pertence a um grupo, mas não se reduz a esse vínculo e, ao que se pode pensar a partir da posição desse grupo em um espaço social. Ele interpreta essa posição, dá um sentido ao mundo, atua nele e se depara com a necessidade de aprender e com formas variadas de saber. Portanto, sua relação com o saber é fruto de múltiplos processos.

Nesse caso, o Morador (15) é o contraponto de ambas as ideias (conceitos e projetos) que correspondem à tenacidade do existir, à insistência do fazer vida, à riqueza do agir realmente experimentado dependendo de outros. É uma situação que requer um olhar cidadão; ao trazer concretude à luta por cidadania, obriga a repensar relevantes fenômenos sociais. Afinal, como aborda Santos (2000, p. 25), “[...] a datação do mundo faz com que tenhamos

³⁹ O Morador (12) chama o morador pelo sobrenome.

sempre que estar revendo conceitos”. Nessa situação específica, entendo ser relevante ao Morador (12) rever alguns conceitos.

Sigo o caminho com destino à Linha Caúna. A estrada, bem sinuosa, exige mais cuidado ao dirigir. A geografia continua sendo bonita. É uma estação do ano em que o verde é preponderante. De vez em quando aparece uma moradia; sou surpreendida com o cheiro forte da criação de suínos e outros chiqueirões são avistados.

No trajeto, comento sobre o preço dos suínos, o preço da terra. Ao chegar ao lugar esperado, o Morador (12) instiga que ali daria uma boa foto. Avisto a igreja e o salão. Ao parar o carro, sou envolvida pela poeira, pois o clima está muito seco e há algum tempo não chove na região. Exuberantemente, estão elas ali: a Igreja de Confissão Luterana e a Igreja Católica, unidas pelo salão comunitário.

Fotografia 23 - Igrejas Católica e Evangélica e salão comunitário



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Que relações se estabelecem nesta comunidade, cujas confissões religiosas diferentes usufruem do único salão comunitário? Sobre o início de Linha Caúna, a obra “Nova Boa Vista: história e memórias” registra:

Linha Caúna recebe os primeiros moradores na década de 1920. Ao longo dos anos são construídas a Igreja Católica, em 1935 (Santa Teresinha) e Luterana, na década de 1940 (Igreja de Confissão Luterana no Brasil). Antes da construção dos templos as

peessoas tinham o hábito de se reunir nas casas dos moradores. Próxima às Igrejas ficava a escola, que dentre os seus vários professores contou com Antônio Mathias Anschau, que deu nome à escola que, posteriormente, receberia o nome de Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau. Havia também, naquela localidade, casas de comércio, serraria, ferraria, moinhos, funilaria, açougue, sapataria e selaria. (EEEMAMA, 2012, p. 20).

Continuo a visita ao próximo lugar e o Morador (12) salienta que ali passa ônibus⁴⁰. Estradas estreitas de chão batido, sem acostamento, sinuosas e muitas vezes sem uma visualização, pois o mato ao longo do caminho dificulta uma visualização mais distante. No caminho, poucas casas restam, e o bordão do guia continua: *“aqui tinha uma casa”*. Algumas moradias são mais modestas, mas percebo um cuidado da família com sua propriedade, com gramado em frente à casa, pequenos arbustos com flores, roseiras e os postes da cerca pintados. O guia diz: *“são humildes, mas são caprichosos”*⁴¹. Ao passar pelo acesso de uma estrada, ele diz: *“por aqui chegamos ao campo de futebol. Esse campo de futebol era bonito, o campo morreu”*⁴². E mais uma vez me questiono: quantos campos de futebol vimos nesta manhã? Essa é uma das únicas possibilidades de lazer? Se os homens jogam futebol, o que fazem as mulheres no seu tempo de lazer?

Avisto uma propriedade e o Morador (12) diz que o ônibus busca a criança no pátio da casa, pois a família não permite que ela caminhe quinhentos metros. Percebo certa indignação na fala do guia. E o bordão se intensifica:

“Aqui tinha uma casa, aqui na Caína o comércio era forte, grande, tinha casa de negócios, tinha tanta coisa, agora não tem nada, tá tudo morto. Ano passado desmancharam o salão que ficava bem ali. Se nós continuarmos nesta estrada podemos sair no município de Chapada e no Município de Almirante Tamandaré”. Morador (12), 13/07/2017).

Ao chegar, encontro a Igreja Católica, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil e o salão comunitário. O Morador (12) contextualiza que sempre vem às festas deste

40 Percebe-se que para ele era importante dizer que ali passava o transporte público.

41 Para o guia, o termo “caprichosos” quer dizer organizados, limpos, cuidadosos com seus bens, etc.

42 Ele quer dizer que não há mais jogadores, há poucos jovens e eles vão para os centros maiores.

local, tanto dos evangélicos, como dos católicos. O salão é compartilhado pelas duas instituições religiosas.

Fotografia 24 - As duas instituições religiosas e o salão comunitário



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Percebo que a imersão nas diferentes linhas está sendo um fomento nas memórias e experiências do Morador (12), que, em alguns momentos, sente alegria, tristeza, indignação e saudades. No contexto em que esta pesquisa está inserida, a relação estabelecida entre memória e identidade está intrinsecamente conectada e claramente elucidada pelos autores citados no início do texto. Tomando identidade como a imagem que construímos de nós mesmos, para nós e para os outros, Pollak propõe três fatores presentes em sua construção:

[...] há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do corpo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (POLLAK, 1992, p. 5).

Os elementos unidade, continuidade e coerência precisam estar presentes para fornecer a cada membro do grupo social o sentimento de pertencimento, de compartilhamento de valores, crenças, símbolos e significados que essa coletividade ostenta. Para mim, enquanto pesquisadora, e para o Morador (12), a imersão nas linhas está desencadeando outros dispositivos da memória coletiva. Assim como está acontecendo com o Morador (12), o mesmo acontece com o Morador (13) quando se lembra da sinalização das linhas.

Enquanto dirijo para o próximo lugar, converso sobre o surgimento das linhas e o seu enfraquecimento. Talvez o surgimento e o fortalecimento das linhas, alguns anos atrás, tenha se dado nas condições precárias dos meios de transporte, geralmente, realizados com cavalos ou carroças, o que facilitava os pequenos estabelecimentos, mais conhecidos como “armazém de secos e molhados”, fábrica de queijos, moinhos, etc. Várias famílias moravam próximas, era a forma de identificar a sua localização, bem como o cuidado e a entreatada entre os vizinhos. Com o avanço dos transportes, a locomoção tornou-se mais acessível, fazendo com que as pessoas pudessem se locomover a longas distâncias em pouco tempo. Há uma probabilidade que isso tenha gerado o enfraquecimento das linhas.

Com o avanço dos meios de transporte e as mudanças no mundo do trabalho, aumentou o isolamento das pessoas e a competição entre elas passou a ser maior. O curto prazo, o temporário, a brevidade são a medida de tempo de empregos, relações sociais, vínculos institucionais, dificultando a resolução de problemas sociais e nos afastando do envolvimento com problemas alheios que não nos afetam diretamente, conforme Sennet (2012).

Pelo caminho, o Morador (12) aponta vizinhos que estão “brigados” e comenta: *“faz algum tempo que se desentenderam, isso é ruim. Foi por causa de terra”*. Esse comentário mostra que a prática da cooperação enfatizada por Sennet não é tão evidente assim. As forças culturais agem contra a prática da cooperação exigente. Está nascendo nas sociedades contemporâneas um tipo de pessoa que evita sobressaltos, que procura “sentir-se menos estimulada possível por diferenças profundas”. A homogeneização do gosto também ajuda a enfraquecer o impulso de cooperar com os outros. “O desejo de neutralizar toda diferença, de domesticá-la, decorre [...] de uma angústia em relação à diferença, conectando-se com a economia da cultura global de consumo”. (SENNETT, 2012, p. 19). É mais fácil conectar-se com uma cultura global do que uma cultura local, o que também acontece com o número expressivo de amigos virtuais (redes sociais) em relação ao número de amigos reais.

O Morador (12) comenta que já aconteceu com ele, que se desentendeu com um vizinho. Percebo que o relato acontece de forma muito espontânea e que não queria ter confidenciado essa situação. O silêncio impera por um tempo. Conforme Sennett (2012), “a sociedade moderna está desabilitando as pessoas da prática da cooperação”, processo que vem se desenvolvendo desde a substituição de homens por máquinas no século XIX, passando pela perda da capacidade das pessoas de lidar com diferenças insuperáveis.

Continuo o trajeto e, pelo caminho, encontro um casal com uma carroça puxada a bois, fazendo pasto, e um garoto entre sete a nove anos andando de bicicleta⁴³. Estamos na Linha Jaboticaba. Poucos moradores ao longo da estrada. Avisto o plantio de hortifrutigranjeiros, aviários, muitas araucárias, casas vazias. O Morador (12) aponta que nestas estradas estreitas passa o ônibus escolar. A mesma característica dessa linha com as demais: avisto o campo de futebol. Na foto consigo visualizar de forma mais clara e objetiva como é a sede esportiva e sua localização. Nela, o cenário exuberante e preponderante das diferentes tonalidades de verde.

Em Linha Jaboticaba, por volta de 1920, instalaram-se os colonos provenientes de Santa Cruz do Sul/RS que tinham em comum a religião evangélica, razão pela qual foi, nesta comunidade, construída a Igreja Evangélica Luterana do Brasil em 1924. A casa pastoral servia como escola e igreja e posteriormente foi construído um prédio onde foi instalada a Escola Otto Krentz. (EEMAMA, 2012, p. 20)

Na era do neoliberalismo, em que o individualismo prepondera, como entender que alguém disponibiliza uma área/propriedade particular em vista da coletividade sem pretensões financeiras? Teodoro (2011, p. 24) apresenta a globalização como uma estratégia de liberação e de privatização dos meios de produção e, por outro, a afirmação do axioma das vantagens competitivas, tendo subjacente uma nova concepção de desenvolvimento, adjetivado de sustentável, que acaba por trazer novamente para o primeiro plano a teoria neoclássica do capital humano. A globalização não pode ser entendida como mera continuação da construção do sistema mundial moderno, mas como um conjunto de processos que intensificam cada vez mais a interdependência e as relações sociais a nível mundial.

Como entender a presença da lógica do mercado que impera sobre a lucratividade, e alguém disponibilizar seus bens particulares em prol da coletividade e na gratuidade? Que relações existem? Que parcerias são formadas?

Na identificação do pavilhão São João, aparece a palavra municipal, o que me faz pensar se foi construído pelo município. O guia observa que o cemitério é bem cuidado, com “*casinhas*”⁴⁴, e está cercado para que os animais de grande porte não consigam entrar. Ele comenta também que a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB) é a única Igreja dessa instituição no município.

⁴³ O filho junto com os pais, observando a rotina do trabalho.

⁴⁴ “Casinha”, segundo o guia, são os jazigos. “As famílias estão construindo esse tipo de casinhas e vão unindo seus entes queridos nos mesmos jazigos, pois não tem mais quem cuide. Os jovens não gostam muito disso” – Morador (12).

Fotografia 25 - O complexo da Linha Jaboticaba



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Depois de tanto tempo de imersão nas linhas, cito a obra “Da totalidade ao lugar”, na qual Santos (2001), afirma que os lugares se definem pela sua densidade técnica, pela sua densidade informacional, pela sua densidade comunicacional, cuja fusão os caracteriza e distingue. Essas qualidades se interpenetram, mas não se confundem.

Esse tempo plural do cotidiano partilhado é o tempo conflitual da co-presença. Como lugar do acontecer solidário, homólogo ou complementar, o lugar é esse espaço banal da geografia, criador da solidariedade e da interdependência obrigatórias geradas pelas situações cara a cara de que fala Schutz (1967), pois é essencial para esse resultado que ‘você e eu tenhamos o mesmo entorno’ já que, somente nessa situação [...] posso assumir, com maior ou menor certeza, dentro da realidade diretamente vivida (experimentada) que a mesa que estou vendo é a mesma em todas as situações perspectivas. (SANTOS, 2001, p. 160-161).

Nesse sentido, as linhas são lugares que não podem ser vistos como passivos, mas como globalmente ativos, e nelas a globalização não pode ser enxergada apenas como fábula. O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este se esconder na sua essência, pode não o fazer pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que já é, mas, também, pelo que ainda não é. Nesse sentido, Santos (2001) entende que:

O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se uma flecha do tempo se entortasse no contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo deformante e deformado. Por isso fala-se da imprevisibilidade do evento, a que Ricouer chama de autonomia, a possibilidade, no lugar, de construir uma história das ações que seja diferente do projeto dos atores hegemônicos. (2001, p. 163).

O meu estranhamento é a falta de cuidado, pois vão se estabelecendo as contradições, como entender que priorizam o cuidado e deixam as escolas daquele jeito. Não visualizo nenhum morador por perto. Pergunto ao guia onde ficam as casas, e ele diz: “*aqui atrás dos morros, atrás daquele mato tem famílias*”. Ele sai andando e me chama dizendo que há mais uma escola. A escola fica escondida atrás das árvores, folhagens e capoeiras grandes. O estranhamento ocorre quando o Morador (12) grita: “*está aberta*”. Vou abrindo caminho entre as capoeiras, registrando no celular o que os olhos viam. Estrutura igual às outras: uma escola de alvenaria, uma sala grande, um banheiro, um pequeno depósito, uma pequena varanda, um quadro verde e alguns bancos escolares duplos. E me questiono: como entender uma comunidade que zela pelo patrimônio da coletividade (igreja, salão e cemitério) e o descaso com a escola desativada? Será esse um reflexo da realidade educacional em nível estadual e em nível federal no qual estamos inseridos? Esse espaço poderia ser transformado em um lugar histórico do município ou um museu com artefatos antigos. Ou se poderia considerar a possibilidade de criar um projeto para restaurar somente uma dessas escolas desativadas, a fim de que pudesse tornar-se um local de acervo cultural, fonte de pesquisa e outras possibilidades.

Fotografia 26 - A escola escondida



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Silva (2015), ao ampliar os sentidos de patrimônio, sugere que o estudante e o professor possam considerar pertinentes para uma reflexão sobre suas identidades e para a construção da cidadania no cotidiano das instituições de ensino. A educação patrimonial como forma de pesquisa da diversidade cultural presente na própria comunidade escolar, a partir da ideia de inventário.

Foram considerados bens culturais imateriais, as festas, celebrações, narrativas orais, danças, músicas, modos de fazer artesanais, enfim, um conjunto de expressões culturais que não estavam contempladas nas políticas patrimoniais até então, predominantemente voltadas para o patrimônio material (ABREU, 2015, p. 79).

A Convenção de 2003 define patrimônio cultural imaterial como as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos, reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.

Segundo esta mesma Convenção, esse “patrimônio cultural imaterial” se manifesta nos campos das tradições e expressões orais, incluindo o idioma como veículo do patrimônio

cultural imaterial, expressões artísticas, práticas sociais, rituais e atos festivos; conhecimentos e práticas relacionados à natureza e ao universo, técnicas artesanais tradicionais. (ABREU, 2015, p. 75).

Enquanto percorro as diferentes linhas, que leva a vários lugares, percebo a riqueza cultural, mas, ao mesmo tempo, o descaso, a não valorização, o sucateamento do patrimônio coletivo.

Enquanto isso, o Morador (12) vai nomeando os moradores das casas que vão surgindo, fala que os pastos são transformados em silagem, sendo armazenados para as estações que não tem tanto pasto. E a conversa sobre as situações do cotidiano continua. Pergunto qual partido político está no poder, mas ele não sabe a sigla partidária e diz:

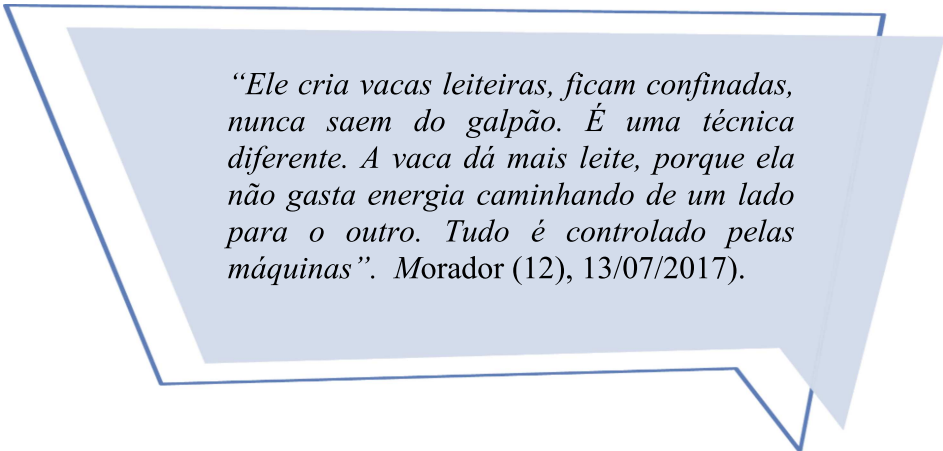
“Votam na pessoa e não na sigla. No tempo das eleições o “negócio fica feio”, pois a maioria sabe em quem vota. Mas sempre tem aqueles que se vendem. O que acontece na cidade grande, aqui também acontece. Acho que é até pior, porque aqui as pessoas se conhecem”. Morador (12), 13/07/2017).

Enquanto eu dirigia para o próximo lugar, o Morador (12) aponta a direção de uma propriedade que pegou fogo, gerando um enorme prejuízo. A causa do fogo seria a parte elétrica. Percebo que a fala fica baixa, pois surge o sentimento de empatia de colocar-se no lugar do morador que perdeu um bem com o fogo. Aponta outros locais:

“Aqui tinha uma casa. É até triste passar aqui, não tem mais nada. [...] aqui não mora mais ninguém, o dono morreu e a viúva foi morar na cidade. Tá tudo abandonado”. Morador (12), 13/07/2017).

A professora que acompanha questiona o Morador (12): “onde estão as canchas de bochas”? Ele sorri com satisfação e diz que vai mostrar-lhe uma cancha de bocha. Até chegar ao destino, há outras linhas que vão se entrecruzando, parecendo uma teia. O bordão se repete:

“aqui morava uma família, lá perto daquele galpão tinha uma casa, está tudo vazio”. Avisto uma grande construção e pergunto do que se trata, e ele responde:



“Ele cria vacas leiteiras, ficam confinadas, nunca saem do galpão. É uma técnica diferente. A vaca dá mais leite, porque ela não gasta energia caminhando de um lado para o outro. Tudo é controlado pelas máquinas”. Morador (12), 13/07/2017).

O Morador (10) é o criador das vacas que ficam confinadas. Praticamente tudo é feito pelas máquinas. Nesse caso, não há fronteiras entre mundo rural e urbano, pois a automação, as diferentes tecnologias estão presentes no dia a dia dos pequenos agricultores, mudando, conseqüentemente, as relações de trabalho.

Para Delgado (2008), as conseqüências no mundo do trabalho da chamada terceira revolução tecnológica embora tenha sido profunda e extensa, não são absolutas, na medida em que alguns cargos e funções são extintos, mas outros são criados em substituição. E isso gera adaptação ao avanço da tecnologia, comparativamente com o ocorrido na segunda revolução tecnológica entre os séculos XIX e XX, quando o trabalho passou por situação semelhante diante do surgimento de novas modalidades de energia e meios de comunicação.

O Morador (10) calcula a produtividade, relação custo/benefício. Portanto, assim como em grandes centros e pequenos municípios, a competitividade, a produtividade e lucratividade estão presentes no dia a dia. Outro efeito benéfico enumerado pelo autor supracitado é a relação direta entre a tecnologia e o aumento da produtividade que interfere no aumento da produção, o que leva à diminuição dos preços das mercadorias e proporciona o aumento do consumo dos respectivos bens e serviços produzidos e, portanto, do lucro.

Assim como a tecnologia está presente em todo o contexto, com ela também vêm as legislações. Para conseguir colocar seus produtos, os pequenos proprietários precisam adequar-se conforme legislação vigente. Além disso, para Delgado (2008), não se pode esquecer que a terceira revolução tecnológica não apenas suprimiu emprego e trabalho; ela também criou inúmeras novas necessidades para indivíduos, instituições e comunidades, alargando de modo espetacular o mercado laborativo e *ilustrando*, com o aumento da expectativa de vida da

população, um acréscimo exponencial no mercado consumidor e a possibilidade de exploração de novos mercados. Antes de chegar à cancha de bocha, mais uma criação de suínos e uma plantação de laranjas e bergamotas. Ao chegar à cancha de bochas, o proprietário, um pequeno agricultor com oito cães⁴⁵ recebe o grupo. Ele diz que faz jantãs encomendadas e que promove pequenos eventos, como peixe assado na brasa, leitão assado, cabrito no espeto, etc. Pergunto ao Morador (12) se ele joga bocha, e ele responde que não gosta porque se suja com a areia [risos], mas gosta de olhar os outros jogarem. Prefere jogar cartas. Diz que vem muita gente ali na cancha, é um ponto de encontro. Conforme Ribeiro (2004, p. 45), “o lugar é, então, uma determinada manifestação exigida pela sobrevivência, de um ativismo da reprodução e de uma resistência do singular e do diverso”.

Fotografia 27 - A cancha de bocha



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

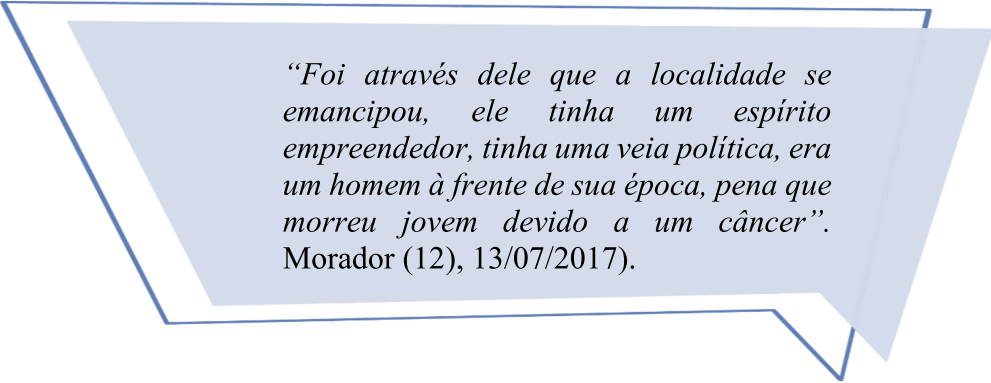
Sigo o trajeto. Campos com vacas leiteiras pastando. Avisto outra grande construção e o Morador (12) diz que é o frigorífico. Relata que o Morador (16) é o dono do frigorífico. Ou melhor, é uma empresa familiar. São quatro irmãos que gerenciam o negócio. Relata como é o funcionamento do frigorífico e como a legislação está cada vez mais rigorosa, burocrática e excludente. “*Ou você se adapta, ou cai fora*”. Assim, uma das questões mais evidentes das contradições da sociedade capitalista é a relativa ao trabalho e, por conseguinte, ao desemprego, visto que não há nenhum país que, em alguma medida, não esteja vivenciando o desmoronamento do trabalho assalariado.

Diante do assédio da legislação, sempre mais avassaladora na sociedade capitalista, o trabalho enquanto atividade humana vital alimenta em si uma contradição: num primeiro

⁴⁵ São cães de caça.

momento foi capaz de modelar a própria sociabilidade humana, por meio da criação de bens materiais e simbólicos socialmente vitais e necessários; mas, de outro lado, trouxe também a marca do sofrimento, da servidão, da alienação e da sujeição na ordem capitalista, que subordina o valor de uso ao valor de troca. (DELGADO, 2008).

O Morador (12) instiga a professora dizendo: “Agora a senhora vai ver o que é um cemitério” e aponta a direção. Ela responde: “*Nossa! Parece uma cidade*”. Na fala do morador percebo que há um orgulho pelo fato de o cemitério ser considerado bonito. Ele lembra que inúmeras vezes veio ajudar a arrumar, pintar os muros, ajeitar os caminhos, podar as árvores, tudo voluntariamente. Disse que, em novembro, no dia de finados, vira uma festa, pois vários parentes e amigos que moram em outras cidades vem “*matar a saudade*” de seus familiares, e o cemitério torna-se um ponto de encontro. Hoje, o cemitério é municipal, pois não há outro na cidade; portanto, todos podem ser enterrados ali, até mesmo os que são de outra religião ou que não tem nenhuma. Com orgulho, o Morador (12) mostra o jazigo do idealizador do município, o Padre Urbano Maldaner.



“Foi através dele que a localidade se emancipou, ele tinha um espírito empreendedor, tinha uma veia política, era um homem à frente de sua época, pena que morreu jovem devido a um câncer”.
Morador (12), 13/07/2017).

Ao caminhar pelo cemitério, percebo que a maioria dos jazigos se constitui de pequenas casinhas com caminhos asfaltados. Pergunto o porquê das casinhas. Fala que os jovens não se preocupam com a limpeza dos jazigos e nem gostam de ir ao cemitério, por isso as famílias constroem as casinhas e colocam os familiares todos juntos. Fica evidente que há um cuidado de preservar a limpeza dos jazigos e do seu entorno.

Enquanto lia em voz alta a inscrição nas lápides, o Morador (12) conta um pouco da história da pessoa ali sepultada. Olhando a dimensão do cemitério, são muitas histórias ali enterradas, muitas relações, conexões e vínculos rompidos e estabelecidos. Para Halbwachs, “a história parece um cemitério em que o espaço é medido e onde cada instante é preciso encontrar lugar para novas sepulturas” (HALBWACHS, 2006, p. 74).

No horário da saída dos estudantes, chego à Escola Municipal Santos Anjos. Despeço-me do Morador (12) e combino o ponto de encontro e horário para continuar a visita no turno da tarde. Observo a saída das crianças e vou para o almoço. Aproximadamente às 14h, o Morador (12) aguarda para mostrar as demais linhas. O destino é a Linha Gabriúva, passando por uma plantação de nozes. O Morador (12) diz:

“Não é fácil na agricultura, depende-se do tempo para plantar, um tempo propício para crescer e também um tempo apropriado para colher. A vida na agricultura é difícil, pois não tem incentivo, nem os jovens não querem mais ficar no interior. Tudo é muito caro para plantar e depois quando vamos vender o produto é muito barato. Não se tem lucro e ainda dependemos do tempo. Não sobra nada, a gente trabalha o tempo todo e não sobra” Morador (12), 13/07/2017).

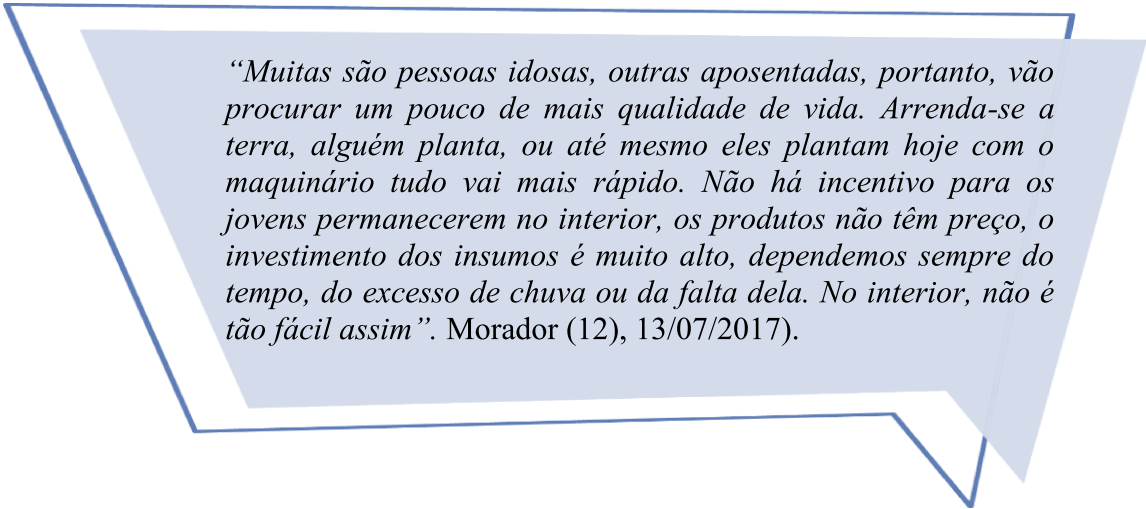
Fotografia 28 - Placa de sinalização da linha



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A estrada leva a diferentes localizações. Parece uma teia de aranha. A característica da linha Gabriúva é parecida com as outras visitadas pela parte da manhã. Poucos moradores ao longo da estrada, vegetação verde e o bordão do guia: *“Aqui tinha uma casa”*. Observo uma

casa vazia; na varanda, uma mesa com cadeiras. Nesta linha até a Linha Mirim, há várias casas vazias. Pergunto se ele sabe o porquê de as pessoas deixarem suas moradias.



“Muitas são pessoas idosas, outras aposentadas, portanto, vão procurar um pouco de mais qualidade de vida. Arrenda-se a terra, alguém planta, ou até mesmo eles plantam hoje com o maquinário tudo vai mais rápido. Não há incentivo para os jovens permanecerem no interior, os produtos não têm preço, o investimento dos insumos é muito alto, dependemos sempre do tempo, do excesso de chuva ou da falta dela. No interior, não é tão fácil assim”. Morador (12), 13/07/2017).

Na Linha do Maneador, várias linhas se entrecruzam. O ponto de convivência nesta comunidade também é o campo de futebol e o salão comunitário, pois ali os homens jogam cartas (baralho) e as mulheres se encontram para conversar. Da obra “Nova Boa Vista: história e memórias”, reproduzo o seguinte registro:

Na década de 1920, Linha Maneador e Mirim recebem as primeiras famílias provenientes de Anta Gorda e Selbach. Igreja e Escola sempre foram motivos de preocupação e interesse dos moradores que, em regime de mutirão, construíram capela e escola em 1922. De acordo com as possibilidades e procurando melhorar a situação local, instalaram também serraria, queijaria, casa comercial, açougue. Em 1929 foi fundado o Coral São José, cuja arte continua a encantar a comunidade local e da região. (EEMAMA, 2012, p. 21)

Em 2019, o Poder Legislativo realizou Sessões Ordinárias no interior, como demonstra o registro no fragmento do jornal:

“No dia 26 de março o poder Legislativo de NBV realizou a primeira Sessão Ordinária no interior, de um roteiro que passará por todas as comunidades. A sessão ordinária de nº4, de 26-03-2019, foi realizada no Ginásio de Esportes da Linha Maneador e contou com a presença de várias pessoas integrantes dessa comunidade, que tiveram a oportunidade de comunicar aos vereadores as melhorias necessárias em sua localidade. No espaço reservado a Tribuna Popular, manifestou-se o presidente da comunidade, que elogiou a iniciativa de levar o legislativo ao interior e reforçou os agradecimentos pela homenagem prestada ao Coral São José do Maneador na Sessão Solene do dia 20 de março. O presidente do poder legislativo destaca a importância dessa iniciativa para integrar a comunidade ao trabalho realizado pela Câmara de Vereadores. Esta é uma oportunidade de os vereadores interagirem com as comunidades, visando detectar problemas, necessidades, anseios dos moradores, buscando encontrar soluções e dar os encaminhamentos pertinentes” (Jornal Boa Nova, 26 de março de 2019).

Em diferentes sessões e atas, no site específico da Câmara de Vereadores, percebo algumas contradições: em quase todas aparece a melhoria das estradas, mas a precariedade de algumas estradas é visível, precisando mudar de transporte público (de ônibus para van). Outras solicitações são de colocação de bueiros, postes de luz, etc., questões operacionais. Há lacunas em projetos maiores, que visem ao bem da coletividade.

A característica dessa linha é o canto coral. Durante muitos anos tiveram um coral somente com vozes masculinas. Hoje, as vozes femininas participam. Em outra observação, acompanho o ensaio das crianças que participam do coral infantil. Portanto, há um incentivo pelo canto coral. O Morador (12) conta que participou da diretoria do coral na matriz, ou melhor, na Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes. Os corais fazem baile ou almoço e convidam outros corais, acontecem as apresentações e depois a confraternização. Durante muito tempo, ele providenciava a lenha para cozinhar a comida, e a sua esposa levantava cedo no dia da festa para ajudar a descascar batatinhas, lavar saladas; várias mulheres ajudam. Ao perguntar se recebem algo, uma bonificação, ele responde com entonação de voz forte: *“Capaz, isso é de graça. Ninguém cobra nada, todo mundo ajuda, isso é para a comunidade ou o coral, ou qualquer outra festa”*.

Cita a Kolonie Fest, um evento de três dias de duração, com exposição, que ocorre na comunidade. A Paróquia é responsável pela cozinha. Durante os dias, as mulheres preparam as

refeições: café, almoço e janta. E continua relatando: “*Tem mulheres que vem só para lavar a louça*”. Pergunto para quem é o café da manhã, já que geralmente a exposição começa pelas 9 horas. E ele responde: “*para as pessoas que estão trabalhando, os expositores. Como aqui não tem hotel ou pousada, muitos vão para as cidades vizinhas e outros dormem nos caminhões. No salão tem chuveiro*”. Pergunto novamente: e essas mulheres trabalham três dias sem receber um pagamento? E ele responde afirmativamente; de fato, elas trabalham voluntariamente.

A partir disso, fica o questionamento: essa comunidade trabalha numa lógica antiglobalização, ou melhor, contra o individualismo? Num contexto, onde o fundamental é ter lucro, como conceber a solidariedade, a coletividade acima do individual? O que está intrínseco ou o que mobiliza um grupo de mulheres a preparar gratuitamente, durante três dias, o alimento para outras pessoas?

Ao aproximar-se da Linha Mirim, o ponto de encontro é o campo de futebol e o Morador (12) diz que também participar do jogo. Na sede esportiva tem arquibancada e está pintada nas cores do time.

Fotografia 29 - Estádio da Linha Mirim



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Ao chegar perto de uma casa, o Morador (12) explica que vem ali para lavrar⁴⁶.

“Eu tenho meus bois, o arado e venho lavrar para eles. Por aqui ninguém tem mais boi para arar. Ano passado arei muitos terrenos na cidade, a maioria de graça. Pediam o que eu queria, que era para fazer preço, eu dizia umas latinhas de cerveja para matar a sede dos bois. Sabe professora, eu também carneio, as famílias querem matar um porco ou um boizinho me chamam para ajudar e eu vou, levo minhas ferramentas. Não cobro nada, às vezes pego um pedaço de carne, umas pernas de salame. Chego a carnear três vezes por semana”. Morador (12), 13/07/2017).

No período histórico que vivemos, marcado pelo individualismo, pela competição, ganância, poder, como entender que moradores prestam um serviço gratuito, sem honorários, sem lucro, a fim de ajudar pessoas próximas? Arar a terra é um serviço árduo, pesado, cansativo. Como entender essa lógica da coletividade? Ajudar o próximo sem ter um retorno financeiro?

Quase chegando à cidade, o Morador (12) aponta para a fábrica de queijo Mandaká. *“Foi premiado no estado do RS, nesse mês, com o melhor queijo prata”* Passa um caminhão, e o Morador (12) diz que ele transporta o soro do leite, pois não pode ser descartado em qualquer lugar, pela questão ambiental. Percebo a preocupação com a questão ambiental, em informar os agricultores com novas técnicas de manejo dos produtos, bem como a legislação atual que deve estar presente no dia a dia também nos pequenos municípios.

No dia 22 de março, aconteceu a Tarde de Campo em Nova Boa Vista na propriedade de Carlos e Neida Werlang na Linha Mirim. Os temas foram sobre a Meliponicultura e criação de abelhas. O evento foi promovido pela Emater-RS/ASCAR de NBV e Secretaria de Agricultura e Meio Ambiente. O evento teve quatro estações de trabalho com diferentes temas. Entre os assuntos abordados estavam a produção de mel, manejo de apiários, colheita, processamento e comercialização, entre outros. A atividade foi aberta aos produtores de toda a região, que marcaram presença em grande número. (Jornal Boa Nova, 29 de março de 2019).

⁴⁶ O ato de lavrar a terra, uma atividade manual com bois e arado.

No excerto, fica evidente o interesse das entidades em promover momentos de formação aos moradores sobre as diferentes maneiras de produção, por exemplo: manejo com as abelhas; processamento; comercialização e legislação. Em outros momentos, envolve os moradores que criam peixes, cultivam hortifrúti, etc.

Chego ao asfalto e o Estádio de Futebol do Shell é mais um ponto de encontro. Conforme o relato do guia, é um time forte, e os campeonatos são difíceis⁴⁷; pessoas de outras cidades se deslocam para assisti-los.

Fotografia 30 - Estádio do Shell



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A orientadora que nos acompanha diz que até perdeu a conta de quantos campos de futebol viu durante o dia. Pensou em voz alta: *“tantos campos de futebol e uma farmácia, uma farmácia para 1960 habitantes”*.

O contexto observado revelou que há uma dicotomia entre o rural/urbano. Olhar para o mundo rural em função de duas lógicas de confronto: a lógica das linhas e comunidades em declínio, onde as redes de relações e a circulação das ideias são mais reduzidas (aqui tinha uma casa, os jovens não ficam no interior, etc.); e a lógica dos territórios onde existe outra concepção do indivíduo, onde há o investimento intelectual e material no futuro, se põe em prática redes de relações mais amplas do que o território local e onde há troca e abertura ao novo.

O bordão “aqui tinha uma casa”, retratado no esvaziamento das linhas, nas pequenas propriedades rurais e escolas desativadas, é um contraponto a esta realidade – a dinâmica da vida da comunidade, as iniciativas e atividades formais e informais organizadas por grupos, comunidades, associações, a dinâmica das escolas, cooperativas e dos clubes esportivos.

⁴⁷ Quer dizer que são competições acirradas.

Nas diferentes relações percebidas na comunidade e linhas, considero cinco dimensões de análise: 1) a relação do capitalismo global; 2) o abandono da economia familiar; 3) a terceirização; 4) A valorização das memórias; 5) A democraticidade das decisões.

A participação das pessoas, que remete para o envolvimento dos moradores e dos grupos no planejamento, na organização e concretização de atividades e iniciativas, não como meros espectadores ou consumidores, mas como sujeitos de fato. Entretanto, mostrou a inserção do capitalismo nas relações de trabalho, nas relações familiares.

Outro aspecto é o abandono da economia familiar, há pequenas iniciativas. A pouca valorização e incentivo e políticas públicas para a permanência do jovem no campo. Entretanto, as crianças e os adolescentes participam das atividades, das práticas da vida no meio rural, acompanhando os pais no manejo da terra, no cuidado com os animais, na preocupação com as intempéries. Participam do processo do manejo da terra, do plantio, do tempo de semear, cultivar e colher. Enquanto que em outras realidades as crianças vão para a creche, ou alguém as cuida; nessas linhas, as crianças percebem as práticas dos pais e vão aprendendo a dar sentido.

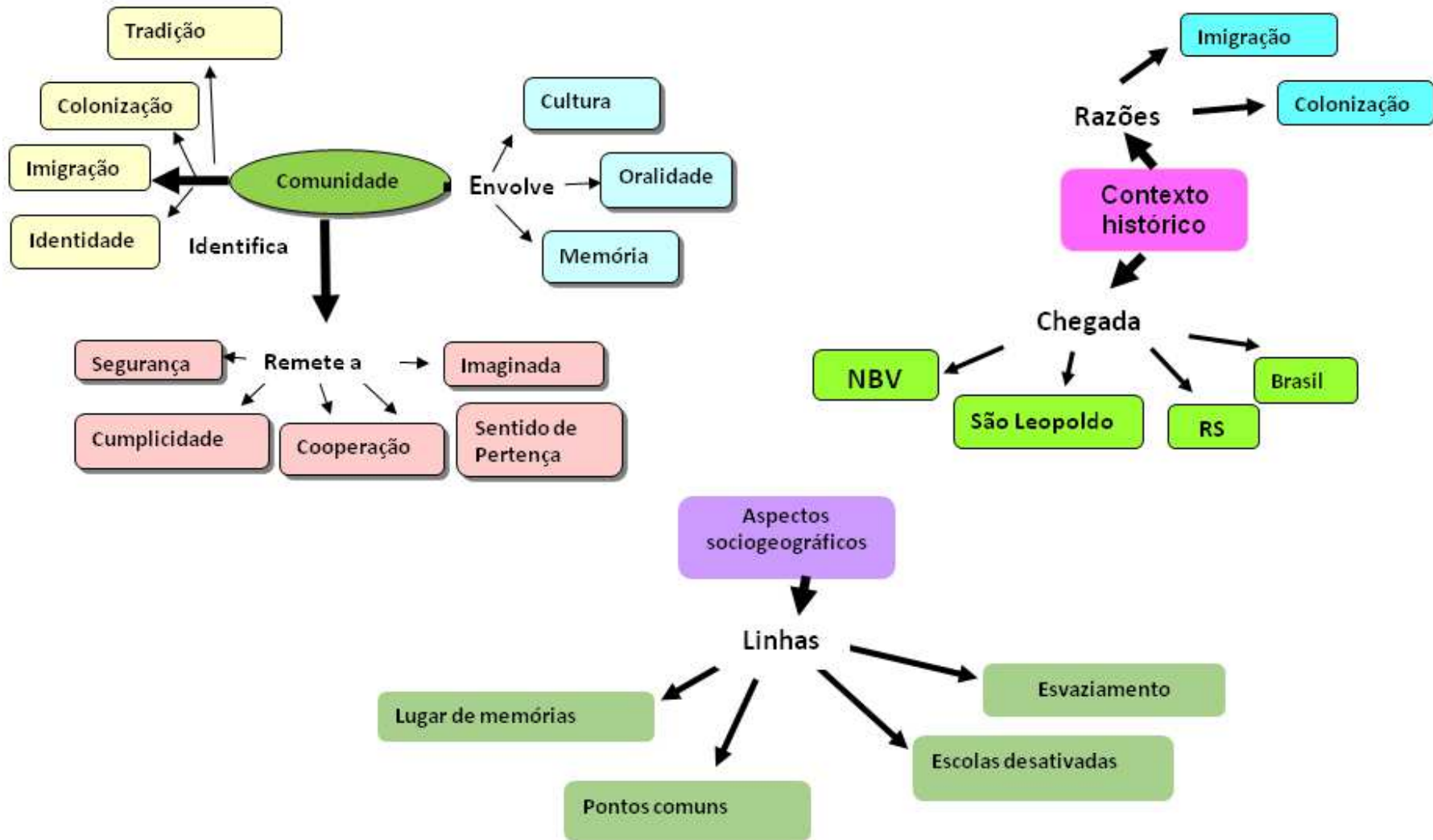
Quanto a terceirização, a influência das multinacionais no mundo rural, onde acontece a terceirização dos serviços. O agricultor não é mais o proprietário, mas um prestador de serviços, por exemplo no confinamento das vacas. A capacidade de pensar em conjunto sobre as dificuldades e procurar novas formas de melhorar o lugar, ou na busca de soluções coletivas e participativas para os problemas, mesmo que existam situações em que não acontece a concretização das ações, e nem todos são atendidos (estradas).

A valorização das memórias e histórias do lugar, numa lógica de requalificação dos modos de vida tradicionais, entendendo a recuperação como elemento catalisador de algo novo. Enquanto a comunidade zela pelo cuidado e o não esquecimento da memória, ao mesmo tempo há uma lacuna. É o que ocorre com as escolas desativadas. É um patrimônio da comunidade que poderia ser usado, por exemplo, para colocar objetos e utensílios que fazem parte da história da comunidade. Ou ser utilizado para outra finalidade similar.

A democraticidade das decisões, nos diferentes grupos mencionados, nas associações, na organização das atividades e eventos das comunidades. Nos diferentes locais onde têm os clubes de futebol, os moradores participam nos planejamentos e execuções. E, além da democraticidade, à equidade nos processos de tomada de decisão e a existência de decisões reconhecidas coletivamente, sendo que também há processos falhos que acabam não sendo efetivados, a exemplo das estradas, cuja manutenção não ocorre em todas.

A Figura 5 – mapa conceitual 3 da pesquisa – apresenta a organização física de uma comunidade rural, planejada para concentrar a administração, o comércio, as atividades artesanais, e, especialmente, a escola e a igreja (tendo o cemitério como anexo) e, recentemente, um salão de festas. São lugares reveladores conforme Maria Adélia de Souza. Portanto, participar de uma comunidade é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem o ser. O sujeito é, ao mesmo tempo, um ser humano singular e social [...] é um ser que ocupa uma posição social adquirida por pertencer a um grupo social e, ao longo da vida, produz sentidos e significados sobre si e o mundo, construindo sua singularidade. Outro aspecto é o fato de que a memória, mesmo individual, representa um fenômeno construído coletivamente e, portanto, nossas lembranças permanecem coletivas e são lembradas por outros, mesmo quando se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. O mapa conceitual 3 estabeleceu relações e correlações com os demais mapas conceituais (2 e 1) da pesquisa, pois aborda o contexto da imigração e colonização alemã, a aproximação com Nova Boa vista, assim como as conexões com o contexto das linhas e da cidade, entrelaçados pela cultura, pela identidade e pela comunidade.

Figura 5 - Mapa conceitual 3 da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

5 CONHECENDO OS MORADORES, OS GRUPOS E AS ASSOCIAÇÕES

“Existe um tipo de experiência vital – experiência de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, das possibilidades e perigos da vida – que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo, hoje. Designarei esse conjunto de experiências como "modernidade". Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas ao redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos”
(BERMAN, 1981, p. 15).

Neste capítulo descrevo os movimentos que faço para conhecer os moradores, interagir com os grupos e as associações aos quais os moradores pertencem e compreender os sentidos que dão a esse pertencimento. Vivencio a rotina de uma família que reside numa das linhas com o intuito de compreender o contexto das famílias que residem no meio rural. Com as observações, os registros e os relatos dos moradores, foi relevante dialogar com Charlot (2000), Bauman (2001) e Giddens (1991) sobre a relação com o saber e do sujeito. E, com Antunes (2018), a relação do mundo do trabalho, apresentando um novo dicionário “corporativo” em que ressignifica o autêntico conteúdo das palavras, adulterando-as e tornando-as corriqueiras no dialeto empresarial: “colaboradores” e “parceiros”.

Em cada linha, comunidade, lugar que observo, há diferentes modos de compreender a vida. Nesse sentido, segundo Charlot (2000), não há saber que não esteja inscrito em relações de saber. O saber é construído em uma história coletiva que é a da mente humana e das atividades do homem e está submetido a processos coletivos de validação, capitalização e transmissão. Esse saber de construção coletiva é apropriado pelo sujeito. Isso só é possível se esse sujeito se instalar na relação com o mundo que a constituição desse saber supõe. “Não há saber sem uma relação do sujeito com esse saber [...] o sujeito jamais é um puro sujeito de saber: mantém com o mundo relações diversas espécies”. (CHARLOT, 2000, p. 64).

Ao conhecer as linhas, é perceptível como o advento da Modernidade está enraizado nas pequenas comunidades, nas vivências dos moradores, na relação familiar. Com sutileza, vai moldando crescentemente o espaço do tempo, fomentando relações entre outros "ausentes" (virtualidade), localmente distantes de qualquer situação dada ou interação face a face, no caso as redes sociais. Em condições de Modernidade, o lugar se torna cada vez mais *fantasmagórico*, isto é, os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a

"forma visível" do local oculta às relações distantes que determinam a sua própria natureza (GIDDENS, 1991, p. 26-27).

Observo na empiria a presença da tecnologia em todo espaço, inclusive torna-se uma condição para que os agricultores consigam comercializar seus produtos, por exemplo, na produção leiteira. A legislação faz algumas exigências para que os pequenos produtores se adaptem ou seus produtos não são comercializados. As sociedades tradicionais sempre relacionaram tempo e lugar. No entanto, a globalização moderna, ao causar um "esvaziamento" do tempo por meio das altas tecnologias de comunicação (celular, internet, satélites etc.), criou as bases para que o espaço fosse reordenado, uma vez que a coordenação do tempo é a base para a coordenação do espaço. (GIDDENS, 1991).

Observando a rotina familiar, o celular é uma ferramenta de trabalho, inclusive no mundo rural. As ordens que influenciam um lugar podem vir de outro, a quilômetros de distância, e, com um "click", é possível ditar as regras de um lugar sem que o sujeito que apertou o botão esteja lá. Essa separação penetra na interação entre a atividade social local e as "instituições estatais ultrapassadas" (GIDDENS, 1991), abrindo múltiplas possibilidades de mudanças da tradição, liberando os indivíduos de hábitos e práticas locais. Essas são práticas vivenciadas pelo Morador (10), do gado confinado, Morador (11), das matrizes, Morador (14), das vacas leiteiras, e Morador (16), do frigorífico.

No decorrer das visitas e observações, percebo como os diferentes grupos e associações se organizam. Alguns se encontram semanalmente e outros mensalmente. São grupos heterogêneos, com atividades específicas, com características bem singulares, mas que fortalecem os vínculos de amizade, vizinhança e o sentido de pertencer ao grupo. Não tenho a pretensão de descrever a rotina dos grupos identificados e nem quantos moradores participam, mas compreender os sentidos e as concepções de gestão presentes nos grupos que conseqüentemente, tem reflexo no "chão" da escola.

Os grupos e as associações que nomeio são elencados de forma aleatória, sem uma ordem de hierarquia. Os diferentes grupos e associações remetem ao sentido de pertença para os sujeitos moradores. Kreutz aborda a organização dos grupos, das associações, das comunidades no período da colonização e imigração, sendo essa uma das formas de sobrevivência e lazer. O relato da Moradora (7) exemplifica essa questão do lazer, com o bolãozinho, jogo praticado estritamente pelas mulheres. Ao mesmo tempo, deixa claro que há poucas interessadas em assumir a responsabilidade da liderança.

“O bolãozinho é uma associação, somos umas 25 sócias. Mas nem todas vem jogar. Elas pagam a anuidade e no final do ano ganham o prêmio do ano. Nos reunimos uma vez por mês. Sempre no primeiro domingo, no salão de esportes. Lá temos a nossa mesa e os pinos. Cada ano fizemos a troca da diretoria. Já faz três anos que sou tesoureira, ninguém quer! É um compromisso” Moradora (7), 03/04/2017.

No domingo, vou e participo do jogo. É um grupo pequeno de mulheres que se reúne para conversar, tomar chimarrão e jogar. Elas aproveitam essa tarde para trocar receitas, falar dos filhos, dos maridos, etc. Observo que a maioria das mulheres tem mais de cinquenta anos e não tem a presença de mulheres jovens. É provável, portanto, que essa prática esteja esmorecendo aos poucos. (DC, 03/04/2017).

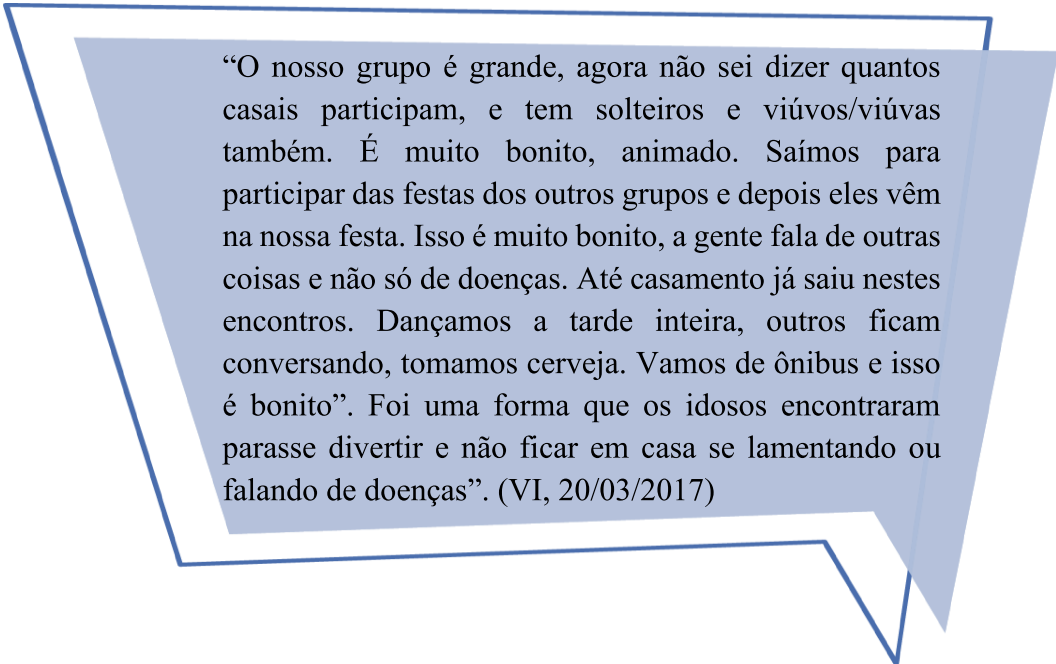
O relato da Moradora (8) aponta para essa direção, quando diz: *“Já faz três anos que sou tesoureira, ninguém quer! É um compromisso”*. Concluo que talvez essa prática esportiva não seja atrativa para as jovens, uma vez que há tantos outros jogos interativos bem mais interessantes. Certamente, aos poucos, o número de sócias irá reduzindo. O próprio relato da Moradora (8) enfatiza isso, quando coloca que ninguém quer assumir o compromisso.

Há outros grupos: futebol de salão, jogadores de carta, canto coral, grupos de bocha, diversos grupos ligados à Igreja Católica (apostolado da oração, grupo de Santa Julia, catequistas, coroinhas, cursilho, de jovens, zeladoras de capelinha). Os grupos ligados à Igreja de Confissão Luterana são os grupos de crianças e de jovens, e OÁSI (grupo de mulheres).

As associações com estatutos específicos: artesãos, cooperativa (agricultores), apicultores, bolãozinho (mulheres), Sicredi, Associação de Pais e Mestres (CPM), clubes de futebol de campo. Os grupos da Terceira idade tem o acompanhamento da municipalidade, participando com frequência de encontros de convivência com grupos de outros municípios.

Em todos os grupos, há pessoas que lideram, por um período de um ou dois anos, denominados presidentes, coordenadores; nas associações, há presidentes, tesoureiros e secretários.

Em outro domingo, participo de uma domingueira⁴⁸ e converso com o casal Moradores (30), que preside o grupo da terceira idade do município. E eles dizem:



“O nosso grupo é grande, agora não sei dizer quantos casais participam, e tem solteiros e viúvos/viúvas também. É muito bonito, animado. Saímos para participar das festas dos outros grupos e depois eles vêm na nossa festa. Isso é muito bonito, a gente fala de outras coisas e não só de doenças. Até casamento já saiu nestes encontros. Dançamos a tarde inteira, outros ficam conversando, tomamos cerveja. Vamos de ônibus e isso é bonito”. Foi uma forma que os idosos encontraram para se divertir e não ficar em casa se lamentando ou falando de doenças”. (VI, 20/03/2017)

É um número expressivo de grupos de terceira idade participantes da domingueira. Os grupos vêm das suas respectivas linhas e de municípios da região. O casal presidente fica na porta do ginásio, acolhendo os grupos que vem chegando. Alguns componentes seguram a bandeira e outros fazem um cordão humano para que os visitantes passem por ele. São acolhidos com música, dança e abraços, pois são conhecidos de outras domingueiras. O que observo é que nestas domingueiras participam também pessoas mais jovens.

Na dinâmica da cidade, há uma preocupação com o social, o bem-estar e o lazer dos moradores. A praça da cidade é grande e nela há brinquedos e aparelhos de ginástica para idosos. No seu entorno, está a Prefeitura Municipal, a casa do artesão, o posto de saúde e o ginásio de esportes. Esse ginásio de esportes é multifuncional, pois ali acontecem as festas, inclusive as das escolas, festas do coral, da terceira idade, assim como a prática esportiva e os tradicionais bailes. É relevante que há um calendário único no município com as festas e atividades esportivas nas comunidades, portanto, não acontecem duas festas na mesma data, dessa forma os moradores das linhas e da cidade participam dos eventos das comunidades. Há

⁴⁸ Domingueira é um termo usado, que nos domingos à tarde acontecem os bailes de integração com outros grupos de terceira idade de outros municípios.

um incentivo do poder público em auxiliar no transporte em atividades de lazer, no auxílio do transporte público para os universitários.

Fotografia 31- Ginásio de esportes



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Retomando os capítulos anteriores, percebo que houve muito empenho na construção do que é usado pela coletividade (salão esportivo, cemitério, etc.), patrimônio que, atualmente, é gerenciado pelo poder público. Converso com a Moradora (17)⁴⁹, e ela expressa a ideia que não compactua com esse processo:

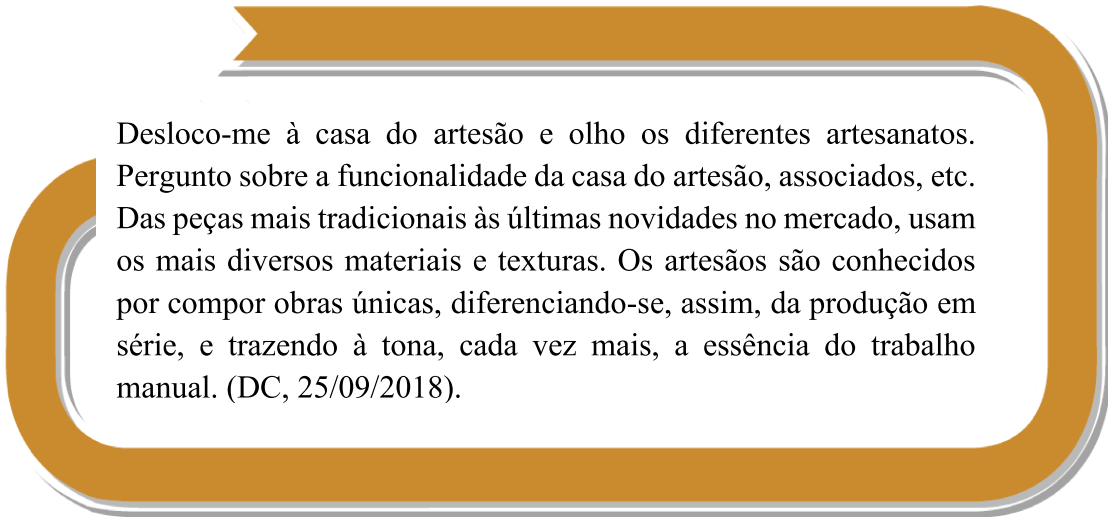
“Nós construímos, pagamos tudo, nos sacrificamos ajudando na construção. Eu não tinha como ajudar, paguei um peão para ir no meu lugar, agora tudo é da prefeitura, a mesma coisa é o cemitério, quantas vezes eu vim capinar, limpar tudo e agora é do município, qualquer um pode ser enterrado ali, não acho isso justo. Vai lá ver como tá o cemitério, está cheio de inço, mato, não sei quando vão limpar, é uma vergonha”
Moradora (17), 20/05/2018)

Para a Moradora (17), o salão e o cemitério são bens públicos que pertenciam à Igreja Católica, construídos por católicos. Hoje todos podem usufruir deles, inclusive quem não tem religião nenhuma, pois os dois bens agora pertencem a municipalidade. Provavelmente, outros

⁴⁹ Uma senhora idosa de 93 anos que contribui na construção da igreja, da escola.

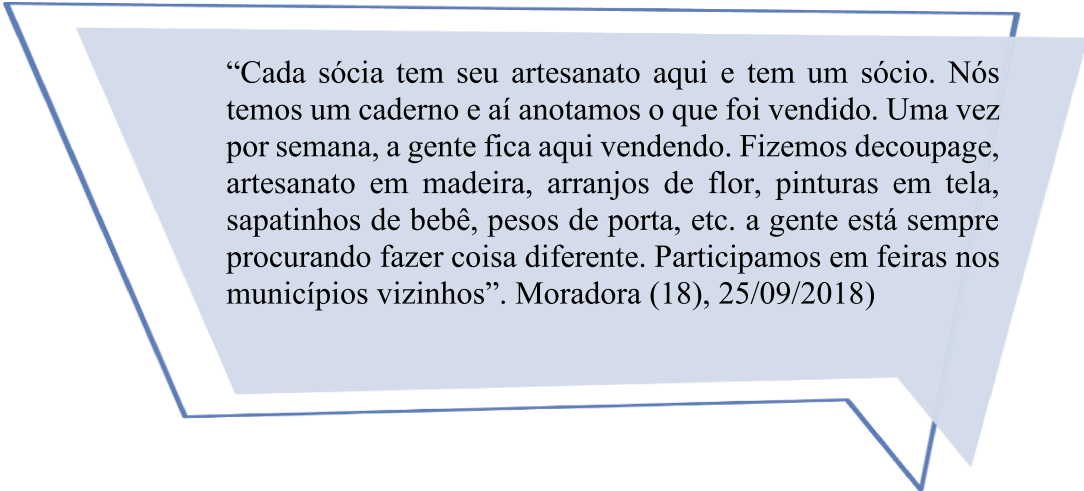
moradores tem o mesmo pensar dela, todavia há moradores que concordam com a forma como está sendo administrado, pois os bens são para o uso da coletividade e não especificamente para um grupo.

Há uma relação dicotômica de conflito e de poder, entre o privado e o público. Nesse sentido, a relação com o saber é uma relação social, que exige certa habilidade para gerir situações que nem sempre são fáceis. São também relações de saber e poder inseridas nesse contexto estruturado (CHARLOT, 2000). Para a Moradora (17), a culpa é da municipalidade, que proporciona tudo para todos. Mas ela não consegue perceber de quantas coisas oferecidas pela municipalidade ela é beneficiária.



Desloco-me à casa do artesão e olho os diferentes artesanatos. Pergunto sobre a funcionalidade da casa do artesão, associados, etc. Das peças mais tradicionais às últimas novidades no mercado, usam os mais diversos materiais e texturas. Os artesãos são conhecidos por compor obras únicas, diferenciando-se, assim, da produção em série, e trazendo à tona, cada vez mais, a essência do trabalho manual. (DC, 25/09/2018).

Converso com a Moradora (18), que faz parte da associação, e pergunto sobre as peças expostas, ao que ela responde:



“Cada sócia tem seu artesanato aqui e tem um sócio. Nós temos um caderno e aí anotamos o que foi vendido. Uma vez por semana, a gente fica aqui vendendo. Fizemos decoupage, artesanato em madeira, arranjos de flor, pinturas em tela, sapatinhos de bebê, pesos de porta, etc. a gente está sempre procurando fazer coisa diferente. Participamos em feiras nos municípios vizinhos”. Moradora (18), 25/09/2018)

Fotografia 32 - Artesãos

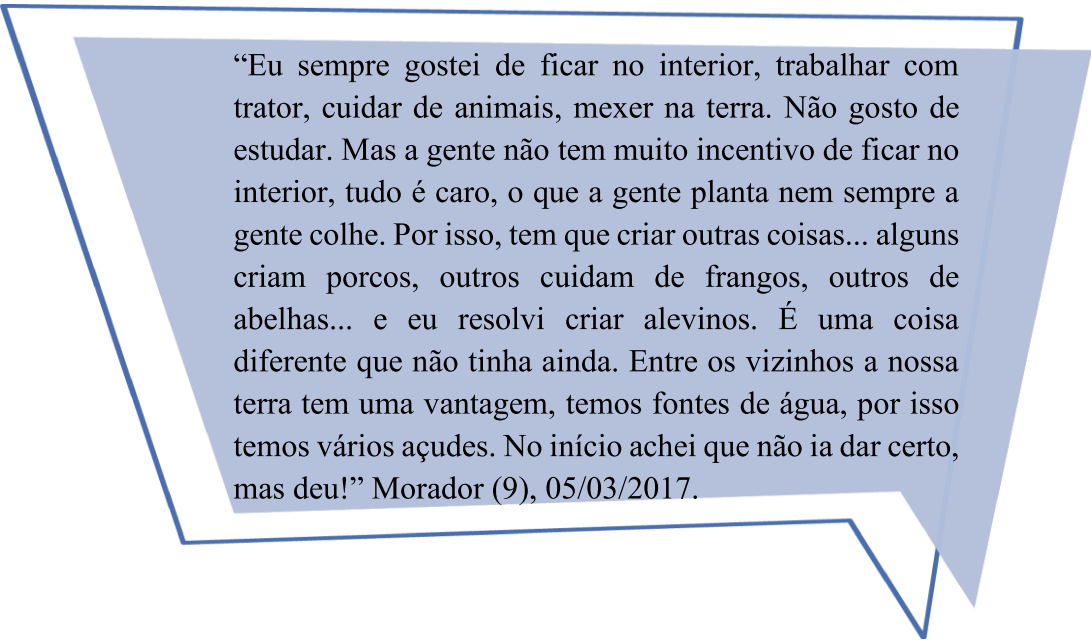


Fonte: Diário RS (2018).

Na fotografia e na fala da Moradora (18), visualizo a presença de um sócio na associação dos artesãos. É perceptível que, nesse contexto, a artesanaria ainda é fortemente marcada pela presença feminina. A Moradora (18) relata que “A Casa do Artesão” foi criada em 2003, para valorizar e elevar os trabalhos desenvolvidos pelas artesãs do município.

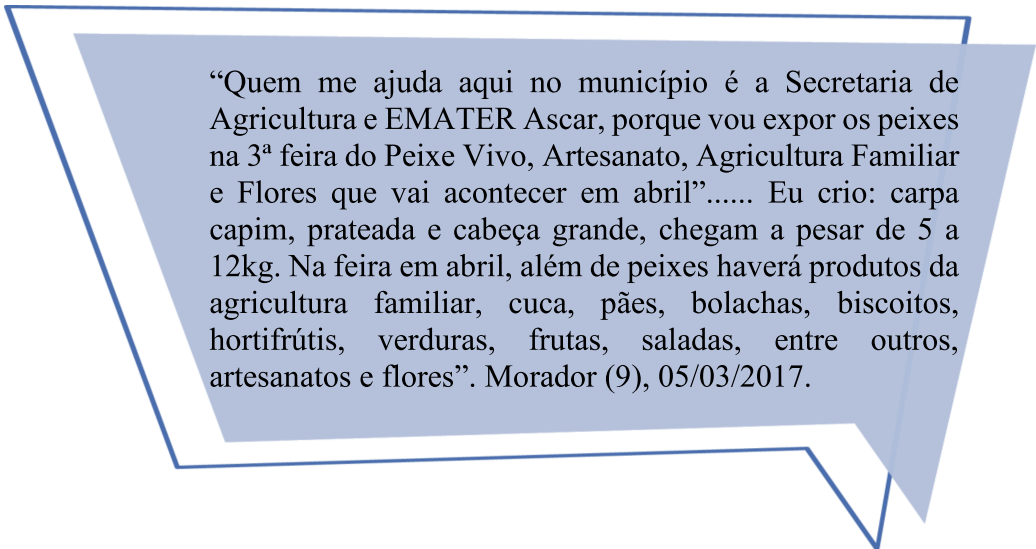
No espaço é perceptível ver alguns costumes da cultura local, influenciada por imigrantes europeus, alemães e italianos. Visualizo uma loja pequena, contém: guardanapos de crochê, bonecos, enfeites e os mais variados trabalhos manuais. A casa está aberta de segunda à sexta-feira, pela tarde, e conta com o apoio do Poder Público Municipal, recebendo Assistência Técnica da Emater. A Casa do artesão está situada no prédio ao lado da Unidade Básica de Saúde do Município.

Em outra observação, vou à residência do Morador (9), um jovem proprietário que reside na Linha Gabriúva. Ele produz alevinos (peixes) que serão comercializados na feira. Agendo a visita e vou conhecer o processo da criação de alevinos, bem como as motivações e perspectivas de um jovem que permanece no interior.



“Eu sempre gostei de ficar no interior, trabalhar com trator, cuidar de animais, mexer na terra. Não gosto de estudar. Mas a gente não tem muito incentivo de ficar no interior, tudo é caro, o que a gente planta nem sempre a gente colhe. Por isso, tem que criar outras coisas... alguns criam porcos, outros cuidam de frangos, outros de abelhas... e eu resolvi criar alevinos. É uma coisa diferente que não tinha ainda. Entre os vizinhos a nossa terra tem uma vantagem, temos fontes de água, por isso temos vários açudes. No início achei que não ia dar certo, mas deu!” Morador (9), 05/03/2017.

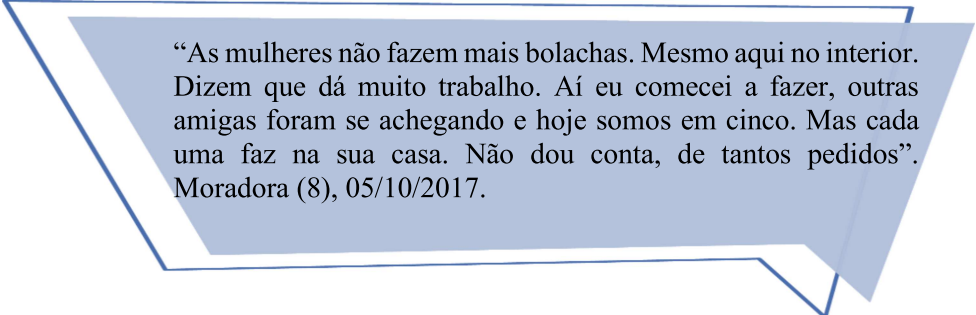
Pergunto a ele sobre a comercialização, se tem facilidade de colocar o produto (os alevinos) e ele esclarece:



“Quem me ajuda aqui no município é a Secretaria de Agricultura e EMATER Ascar, porque vou expor os peixes na 3ª feira do Peixe Vivo, Artesanato, Agricultura Familiar e Flores que vai acontecer em abril”..... Eu crio: carpa capim, prateada e cabeça grande, chegam a pesar de 5 a 12kg. Na feira em abril, além de peixes haverá produtos da agricultura familiar, cuca, pães, bolachas, biscoitos, hortifrúti, verduras, frutas, saladas, entre outros, artesanatos e flores”. Morador (9), 05/03/2017.

O Morador (9) tem o incentivo e o amparo do município para expandir o seu negócio. Inclusive, relata que participa de feiras de outros municípios para a comercialização dos alevinos. Ele cita outros pequenos movimentos que acontecem na feira, como a comercialização de hortifrúti, verduras, frutas, bolachas e biscoitos. Em outra observação, vou à casa da família

da Moradora (8), que produz bolachas. Fico sabendo que há um grupo de bolacheiras (mulheres que comercializam bolachas).



“As mulheres não fazem mais bolachas. Mesmo aqui no interior. Dizem que dá muito trabalho. Aí eu comecei a fazer, outras amigas foram se achegando e hoje somos em cinco. Mas cada uma faz na sua casa. Não dou conta, de tantos pedidos”.
Moradora (8), 05/10/2017.

É perceptível a organização em pequenos grupos ou até mesmo movimentos isolados de iniciativas para aumentar a renda familiar. Sennett (2012) afirma que o trabalho moderno tende cada vez mais a ser de curto prazo – empregos temporários ou abertos pela substituição daqueles que permanecem muito tempo na mesma instituição. Dentro das organizações, as relações sociais também são de curto prazo, reforçando o “efeito de silo” (p.19), as pessoas ficam reservadas, buscando não se envolver em problemas que não as afetem diretamente. No relato da Moradora (8), está clara a acomodação por parte de outras famílias em não querer fazer bolachas, uma vez que dá muito trabalho. Esse aspecto da terceirização do trabalho está evidenciado em outro capítulo.

A Moradora (8) aumenta a renda familiar, sem precisar sair de casa, sendo uma prestadora de serviços. Ela gerencia o seu tempo e seu espaço. Em outra visita, organizo o material (gravador, garrafa de água, protetor solar, chapéu) para conviver com uma família do interior, chego cedo. A família está tratando⁵⁰ os animais e ordenhando as vacas.

A família que escolho para realizar a vivência é constituída por três gerações que moram no mesmo pátio da propriedade. Para manter o anonimato da família, utilizo nomes fictícios. Aproximadamente, em 1930, eles chegaram ao local, desbravando matos e enfrentando animais selvagens, para ali fixarem residência. O Sr. Sebastião e a Sra. Sebastiana tiveram oito filhos. Destes, o filho Mathias e a filha Enriqueta cuidaram de seus pais enquanto viveram. Com o falecimento deles, Mathias e Enriqueta continuaram morando na casa paterna.

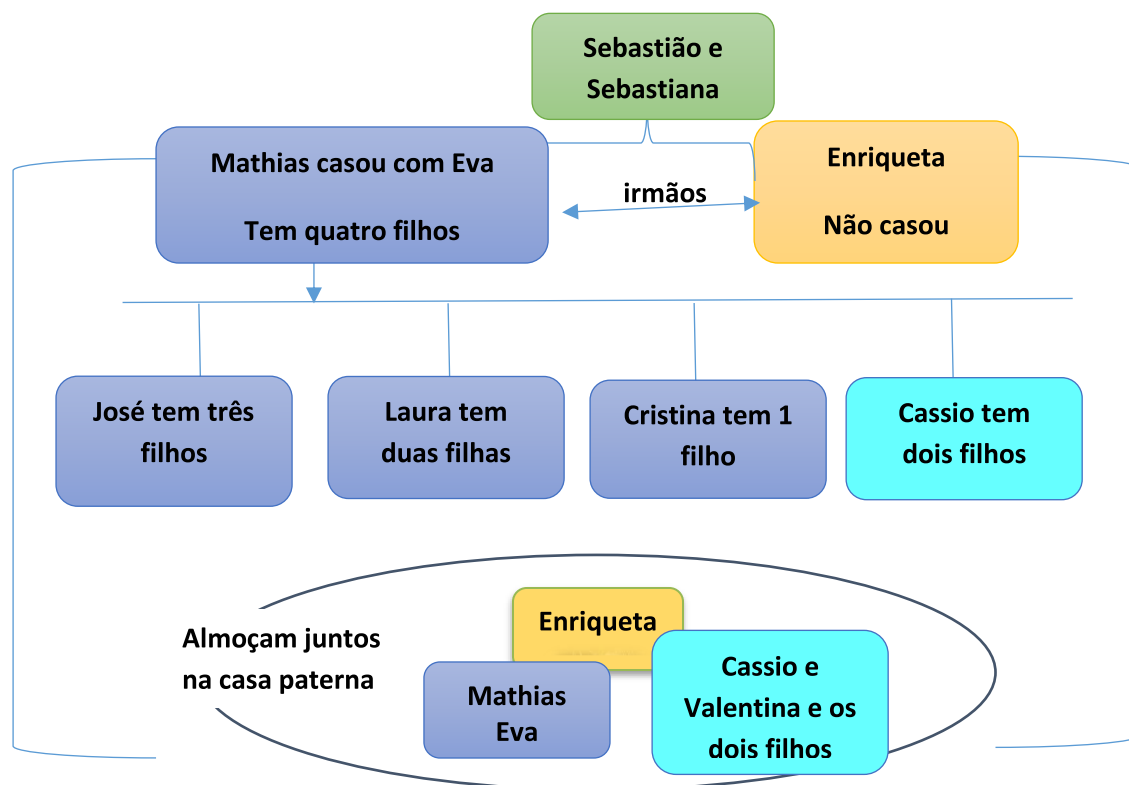
A irmã Enriqueta não casou. O irmão Mathias casou com Eva e tiveram quatro filhos (José, Laura, Cristina e Cassio). A irmã Enriqueta (que se tornou tia) ajudou no cuidado e na educação dos quatro sobrinhos. O filho José casou com Maria e tiveram três filhos. Essa família reside em outra linha, no município de NBV. A filha Laura casou com Ricardo, tem duas filhas

⁵⁰ O termo tratar é usado pelos moradores e significa alimentar os animais.

e reside em outra cidade. A terceira filha, Cristina, casou com Murilo, mora em outro país e tem um filho. E o quarto filho, Cassio, casou com Valentina, tem dois filhos e mora na mesma propriedade que era do seu avô.

Portanto, moram na casa paterna: os irmãos Enriqueta e Mathias (com sua esposa Eva) e a família de Cassio (sua esposa, Valentina, e seus dois filhos). Os trabalhos acontecem de forma coletiva, mas cada um com suas respectivas responsabilidades. A refeição principal, que é o almoço, é preparada pela irmã-tia Enriqueta. Nesse dia em que estou com eles, se reúnem em torno da mesa oito pessoas.

Figura 6 - Composição da família de Sebastião



Fonte: Elaborada pela autora (2019).

Quando chego estão alimentando os animais, e a nora Valentina está ordenhando as vacas, com o auxílio do sogro Mathias. Para facilitar a aproximação, começo a conversa na língua materna, uma estratégia de “quebra-gelo”, facilitando a aproximação. Digo que sigam com a rotina, pois não sou visita. A família está ciente do objetivo da minha permanência e haviam concedido a autorização de participar da vivência familiar. Entro no local com o pessoal da ordenha.

Fotografia 33 - Momento da ordenha



Fonte: Arquivo da autora (2019).

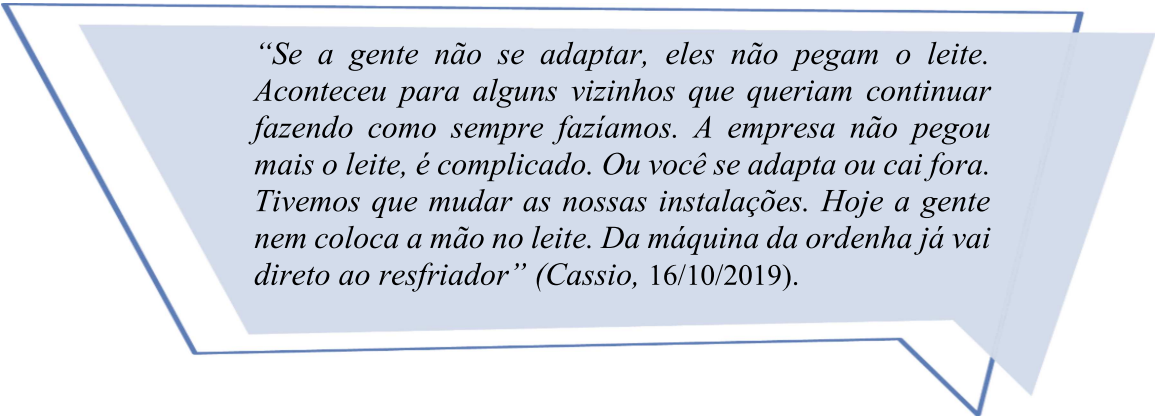
Pergunto sobre a quantidade de vacas que eles possuem. “São 40 vacas que estão na ordenha agora, sempre tem as que estão secas, levo uma hora e meia para terminar a ordenha, até que lava tudo”. Tento me aproximar do contexto da família pergunto sobre a produção de leite, preço, assuntos do cotidiano. Pergunto onde está o esposo e Valentina diz: “está limpando a estrebaria”. Vou até a estrebaria, isso quer dizer, o local onde as vacas recebem pasto processado e ração com nutrientes para melhorar e aumentar a produção de leite.

Fotografia 34 - Limpeza da estrebaria



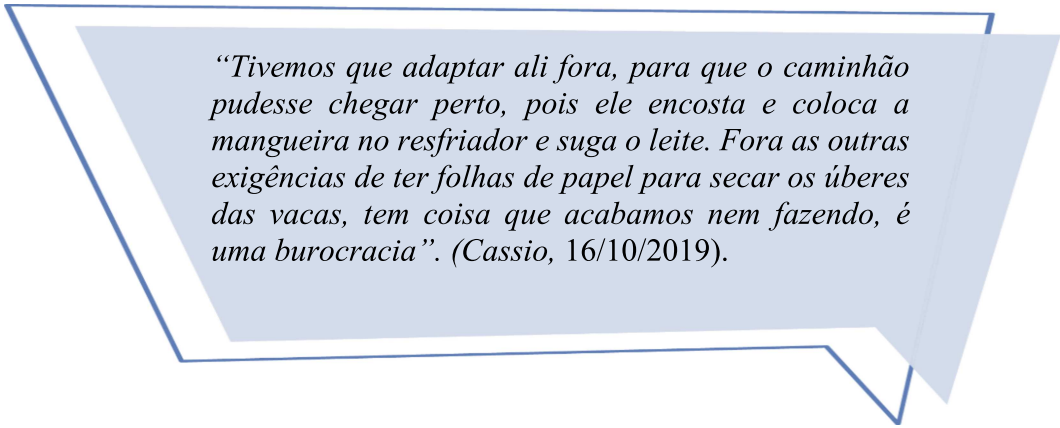
Fonte: Arquivo da autora (2019).

Enquanto vai limpando o local onde as vacas são alimentadas, Cassio relata a rotina do trabalho com os animais e como a legislação está cada vez mais rigorosa. Comenta:



“Se a gente não se adaptar, eles não pegam o leite. Aconteceu para alguns vizinhos que queriam continuar fazendo como sempre fazíamos. A empresa não pegou mais o leite, é complicado. Ou você se adapta ou cai fora. Tivemos que mudar as nossas instalações. Hoje a gente nem coloca a mão no leite. Da máquina da ordenha já vai direto ao resfriador” (Cassio, 16/10/2019).

No relato do Cássio é perceptível notar que a flexibilidade e adaptação se tornaram o *slogan* do dia. Quando aplicada ao mercado de trabalho, a adaptabilidade configura o fim do emprego como conhecemos, "espalhando em seu lugar o aparecimento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, anunciando o advento do capitalismo leve, marcado pelo desengajamento e enfraquecimento dos laços que prendem o capital ao trabalho" (BAUMAN, 2001, p. 168).



“Tivemos que adaptar ali fora, para que o caminhão pudesse chegar perto, pois ele encosta e coloca a mangueira no resfriador e suga o leite. Fora as outras exigências de ter folhas de papel para secar os úberes das vacas, tem coisa que acabamos nem fazendo, é uma burocracia”. (Cassio, 16/10/2019).

O contexto relatado pelo Cássio encontra embasamento em Bauman (2001), que diz que aquela vigilância que antes era necessariamente presencial – o que tinha de ser vigiado tinha de estar à vista – foi substituída por uma vigilância a distância, que foge do alcance dos vigiados. Esse distanciamento tempo-espço, que tem na vigilância um de seus caracteres, é o arauto para o "fim do engajamento mútuo" entre supervisor e supervisionados, capital e trabalho, líderes e seguidores.

Saio dali e vou ao encontro do senhor Mathias, que já está tratando os bezerros; enche uma mamadeira gigante e alimenta-os.

Fotografia 35- Tratando os bezerros



Fonte: Arquivo da autora, 2019.

Enquanto ele trata os bezerros, a senhora Eva está tratando os frangos, arrumando “aqui e ali”, recolhendo os ovos das galinhas. Os gatos a aguardam no lugar estipulado, pois eles também têm uma rotina.

Fotografia 36 - Alimentando os gatos



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Caminho de um lado para o outro e observo a rotina da família. Cássio me convida para ver como ele trata os suínos, brincando comigo sobre minha roupa ficar com cheiro de porco, mas eu digo que não tem importância. Pergunto como é o funcionamento de um chiqueirão de porcos e ele vai explicando os diferentes espaços.

“O chiqueirão foi construído conforme as exigências da Aurora, aqui é o vestiário, tem chuveiro, banheiro, escritório, ali é minha escrivaninha e ali no mural o certificado e também dos cursos feitos exigidos pela Aurora”. (Cassio, 16/10/2019).

Quantos porcos têm aqui? – Ele esclarece: *“Hoje temos 493 porcos, morreram sete neste lote. Nunca morreram tantos, alguns morreram de morte súbita”.*

Inicia o processo de dar a ração e me interessa sobre a rotina do manejo com os porcos, a alimentação. Pergunto também com quantos quilos ele recebe o leitãozinho. Ele esclarece:

“Trato os porcos quatro vezes ao dia, duas vezes de manhã e duas vezes de tarde e tudo na quantidade certa. Comem uma média de 2,400kilos de ração/dia cada porco. Cada baia come 80 kl de ração/dia.” [...] “Pego eles com 20 quilos e vendo eles com uma média 130 quilos, para ter um lote bom, sempre tem uns maiores e outros menores. Quanto maior for o peso, melhor o preço. Eles têm que estar saudáveis, água em abundância e de qualidade, não pode ser água da chuva. Uma vez ao ano, vem o técnico para fazer análise da água. É uma burocracia. Mas se você quiser ficar no mercado tem que se adaptar”. (Cassio, 16/10/2019).

E a Aurora paga bem? – pergunto. E ele responde: *“Pagam bem, no escritório tenho as tabelas com os valores de cada lote”*.

Sinto curiosidade em entender como essa rotina ocorre na época do plantio, por exemplo, quando Cassio passa mais tempo na roça, diferente de agora, que é um período mais calmo. Ele esclarece:

“O pai e a minha esposa (cita o nome), o bom seria que somente uma pessoa desse a comida, pois aí sai à medida certa, outro não vai saber. Escuta, eles não estão gritando, eles deviam estar gritando de fome, eles não estão comendo do jeito deviam estar comendo, alguma coisa tem, vou ter que ver, ontem o pai tratou, preciso pedir quanta comida ele deu; viu por isso é bom ser sempre a mesma pessoa”. (Cassio, 16/10/2019).

Continuo caminhando, o galpão é grande e o manejo de dar a ração é manual. Comento sobre o manejo eletrônico, utilizado nos aviários, mas eles preferem dessa forma, porque assim conseguem monitorar melhor os porcos.

“É como cuidar de criança, é preciso estar sempre de olho. Agora tem uma lei que os porcos não podem mais ser castrados, é a lei do bem-estar animal. E dos leitõezinhos também não podem mais cortar os dentinhos quando nasce, mas onde fica o bem-estar da porca? Mas, isso é lá na creche, os meus porcos vêm de Getúlio Vargas”. (Cassio, 16/10/2019).

Saio do chiqueirão e vou para o galpão onde está terminando a ordenha. Pego a mangueira com esguicho, ajudo a lavar o local da ordenha, conversamos sobre coisas banais na língua materna (alemão). Dessa forma, procuro uma aproximação mais intensa, fazendo que eu não seja uma estranha, mas alguém que se insere na rotina familiar. Ouço muitos barulhos misturados, de máquinas, água correndo, vaca mugindo, o som do rádio, ouvindo músicas e

notícias. Enquanto estou na limpeza do local da ordenha, a nora Valentina prepara o feno e a moagem de milho para dar para as vacas pós-ordenha.

Fotografia 37- Alimentando as vacas



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Valentina diz que o manejo com as vacas dá muito serviço e é preciso estar sempre planejando e executando tarefas para não ficar sem alimento, por isso é feito a “silagem”⁵¹ e diferentes piquetes⁵². Em seguida, levamos as vacas para um desses piquetes, onde o pasto é abundante. As vacas já sabem o caminho, que é de aproximadamente um (1) km, morro acima e morro abaixo.

Fotografia 38 - Levando as vacas no pasto



⁵¹ Silagem é uma técnica de armazenamento de milho verde moído que fica estocado envolto em lonas. Essa técnica faz com que o milho moído não perca a umidade, nem nutrientes, podendo ficar estocado de quatro a cinco meses.

⁵² Piquetes são cercados feitos em diferentes áreas da propriedade, onde é largado o gado para se alimentar. De tempos em tempos, quando não tem mais pasto no piquete, o gado é remanejado para outro espaço.

Fonte: Arquivo da autora (2019).

Estávamos sozinhas e pergunto quem está administrando a propriedade, se é o filho (31 anos) ou o pai (63 anos), e ela relata:

“Eles planejam juntos. Cassio sempre pergunta para o Mathias, claro que meu sogro não tem mais o mesmo pique, ele fica bastante com o trator e isso ajuda muito. Eles se dão bem, as vezes dá uns arranca rabos [risos]”
(Valentina, 16/10/2019).

A relação de conflito é algo bem comum e diria normal, ainda mais, quando a diferença de idade é relevante (pai com 63 anos e o filho caçula com 31 anos) são experiências, vivências, conceitos e até mesmo pré-conceitos diferentes. Portanto, nesta propriedade vivem quatro gerações. Administrar essas relações requer maturidade, flexibilidade, aprendizagem e paciência.

Com relação à sogra, pergunto se ela sempre a ajuda na ordenha, e Valentina responde:

“Hoje ela veio ajudar, porque você viria [risos], geralmente, faço sozinha, ela fica tratando os gatos, olha as flores, trata as galinhas, caminha de um lado para o outro [risos], mas quando eu não posso ela ajuda. Estive com um problema no braço, tive que ficar quinze dias com o braço imobilizado, aí até o sogro veio ajudar”
(Valentina, 16/10/2019).

Comento sobre a distância para levar as vacas para o pasto, se todo dia é assim, e ela confirma: *“Sim [risos] e tem piquetes que são mais longe. É uma boa caminhada e neste sol quente”*. Falo com ela em alemão: ainda bem que você não escolheu o piquete mais longe [risos]. Além do manejo com os suínos e as vacas, a família planta milho e soja. No retorno, vou até a casa dela. Lá, encontro seus filhos. A menina com 11 anos e o menino com oito meses. Ela estuda no turno da tarde e, pela parte da manhã, cuida o maninho.

Fotografia 39 - Irmã cuidando o maninho



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Destaco a participação intensiva das crianças nas atividades em casa, com pequenas responsabilidades (dar de comer aos animais, cuidar do irmão, varrer a casa, arrumar as camas). Isso contribui para transmissão do saber dos pais e as relações hierárquicas e as relações com o trabalho e, em especial, a relação com (os) avós/avôs ou com tios/tias que residem na mesma propriedade.

Vou à casa paterna, que fica a 10 passos, aproximadamente. Encontro dona Enriqueta (chamada pelo seu primeiro nome), que me recebe com um chimarrão. Percebo que tem certa dificuldade para falar o português e converso em alemão. Sinto um cheiro vindo do fogão a lenha, onde encontro uma panela de ferro fritando carne de porco com bastante alho. Elogio. E ela sorri.

“A cozinha é comigo, faço a comida, asso o pão, eu não ajudo lá fora, porque a minha perna não me deixa, então eu fico aqui, de meio dia todos vêm aqui”. Pergunto se precisa de ajuda, mas ela diz: “tá tudo pronto, hoje vai ter feijão, mandioca, arroz, carne de porco, salada de chuchu e repolho”. Continuamos a conversa em alemão, dialogando sobre diferentes assuntos, sobre a vida dos demais sobrinhos, sobre flores, o tempo, etc. (Enriqueta, 16/10/2019).

Aos poucos, os demais vêm chegando; sentamo-nos à mesa e iniciamos a refeição. É o momento descontraído, em que se brinca com o caçula da casa, que passa de colo em colo, e com a menina, que está arrumada para ir à escola. Em poucos minutos, o transporte escolar chega e ela vai para a escola. Depois do almoço, todos descansam uma meia hora. Antes de iniciar a lida da tarde, tomamos chimarrão e brincamos novamente com o bebê. O filho Cassio vai tratar novamente os porcos e eu vou junto com Valentina buscar as vacas. O sol é quente, calculo que caminhamos aproximadamente uns quatro (4) quilômetros nessa atividade de levar e buscar as vacas (entre deixar, voltar e no turno da tarde a mesma rotina).

Fotografia 40 - Buscando as vacas no pasto

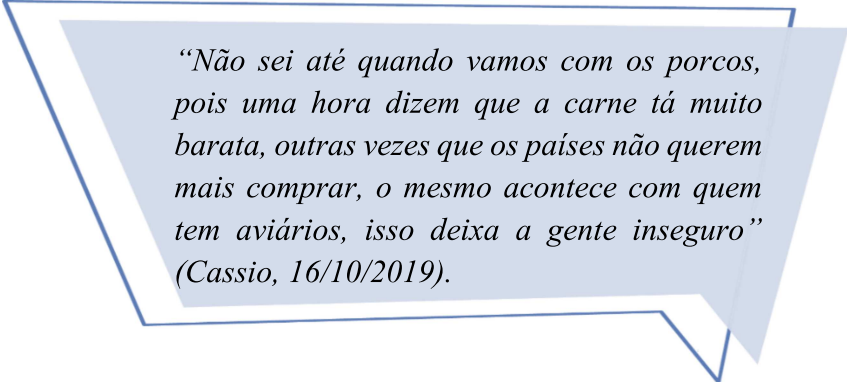


Fonte: Arquivo da autora (2019).

Assim, segue a rotina da família, em torno dos animais, no preparo do alimento, dar água, iniciar a ordenha, lavar as máquinas da ordenha, etc. Valentina comenta: *“Ainda que agora, não é tão puxado não é época de plantio, ou de colheita, quando é plantio e colheita, aí os tratores entram noite a dentro.”* Percebo que eles querem mostrar a rotina e explicam algumas coisas, como procedem no tempo de preparar a terra para semear, etc.

Aos poucos, vou finalizando a observação e Cássio brinca, dizendo: *“agora vamos fazer tudo o que fizemos hoje de manhã, todo dia é a mesma coisa, de domingo a domingo”*. Pego os termos de consentimento e explico o porquê das assinaturas. O filho Cassio, antes de assinar, pede que eu não divulgue e não utilize nenhuma foto dos porcos. *“Os porcos não são meus, e a Aurora não autoriza que a gente fique mostrando fotos dos porcos, só te peço isso”*. Eu o tranquilizo, prometendo não utilizar nenhuma foto dos porcos. E, na sequência, me despeço e agradeço por terem permitido que eu tivesse a experiência da rotina familiar, destaco que podem ter suavizado aspectos da dinâmica familiar pela minha presença.

O que se vê hoje é que o trabalho virou sinônimo de falta de garantias, de insegurança e de incertezas. Sua função é servir ao capital flutuante, que pode descartá-lo tão rapidamente quanto se movimenta, e isso aparece no relato de Cassio:



“Não sei até quando vamos com os porcos, pois uma hora dizem que a carne tá muito barata, outras vezes que os países não querem mais comprar, o mesmo acontece com quem tem aviários, isso deixa a gente inseguro”
(Cassio, 16/10/2019).

No relato percebo como as rotinas do dia a dia da família são impactadas pelo sistema capitalista neoliberal. O capitalismo reestrutura a produção desde a sua implantação, seja com novas tecnologias, seja organizando novos processos de trabalho, desenvolvendo novos produtos, diferentes padrões de consumo etc. Enfim, o sistema capitalismo neoliberal impacta na vida familiar, independentemente da localização, seja na área rural ou urbana.

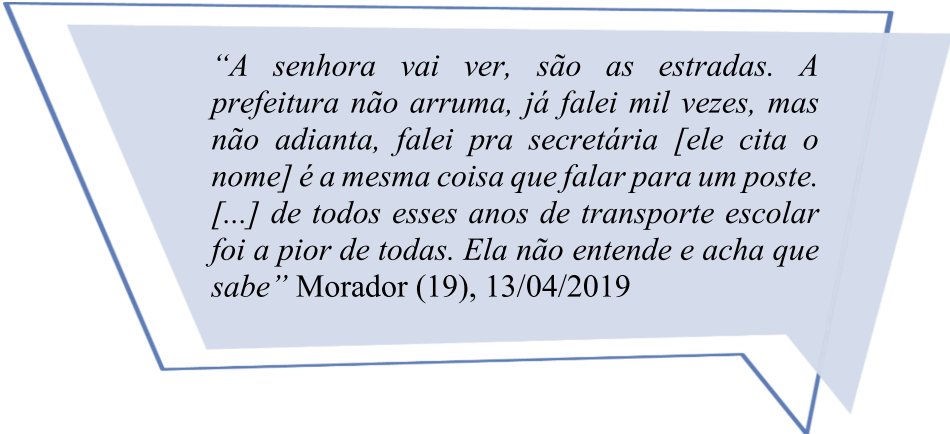
Em outra observação, acompanho o Morador (19), que é motorista escolar e reside numa das linhas. Embarco no ônibus e o cumprimento; ele está ciente de que vou junto. E diz: *“é longe, a senhora vai conhecer cada lugar”*. Alguns adolescentes já estão no transporte; outros, aos poucos, vão embarcando. Início com eles o trajeto no chão batido, e o pedregulho faz com que o barulho fique alto.

Sou uma estranha no “ninho” dos adolescentes, e eles ficam curiosos com a minha presença, tento me enturmar e pergunto coisas da escola, o nome, etc. o Morador (19) diz: *“eu conheço todos eles, os pais e sempre quando desembarcam dizem tchau ou quando entram no transporte me cumprimentam”*. E foi o que aconteceu nas inúmeras vezes que o transporte

parou para que os estudantes embarcassem ou desembarcassem. Aqui se estabelece uma relação de confiança, de cumplicidade.

Pergunto ao Morador (19) há quanto tempo ele é motorista, e ele diz: *“são vinte e três anos de motorista escolar. Tem muito aluno que passou pelo meu ônibus. Às vezes alguns vem me ver. A maioria saiu daqui, vão para a faculdade, alguns foram para a federal de Santa Maria”*. Cita o nome de estudantes e indica onde a família mora, fala com orgulho que estão na Universidade Federal.

Chegamos perto de uma propriedade e ele diz: *“aqui eu me escondo; a senhora vai ter que descer, temos que trocar de carro. Deixo o ônibus aqui e vamos de van”*. Os estudantes já estão indo para a van. Pergunto por que, ao que ele responde:



“A senhora vai ver, são as estradas. A prefeitura não arruma, já falei mil vezes, mas não adianta, falei pra secretária [ele cita o nome] é a mesma coisa que falar para um poste. [...] de todos esses anos de transporte escolar foi a pior de todas. Ela não entende e acha que sabe” Morador (19), 13/04/2019

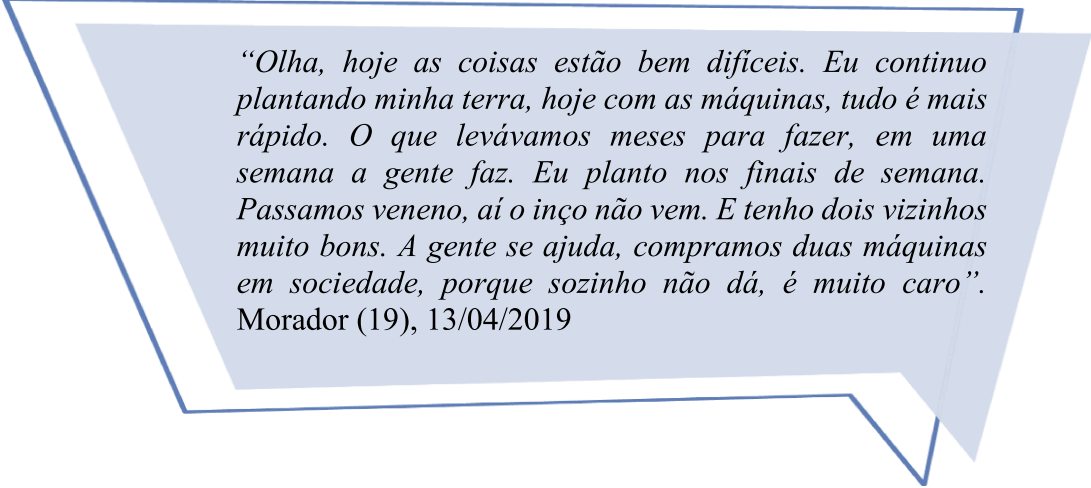
O Morador (19) coloca situações particulares e pede sigilo, portanto, não abordo aqui na pesquisa as relações de conflito. Ocorre um tempo de silêncio entre nós.

As estradas ficam cada vez mais estreitas para a van; realmente, não há condições de um ônibus passar. Ele está quase na divisa com o outro município e já transporta os estudantes da tarde. São crianças pequenas que estudam na Escola Santos Anjos, algumas na Educação Infantil. Carinhosamente, o Morador (19) as cumprimenta com um aperto de mão. Dessa forma, percebo que há um fortalecimento dos vínculos e de confiança. Uma criança diz para o Morador (19): *“meu pai te conhece”*. O relato demonstra que os pais tranquilizam os filhos, pois no início do ano escolar não conhecem o Morador (19). Seria o mesmo que: *“pode confiar no motorista, meu filho, o pai conhece ele”*.

Ele retorna e chega novamente no pátio da sua propriedade; as crianças já descem da van e vão para o ônibus. A esposa o aguarda com uma marmita. *“Esse é o meu almoço”, depois que eu largar as crianças na escola, eu almoço* – diz ele. Mesmo em contextos pequenos, a rotina familiar sofre os efeitos da flexibilização da jornada de trabalho, por exemplo: o almoço

dessa família acontece individualmente. A esposa almoça sozinha e o Morador (19) também. Pergunto sobre os filhos: *“Um está em Não-Me-Toque estudando para ser pastor e o outro está em Porto Alegre, eu e a minha vêia [forma carinhosa de chamar a esposa] estamos sozinhos”*.

Entre uma parada e outra do transporte escolar, vou puxando conversa sobre as plantações, custo/benefício, intempéries, preços dos produtos. E ele relata:



“Olha, hoje as coisas estão bem difíceis. Eu continuo plantando minha terra, hoje com as máquinas, tudo é mais rápido. O que levávamos meses para fazer, em uma semana a gente faz. Eu planto nos finais de semana. Passamos veneno, aí o inço não vem. E tenho dois vizinhos muito bons. A gente se ajuda, compramos duas máquinas em sociedade, porque sozinho não dá, é muito caro”.
Morador (19), 13/04/2019

Sua observação é relevante e reforça o que já vem aparecendo ao longo da pesquisa: 1) a entreatjada, presente desde o início da imigração; 2) a questão tecnológica, o trabalho manual e o trabalho tecnológico; 3) a dificuldade e poucos incentivos para os pequenos agricultores; 4) a questão do veneno utilizado nas lavouras. Talvez esse seja um dado pertinente, pois assume de forma espontânea que passa veneno na lavoura.

O Morador (19) aborda a questão da violência no interior. Com o enfraquecimento das linhas, vários moradores foram morar para a cidade e, com isso, os vizinhos ficam longe. *“O meu vizinho mais perto, fica a três quilômetros, os bandidos da cidade grande vêm pra cá. Eles sabem que nos municípios pequenos não tem polícia. A gente tem medo”*. O isolamento, a distância entre os vizinhos, causado pelo esvaziamento das linhas e comunidades, provocado por diferentes situações, gera medo e ansiedade nesse contexto. Pergunto *sobre os carros* do transporte e ele relata:

“O ônibus e a van são meus, eu presto um serviço para a prefeitura. Acho que é por isso que eles não têm interesse de arrumar as estradas, por aqui. É divisa do município, no tempo das eleições eles prometem”. Fico curiosa para saber como ele faz o acerto, e ele esclarece: *“Eles me pagam por quilômetro rodado. Mas no final não sobra quase nada, porque a manutenção dos carros é tudo por minha conta e se fura um pneu ou estoura uma correia... aí se foi o lucro”.*
Morador (19), 13/04/2019

Pergunto se há outros nesta situação e ele confirma: *“Sim, somos em mais três”* [cita o nome dos outros colegas prestadores de serviço]. Dois desses prestadores de serviços residem nas linhas e um na cidade.

O trabalho assumiu desde logo uma dimensão central e decisiva na história da humanidade, que, em nenhuma de suas distintas fases, pôde prescindir dessa atividade vital. Produzir os bens simbólicos tem sido, desde os primórdios até os dias atuais, resultado do fazer humano. Oscilando entre criação e sujeição, proatividade e servidão, o mundo do labor vivenciou inúmeras situações distintas: trabalho compulsório, escravidão, fruição, trabalho livre, servidão, ato e punição; assim caminhou a dialética do trabalho, conforme Antunes (2008).

Antunes (2018), em “O privilégio da servidão- o novo proletariado de serviços na era digital”, afirma que a segunda forma de degradação do trabalho típica da empresa da flexibilidade *toyotizada* é aparentemente mais “participativa”. Mas seus traços de reificação são ainda mais interiorizados (com seus mecanismos de “envolvimentos”, “parcerias”, “colaborações” e “individualizações”, “metas” e “competências”), sendo responsável pela desconstrução monumental dos direitos sociais do trabalho. É por isso que o movimento pendular em que se encontra a força de trabalho vem oscilando cada vez mais entre a perenidade de um trabalho que se reduz, intensificado em seus ritmos e desprovido de direitos, e uma superfluidade crescente, geradora de trabalhos mais precarizados e informalizados.

A nomenclatura utilizada pelo sistema empresarial como “parceiros”, “colaboradores”, estipula novas conexões com a questão do trabalho, enquanto que a tecnologia traz avanços. Mas é essa processualidade contraditória, presente no ato de trabalhar, que emancipa e aliena, humaniza e sujeita, libera e escraviza, que (re) converte o estudo do trabalho humano em

questão crucial de nosso mundo e de nossa vida. O senhor Mathias diz: *“nasci muito cedo; eu devia ter nascido nesta época. Pois quando eu era jovem, era tudo manual, era sofrido. Hoje com as máquinas fica mais fácil”*. Cada vez eles são menos proprietários.

Neste conturbado século XXI, o desafio maior é dar sentido autoconstituente ao trabalho humano de modo a tornar a nossa vida fora do trabalho também dotada de sentido. “Construir, portanto, um novo modo de vida a partir de um novo mundo do trabalho, para além dos constrangimentos impostos pelo sistema de metabolismo social do capital”. (ANTUNES, 2018, p. 26).

Antunes (2018) coloca como essa lógica é fortemente destrutiva em relação ao mundo do trabalho, e a contrapartida esparramada pelo ideário empresarial tem de ser amenizada e humanizada. É por isso que o novo dicionário “corporativo” ressignifica o autêntico conteúdo das palavras, adulterando-as e tornando-as corriqueiras no dialeto empresarial: “colaboradores”, “parceiros”, “sinergia”, “resiliência”, “responsabilidade social”, “sustentabilidade”, “metas”.

Esse dialeto empresarial está presente nas comunidades, nas linhas, nos relatos dos moradores, como mencionado anteriormente. Com os enxugamentos, as reestruturações e “inovações tecnológicas da indústria 4.0”, enfim, reorganizações comandadas pelos que fazem a “gestão de pessoas” e pelos que formulam tecnologias do capital, ocorre é mais precarização, informalidade, subemprego, desemprego, mais trabalhadores intermitentes, mais eliminação de postos de trabalho e menos pessoas trabalhando com os direitos preservados.

Trago outra situação que aparece na pesquisa, uma forma para tentar “amenizar” esse flagelo que se propaga por toda parte, um novo subterfúgio: o “empreendedorismo”, no qual todas as esperanças são apostadas e cujo desfecho nunca se sabe qual será. Portanto, são oferecidos cursos para aprender a empreender, a ser um empresário de sucesso, como fazer para atingir suas metas. É um mundo tentador e fácil de aderir. Geralmente, essas iniciativas são propagadas na escola, assim como as empresas oportunizam cursos e seminários para os moradores aprenderem a ser empreendedores.

Outra situação são os apicultores, que, com a criação da associação, conseguem se impor no mercado, fortalecer-se e comercializar seus produtos. Outros são os pequenos proprietários que se unem para comprar maquinários mais potentes, pois sozinhos não têm condições e, dessa forma, eles adotam estratégias, porque seus negócios informais não têm condições de concorrer com as empresas capitalistas. São elas que definem sua forma de inserção no mercado.

A rotina familiar dos moradores é impactada pelas profundas metamorfoses ocorridas no mundo produtivo do capitalismo contemporâneo, pelo conceito ampliado de classe trabalhadora, em sua nova morfologia. Trabalhadores e trabalhadoras, cada vez mais integrados pelas cadeias produtivas globais, vendem sua força de trabalho como mercadoria em troca de salário, sendo pagos por capital-dinheiro, não importando se as atividades que realizam são predominantemente materiais ou imateriais, mais ou menos regulamentadas. Retomo a situação dos moradores que terceirizam seu trabalho, bem como terceirizam o trabalho familiar, pois a família está envolvida nesta lógica.

A Uber é um exemplo mais do que emblemático: trabalhadores e trabalhadoras com seus automóveis – seus instrumentos de trabalho – arcam com suas despesas de seguridade, gastos de manutenção dos veículos, de alimentação, limpeza etc., enquanto o “aplicativo” – uma empresa privada global de assalariamento disfarçado sob forma de trabalho desregulamentado – apropria-se do mais-valor gerado pelo serviço dos motoristas. E essas empresas se liberam das preocupações com deveres trabalhistas historicamente conquistados pela classe trabalhadora.

Em pouco tempo, essa empresa se tornou global, com um número espetacularmente grande de motoristas que vivenciam as vicissitudes dessa modalidade de trabalho instável. A principal diferença entre o zero *hour contract* e o sistema Uber é que neste os/as motoristas não podem recusar as solicitações. Quando o fazem, sofrem represálias por parte da empresa, que podem resultar no seu “desligamento”. Hoje há novas relações acerca dos direitos do trabalho no país, cujo significado tem requintes comparáveis à escravidão (ANTUNES, 2008). Esse é o contexto dos moradores que têm as matrizes de porcos, dos moradores da produção leiteira, dos que engordam os porcos, das bolacheiras, dos que têm o gado no confinamento, dos trabalhadores moradores do transporte escolar. Enfim, são moradores prestadores de serviço.

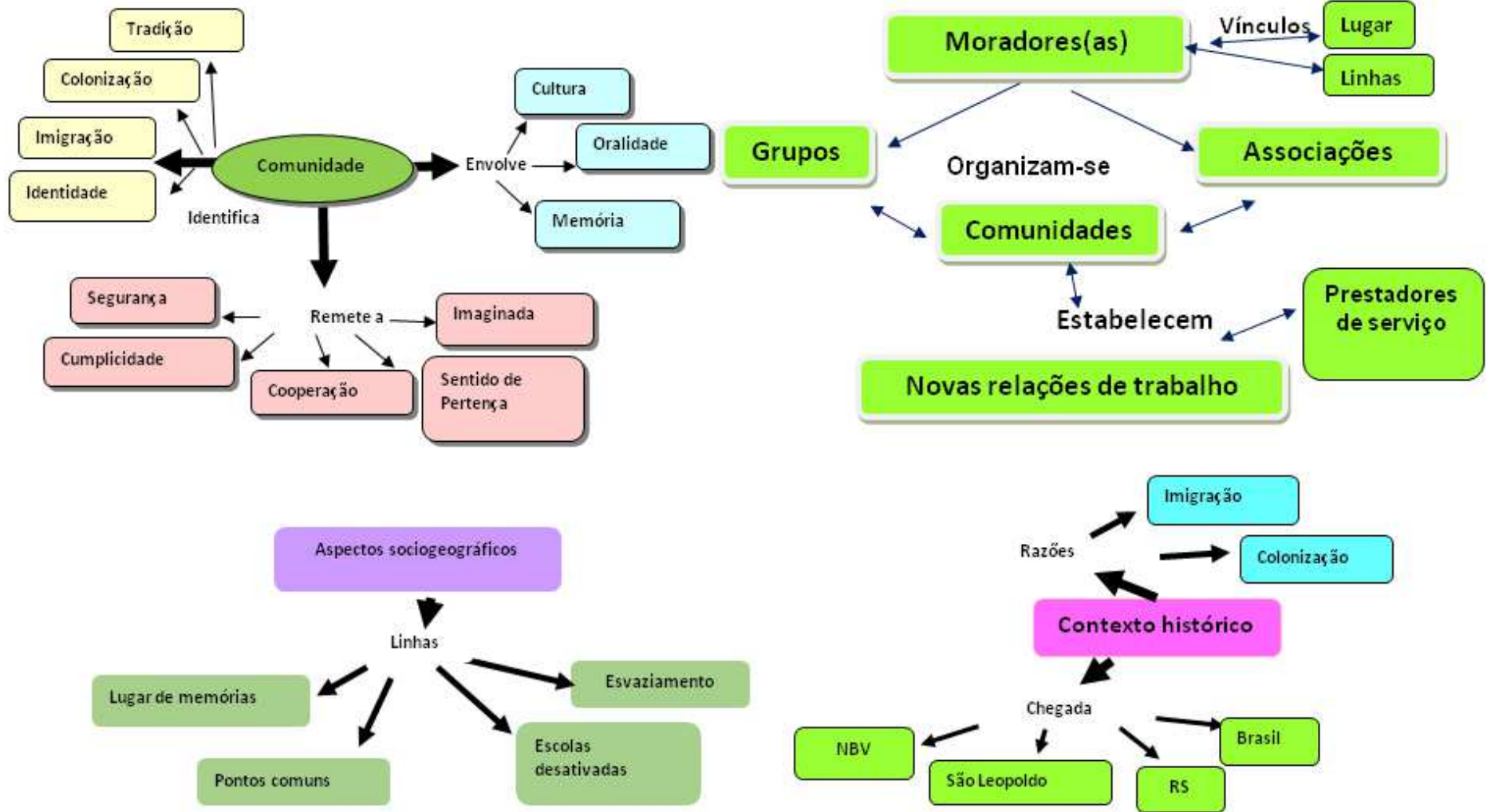
Na Figura 7 – mapa conceitual 4 da pesquisa – apresento um dos pilares da tese, que são os moradores. Trago as experiências da imersão e diálogo com referenciais estabelecendo relações com as práticas, as vivências, as memórias e a rotina familiar dos moradores. Esse mapa conceitual apresenta os contextos macro e micro que estão imbricados e interconectados com os mapas conceituais já apresentados anteriormente.

O contexto macro contém os elementos constitutivos da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul, bem como, os motivos da imigração, as dificuldades, os sonhos e a promessa de uma vida melhor. Para poderem sobreviver organizam-se grupos, associações, em especial, em comunidades que são planejadas para concentrar a administração, o comércio, as

atividades artesanais, a escola e a igreja (tendo o cemitério como anexo) e, um salão de festas. Participar de uma comunidade é entrar em um conjunto de relações e processos que constituem o ser. Aborda as novas relações de trabalho, como a nomenclatura utilizada pelo sistema empresarial como “parceiros”, “colaboradores”, estipula novas conexões com a questão do trabalho, essa lógica é fortemente destrutiva em relação ao mundo do trabalho, e a contrapartida esparramada pelo ideário empresarial tem de ser amenizada e humanizada. É por isso que o novo dicionário “corporativo” que ressignifica o autêntico conteúdo das palavras, adulterando-as e tornando-as corriqueiras no dialeto empresarial: “responsabilidade social”, “sustentabilidade”, “metas”.

E o contexto micro, que é o campo da empiria, está interligado pelas marcas da história, do tempo e da memória dos moradores, os quais estão imbricados pela tradição, pela cultura, pela identidade e pelo sentido de pertencimento a um lugar. Mas estão sendo “forçados” a aderir a essas novas relações de trabalho, em que deixam de ser o “dono” e transformam-se em prestadores de serviço. Em cada linha, em cada comunidade e em cada morador (a) há diferentes modos de compreender a vida.

Figura 7 - Mapa conceitual 4 da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

6 A GESTÃO ESCOLAR E AS INTERAÇÕES

Neste capítulo, tenho o intuito de mostrar os diferentes movimentos realizados na Escola Municipal Santos Anjos e na Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau. Inicialmente abordo apontamentos sobre gestão escolar; na sequência, o contexto educacional da Escola Municipal Santos Anjos; e finalmente, a história, as experiências e as práticas da Escola Estadual Antônio Mathias Anschau.

Olho esse contexto educacional dialogando com Schimidt (2010), Kreutz (2000), Rambo (1994) e Luchese (2011), considerando a dimensão étnico-cultural construída e reconstruída constantemente num processo relacional em que os grupos e indivíduos buscam, selecionam ou relutam em função do significado que fenômenos e processos têm para eles. Para a identidade cultural, dialogo com Hall (2005) e o patrimônio cultural, com Dias (2006). Dialogo com Akkari (2011), Corsetti (2015), Afonso (2010) e Teodoro (2011) sobre o empresariamento da educação e as lógicas competitivas. Para olhar algumas facetas da gestão escolar, dialogo com Souza (2006), Castro (2016), Libâneo (2012), Luck (2008; 2009;2011).

A gestão escolar é, segundo Luck (2009, p. 24),

o ato de gerir a dinâmica da cultura da escola, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para a implementação de seu projeto político-pedagógico e compromissado com os princípios da democracia e com os métodos que organizem e criem condições para um ambiente educacional autônomo (soluções próprias, no âmbito de suas competências), de participação e compartilhamento (tomada de decisões conjunta efetivação de resultados) e autocontrole (acompanhamento e avaliação com retorno de informações).

Para refletir as facetas da gestão escolar, é necessário considerar que estão entrelaçados diversos fatores, que envolvem desde a participação democrática até aspectos financeiros, administrativos e pedagógicos com vistas a resultados. A gestão da escola sob essa nova perspectiva surge como orientação e liderança competente, exercida a partir de princípios educacionais democráticos e como referencial teórico para a organização e orientação do trabalho em educação. Para Luck (2011, p. 85),

A escola é uma organização social, isto é, uma coletividade dinâmica, intencionalmente organizada com o objetivo de promover com seus alunos o desenvolvimento dos cidadãos críticos, mediante sua compreensão do mundo, de si mesmos e de seu papel neste mundo, pela vivência de experiências sociais significativas. E é na medida em que estes resultados de fato orientem seu trabalho que se tem uma escola em seu sentido pleno. (LUCK, 2011, p. 85).

A gestão da escola sob essa nova perspectiva surge como orientação e liderança competente, exercida a partir de princípios educacionais democráticos e como referencial teórico para organização e orientação do trabalho em educação, afinado com as diretrizes e políticas educacionais públicas para implementação das políticas educacionais e do Projeto Político Pedagógico das escolas. De acordo com Luck (2008, p. 17), “O conceito de gestão está associado à mobilização de talentos e esforços coletivamente organizados, à ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um “todo” orientado por uma vontade coletiva”.

A gestão escolar vai além do sentido de mobilizar as pessoas para a realização eficaz das atividades, pois implica intencionalidade, definição de um rumo, uma tomada de decisão diante dos objetivos sociais e políticos da escola. A escola, ao cumprir sua função social, influi na formação da personalidade humana e não é possível estruturá-la para o cumprimento da sua função social, sem levar em consideração objetivos políticos, técnicos e pedagógicos.

Segundo Libâneo (2012), as formas de organização e gestão são sempre meios, nunca fins, embora muitas vezes, erroneamente, meios sejam tratados como fins; os meios existem para alcançar determinados fins e lhes são subordinados. Conceitualmente, a gestão faz parte da organização, mas aparece junto a ela por duas razões: a) a escola é uma organização em que tanto os objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e afetivas que nela têm lugar; b) as instituições escolares, por prevalecer nelas o elemento humano, precisam ser democraticamente administradas, de modo que todos os seus integrantes canalizem esforços para a realização de objetivos educacionais, acentuando-se a necessidade da gestão participativa e da gestão da participação.

Portanto, a escola é uma instituição social com objetivo explícito: o desenvolvimento das potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, atitudes, valores) para que se tornem cidadãos participativos. É razoável pensar uma escola mais organizada e administrada para melhorar a qualidade da aprendizagem escolar dos alunos. Libâneo (2012, p. 421) entende que:

Uma escola bem organizada e gerida é aquela que cria e assegura condições organizacionais, operacionais e pedagógico-didáticas que permitam o bom desempenho dos professores em sala de aula, de modo que todos os seus alunos sejam bem-sucedidos em suas aprendizagens.

Outro fator relevante é a autonomia escolar, implicando uma gestão descentralizada em que a escola executa um planejamento compatível com a realidade local, aplica processos de tomada de decisões sobre questões específicas, introduz mudanças no currículo e nas práticas de avaliação, decide sobre utilização e controle de recursos financeiros, conforme Libâneo (2012). Nas imersões no campo empírico observei que há diferentes iniciativas dos moradores das linhas e da cidade de criarem estratégias de continuar os ideais, sentido de pertença, do voluntariado princípios vivenciados pelos imigrantes e colonizadores, bem como a relevância do conceito de comunidade. Há diferentes atividades, vivências para o fortalecimento dos vínculos entre escola e comunidade. Posteriormente, apresento a Escola Municipal Santos Anjos e a Escola Estadual Antônio Mathias Anschau, suas práticas e vivências.

6.1 A Escola Municipal Santos Anjos

A criação da escola está em sintonia com o contexto da imigração e colonização alemã no RS essa relação vem acompanhando essa tese em diferentes movimentos. Consta nos registros que diante da necessidade da melhoria do ensino, o pároco da época, David Antônio Schwantz, em 1956, idealiza a construção de uma escola paroquial⁵³ que fosse dirigida por religiosas e começa uma campanha em prol dessa obra.

No exercício de aproximação, tenho acesso aos registros⁵⁴ arquivados na Secretaria da escola, os quais relatam que a educação sempre foi uma preocupação constante, desde o início da colonização de Nova Boa Vista. Conforme Schimidt (2010, p. 17), “as escolas comunitárias foram um dos experimentos mais destacados desse comunitarismo, que se estendeu por mais de 100 anos – da década de 1920 até o final da década de 1930”. Segundo Lucio Kreutz (2000), na década de 1930, havia no Brasil 1.579 escolas nas colônias alemãs; 167 escolas nas colônias italianas; 349 escolas nas colônias polonesas; e 178 escolas nas colônias japonesas. A maior parte dessas escolas estava em solo gaúcho e catarinense.

Segundo Rambo (1994, p. 87), trata-se de um experimento original,

Que não reproduziu modelo escolar existente em terras europeias: os imigrantes aqui chegados não possuíam um modelo estrutural no qual pudessem se inspirar. Traziam, sim, a experiência e a certeza de que a escola seria capaz de lhes garantir a integridade cultural e religiosa. Na pátria de origem as autoridades públicas se encarregavam de toda infraestrutura física e operacional da escola. Como aqui, o Estado simplesmente

⁵³ Alguns registros abordam como escola comunitária.

⁵⁴ Informações extraídas dos anais e das informações passada pela secretária da escola.

não tinha meios para garanti-la e ao que tudo indica tinha pouco interesse, coube às comunidades providenciar essa parte.

Nas primeiras décadas, as escolas comunitárias eram muito humildes. Os professores eram escolhidos dentre os mais acostumados à leitura e à escrita. As edificações eram precárias, e o ensino se fazia na língua de origem por falta de conhecimento suficiente da língua portuguesa. Não havia material didático apropriado e o que mais se aprendia na escola eram noções elementares de linguagem, de matemática e religião. Gradualmente, melhoraram a infraestrutura das escolas, a capacitação e remuneração dos professores e o aprimoramento dos materiais didáticos. “Além da língua de origem, as crianças aprendiam também a língua portuguesa” (RAMBO, 1994, p. 41).

No arquivo, menciona-se a senhora Sibila Thalheimer, que deu aulas, por certo tempo, em um galpão de secar fumo, na sua propriedade. Em seguida, lecionou João Thalheimer, vindo de além-mar, da Alemanha, com formação de professor em Frankfurt. Ele ministrava aulas bilíngues (alemão e português) em sua própria casa, por não haver escola e por serem apenas sete alunos. Consta também nos registros que as famílias providenciavam a moradia para o professor e parte do pagamento dos seus honorários. Na sequência, a imagem das turmas da primeira escola comunitária de Boa Vista, com o prof. João Thalheimer, em 1933.

Fotografia 41 - Turmas da primeira escola comunitária de Boa Vista



Fonte: Acervo da família de Mathias e Erna Haefliger.

Consta nos registros que o professor era um homem de fé, bom matemático e exigia dos alunos boa caligrafia. Posteriormente, José Orth e Roberto Spaniol lecionaram por pouco tempo. Depois foi a vez do professor Nicolau Wendling, que fixou residência, permaneceu por muitos anos, até 1956. Os professores inicialmente eram pagos pelos pais dos alunos⁵⁵. Segue um dos relatos:

Quando Nicolau e sua família chegaram a Boa Vista, já estava tudo combinado em relação ao seu trabalho. A comunidade cedia a casa para ele morar e os pais dos alunos eram encarregados de pagar o professor. A entrevistada lembra que a primeira escola era de madeira e localizava-se próxima à casa onde sua família residia. Ela conta que essa escola atendia os alunos de 1ª a 4ª séries, todos numa única sala. Segundo relata a entrevistada, houveram épocas em que havia mais de cem alunos frequentando as aulas, onde ela mesma foi aluna de seu pai. A entrevistada comenta que merenda escolar não existia. O lanche era trazido de casa, quase sempre alimentos que a própria família produzia, tais como: pão, ovo cozido, batata assada, bolinhos, bolachas. Muitas vezes, os alunos trocavam a merenda entre si e, quando um colega esquecia o lanche, os demais repartiam com ele o que haviam trazido, pois como afirmam a entrevistada, os alunos eram muito solidários e honestos, até mesmo para realizar a limpeza da escola. (E. E. E. M. ANTÔNIO MATHIAS ANSCHAU, 2012, p. 57).

A simples colônia de Boa Vista crescia dia a dia e o número de crianças aumentava ano após ano. A velha escolinha, com uma sala apenas, estava cada vez mais cheia e os grandes e rústicos bancos, feitos a mão pelos pais dos alunos, não eram suficientes para abrigar tantas crianças, que chegavam a setenta. Fazia-se necessária outra sala, bem como outro professor, pois para manter a disciplina e a aprendizagem naquele ambiente, era exigido demais de um professor cansado e com deficiência em uma das pernas⁵⁶, o que lhe dificultava o movimento.

A partir da necessidade de melhorias em todos os sentidos quanto à educação, o padre Davi Antônio Schwantz, então vigário da Paróquia, começa a campanha em prol da construção de uma escola melhor, que fosse dirigida por religiosas, pois se preocupava com a catequese e com a educação em geral.

Havia uma escola de propriedade da comunidade, atendida pelo professor Nicolau Wendling, auxiliado pela filha Eulália, ambos muito eficientes e dedicados. O prédio dessa escola, contudo, tinha acomodações precárias e inadequadas para atender as cem crianças que a frequentavam, razão pela qual ele, com o auxílio da comunidade, começou a idealizar uma escola pastoral. Menciona que, apesar de receoso, falou sobre a construção de uma nova escola após uma missa em 1956. Surpreendeu-se com a empolgação das pessoas. Conforme o narrador, o sr. João Dalcin, que tinha uma filha religiosa, sugeriu que as Irmãs assumissem a tarefa de educadoras. No entanto,

⁵⁵ De acordo com os entrevistados, os professores eram pagos, inicialmente, pelas famílias. Relatam também que havia cadernos e a pena com tinta para escrever. Porém só os textos mais importantes eram registrados. Em geral, usavam apenas a lousa para escrever e depois apagavam. Não havia classes separadas, eram turmas multisseriadas. As matérias lecionadas eram português, alemão, matemática e catecismo.

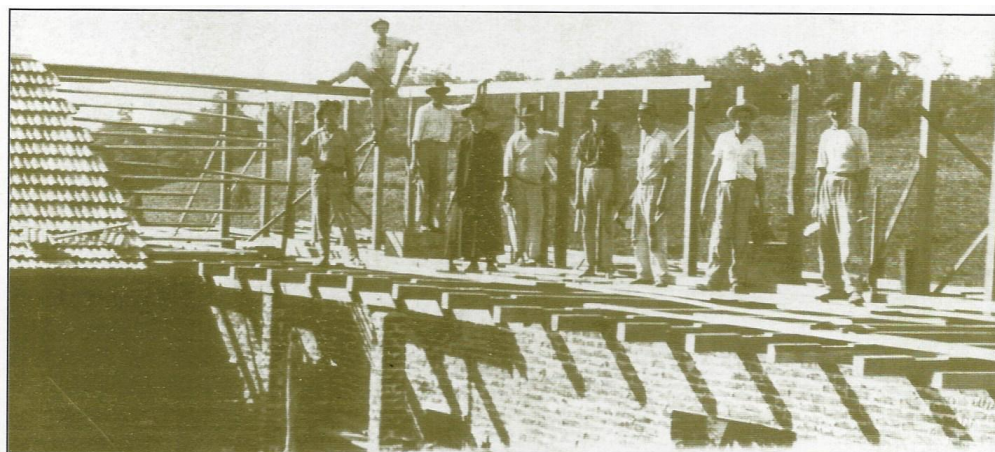
⁵⁶ Essa informação consta nos registros.

outras pessoas queriam que o governo criasse uma escola estadual, mas David percebeu que não havia condição legal e que esse processo poderia demorar muito. A localização da escola foi discutida em comunidade. Lembra que o sr. Afonso Barbian sugeriu que a construção ficasse entre a cidade alta e a cidade baixa, a fim de uni-las. Entretanto, David considerou que no alto morro ficaria esteticamente mais bonita. Então essa ideia se efetivou quando o sr. Jacob Wagner Sobrinho, que era uma pessoa muito boa, equilibrada e um verdadeiro patriarca, doou o terreno. (SCHWANTZ, 2012, p. 24).

À medida que faço a leitura dos registros do Livro Tombo nº 1, percebo a riqueza dos detalhes, dos conflitos, das tensões, das dificuldades de liderar e das incompreensões. Todavia, a dedicação, o empenho e a fé de um povo fez com que a escola fosse construída. Do Livro Tombo nº1 (1956, p. 15):

Após muita reflexão, consulta ao Exmo. Sr. Bispo Diocesano D. Cláudio Colling, dos fabriqueiros da Matriz e, procurando proporcionar um ambiente melhor e mais durável para a educação das crianças da zona da Matriz, foi resolvido construir um Colégio de Irmãs, sólido, amplo, com 4 salas de aula, para 200 alunos. De 05 a 10 de setembro de 1956, foi feita a terraplanagem em terreno doado à Mitra Diocesana de Passo Fundo, pelo Sr. Jacob Wagner. Aliás, o prédio do Colégio que ultrapassou 1 milhão e 400 mil cruzeiros foi pago exclusivamente pelas famílias associadas da Matriz que são umas 150, pois o Colégio também servirá exclusivamente às crianças destas famílias. Não foi determinado pessoal especial para orientar ou inspecionar a obra, ficando, portanto, responsável por tudo o Padre Vigário, inclusive para fazer empréstimos, pois a caixa da Matriz não contava praticamente com nenhum dinheiro disponível para compra e pagamento de materiais e mão-de-obra. Os sócios da Matriz foram chamados periodicamente para prestarem o trabalho gratuito. Prontificou-se para auxiliar o vigário na construção, o Sr. João Dalcin, colaboração, aliás, de muito valor. Após o acabamento da terraplanagem, boa parte do povo se entusiasmou, pois infelizmente nem todos eram unânimes para dar a sua colaboração, o que exigiu de mim um sacrifício que por vezes se apresentava insuperável. Mas, pedindo orações das crianças e das irmãs que já haviam chegado e, lembrando minha decisão ao terminar meus estudos seminarísticos, se fosse destinado a uma paróquia em que não houvesse Igreja, casa paroquial, começaria por primeiro a construção de uma escola paroquial, porque eu achava de mais urgente a necessidade uma escola paroquial, foi possível vencer, com a graça de Deus e a proteção da Virgem Santíssima, todas as dificuldades.

Fotografia 42 - Construção da Escola Santos Anjos



Fonte: Acervo da Escola Santos Anjos.

A construção da atual Igreja, bem como a Escola Municipal Santos Anjos, segundo os registros, foram conquistas da comunidade. As pessoas ajudavam em forma de mutirões, com materiais e mão de obra. É importante salientar que as famílias que acolhiam tanto os padres quanto os pedreiros não cobravam por isso. Cada família, além de contribuir com recursos financeiros, ajudava na obra. No arquivo consta que uma viúva com sete filhos pequenos não tinha condições físicas para ajudar, portanto, pagava alguém para ajudar na construção em seu lugar (E. E. E. M. ANTÔNIO MATHIAS ANSCHAU, 2012).

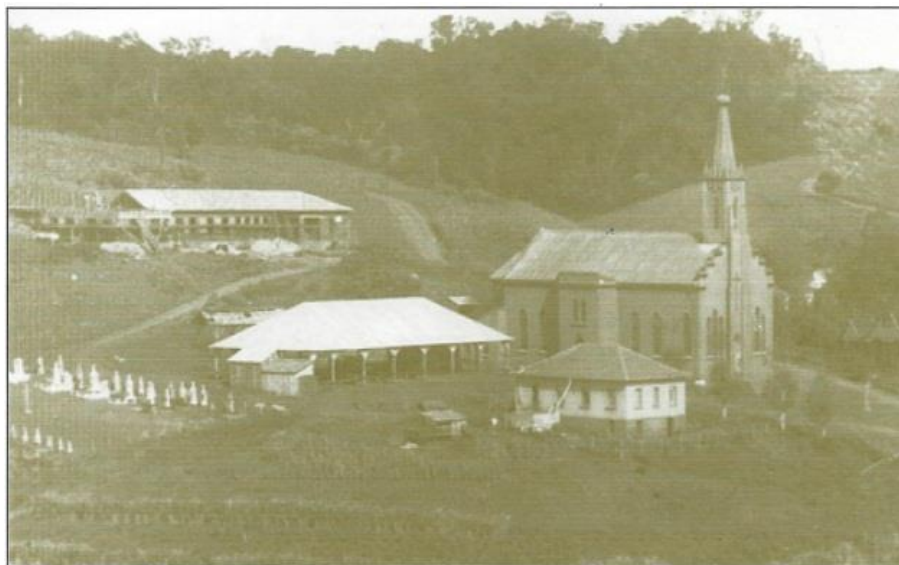
Diante do processo inicial da construção da escola, percebo a mobilização de uma comunidade em torno de uma causa. O entendimento de comunidade é o de um grupo de pessoas que socializam elementos em comum, como espaço geográfico, costumes e valores, enfim, elementos que acabam por propiciar a criação de um processo identitário. No capítulo sobre a colonização e imigração alemã no RS, menciono esse conceito.

A dimensão étnico-cultural é construída e reconstruída constantemente num processo relacional em que os grupos e indivíduos buscam, selecionam, ou relutam em função do significado que fenômenos e processos têm para eles. Por isso, a educação e a escola são um campo para se perceber a afirmação dos processos identitários e os estranhamentos e as tensões decorrentes da relação entre culturas. (KREUTZ apud LUCHESE, 2011, p. 74).

Os dois terrenos foram doados pelo mesmo proprietário, conforme consta nos registros: “Jacob era uma pessoa muito boa, acolhia em sua casa todas as pessoas que vinham para Boa Vista e necessitavam de hospedagem. Além disso, doou as terras para a construção da Igreja católica, bem como, as da Escola Santos Anjos”. (E. E. E. M. ANTÔNIO MATHIAS

ANSCHAU, 2012, p. 36). Na imagem a seguir, é possível visualizar a Igreja Matriz, o antigo salão comunitário, a casa paroquial, o cemitério e a Escola Santos Anjos em construção.

Fotografia 43 - Relação escola e igreja



Fonte: Acervo da Paróquia Nossa Senhora dos Navegantes.

No início de 1957, chegam as Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Bonlanden⁵⁷. Nos registros consta que o trabalho e a dedicação das Irmãs que motivou o esforço dos pais em concluir a construção da escola, em setembro de 1957. As Irmãs Franciscanas solicitaram que a nova escola fosse colocada sob a proteção dos Anjos da Guarda, portanto, a origem do nome: Educandário Santos Anjos.

Conforme um contrato particular, firmado pelo Exmo. Sr. Bispo Diocesano, Dom Claudio Kolling, Reverenda Irmã Provincial da Congregação, pelo atual Vigário e que se consome arquivado no arquivo Paroquial, tendo cópia deste Colégio Santos Anjos e o Provincialado da Congregação, as Irmãs poderão dispor do prédio, inclusive fazer ampliações e reformas por suas próprias custas, mas não poderão desviar o Colégio de sua finalidade principal (escola paroquial) etc., conforme os itens do contrato particular entre as Reverendas Irmãs e a Paróquia. (*LIVRO TOMBO nº1, 1958, p. 20*).

As Irmãs Franciscanas permaneceram na comunidade até o final do ano de 1972, ministrando aulas até a 5ª série do Primário. Os anais⁵⁸ relatam que, a pedido do Padre Urbano

⁵⁷ As Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Maria, de Bonlanden, pertencem a congregações da Terceira Ordem Regular de São Francisco de Assis.

⁵⁸ Os anais dos anos 1972 e 1973 relatam a saída das Irmãs Franciscanas da Imaculada Conceição de Maria, de Bonlanden e a chegada das Irmãs da Congregação de Nossa Senhora, mais conhecidas como Irmãs Notre Dame.

Maldaner⁵⁹, em 27 de janeiro de 1973, foram trabalhar na Escola Santos Anjos as Irmãs da Congregação de Nossa Senhora – Notre Dame, de Passo Fundo/RS.

Um aspecto importante a salientar é a relação escola/comunidade, pois com o objetivo de integrar a escola à comunidade, fundaram o Círculo de Pais e Mestres (CPM), para que a educação fosse uma responsabilidade comunitária, ou seja, pais, corpo docente e corpo discente.

Para que esse objetivo se tornasse concreto ficou estabelecido que as festas de São João e Sete de Setembro sempre fossem promovidas pelo Círculo de Pais e Mestres e pela Diretoria da Biblioteca, em benefício do Círculo e Biblioteca. O educandário propõe promover nos educandos o desenvolvimento de sua personalidade, conscientizando-os de sua autorrealização, na busca de valores e opções livres, tornando-os pessoas de fé e esperança, no relacionamento com o outro, o mundo e Deus, num clima comunitário de serviço e disponibilidade, começando em casa. (LIVRO TOMBO nº1, 1958, p. 65).

Os registros apontam que, no período de 1973 até o final de 1987, a Escola teve como mantenedora a Congregação das Irmãs de Nossa Senhora/ Notre Dame. A partir do ano de 1988, através de Comodato feito entre a Mitra Diocesana de Passo Fundo, Província da Santa Cruz e Prefeitura Municipal de Sarandi, a Escola passou a ter como mantenedora a Prefeitura Municipal de Sarandi e, atualmente, a Prefeitura Municipal de Nova Boa Vista⁶⁰.

O Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Santos Anjos apresenta esta informação:

Com a emancipação de Nova Boa Vista, em 1992, a Prefeitura deste Município tornar-se-á entidade mantenedora. Uma cláusula do comodato feito entre a Prefeitura Municipal e a Mitra Diocesana estabelece que a direção e o serviço pedagógico permaneçam sob a orientação das Irmãs de Nossa Senhora. (ESCOLA MUNICIPAL SANTOS ANJOS, 2006, p. 6).

⁵⁹ Sacerdote diocesano, educador, professor de Ensino Religioso, que atuou nesta comunidade durante 27 anos. Foi um dos responsáveis para que o atual Distrito de Boa Vista se emancipasse em 1992.

⁶⁰ Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Santos Anjos.

Chama a atenção é a beleza da escola, as cores expressas na diversidade das flores, dos jardins, a limpeza e o cuidado com as crianças. Caminhando, observo a rotina dos alunos ao ir para casa, sua organização para esperar o transporte escolar e o cuidado dos estudantes maiores com os menores, que induzem o nome da escola “Anjos”, auxiliando na acessibilidade e permanência nos assentos no ônibus durante o trajeto até suas casas. Algo que chama a atenção é a beleza da escola, as cores expressas na diversidade das flores, dos jardins, a limpeza e o cuidado com as crianças. Caminhando, observo a rotina dos alunos ao ir para casa, sua organização para esperar o transporte escolar e o cuidado dos estudantes maiores com os menores, que induzem o nome da escola “Anjos”, auxiliando na acessibilidade e permanência nos assentos no ônibus durante o trajeto até suas casas. DC, 04/05/2016.

Atualmente, a Escola Municipal Santos Anjos atende 306 alunos da Educação Infantil ao 9º ano, em dois turnos de funcionamento: manhã - Séries Finais do Ensino Fundamental; tarde - Educação Infantil e Séries Iniciais.

Conforme consta no Projeto Político Pedagógico, a Escola desenvolve, desde 1998, o Programa de Filosofia para Crianças e Jovens: Educação para o Pensar⁶¹, com o intuito de preparar os educandos para a consciência crítica e o exercício da cidadania. De 2001 a 2019, a escola tem o Programa de Educação Cooperativa: A União Faz a Vida⁶², que valoriza o diálogo, a investigação e os princípios da cooperação que orientam e conduzem a metodologia da prática pedagógica no cotidiano.

Em outra observação, em 2017, chego à Escola Municipal Santos Anjos, a fim de acompanhar a rotina da escola. A próxima imagem remete à visualização da escola.

⁶¹ Filosofia para Crianças - Educação para o Pensar é o nome do programa filosófico-educacional criado no final da década de 1960 por Matthew Lipman. Trata-se de um programa educacional que propõe oferecer a crianças e jovens um espaço investigativo-dialógico no qual busquem maior e melhor compreensão de temáticas filosóficas e, ao fazê-lo, possam desenvolver sua capacidade de "pensar melhor" através de uma metodologia que faz parte integrante do referido Programa. Disponível em: <http://www.philosletera.org.br>. Acesso em: 12 abr. 2017.

⁶² O Programa tem como objetivo, construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes, em âmbito nacional. Disponível em: <http://www.auniaofazavida.com.br>. Acesso em: 20 nov. 2016.

Fotografia 44 - A Escola Municipal Santos Anjos

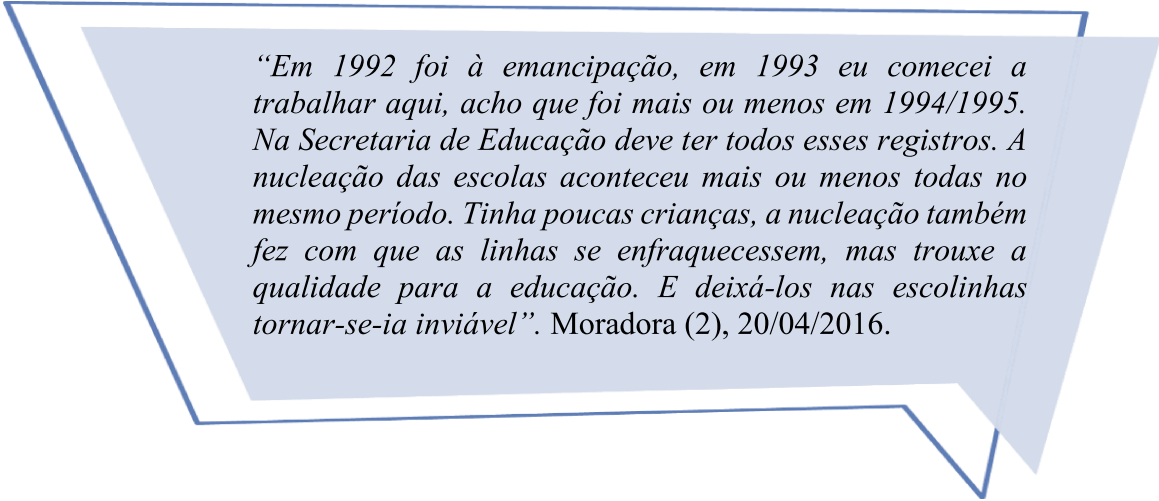


Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Em uma das visitas informais, espero o término da aula na sala dos professores, enquanto converso com a Moradora (1) sobre a escola. Pergunto sobre o número de estudantes, professores, funcionários e a rotina escolar. Ela relata que tem quarenta e cinco professores, seis funcionários (duas no refeitório e as demais nos serviços gerais), e conta que há quatro anos assumia a direção.

“Tem a creche que está vinculada à Educação Infantil, para as crianças a partir de um ano e que saibam andar. Quanto ao número de estudantes, esse ano aumentou por causa da Educação Infantil, temos 306 estudantes. Ainda porque não aceitamos os alunos oriundos do município de Sarandi. Não temos vaga, a turma do 8º ano tem trinta alunos porque as salas são pequenas. [...]. A professora de inglês vem de Passo Fundo, algumas vêm de Sarandi, duas de Chapada e as outras são daqui. Muitas daqui se aposentaram”. Moradora (1), 08/08/2016.

Minha pesquisa de mestrado (THUMS, 2015) mostrou uma realidade diferente, em que a maioria era professores oriundos do município de Nova Boa Vista. Dois anos após, o contexto está mudado: há mais professores oriundos de outros municípios do que da comunidade local. O motivo relatado é a aposentadoria dos professores. Neste momento, entra na sala uma professora (Moradora 2), que já trabalha na escola há mais tempo e diz: *“como é importante conhecer a realidade do local, a importância de conhecer as linhas e o enfraquecimento das mesmas”*. Na ocasião, relato que encontrei escolas desativadas e comento sobre cada uma delas. Pergunto à Moradora (2) se ela se lembrava da época em que aconteceu a nucleação e, organizando os pensamentos, em voz alta tenta voltar no tempo, dizendo:



“Em 1992 foi à emancipação, em 1993 eu comecei a trabalhar aqui, acho que foi mais ou menos em 1994/1995. Na Secretaria de Educação deve ter todos esses registros. A nucleação das escolas aconteceu mais ou menos todas no mesmo período. Tinha poucas crianças, a nucleação também fez com que as linhas se enfraquecessem, mas trouxe a qualidade para a educação. E deixá-los nas escolinhas tornar-se-ia inviável”. Moradora (2), 20/04/2016.

O relato da Moradora (2) confirma o que vi nas linhas, o esvaziamento e o enfraquecimento das comunidades. Neste relato encontro uma contradição: a qualidade da educação e o esvaziamento e o enfraquecimento da comunidade. É uma situação que exige reflexão. Arrisco-me a dizer que seria uma oportunidade para a educação do campo e para o campo.

Encontro os estudantes limpando as salas de aula e pergunto à Moradora (1) como acontece o processo da limpeza da sala: *“existe uma escala, cada semana é um grupo”*. O sinal toca e os estudantes dirigem-se até a área coberta, aguardando o segundo sinal; enquanto isso,

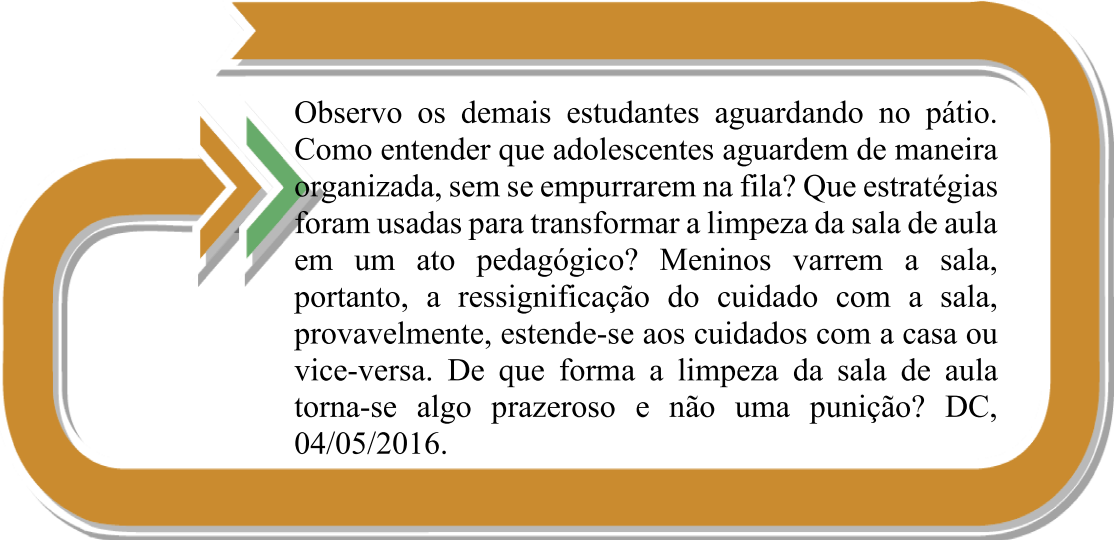
o pequeno grupo formado por cinco estudantes limpa a sala de aula. Essa limpeza se resume em varrer, recolher o lixo, esvaziar a lixeira, arrumar as carteiras, fechar as janelas e arrumar as cortinas. A professora permanece na sala. Depois, há um segundo sinal, quando todos aguardam na fila e, com a chegada dos ônibus, seguem para casa. Na fotografia, é possível ver esse processo.

Fotografia 45 - A limpeza da sala de aula



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017)

O ato de limpar a sala torna-se um ato pedagógico. Vejo a pouca produção de lixo; as salas de aula estão praticamente limpas, pois como são os estudantes que as limpam, eles também cuidam da própria limpeza durante a manhã. A vassoura e a pá ficam penduradas atrás da porta da sala de aula. Esse processo está vinculado a constituição identitária desse município, incorporado pelos princípios de colaboração, cooperação e de voluntariado, vivenciados nas suas respectivas comunidades e estendendo-se a rotina escolar.



Observo os demais estudantes aguardando no pátio. Como entender que adolescentes aguardem de maneira organizada, sem se empurrarem na fila? Que estratégias foram usadas para transformar a limpeza da sala de aula em um ato pedagógico? Meninos varrem a sala, portanto, a ressignificação do cuidado com a sala, provavelmente, estende-se aos cuidados com a casa ou vice-versa. De que forma a limpeza da sala de aula torna-se algo prazeroso e não uma punição? DC, 04/05/2016.

Dialogo com Libâneo (2012, p. 411) para quem “a organização e a gestão constituem o conjunto das condições e dos meios utilizados para assegurar o bom funcionamento da instituição escolar, de modo que alcance os objetivos educacionais esperados”. Diante disso, reforço que a gestão escolar é um meio e não um fim em si mesmo, pois seu objetivo final é a aprendizagem efetiva e significativa dos alunos, para que, no dia a dia, possam desenvolver as competências que a sociedade demanda.

Ao ver estudantes uniformizados, pergunto como eles têm acesso ao uniforme, e a Moradora (1) explica que os uniformes são confeccionados no próprio município e comercializados numa loja, onde os pais os adquirem. Ela relata também que a quarta-feira é dia livre e, portanto, os estudantes não precisam usar uniformes.

Quanto ao transporte, percebo que alguns ônibus são particulares – os que vão para o outro município – e há transportes terceirizados (como relato em outro capítulo). O transporte escolar público municipal leva os estudantes da Escola Estadual. Os estudantes, que moram nas diferentes linhas do município, vão para casa, como mostra a imagem a seguir, que registra também o acompanhamento da professora na saída da escola.

Fotografia 46 - Estudantes indo para casa



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Posteriormente, a diretora da Escola Santos Anjos apresenta os espaços e diz: *“Aqui era um espaço de flores, transformamos em um pequeno refeitório para os professores”*. O refeitório para as crianças é um espaço grande e amplo. Nas terças e quintas-feiras é servida refeição completa; nos demais dias, lanche. Enquanto mostra os espaços, as crianças chegam, gritando, sorrindo, felizes. Minha estranheza com as crianças maiores cuidando das menores. Lembro-me da situação quando vivenciei a rotina familiar, onde a filha estava cuidando do irmão menos, enquanto os pais estavam alimentando os animais e fazendo os demais serviços, vinculados a rotina de uma família que reside no interior. Entra a cozinheira Moradora (3): *“hoje tem polenta, tinha de manhã e de tarde vai ter de novo”*. Na fotografia, o refeitório com boa luminosidade natural.

Fotografia 47 - Refeitório dos alunos



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Caminho pela escola e chego num prédio novo, totalmente diferente. Tem oito salas, uma grande área coberta que parece uma choupana, com paredes nas cores azul claro, azul escuro e branco. Conto cinco torneiras distribuídas pelo pátio. (DC, 04/05/2016).

A Moradora (1) conta a história dessa construção.

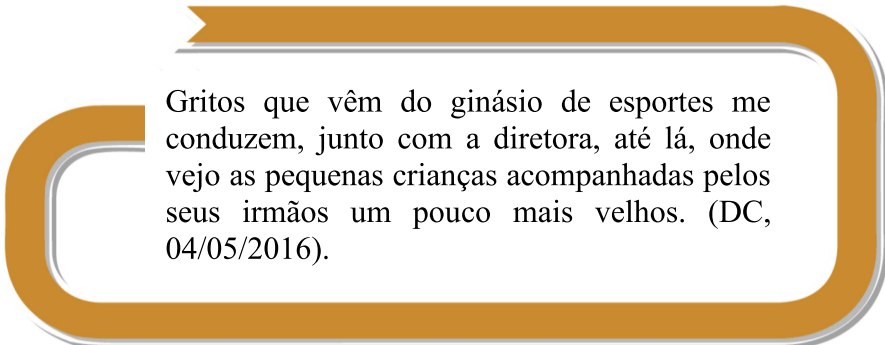
“Esse prédio, no planejamento era pra ser a creche, mas só no papel. Agora são salas de apoio: tem o Laboratório de Informática, Sala de Leitura, Pintura, Sala da Banda, Biblioteca, Laboratório de Ciências, um Refeitório, duas Salas de Recreação, etc. Nas salas de coordenação colocamos diferentes materiais, uma delas tem roupas de fantasia”. Moradora (1), 05/08/2016.

Minha estranheza quando vejo o prédio e pergunto a ela se, para um município pequeno em número de habitantes, há necessidade de construir uma creche com essa infraestrutura? Qual recurso federal foi utilizado para a construção? Ela não soube dizer.

Fotografia 48 - Prédio novo



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).



Gritos que vêm do ginásio de esportes me conduzem, junto com a diretora, até lá, onde vejo as pequenas crianças acompanhadas pelos seus irmãos um pouco mais velhos. (DC, 04/05/2016).

São cenas que provocam estranhamento, situações pouco visualizadas. Os irmãos mais velhos cuidando dos menores, que têm somente dois ou três anos a menos do que os mais velhos. Essa responsabilidade do cuidado com o irmão menor é fomentada pelos pais. Novamente lembro-me da filha de onze anos cuidando o irmão de oito meses, quando vivenciei a rotina da família no interior. Portanto, o ato de cuidar, é ensinado em casa e a criança vai adquirindo a responsabilidade.

Na porta da frente do ginásio, a funcionária Moradora (4) tem a responsabilidade de abrir o portão e acolher as crianças que descem dos respectivos ônibus. Ao acompanhar esse momento do desembarque, percebo que são crianças de todas as idades, algumas ainda usam a chupeta. Alguns são conduzidos por seus irmãos ou primos, que têm a responsabilidade de cuidá-los e levá-los até a respectiva sala de aula.

Fotografia 49 - Desembarque dos estudantes



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A Moradora (4) diz: *“gosto de ficar aqui, os vejo descendo do ônibus e eles vêm dar abraço, são carinhosos. Tem uns que dá vontade de apertar de fofos que são”*. Há quanto tempo você faz isso? – E ela responde: *“Já faz um tempo, não trocamos muito de lugar, meu posto é aqui, assim a gente conhece os alunos, e sabe quem não veio”*. Percebo que, além do cuidado, há o controle dos alunos que vêm para a escola e, caso alguém esteja faltando, a direção e os professores são notificados.

No contexto em que a pesquisa acontece, esse dado sobre o cuidado aparece na vivência em que acompanho a rotina familiar, bem como no transporte escolar, com o Morador (19). A responsabilidade é algo que se aprende desde pequeno. Ensinam e delegam a responsabilidade para os irmãos maiores cuidarem dos menores, aliás, o ato de cuidar é um processo iniciado ainda na infância. Essas crianças que hoje observo cuidando de seus irmãos, quando adultas, serão pessoas que, provavelmente, cuidarão de seus idosos.

Observo a rotina da escola e sou informada que na sala de planejamento acontecem três momentos distintos. Na terça-feira, é o planejamento da Educação Infantil, entre professoras e coordenadora. Nas segundas-feiras à tarde, ocorre o planejamento do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental II; e, nas quintas-feiras à tarde, o planejamento do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental I. Esses planejamentos são semanais e acontecem em dois momentos: estudo e planejamento. Esse tempo se refere a quatro horas de atividade cumpridas na escola.

Enquanto isso, os alunos têm oficinas de música, artes, inglês, leitura e informática. O Ensino Fundamental II faz o turno inverso. Pergunto se algum professor ou professora se nega de realizar as horas/atividade na escola, e a Moradora (1) responde: *“até agora ninguém se negou a participar. Agora o planejamento é aqui, não mais na sala dos professores. E o local*

está dividido em dois ambientes, portanto, dois grupos podem trabalhar ao mesmo tempo”. Escuto o sinal que indica o início da aula, e a Moradora (1) avisa que são dois sinais com intervalo de cinco minutos. O primeiro sinal é para tomar água, ir ao banheiro e depois na fila. Ouço o segundo sinal; os professores das oficinas se dirigem para as respectivas salas, e as professoras do currículo para a sala do Planejamento.

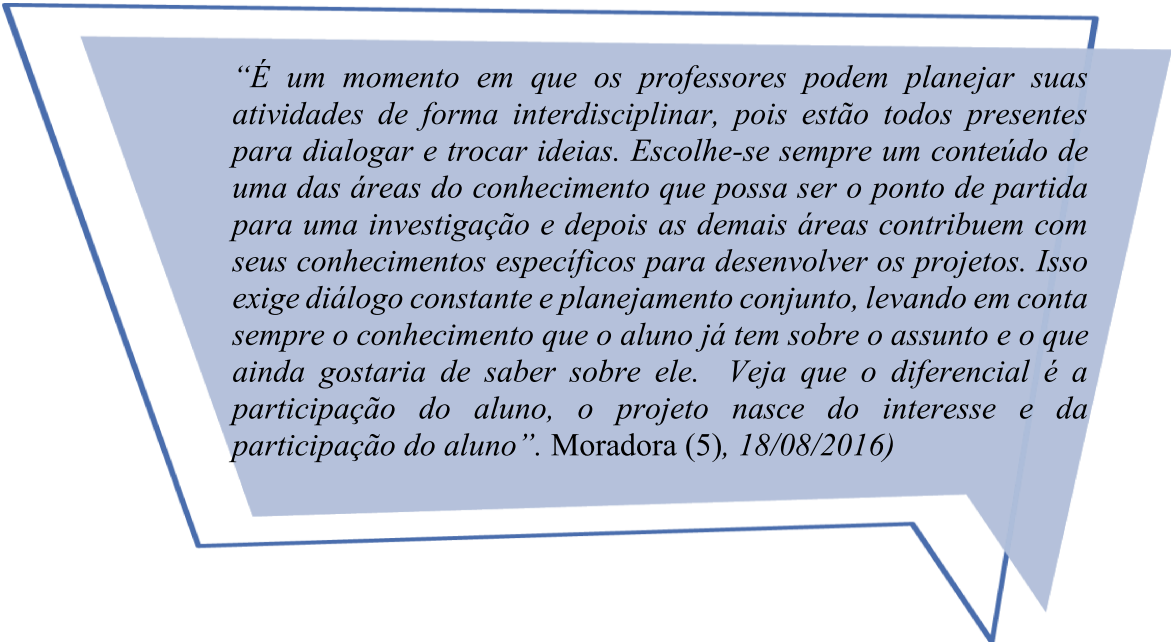
Dirijo-me à sala do planejamento, acompanhada da Moradora (1). Realizadas as apresentações, coloco para o grupo o motivo da visita. Pergunto se estão estudando e uma delas, a Moradora (5), responde:

“É o planejamento conjunto que acontece entre os professores com a participação efetiva dos estudantes. É um processo que vem acontecendo na escola já há algum tempo. Semanalmente, o corpo docente e a equipe gestora estudam, refletem sobre algo vinculado à prática pedagógica. Posteriormente, acontece o planejamento coletivo com os professores das diferentes áreas do conhecimento, construindo comunidades de aprendizagem entre professores e alunos”. (Moradora (5), 18/08/2016.

Pergunto sobre a dinamicidade e a processualidade do planejamento, ao que a Moradora (2) responde:

“É o planejamento coletivo, que acontece nas terças-feiras, um ganho, por acontecer uma troca entre os participantes. Um processo que também ajuda para a qualidade da educação na Santos Anjos é a formação continuada nas mais diversas áreas do conhecimento; sempre são trazidos profissionais para dar palestra; esse ano já tivemos uma psicóloga que veio trabalhar com os pais; uma psicopedagoga que veio falar para os professores sobre dificuldades de aprendizagem; no início do ano sempre vem algum para motivar os professores, além da Silvana de Porto Alegre do programa União faz a vida; semana que vem uma profissional vai trabalhar sobre motivação, autoestima, relacionamento interpessoal; isso faz que também aconteça a qualidade. Depois de cada atividade realizamos a avaliação de como foi. Então esse tempo que se tem, e uma conquista e ele é um diferencial”. (Moradora (2), 18/08/2016.

A Moradora (5) complementa:



“É um momento em que os professores podem planejar suas atividades de forma interdisciplinar, pois estão todos presentes para dialogar e trocar ideias. Escolhe-se sempre um conteúdo de uma das áreas do conhecimento que possa ser o ponto de partida para uma investigação e depois as demais áreas contribuem com seus conhecimentos específicos para desenvolver os projetos. Isso exige diálogo constante e planejamento conjunto, levando em conta sempre o conhecimento que o aluno já tem sobre o assunto e o que ainda gostaria de saber sobre ele. Veja que o diferencial é a participação do aluno, o projeto nasce do interesse e da participação do aluno”. Moradora (5), 18/08/2016)

Percebo que, neste contexto, a gestão escolar vai além do sentido de mobilizar as pessoas para a realização eficaz das atividades, pois implica intencionalidade, definição de um rumo, uma tomada de decisão diante dos objetivos sociais e políticos de uma escola. A escola, ao cumprir sua função social, influi na formação da personalidade humana e não é possível estruturá-la para o cumprimento dessa função sem levar em consideração objetivos políticos, técnicos e pedagógicos.

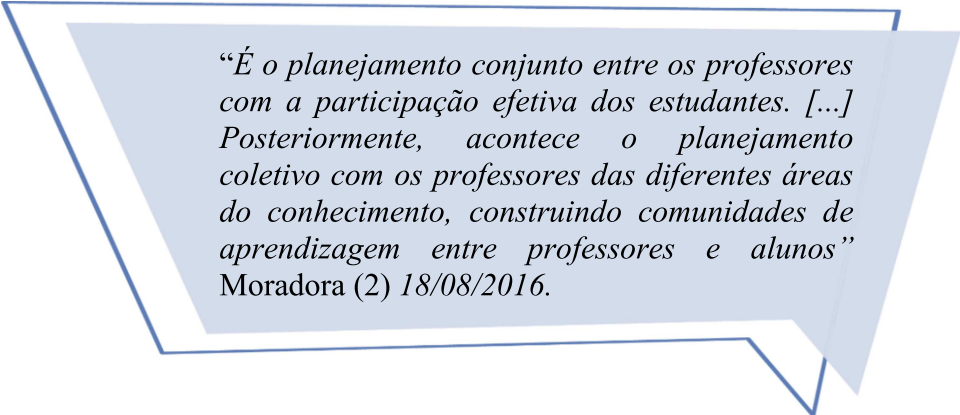
O conceito de gestão está associado à mobilização de talentos e esforços coletivamente organizados, à ação construtiva conjunta de seus componentes, pelo trabalho associado, mediante reciprocidade que cria um “todo” orientado por uma vontade coletiva (LUCK, 2008).

A Moradora (5) menciona que a escola oportuniza esses momentos para que possam planejar os projetos de forma interdisciplinar, e, dessa forma, conseguem se organizar melhor. Libâneo (2012) coloca que as formas de organização e gestão são sempre meios, nunca fins, embora muitas vezes, erroneamente, meios sejam tratados como fins; os meios existem para alcançar determinados fins e lhes são subordinados.

Conceitualmente, a gestão faz parte da organização, mas aparece junto a ela por duas razões: a) a escola é uma organização em que tanto os objetivos e resultados quanto seus processos e meios são relacionados com a formação humana, ganhando relevância, portanto, o fortalecimento das relações sociais, culturais e afetivas que nela têm lugar; b) as instituições escolares, por prevalecer nelas o elemento humano, precisam ser democraticamente

administradas, de modo que todos os seus integrantes canalizem esforços para a realização de objetivos educacionais, acentuando-se a necessidade da gestão participativa e da gestão da participação. (LIBÂNEO, 2012).

A Moradora (2) comenta:



*“É o planejamento conjunto entre os professores com a participação efetiva dos estudantes. [...] Posteriormente, acontece o planejamento coletivo com os professores das diferentes áreas do conhecimento, construindo comunidades de aprendizagem entre professores e alunos”
Moradora (2) 18/08/2016.*

Esse registro me leva a retomar Libâneo (2012), que afirma que escola é uma instituição social com objetivo explícito: desenvolver as potencialidades físicas, cognitivas e afetivas dos alunos, por meio da aprendizagem dos conteúdos (conhecimentos, habilidades, atitudes e valores), para tornarem-se cidadãos participativos na sociedade em que vivem. A organização escolar necessária é aquela que melhor favorece o trabalho do professor, existindo uma interdependência entre os objetivos e as funções da escola e a organização e gestão do trabalho escolar.

A metodologia de projetos citada pela Moradora (1) pertence ao Programa “A união faz a Vida”, que acontece na escola desde 2001. Seu objetivo é construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes em âmbito nacional. Na próxima imagem, apresento os estudantes com o professor de música e os professores em planejamento.

Fotografia 50 - Estudantes indo para as oficinas e professoras no planejamento



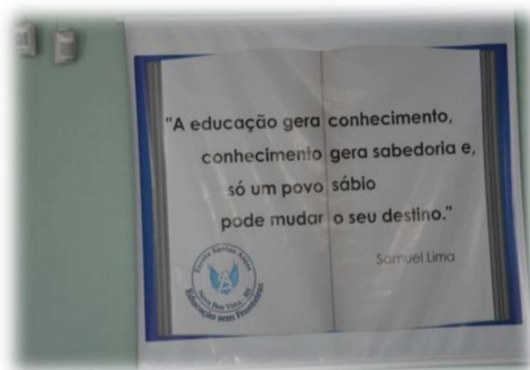
Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A Moradora (1) relata que o Círculo de Pais e Mestres (CPM), no sábado, vai arrumar o parquinho, podar as árvores, arrumar o que está estragado. Pergunto qual a função do CPM e quantos membros participam, e ela responde: “São oito casais que administram o dinheiro dos eventos e cobram a taxa dos pais”. Pela legislação não deveria acontecer essa contribuição, e ela relata:

“Tem coisas que a prefeitura não pode comprar porque não tem a nota fiscal. Por exemplo, a Festa Junina deu um lucro de doze mil reais, destes quatro mil foram dados para os 9º anos do Ensino Fundamental II, pois eles ajudam na festa. E esse dinheiro é para a formatura deles no final do ano letivo”. Moradora (1) 05/08/2016.

Ao entrar em uma sala, denominada de salãozinho, verifico que ali acontecem as reuniões com os pais. A sala também é utilizada pela paróquia quando há momentos de formação. Cito o capítulo que abordo a questão da imigração e colonização alemã, a relação com a igreja. A Moradora (1) diz que o arcebispo visitou a escola e fez uma reflexão a partir do banner exposto na sala, com a frase de Samuel Lima: “A educação gera conhecimento, conhecimento gera sabedoria, e só um povo sábio pode mudar o seu destino”.

Figura 8 - Banner incentivador



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A Moradora (1) destaca as oportunidades de formação continuada oferecida os professores, que ocorrem mensalmente, às segundas-feiras à noite, com todos os professores da escola. Além de ter o planejamento coletivo que é semanal, nessa formação continuada mensal se estuda algum aspecto teórico, discutindo sempre um texto, um assunto relevante para suprir uma necessidade da escola. A Moradora (2) explica:

“A formação continuada dos professores dos diferentes níveis e o planejamento coletivo dos professores, que se dá nestas reuniões, que já falei que são por área e segmentos, acredita que esse seja um diferencial, além dessas reuniões por segmentos, onde se retoma as atividades desenvolvidas ou as que estão em andamento: “Como está esse projeto; porque o projeto não está andando”; “porque esse aluno não está aprendendo”; “porque ele não aprendeu”; “o que aconteceu”; “o que vamos fazer”; “o que podemos melhorar”. Moradora (2), 18/08/2016.

No banheiro feminino há um espaço amplo. É difícil não pensar que muitas casas na periferia são menores. A Moradora (1) continua mostrando outros espaços. Abre a sala de recursos, diz que o profissional vem de Sarandi (município vizinho) e que diariamente tem quatro a cinco estudantes. É uma sala grande, colorida, com diferentes espaços, uma mesa ampla e dois computadores, uma impressora e ar condicionado⁶³. Ao lado tem a sala da

⁶³ Todas as salas têm ar condicionado e retroprojetor com quadro branco.

psicóloga e da fonoaudióloga, uma sala interdisciplinar. A sala tem uma parede com desenhos coloridos e alegres, dois sofás, duas mesas com cadeiras, um armário, quadro branco e ar condicionado. No meu registro fotográfico é possível visualizar essa infraestrutura.

Fotografia 51 - Sala de recursos e interdisciplinar



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Conheço a sala de reforço, e a Moradora (1) relata que o aluno que não consegue acompanhar os estudos participa no turno inverso. Ela também informa que se trata de uma sala provisória e as cadeiras serão trocadas. Percebo que nesta sala uma vassoura e uma pazinha também estão penduradas atrás da porta. Enquanto há tantas escolas que não tem espaço suficiente para atender as crianças com situações diferenciadas, essa escola apresenta três espaços para sanar as diferentes complexidades.

Fotografia 52 - Sala de Reforço



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Pergunto como está o quadro de professores, e a Moradora (1) explica:

“Durante os últimos dois anos vem crescendo a rotatividade dos professores. Isto é uma preocupação, entram professores comprometidos, mas outros nem tanto ou demoram em se adaptar à Escola, e isso é uma preocupação, isso é um desafio” Moradora (1) 05/08/2016.

Está quase na hora das crianças da Escola Municipal Santos Anjos do turno da tarde sair. Passo na Secretaria e pergunto se há algum relatório indicando quantas crianças vêm das respectivas linhas. Combino que em outro momento converso com ela, a secretária escolar – Moradora (20). E, assim, em outra observação, converso com ela, que encaminhará a relação das crianças por e-mail.

Aos poucos, os ônibus escolares se aproximam e no pátio presencio a entreaajuda, crianças maiores cuidando das menores, uns são irmãos, outros primos, e alguns sem parentesco, são apenas vizinhos ou conhecidos. Fico a pensar: será que essa é uma orientação da escola ou é uma orientação da família, em que as crianças mais velhas cuidam das menores? Essa prática acontece em outras escolas ou é algo peculiar da EMSA? Constatado que essa é uma prática das famílias, como menciono em outro capítulo. As crianças são orientadas e incentivadas pela família a cuidarem dos irmãos menores.

O ônibus escolar estaciona, e as crianças são organizadas em fila, conforme cada ônibus. A professora vai à frente da fila e lentamente ocorre o embarque. Uma funcionária da escola, a Moradora (21), fica no estacionamento auxiliando e cuidando das crianças. Pergunto sobre sua função ali, nas escadas, e ela responde:

“Eu fico cuidando para não ficarem se empurrando, para os pequenos não saírem correndo e serem atropelados pelos ônibus. Você vai ver, são 10 ônibus. Tento manter um pouco de ordem”. Moradora (21) 05/08/2016.

Chama a minha atenção o fato de três senhoras aguardarem o ônibus a fim de ir para suas casas. Neste momento, lembro-me do relato do Morador (12), que abordava essa questão dos munícipes também utilizarem o transporte escolar.

Fotografia 53 - Término da aula



Arquivo pessoal da autora (2017).

Enquanto presencio a cena do embarque das crianças, peço que a Moradora (1) explique melhor o processo do projeto “A União faz a vida” e aponto o muro da escola que apresenta uma metodologia de projetos. Ela explica:

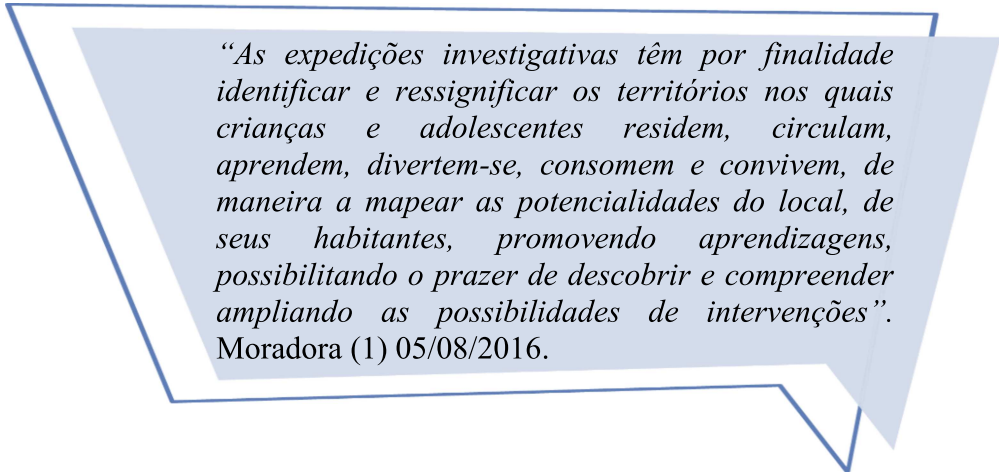
“A metodologia propõe criar comunidades investigativas, onde professores e alunos elaboram o projeto, executam, bem como o avaliam. Cada série tem um caderno, em que estão descritos os projetos e atividades realizadas pela turma com o professor regente, ou o professor coordenador do projeto. Mas tudo acontece dentro do conteúdo do trimestre. Todos os professores são envolvidos. Uma vez por mês acontecem as assembleias. Numa sala específica, os alunos se reúnem em círculo com os professores e fazem a avaliação do projeto Um programa que valoriza o diálogo, a investigação e os princípios da cooperação que orientam e conduzem a metodologia da prática pedagógica no cotidiano”. Moradora (1) 05/08/2016.

Pergunto o que é necessário para que o programa seja executado, e ela relata:

“Para ser desenvolvido, é necessário congrega o desejo e a ação de vários agentes que compõem a rede de cooperação. Cada um dos agentes tem igual importância, no entanto, responsabilidades distintas no Programa. Fazem parte desse programa os Gestores, os Parceiros, os Apoiadores e a Assessoria Pedagógica. Um dos principais aportes-teóricos metodológicos é a expedição investigativa” Moradora (1) 05/08/2016.

Questiono o que são as expedições investigativas⁶⁴, e ela esclarece:

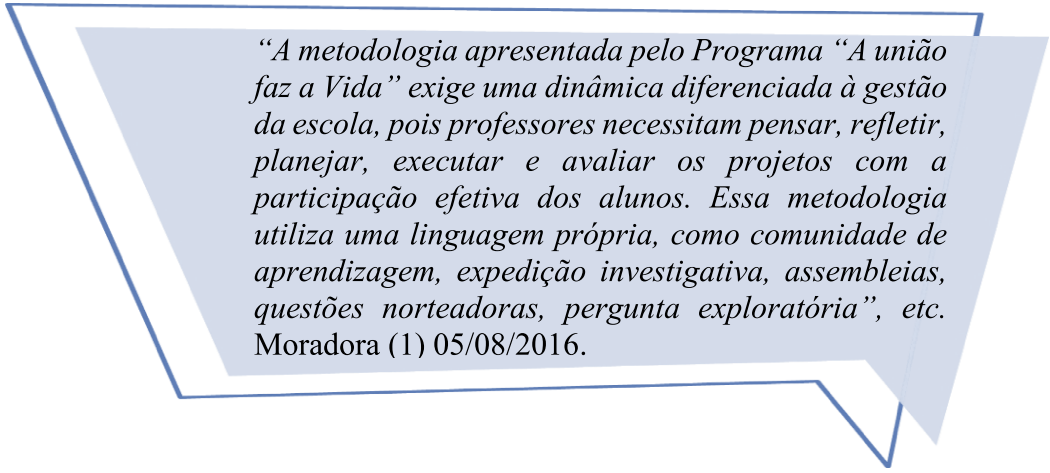
⁶⁴ Expedição investigativa: recurso metodológico que parte do princípio de que lugares e acontecimentos atravessam a vida das pessoas e as afetam com diferentes graus de intensidade, produzindo mudanças no modo de ver e de viver. Permite que crianças, adolescentes e educadores estabeleçam novas relações com seu entorno, além de compreender e construir projetos de vida e de pertencimento. É um poderoso recurso que exercita o olhar crítico/investigativo promovendo a inquietação das crianças, dos adolescentes e dos educadores com relação a problemas, riquezas e demandas de sua comunidade. (Caderno didático para assessores pedagógicos – SICREDI, 2018).



“As expedições investigativas têm por finalidade identificar e ressignificar os territórios nos quais crianças e adolescentes residem, circulam, aprendem, divertem-se, consomem e convivem, de maneira a mapear as potencialidades do local, de seus habitantes, promovendo aprendizagens, possibilitando o prazer de descobrir e compreender ampliando as possibilidades de intervenções”.
Moradora (1) 05/08/2016.

Percebo que se trata de fazer parte de um processo de produção de conhecimento, pois os estudantes e professores formam uma comunidade de investigação. Expresso por um conjunto de informações objetivas e subjetivas, esse processo propõe diálogo e combinação entre experiências, interesses, desejos e saberes de crianças, adolescentes e suas possibilidades de criar, inventar e intervir em seus territórios, sejam os territórios do grupo, da escola, da comunidade ou da cidade, fazendo com que esses estudantes criem alternativas, possibilidades, resolvam problemas.

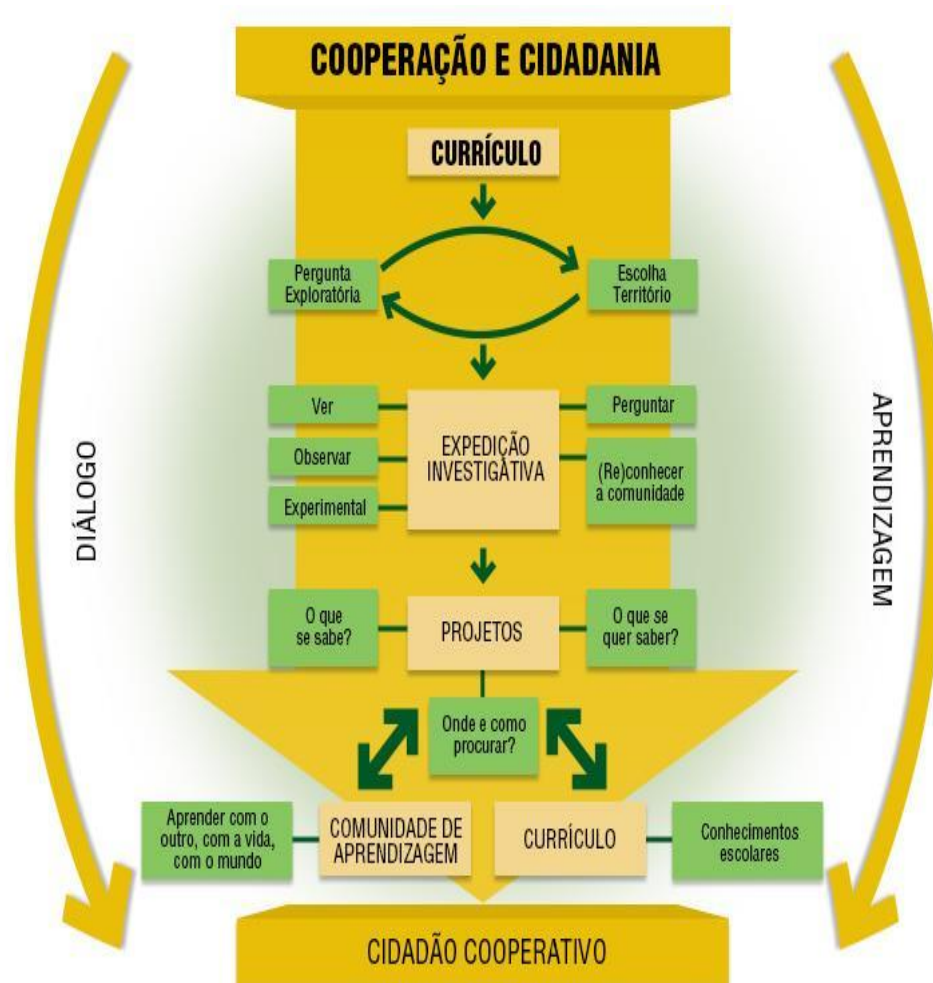
A Moradora (1) ainda complementa:



“A metodologia apresentada pelo Programa “A união faz a Vida” exige uma dinâmica diferenciada à gestão da escola, pois professores necessitam pensar, refletir, planejar, executar e avaliar os projetos com a participação efetiva dos alunos. Essa metodologia utiliza uma linguagem própria, como comunidade de aprendizagem, expedição investigativa, assembleias, questões norteadoras, pergunta exploratória”, etc.
Moradora (1) 05/08/2016.

O Programa está na escola desde 2001, com uma metodologia de trabalhar projetos. Na imagem, é possível entender o processo do Programa, suas articulações, as relações estabelecidas e o que se almeja alcançar.

Figura 9 - Processo do Programa União faz a Vida



Fonte: Programa A União Faz a Vida.

Na Figura 9, fica explícito que o programa orienta o currículo. Estudantes formam uma expedição investigativa, contendo a pergunta exploratória, escolhem um território, perguntam, observam, experimentam, conhecem e reconhecem a comunidade. Posteriormente, eles escrevem o projeto, o que se sabe e o que se pretende saber. Aos poucos, vão formando uma comunidade de aprendizagem, utilizando os conhecimentos escolares, aprendendo com a vida, com o outro e com o mundo, contribuindo para ser um cidadão cooperativo.

Esse processo resulta em um aluno mais participativo, mais curioso, pesquisador, uma pessoa mais cidadã, já que o objetivo do programa é “construir e vivenciar atitudes e valores de cooperação e cidadania, por meio de práticas de educação cooperativa, contribuindo para a educação integral de crianças e adolescentes em âmbito nacional”.

Uma das propostas da educação cooperativa é educar os jovens e as crianças para que eles aprendam, no ambiente escolar, a desenvolver projetos e iniciativas capazes de transformar

a sociedade e atender aos desejos e anseios das comunidades. Os estudantes são instigados a empreender, criar soluções, formando comunidades investigativas, e, como resultado, ser um cidadão atuante e crítico na sociedade. Em seguida, o contexto educacional da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau.

6.2 A Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau

*“Numa época difícil
Condições financeiras não se tinham
Nada era fácil
Havia pedras no caminho
Neste caminho pessoas de coragem se arriscaram
E hoje uma grande escola pro nosso bem sim formaram.*

*Acreditar no ensino
e conquistar o apoio da sociedade
um sonho que tornou verdade
e melhorou a vida da comunidade*

*Tudo iniciou-se de um sonho
E concretizou-se aos poucos
Vivendo cada dia
Uns confiando nos outros
O nome desta Escola é homenagem
A um grande precursor
Para que o hoje se formasse*

*Várias pessoas fizeram
Parte desta história
Contribuindo com o seu saber
Muitos anos de glória
Educar para a vida
Outra missão importante
Esforça-se sem medida
Pra garantir o melhor ao estudante*

*Nós somos hoje
O amanhã desta escola,
Nela construímos história
Não só concreto como o cultural
Porque a EAMA tem compromisso social
Educar para a vida
Outra missão importante
Esforçar-se sem medida
Pra garantir o melhor aos estudantes”*

(HINO DA ESCOLA: EDUCAR PARA A VIDA)

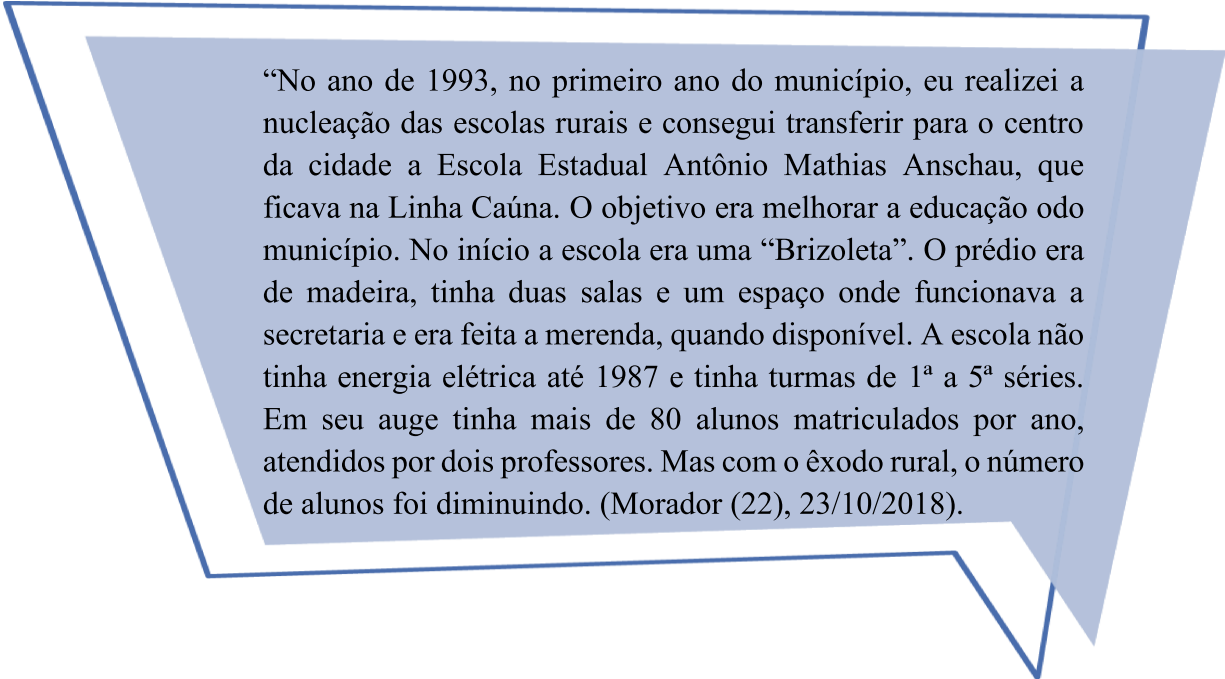
A EAMA, como é chamada pelos professores e estudantes, ela continua o processo iniciado na Escola Santos Anjos, pois ela é a única escola de Ensino Médio neste município. O processo identitário é o mesmo, pois os estudantes são oriundos das linhas e da cidade e são agregados estudantes do município vizinho. A EAMA, é construída pela coletividade, expresso

no hino da escola, no qual se manifesta a construção coletiva da escola, seu objetivo, sua missão e o compromisso social de educar para a vida. No histórico da escola consta o seguinte:

A Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau (EAMA), localizada no Município de Nova Boa Vista, situada no Planalto Médio, ao norte do Estado do Rio Grande do Sul foi criada no dia de 05 de outubro de 1954, como Escola Rural não padronizada na Linha Jaboticaba, 1º distrito de Sarandi, através do decreto nº 5605. A Escola passa a ser denominada e designada, através de reclassificação, pelo Decreto Estadual nº 19.818, de 13 de agosto de 1969, de Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Antônio Mathias Anschau (de 1ª a 5ª séries). A origem do nome da Escola Antônio Mathias Anschau, deu-se em homenagem ao Professor Antônio Mathias Anschau que muito se destacou, devido a sua capacidade e inteligência. O senhor Antônio Mathias Anschau, oriundo da Colônia Velha, São Pedro da cidade de Montenegro, veio se instalar em Linha Jaboticaba, na década de 40. Era de origem alemã, casado, não tinha filhos e era portador de uma deficiência física (uma perna mais curta que a outra), desde a sua nascença. Este por sua vez, foi escolhido patrono da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau por ser um cidadão bem visto na comunidade, atuando como líder, sendo muito correto e respeitado por todos. Desempenhava nesta comunidade a função de professor com classe multisseriada (mesmo não tendo habilitação para tal função), catequista da igreja católica e animador de culto. Antônio Mathias Anschau faleceu no ano de 1947, com 59 anos, vítima de hidropisia (excesso de água no corpo). (PPP, 2012).

Nos registros, percebo a grande preocupação das pessoas envolvidas com a qualidade do ensino e com os profissionais que atuavam na rede estadual. No mês de janeiro de 1994, começam os trâmites legais, e a Prefeitura Municipal adquire o terreno para o início das obras, assumindo a responsabilidade da construção da escola. As aulas foram ministradas no Ginásio de Esportes até a total conclusão das obras.

Em uma das observações, conversei com o Morador (22), peço que conte um pouco da história da EAMA:



“No ano de 1993, no primeiro ano do município, eu realizei a nucleação das escolas rurais e consegui transferir para o centro da cidade a Escola Estadual Antônio Mathias Anschau, que ficava na Linha Caúna. O objetivo era melhorar a educação do município. No início a escola era uma “Brizoleta”. O prédio era de madeira, tinha duas salas e um espaço onde funcionava a secretaria e era feita a merenda, quando disponível. A escola não tinha energia elétrica até 1987 e tinha turmas de 1ª a 5ª séries. Em seu auge tinha mais de 80 alunos matriculados por ano, atendidos por dois professores. Mas com o êxodo rural, o número de alunos foi diminuindo. (Morador (22), 23/10/2018).

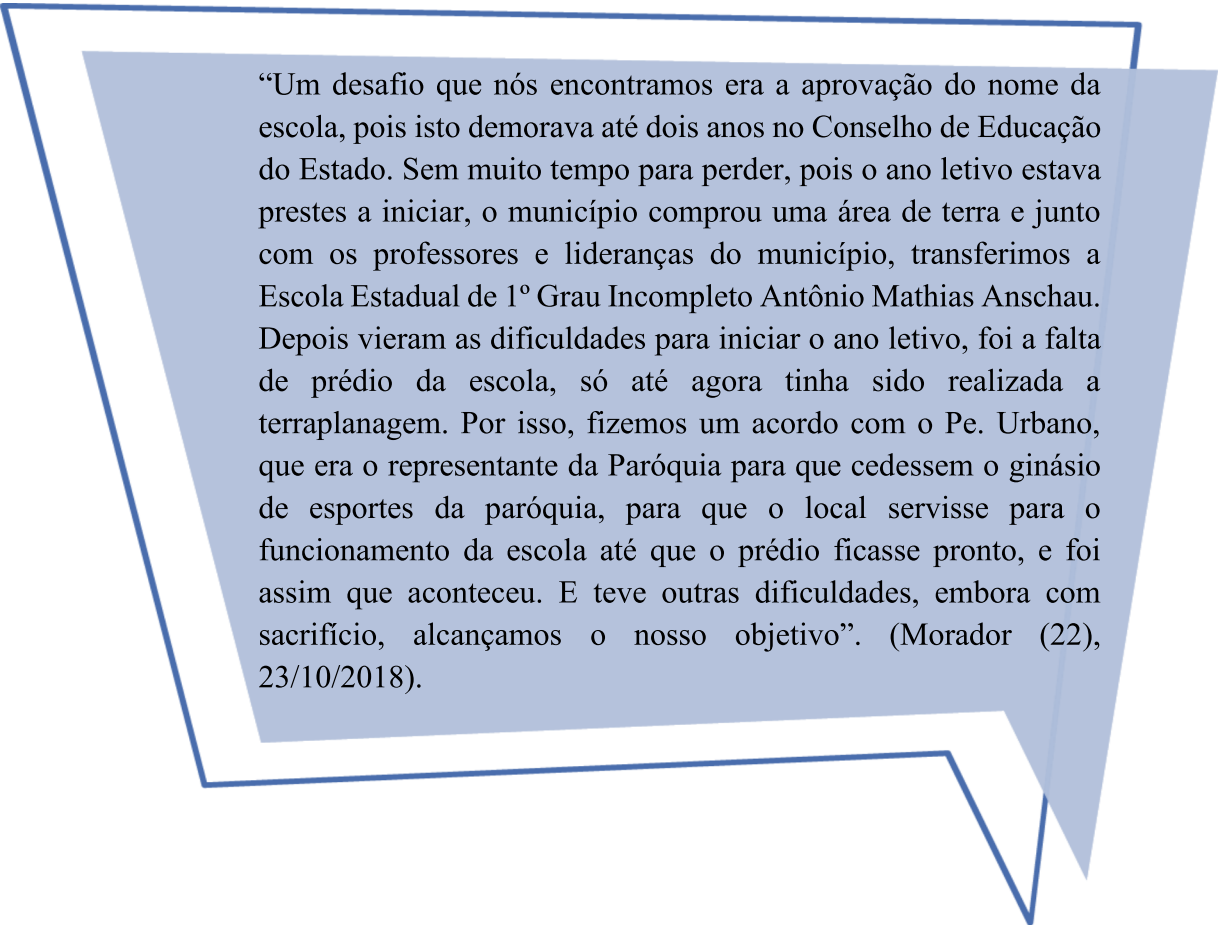
A Escola, segundo seus registros, tem em sua constituição um pouco da história de cada uma das comunidades do interior, pois muitos alunos vieram dessas escolas através da nucleação realizada nos anos de 1993 e 1995. Em outra observação, andando pelas linhas, localizo as escolas que foram fechadas em virtude da nucleação, cujo objetivo era garantir maior qualidade de ensino às crianças de todo o município. As escolas que constituem essa história são: Escola São Roque - Linha Perau; Escola São José - Linha Maneador; Escola Nossa Senhora Das Graças - Maneador Baixo; Escola Leopoldo Mértins - Linha Cachoeirinha; Escola Princesa Isabel - Maneador Baixo. Essas linhas são objeto de análise em outro momento de observação, já descrito.

Do Projeto Político-Pedagógico (PPP) da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau (EAMA), transcrevo o seguinte registro:

Consta que, progressivamente, a criação de novas séries foi sendo autorizadas, conforme pareceres do Conselho Estadual de Educação. A Escola passou então a ser denominada Escola Estadual de 1º Grau Antônio Mathias Anschau, através da Portaria nº 00027, de 24 de janeiro de 1996. Neste mesmo ano, por intermédio do Prefeito Municipal e Direção da Escola, foi solicitado, junto aos órgãos do Governo do Estado que, em parceria, fosse ampliada a Escola devido ao aumento do número de alunos. (PPP da EAMA).

O Morador (22) lembra que, em 1993, o governo do Estado, por decreto, mandou o município fechar todas as escolas do interior que tivessem menos de 30 alunos matriculados. O

grande desafio, segundo ele, era, então, criar e construir uma escola estadual, na sede do município.



“Um desafio que nós encontramos era a aprovação do nome da escola, pois isto demorava até dois anos no Conselho de Educação do Estado. Sem muito tempo para perder, pois o ano letivo estava prestes a iniciar, o município comprou uma área de terra e junto com os professores e lideranças do município, transferimos a Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Antônio Mathias Anschau. Depois vieram as dificuldades para iniciar o ano letivo, foi a falta de prédio da escola, só até agora tinha sido realizada a terraplanagem. Por isso, fizemos um acordo com o Pe. Urbano, que era o representante da Paróquia para que cedessem o ginásio de esportes da paróquia, para que o local servisse para o funcionamento da escola até que o prédio ficasse pronto, e foi assim que aconteceu. E teve outras dificuldades, embora com sacrifício, alcançamos o nosso objetivo”. (Morador (22), 23/10/2018).

Consta nos registros, que no ano de 1999, implanta-se o Ensino Médio, que atendia apenas a primeira série, nos turnos manhã, tarde e noite. Em 2000, a Escola passou a oferecer três níveis de ensino: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Para comprometerem-se com estes níveis, todos os segmentos da comunidade escolar, durante o processo da Constituinte Escolar, foram convidados a participar da construção de seus projetos de trabalho (PPP e Plano de Estudo da Escola). Em uma das observações, percebo o envolvimento dos pais nas atividades da escola, ocasião em que eles organizam um almoço, com o objetivo de confraternizar e integrar a comunidade escolar, bem como a comunidade em geral. O lucro do almoço serve para auxiliar em atividades pedagógicas.

O engajamento, a união e a disposição das pessoas envolvidas foi um fator decisivo para o sucesso do tradicional almoço, “Galeto com Massa”. O almoço foi promovido pelo Círculo de Pais e Mestres da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau. Dedicção, trabalho e união foram fundamentais para realização deste evento, que fortaleceu não somente a escola, mas toda a comunidade em torno dela. Por isso, durante o jantar a direção da Escola agradeceu o empenho de todos os pais, alunos, professores, funcionárias e comunidade em geral, que colaboraram de alguma forma, bem como pela participação de todos no almoço. De forma especial, agradece a Diretoria do C.P.M. que não mediu esforços na realização dos trabalhos necessários para que este momento de integração ocorresse da melhor forma possível. (DC, 07/07/2018)

Constato que cada escola tem sua identidade construída e que está articulada com traços já apresentados com a cultura ao longo do tempo. É o que acontece na EAMA. A cultura é criada nas relações e interações com outras pessoas e na vida diária de cada um, nas atividades, nos eventos promovidos pela escola e pela comunidade. Estou constantemente reforçando ou construindo novos elementos, à medida que encontro novas pessoas e novas experiências, no conjunto de conhecimentos, crenças, valores, no enfrentamento coletivo de um desafio que é proporcionado dentro de uma organização, neste contexto a escola.

No capítulo anterior, abordo o conceito de cultura, relacionado também com o sentido de pertencer a um grupo. Para Lück (2010), a cultura consiste no modo real de ser e de fazer da escola e diz respeito às práticas coletivas e forma a identidade da escola, que é construída a partir de como as pessoas, em conjunto, pensam e agem. Dentre os aspectos relevantes da sua caracterização, estão: formação de encadeamentos e elos entre os membros do grupo mediante comunicação e relacionamento interpessoal; ideias compartilhadas, representações simbólicas; processos de tomada de decisões; estilos de liderança e gestão definidos e postos em prática no enfrentamento de problemas e desafios. Esses aspectos relevantes estão vinculados nas relações família e escola, escola e comunidade, professores e professores, enfim, com os sujeitos envolvidos no contexto escolar direta e indiretamente.

Fotografia 54 - Envolvimento dos pais na atividade da escola



Fonte: Arquivo da autora (2018).

Nas fotografias percebo o envolvimento dos pais na atividade da escola. Minha estranheza é que mesmo sendo uma escola de Ensino Médio, os pais continuam com o mesmo envolvimento e atuação na escola de quando os filhos eram menores. Isso reforça que a questão do voluntariado, do querer participar e envolver-se com as questões coletivas, faz parte da cultura da comunidade, portanto, trata-se, provavelmente, de herança dos primeiros colonizadores e imigrantes.

Na vida cotidiana, de acordo com Sennett (2012), somos constantemente forçados a lidar com pessoas com diferentes modos de pensar, das quais não gostamos ou que simplesmente não entendemos. As relações sociais nos mobilizam atitudes de cooperação, de trocas, nos fazem sair da nossa zona de conforto, gerando conflitos. O autor afirma:

A cooperação pode ser definida, sucintamente, como uma troca em que as partes se beneficiam. Esse comportamento é imediatamente identificável nos chimpanzés cuidando uns dos outros, em crianças construindo um castelo de areia ou em homens e mulheres juntando sacos de areia para impedir uma inundação. Imediatamente identificável porque o apoio recíproco está nos genes de todos os animais sociais; eles cooperam para conseguir o que não podem alcançar sozinhos. (SENNETT, 2012, p.15).

Como aparece o quesito do voluntariado, do querer ajudar, tanto na EMSA como na EAMA, dialogo com Sennett (2012), para quem as trocas cooperativas manifestam-se de muitas formas. A cooperação pode ser associada à competição, como no caso de crianças cooperando no estabelecimento de regras básicas para um jogo em que haverão de competir umas com as outras. Na vida adulta, essa mesma combinação de cooperação e competição se manifesta nos mercados econômicos, na política eleitoral e nas negociações diplomáticas.

Conforme Iamamoto (2005), ao produzirem os meios de vida, os homens produzem sua vida material. E o autor explica:

O modo de produzir os meios de vida refere-se não só à reprodução física dos indivíduos, mas à *reprodução de determinado modo de vida*. A produção da própria vida no trabalho e da alheia na procriação dá-se numa dupla relação natural e social: social no sentido de que compreende a cooperação de muitos indivíduos. Portanto, determinado modo de produzir supõe, também determinado modo de cooperação entre os agentes envolvidos, determinadas relações sociais estabelecidas no ato de produzir, as quais envolvem o cotidiano na vida em sociedade. (IAMAMOTO, 2005. p. 17).

Além de motivos materiais e institucionais, as forças culturais militam contra a prática da cooperação exigente. A sociedade moderna está gerando um novo tipo de caráter. É o tipo de pessoa empenhada em reduzir ansiedades provocadas pelas diferenças, sejam de natureza política, racial, religiosa, étnica ou erótica. O objetivo da pessoa é evitar qualquer sobressalto, sentir-se menos envolvida possível por diferenças profundas, o que está desabilitando as formas de cooperação. Assim, está perdendo as habilidades de cooperação necessárias para o funcionamento de uma sociedade complexa (SENNETT, 2012). O autor, nesse sentido, afirma:

Essa carência de uma forma que talvez pareça inicialmente estranha: a sociedade moderna está “desabilitando” as pessoas da prática da cooperação. O termo “desabilitar” decorre da substituição de homens por máquinas na produção industrial, à medida que máquinas complexas foram tomando o lugar do trabalho manual especializado.

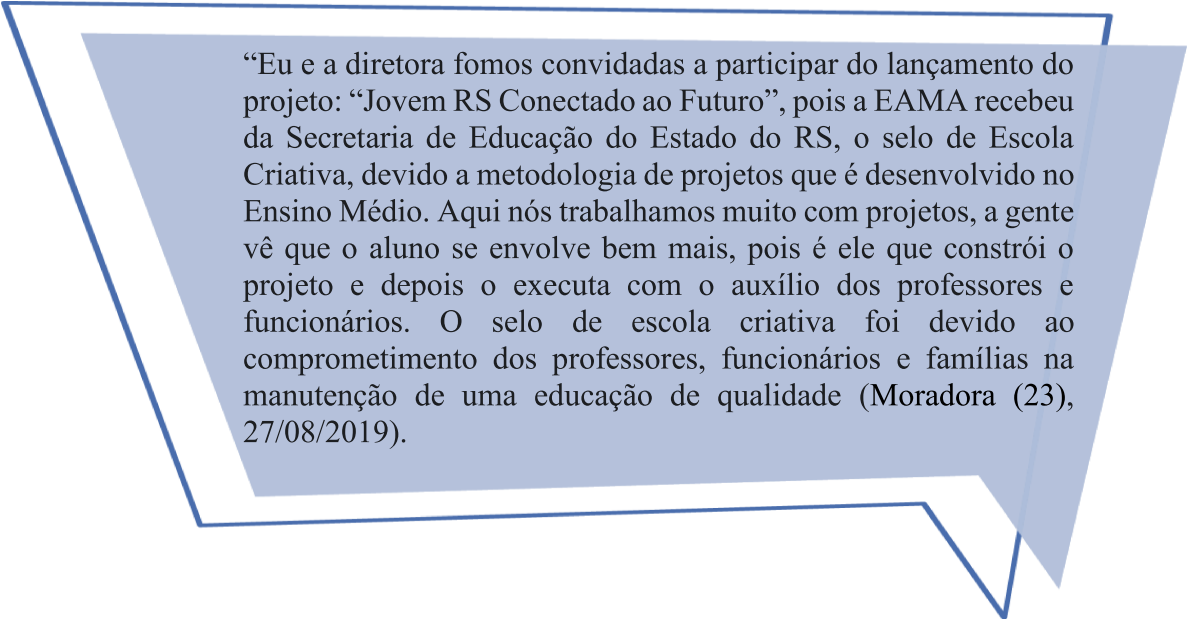
[...]

A desabilitação vem ocorrendo em igual medida no terreno social: as pessoas perdem a capacidade de lidar com as diferenças insuperáveis, à medida que a desigualdade material as isola, que o trabalho de curto prazo torna mais superficiais os contatos sociais e gera ansiedade a respeito do Outro. Estamos perdendo as habilidades de cooperação necessárias para o funcionamento de uma sociedade complexa. (SENNETT, 2012, p. 19; p. 20).

Nos documentos da escola consta que, primeiro, ela se baseou nos Princípios e Diretrizes da Educação Pública Estadual e, a partir daí, foram elaboradas as concepções de sociedade, de conhecimento, de educação e pessoa. Com o passar do tempo, muitos são os

programas que vem ampliando a qualidade da educação, por exemplo: “Ensino Médio Politécnico”, “Ensino Médio Inovador” e “Conferência Infante-Juvenil pelo Meio Ambiente”. (PPP da Escola).

Em outra observação, constato que os programas citados no PPP têm suas repercussões e, em conversa com a vice-diretora, Moradora (23), ela relata que a escola recebeu um prêmio de escola criativa.



“Eu e a diretora fomos convidadas a participar do lançamento do projeto: “Jovem RS Conectado ao Futuro”, pois a EAMA recebeu da Secretaria de Educação do Estado do RS, o selo de Escola Criativa, devido a metodologia de projetos que é desenvolvido no Ensino Médio. Aqui nós trabalhamos muito com projetos, a gente vê que o aluno se envolve bem mais, pois é ele que constrói o projeto e depois o executa com o auxílio dos professores e funcionários. O selo de escola criativa foi devido ao comprometimento dos professores, funcionários e famílias na manutenção de uma educação de qualidade (Moradora (23), 27/08/2019).

Percebo que há um orgulho em dizer que uma escola estadual do interior recebe o prêmio de escola criativa. Ela comenta, ainda, que, às vezes, sente-se inferior quando participam nas reuniões da 39ª Coordenadoria Regional de Educação (CRE), mas no dia dessa homenagem saiu da reunião realizada e confiante que a equipe está fazendo um bom trabalho. Essa situação demonstra como somos atingidos pelas influências macros aqui simbolizados pela CRE e como isso impacta no nosso contexto micro, neste caso de ser uma escola do interior.

A escola proporciona diferentes iniciativas, a fim de fazer com que o estudante conheça e contribua com o município. Nesse sentido, a escola promoveu uma roda de conversa com os gestores públicos, cuja temática foi “As Políticas Públicas na Atualidade e seus desafios”.

Na manhã do dia 09 de maio, os alunos do 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Antônio Mathias Anschau, juntamente com as professoras participaram de uma Roda de Conversa com gestores públicos de Nova Boa Vista, sobre as Políticas Públicas na Atualidade e seus desafios. A ideia de conversar com os gestores municipais, surgiu, nas aulas de Ensino Religioso, a partir do estudo da Campanha da Fraternidade, deste ano, com o tema: “Políticas Públicas à Serviço da Sociedade”. Foram convidados para esta conversa informal, o Prefeito Municipal, a Secretária Mun. da Saúde e Assistente Social, a Secretária Mun. de Educação, o Secretário Mun. Da Agricultura e Meio Ambiente, que na ocasião, representou também a Secretaria Municipal de Obras e os vereadores. Na oportunidade, os alunos, através de perguntas feitas aos convidados, sobre diversos temas relacionados, puderam conhecer melhor a sistemática de financiamento e transferência de recursos para a administração pública, nas áreas da educação, saúde, agricultura, meio ambiente e infraestrutura do município e compreender a importância da participação de todos na vida pública, para uma verdadeira democracia. A Direção e professoras agradecem a presença e a disponibilidade dos convidados, por prestarem informações relevantes, que com certeza, contribuíram para a formação e o exercício da cidadania, dos alunos envolvidos no Projeto de Pesquisa, que está sendo desenvolvido, com o tema sobre as políticas públicas. (Jornal Boa Nova, 12/05/2018).

No PPP da escola está registrado que a comunidade escolar Antônio Mathias Anschau tem por objetivo: “oportunizar aos educandos condições de desenvolver as potencialidades cognitivas, socioculturais, afetivas e físicas, através da participação na construção do conhecimento, visando à formação para o exercício consciente da cidadania”. Ao chegar à escola, deparo-me com o banner fixado no muro da escola, nele a inscrição: “Educar para a vida”, nos remete ao hino da escola que fomenta uma educação emancipatória, cidadã e um estudante engajado na sociedade e agente na construção de uma sociedade justa, fraterna e democrática.

Figura 10 - Banner com o logo da escola



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

O portão está aberto e, ao entrar, vejo um prédio bonito, um ambiente silencioso para ser uma escola. Os desenhos infantis nas paredes impressionam e lembram quando a escola atendia os três níveis de ensino.

Fotografia 55 - Escola Estadual Antônio Mathias Anschau



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

Encontro a Moradora (4) e peço pela direção da escola, e ela aponta a localização. Sou acolhida pela secretária da escola, a Moradora (24). Peço pelo diretor ou vice-diretor. Estou ciente que é um diretor, que há algum tempo está na direção da escola. A Moradora (24) informa que nenhum dos dois se encontra, mas que pode realizar o atendimento. Ao manifestar o desejo de conhecer a escola, a Moradora (24) começa a desabafar, o que me surpreende. Percebo que

ela precisa manifestar angústias, temores, descontentamentos, sobrecarga e desilusão com a educação.

“Nossa equipe de trabalho é muito boa, somos em vinte seis professores e funcionários. Não me levem a mal, mas quem está levando a escola são os funcionários que estão aqui quarenta horas, os professores cada um tem vinte horas, quando eu entrei há quinze anos atrás, a maioria dos professores trabalhava quarenta horas, as coordenações tinham quarenta horas, hoje nós não conseguimos mais. Os professores não conseguem e não é porque não querem, eles não conseguem. Eles são jogados de um lado para o outro, então sobra tudo para os funcionários que estão aqui quarenta horas. Nós estamos adoecendo, estamos cansando. Quem tem que chamar os pais é nós e escutar os alunos; aí você escuta os pais e dá vontade de dar um laço nos pais. Você olha para o aluno e vê que são muito bons com os pais que têm”. Moradora (24), 06/08/2016.

Pergunto sobre a quantidade de alunos que há na escola, e ela não responde objetivamente, mas fala de dados relacionados à questão:

“Cinquenta por cento vem do Município de Sarandi. Temos 8º e 9º ano do Ensino Fundamental II, pela parte da tarde, esses alunos 80% vêm de Sarandi. O que segura o nosso quadro de professores é o Ensino Fundamental II, nós queríamos fechar, mas aí nos demos conta que não vamos mais ter alunos. O Estado exige um mínimo de 17 alunos e nós temos uma turma com doze alunos. O Estado está nos matando” Moradora (24), 06/08/2016.

Questiono, então, a respeito da capacidade de alunos que a escola comporta, e ela afirma:

“A escola tem capacidade para mais ou menos quatrocentos estudantes. Nós tínhamos aula de noite e fechou, de tarde estamos com duas turmas e de manhã são três turmas. Então a maioria da nossa clientela vem de Sarandi e vêm os que são problemas na sua cidade de origem, muitos vêm pela qualidade, a gente até fica lisonjeada, mas também vem os problemas, os alunos que já foram expulsos de outras escolas. Ano passado tivemos que chamar os pais e olha não mostramos nem os dentes, porque a situação estava difícil, eles não ouviam o professor em sala, não havia respeito. Pensa, eram somente doze alunos do 7º ano do Ensino Fundamental. Esse ano já mudou, eles sentam, sabem ouvir, são mais respeitosos. Mas é um desgaste. Eu fico me perguntando, se aqui no interior está assim, como está na cidade? Não sei onde vamos parar” Moradora (24), 06/08/2016.

Pelo relato da Moradora (24), percebo que é ela quem faz o atendimento às famílias e aos estudantes com problemas de indisciplina. Segundo ela, são os funcionários que estão “tocando a escola”. Os professores trabalham somente vinte horas, enquanto que o funcionário trabalha quarenta horas. Ela diz que a escola sempre atendeu as situações de conflito com estudantes, inclusive chamando os pais, quando necessário, mas a burocracia faz perder muito tempo preenchendo formulários. E diz:

“Agora inventaram essa tal de CIPAVE, fizemos até um mural, porque essa CIPAVE vai resolver todos os problemas da escola, quem é a escola que em sua consciência não chama o aluno para conversar, resolver conflitos. Só que agora tudo precisa ser registrado, tem que falar, tem que mostrar, quanto tempo vai levar, mais uma coisa para a escola. Tudo isso nós já fazíamos, só que agora precisa ser documentado”. Moradora (24), 06/08/2016.

Percebo que uma parte da construção da escola é antiga. Eu tenho a informação de que era uma brizoleta⁶⁵. A Moradora (24) confirma, dizendo que a parte da frente está reformada, mas a estrutura é a mesma, e atrás ainda é original, com muitas tábuas podres. Faz o convite para olhar.

Fotografia 56 - Escola Brizoleta



Fonte: Arquivo pessoal da autora (2017).

A Moradora (24) segue o relato dizendo que essa parte é original da brizoleta. A parede com as tábuas deitadas e as janelas também são da época. Relata que tinha um projeto com verba aprovada do Plano Emergencial de Obras (PNO) para restaurar essa parte da escola, mas com a troca de governo, foi perdido. Em seu desabafo e descontentamento, relata que veio uma equipe do governo do Estado para olhar a situação e queria derrubar tudo, inclusive uma parte do prédio novo, e colocar elevador.

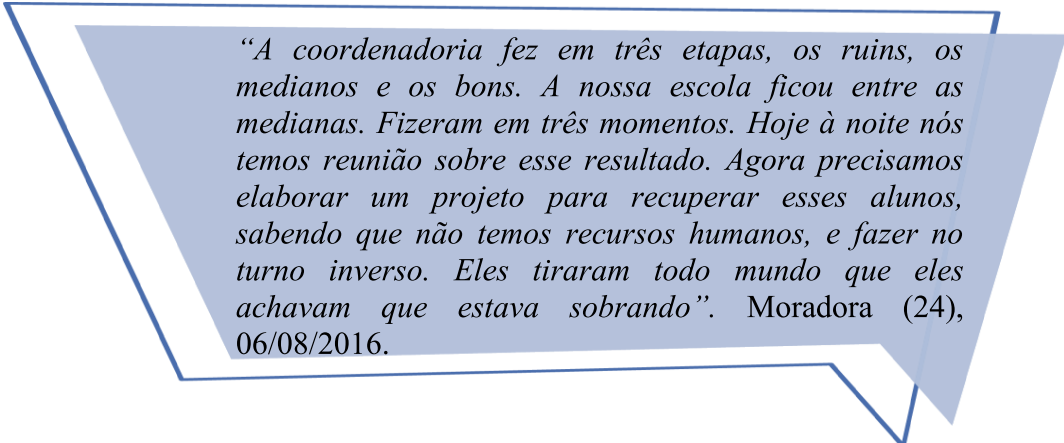
“Pensa só, nós nem alunos temos para colocar um elevador, nós temos cento e trinta e seis alunos (136). Se tivessem vindo aqui e perguntado para nós quais as nossas necessidades, nós iríamos dizer: uma quadra esportiva, pois nossos alunos precisam caminhar até o ginásio de esportes do município e a parte administrativa que está caindo. Com a cozinha nos ajeitamos, nossas salas estão boas, etc. Falei para os engenheiros para avisarem os “chefes” que precisam ouvir a educação, é uma falta de respeito com a educação. Com o dinheiro que pagaram os cinco engenheiros que vieram aqui poderiam ter pagado nossas reformas, assim não temos nada. Quem ganhou dinheiro foram os engenheiros. Olha aqui tá tudo podre, nós nem arrumamos mais, porque iria ser trocado, agora está tudo assim”. Moradora (24), 06/08/2016.

⁶⁵ Escolas construídas no governo de Brizola, por isso o termo brizoletas.

Nesse relato, evidencia-se do governo estadual com a situação do local. O distanciamento do poder estatal. Esse tensionamento e a pouca autonomia da escola. Entender um contexto a partir de um gabinete de trabalho é diferente de visitar o contexto e ver as reais necessidades. Nessa situação, a escola não estava necessitando de elevador, mas de uma área coberta para a prática esportiva

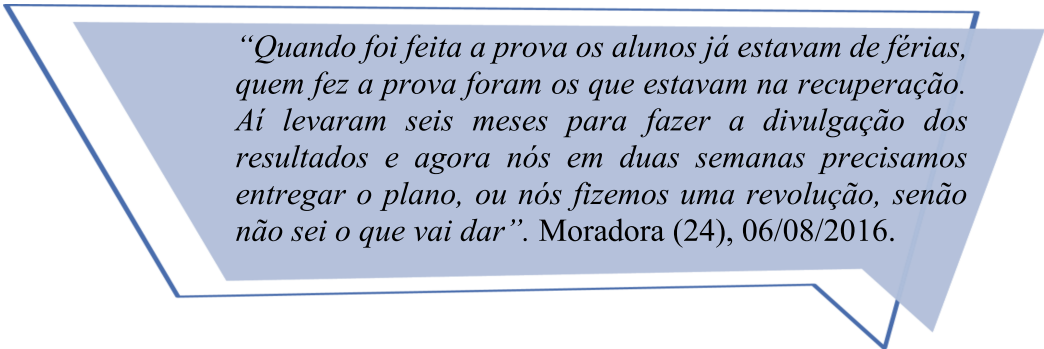
Na entrevista informal, as perguntas e constatações surgem aleatória e espontaneamente. Sobre a diferença entre o Município e o Estado, a Moradora (24) comentou: *“A merenda melhorou um pouco, agora nós estamos nos achando ricos, estamos recebendo seis centavos a mais por aluno”*. Sobre a repercussão dos resultados do Sistema de Avaliação do Rendimento Escolar do Rio Grande do Sul (SAERS), que em outros municípios as notas foram inferiores, os respectivos diretores foram chamados para levarem “uma sacudida” e alguns casos expostos, usados como exemplos negativos diante das outras direções.

Pergunto sobre como foi o procedimento e a classificação da escola no SAERS, e a Moradora (24) relata:



“A coordenadoria fez em três etapas, os ruins, os medianos e os bons. A nossa escola ficou entre as medianas. Fizeram em três momentos. Hoje à noite nós temos reunião sobre esse resultado. Agora precisamos elaborar um projeto para recuperar esses alunos, sabendo que não temos recursos humanos, e fazer no turno inverso. Eles tiraram todo mundo que eles achavam que estava sobrando”. Moradora (24), 06/08/2016.

A conversa vai acontecendo enquanto caminho pela escola. Duas realidades tão distantes econômica e socialmente, uma disparidade enorme na educação em realidades tão próximas geograficamente. Durante a entrevista informal, faço o registro utilizando o gravador do celular, a fim de ficar conectada com ela, que diz:



“Quando foi feita a prova os alunos já estavam de férias, quem fez a prova foram os que estavam na recuperação. Ai levaram seis meses para fazer a divulgação dos resultados e agora nós em duas semanas precisamos entregar o plano, ou nós fizemos uma revolução, senão não sei o que vai dar”. Moradora (24), 06/08/2016.

Caminho para o lado do campo de futebol e a hortinha, acompanhada pela Moradora (24). Vejo alunos lanchando e pergunto quantos têm pela parte da tarde, e ela informa que são trinta e seis (36) estudantes, ao que acrescenta: *“O problema que esses alunos são andarilhos, como temos poucos alunos, cada aluno que sai, a representatividade é muito alta”*.

Em seguida, a Moradora (24) é chamada, pois uma turma precisa dos microfones e caixa de som. No relato anterior, embora diga que são os funcionários que “estão tocando a escola” e que o quadro de profissionais foi reduzido, ela conclui: *“em pequenos contextos a comunidade educativa precisa se ajudar, independente se é tua função ou não”*.

Em outra visita informal, observo como a escola proporciona situações, vivências, contribuindo para a formação integral do estudante. Lembro-me do banner fixado no muro da escola: “Educar para a vida”. Participo neste dia da atividade do setembro amarelo, que é a campanha de prevenção ao suicídio da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP), criada no ano de 2014 junto com o Conselho Federal de Medicina (CFM). Essa campanha busca conscientizar a população sobre os fatores de risco para o comportamento suicida e orientar para o tratamento adequado dos transtornos mentais, que representam 96,8% dos casos de morte por suicídio, dados fornecidos pela Associação Brasileira de Psiquiatria. A conversa fluiu de forma espontânea com um linguajar simples e com o intuito de quebrar alguns tabus. Primeiramente, falaram sobre a importância do Setembro Amarelo e a necessidade de falar com naturalidade e seriedade sobre suicídio. Colocaram que a prevenção é um processo educativo por isso, quanto mais se fala sobre isso, de forma apropriada, mais é a melhor solução. No final alguns representantes dos alunos agradeceram o trabalho voluntário das psicólogas, e colocaram como esse assunto de grande relevância e que ajuda a salvar vidas. Percebi que a atividade sensibilizou alguns estudantes. Depois uma das professoras relatou que tinha situações de suicídio na família de alguns clarificamos, explicamos e, portanto, prevenimos. Destacaram a importância do cuidado, da empatia e do amor com o próximo, onde falar sempre estudantes”. (DC, 24/09/2019)

Na imagem a seguir, apresento alguns registros da atividade.

Fotografia 57 – Atividades do Setembro Amarelo



Fonte: Arquivo da autora (2017).

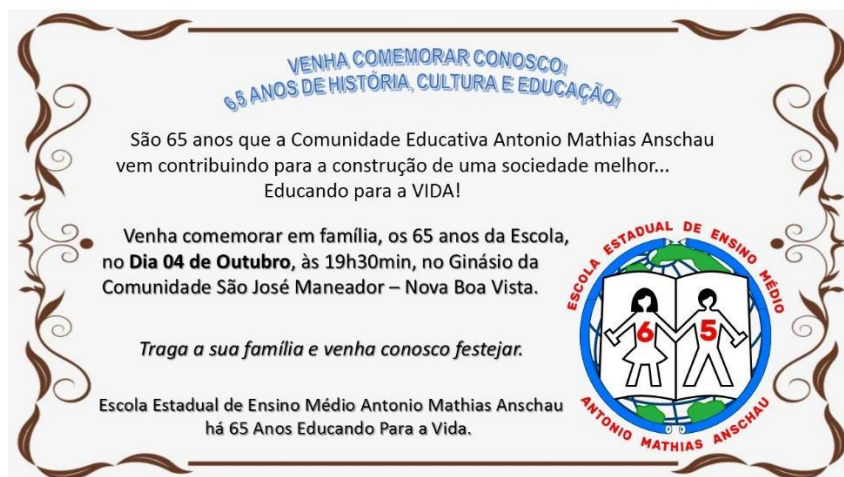
A escola proporciona momentos que vão além do conteúdo prestabelecido, com o intuito de educar para a vida, conforme o banner exposto no muro externo da escola. Momentos para refletir, conversar, esclarecer situações. Nesta roda de conversa foi abordado a questão do suicídio, sinais que apontam para possíveis suicídios, a fim de poder identificá-los para evitá-los.

Participo das atividades realizadas em prol dos 65 anos da EAMA. Converso com o Morador (25) e pergunto sobre a atividade comemorativa, e ele responde:

“É um momento marcante para toda a comunidade EAMA. Sessenta e cinco anos de história, de vida, de cultura e educação, merecem ser comemorados. São anos de muitos desafios, de muitas conquistas, de vitórias e, acima de tudo, de presença na vida de muitas pessoas, que buscaram sua formação nesta Escola e continuam pela sociedade afora contribuindo com os conhecimentos e valores adquiridos”. Morador (25), 24/09/2019

No convite está expressa a história, cultura e educação, e isso remete ao capítulo da imigração e colonização alemã, especialmente à valorização e ao apreço da comunidade pela educação.

Figura 11 - Convite para comemoração dos 65 anos da Escola



Fonte: EAMA (2019).

Outra atividade em comemoração aos 65 anos da escola é a participação dos ex-alunos, com mensagem em pequenos vídeos na página do Facebook da escola, contando como a Escola contribuiu na vida pessoal e profissional. Acesso os vídeos e arquivo para análise (Apêndice B).

Os 17 (dezesete) jovens expõem sua experiência, contribuições, significados e sentidos sobre a contribuição da EAMA para sua formação, destacando-se: a qualidade da educação; equipe de professores e funcionários preocupados com o estudante; fortalecimento de vínculos entre professores e estudantes; estímulo para estudar e fazer curso superior; questão humanitária; ética e valores; educação para a vida, professores e funcionários comprometidos e competentes; a solidariedade; consciência dos direitos, deveres e responsabilidades. Alguns excertos dos depoimentos sobre a contribuição da escola na vida desses ex-alunos e ex-alunas.

“O que a escola mais agregou na minha vida, foi à questão humanitária. O que agregou foi a ética. E os valores. A escola não trabalha somente os conteúdos exigidos, mas a escola educa para a vida, através das atividades diárias. Nesta nova fase da minha vida e vejo que isso é um diferencial”
(Fernanda, ex-aluna).

“A escola é muito boa. Lá pude perceber que todos podem e lutar o seu objetivo. A escola inculca isso na gente que precisamos correr atrás do nosso sonho e que cada pessoa tem o seu valor e que é preciso respeitar o próximo. Foi isso que levo da escola, em acreditar no potencial que nós temos” (Carlos, ex-aluno).

“Tem projetos muito interessantes e em especial no terceiro ano, e auxiliam muito na formação do ser. Além dos outros projetos voltados para a vida” (Ana Lídia, ex-aluna)

Em outra atividade, constato a religiosidade na EAMA, embora seja uma escola estadual, portanto, denominada laica. Nesta comunidade, a religiosidade rompe essas fronteiras, pois há um contexto de significados sobre a questão da religiosidade. O convite é para a família escolar, mas também é aberto para todos que queiram participar.

Figura 12 - Convite para missa de encerramento da Semana da Família



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Na foto, dois estudantes carregam a bandeira da escola com a logo “Educar para a vida”.

Fotografia 58 - Celebração da família



Fonte: Arquivo da autora (2019).

Neste dia participei da celebração da família, promovida pela Comunidade Educativa da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau. Muitas famílias reunidas na igreja, foi a Missa de encerramento da Semana da Família, na Igreja Matriz de Nova Boa Vista, para celebrar o que temos de mais importante, onde tudo começa, a Família. Num dos comentários lidos pelo estudante dizia que: "As famílias são dom e compromisso, esperança da humanidade, por isso nesta celebração, além de agradecer o dom da vida e a caminhada de cada família, foi pedida a benção de Deus para que sempre as ilumine e as proteja, em especial as famílias da EAMA". A atividade contou com a participação dos pais, professores e alunos em vários momentos da liturgia. No final a direção da escola agradece a presença de todos que participaram e de modo especial, ao coral do CLJ que animou toda a celebração. (DC, 17/08/2017)

Em outro momento, a questão da religiosidade na escola é publicizada no excerto do Jornal boa Nova.

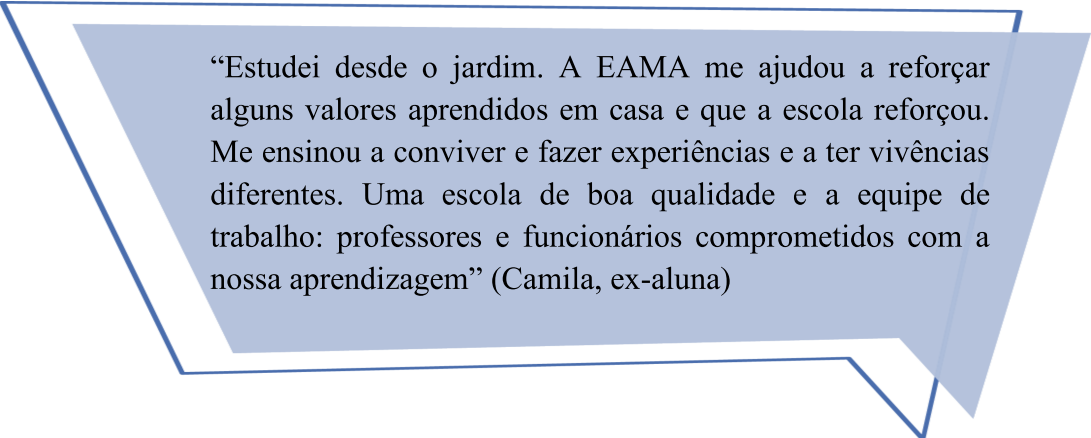
Na manhã do dia 18 de abril, estiveram reunidos os alunos, professores, funcionários e a direção da Escola Estadual Antônio Mathias Anschau, para celebrar com alegria a Páscoa, na intenção de que cada um seja capaz de olhar para os lados e ver em todos um irmão, filhos do mesmo Pai e que as nossas ações estejam voltadas para o bem e amor ao próximo, especialmente neste tempo de quaresma, que antecede a Páscoa. Os alunos tiveram uma participação especial no momento do perdão, do louvor e da passagem bíblica, que foi encenada. Durante a celebração foi realizado um momento de reflexão sobre a Campanha da Fraternidade, que neste ano, pretende fazer um apelo para que os cristãos, busquem uma participação mais ativa na sociedade, como forma concreta de amor ao próximo, que permita a construção de uma cultura fraterna, baseada no direito e na justiça. O tema escolhido foi: “Fraternidade e Políticas Públicas” com o lema: “Serás Libertado pelo Direito e pela Justiça”. Os alunos apresentaram um resumo do trabalho desenvolvido, até o momento, durante as aulas de Ensino Religioso, sendo que os mesmos, terão continuidade no decorrer do trimestre e do ano letivo, pois se tratam de um assunto relevante, que desencadeou projetos sobre políticas públicas em âmbito nacional, estadual e municipal. Após a celebração, os alunos e professores tiveram um momento de confraternização e comemoração desta data tão especial! (Jornal Boa Nova, 24/04/2017)

Minha estranheza é que a escola estadual é denominada laica, como a gestão da escola administra essas diferentes atividades celebrativas que acontecem na escola. Numa das ocasiões pergunto à diretora como administram essa situação. Responde: *“Nós aqui não temos problema com isso, todos participam, inclusive os estudantes que vem de Sarandi (município vizinho), isso faz parte da escola”*. Essa fala está vinculada com os princípios identitários do lugar, pois a diretora é munícipe, nasceu neste lugar, estudou na Escola Santos Anjos, portanto, o quesito da religiosidade está impresso na sua conduta e isso acontece com outros professores e funcionários que são munícipes. Portanto, seria algo que pudesse gerar conflito com os estudantes, bem como com as famílias caso essas atividades não acontecessem.

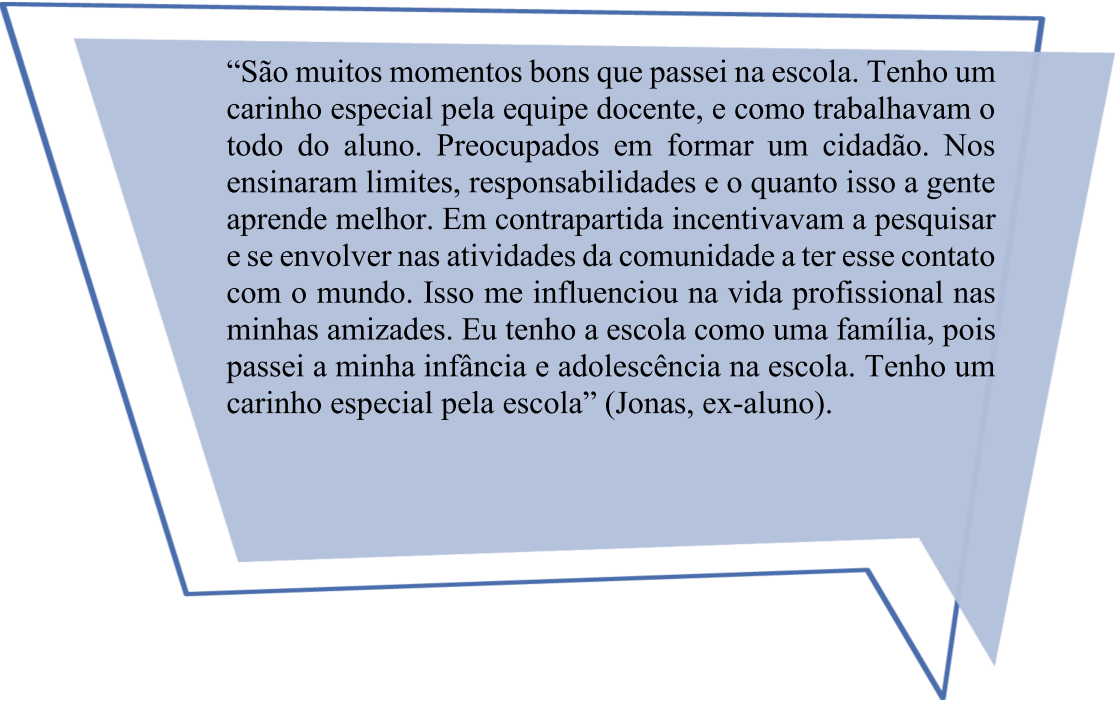
As diferentes atividades que acontecem na EAMA enfatizam a importância que essa comunidade escolar atribui à religiosidade. Conforme Zanini (2006, p. 137), “a religião foi um dos elementos mais importantes no processo de enraizamento do imigrado em terras brasileiras”. A tradição religiosa do imigrante, através da religião católica e ou evangélica foi transportada e revivida na América, fator que serviu para amenizar seu isolamento em meio às matas, superar as dificuldades e a saudade, bem como, fugir de uma desintegração social. Percebo que na EAMA, algumas atividades quanto à preservação da cultura, dos costumes, da

tradição, seguem o mesmo processo que a escola municipal desenvolve. O relato do ex-aluno demonstra os incentivos que a escola proporcionou para que os estudantes se envolvessem nas atividades da comunidade. O fazer parte, sentir-se pertença, elementos abordados no decorrer da tese. Por isso a necessidade de publicar as atividades no Jornal Boa Nova e nas redes sociais.

O relato dos ex-alunos enfatiza os valores vivenciados na escola e aborda essa relação família e escola.



“Estudei desde o jardim. A EAMA me ajudou a reforçar alguns valores aprendidos em casa e que a escola reforçou. Me ensinou a conviver e fazer experiências e a ter vivências diferentes. Uma escola de boa qualidade e a equipe de trabalho: professores e funcionários comprometidos com a nossa aprendizagem” (Camila, ex-aluna)



“São muitos momentos bons que passei na escola. Tenho um carinho especial pela equipe docente, e como trabalhavam o todo do aluno. Preocupados em formar um cidadão. Nos ensinaram limites, responsabilidades e o quanto isso a gente aprende melhor. Em contrapartida incentivavam a pesquisar e se envolver nas atividades da comunidade a ter esse contato com o mundo. Isso me influenciou na vida profissional nas minhas amizades. Eu tenho a escola como uma família, pois passei a minha infância e adolescência na escola. Tenho um carinho especial pela escola” (Jonas, ex-aluno).

É a questão da comunidade, dos princípios de cooperação de entreajuda, aspectos abordados no capítulo da imigração e colonização alemã. Isso se deve, provavelmente, ao fato de que professores e funcionários EAMA moram na comunidade. Portanto, o pertencimento é

intrínseco. Para Martins (2003), identidade seria este sentido de pertencer que as pessoas trazem enquanto seres simbólicos que resgata algo de valor. Dessa forma, o conceito relaciona-se com a memória coletiva, pois o homem nasce, vive e morre, sabendo a que grupo, família, comunidade, cidade ou país pertence e o que resulta na identidade, característica própria do ser humano.

Em Nova Boa Vista, percebo que o fator da religiosidade serve para manter os costumes, as tradições e os dialetos. A identidade cultural, de acordo com Hall (2005), abrange aquelas características referentes à cultura a que pertencemos e que não são orientadas de forma genética, mas “[...] pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial” (p. 47).

O patrimônio cultural, que, segundo Dias (2006, p. 68), é “[...] o testemunho da história, aquilo que restou de antigas sociedades e que nos possibilita compreender a relação entre esses bens [...]” é representado em Nova boa Vista por meio da religiosidade, das crenças dos e rituais, assim como nas tradições orais, na língua, na música, nos costumes, nas festas e em toda a herança histórica do município, que envolve aspectos tangíveis e intangíveis.

Numa das visitas à escola EAMA, conversei com a Moradora (23)⁶⁶ sobre a seguinte nota de esclarecimento e agradecimento que saiu nas redes sociais da escola:

⁶⁶ A Moradora (23) ocupa o cargo de vice-diretora na Escola.

Nota de Esclarecimento e Agradecimento

Aos quinze dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove, a equipe diretiva da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau foi convocada a comparecer na 39ª Coordenadoria Regional de Educação em Carazinho, onde foi comunicada do fechamento do turno da tarde desta Escola, o que poderia acarretar no fechamento definitivo desta Instituição de Ensino. No entanto, em virtude da obrigatoriedade do cumprimento das 1000 horas anuais, para o Ensino Médio, necessita do funcionamento em dois turnos diários, totalizando 40 horas semanais. Destacamos que esta é a única Escola Estadual do nosso Município que oferece a oportunidade dos alunos novaboavistenses frequentarem o Ensino Médio. Além do atendimento aos nossos adolescentes, muitos municípios trabalham nesta escola, havendo o risco de perderem seu trabalho ou terem que se deslocar para outras localidades. Ao receber a informação desse fechamento do turno, a Direção comunicou aos Professores e Funcionários, que juntos buscaram apoio para reverter a situação:

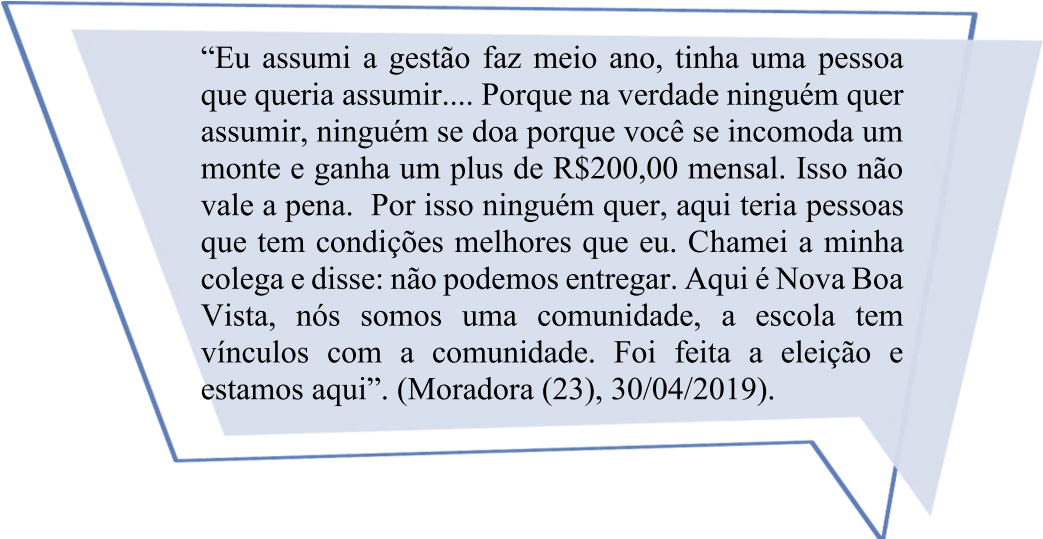
- da Secretaria Municipal de Educação e Poder Público de Nova Boa Vista, através de ofícios referentes ao transporte escolar e sobre a importância desta Escola no Município;
- da Escola Municipal de Ensino Fundamental Santos Anjos, por meio de documento destacando a fundamental importância da Escola Antônio Mathias Anschau, tendo em vista que esta é a única escola no município que oferece a oportunidade dos jovens darem continuidade aos estudos ao concluírem o Ensino Fundamental;
- da Câmara Municipal de Vereadores de Nova Boa Vista, na busca de uma audiência com a Secretaria de Educação do Estado do Rio Grande do Sul, para realizar uma análise diferenciada do caso com Deputados Estaduais;
- do CEPERS Sindicato, através de orientações e da discussão do nosso caso nas audiências realizadas com o Secretário de Educação e sua equipe;
- dos pais e/ou responsáveis que, por meio do Conselho Escolar, aprovaram em assembleia a importância da Escola funcionar nos turnos da manhã e tarde, garantindo o atendimento aos alunos.

Mediante todos os esforços, no dia dezesseis de abril, fomos informados que para o ano letivo de 2019, a Escola está autorizada a funcionar em dois turnos, salientamos que até esta data a mesma funcionava com uma autorização provisória. Sendo que, para o ano letivo de 2020, nossa situação será novamente analisada, por isso buscaremos estratégias para reverter este quadro. A Equipe Diretiva da Escola Antônio Mathias Anschau vem por meio deste agradecer à Equipe da 39ª CRE, SMEC e Poder Público Municipal, Câmara Municipal de Vereadores, Escola Municipal Santos Anjos, CEPERS Sindicato, Conselho Escolar, CPM e a toda a Família Antônio Mathias Anschau, pais, alunos, professores e funcionários, que não mediram esforços na busca de alternativas a fim de evitar o fechamento definitivo desta Escola. Cordialmente, Equipe Diretiva da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias

Enquanto aguardo a diretora, observo os alunos jogando na área coberta e converso de forma informal com o professor de educação física. A Moradora (23) vem ao meu encontro. Ela entra na sala, e eu a acompanho. Ao iniciar a conversa, coloco que o objetivo é entender a nota de esclarecimento que saiu no jornal e nas redes sociais.

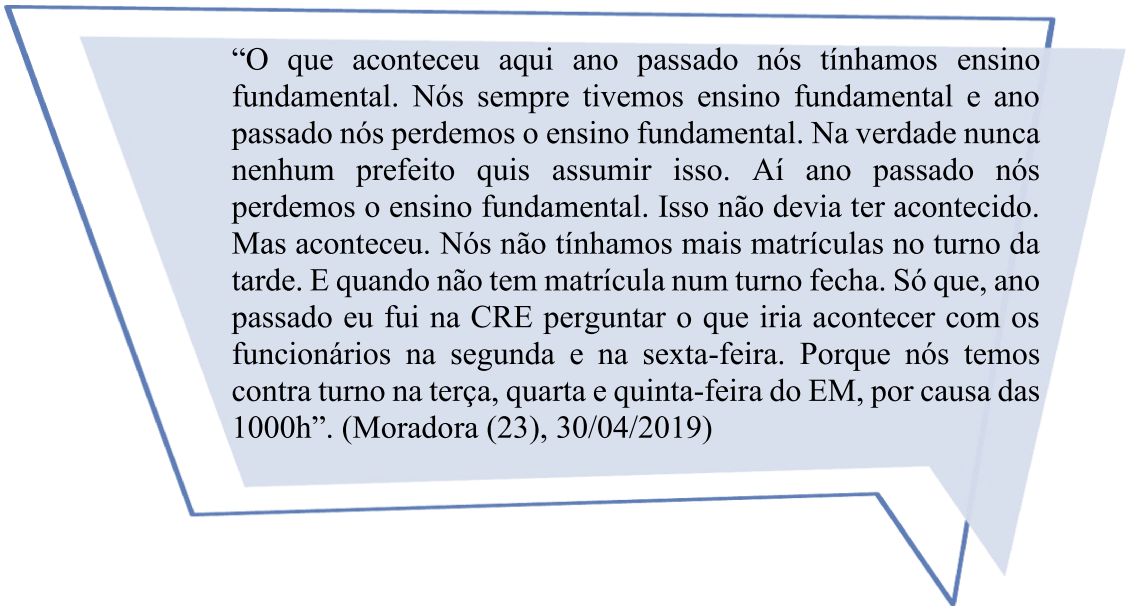
Ela inicia a conversa, mas o senhor que vem entregar uma parte da merenda interrompe. Ele traz derivados de leite, que são da agricultura familiar, pois a escola é obrigada a adquirir 45% dos produtos comercializados de cooperativas credenciadas. Enquanto ela faz os acertos, aproveito e converso sobre a situação das cooperativas.

Depois da interrupção, ao retomar a conversa, pergunto há quanto tempo ela está na gestão da escola.



“Eu assumi a gestão faz meio ano, tinha uma pessoa que queria assumir... Porque na verdade ninguém quer assumir, ninguém se doa porque você se incomoda um monte e ganha um plus de R\$200,00 mensal. Isso não vale a pena. Por isso ninguém quer, aqui teria pessoas que tem condições melhores que eu. Chamei a minha colega e disse: não podemos entregar. Aqui é Nova Boa Vista, nós somos uma comunidade, a escola tem vínculos com a comunidade. Foi feita a eleição e estamos aqui”. (Moradora (23), 30/04/2019).

Explico que tive acesso à nota de esclarecimento, mas preciso entender exatamente o que aconteceu. E ela esclarece:



“O que aconteceu aqui ano passado nós tínhamos ensino fundamental. Nós sempre tivemos ensino fundamental e ano passado nós perdemos o ensino fundamental. Na verdade nunca nenhum prefeito quis assumir isso. Aí ano passado nós perdemos o ensino fundamental. Isso não devia ter acontecido. Mas aconteceu. Nós não tínhamos mais matrículas no turno da tarde. E quando não tem matrícula num turno fecha. Só que, ano passado eu fui na CRE perguntar o que iria acontecer com os funcionários na segunda e na sexta-feira. Porque nós temos contra turno na terça, quarta e quinta-feira do EM, por causa das 1000h”. (Moradora (23), 30/04/2019)

E a Moradora (23) continua o relato:

“Numa sexta-feira de manhã a CRE ligou, xingando: como ela foi se candidatar para ser diretora 40h, se a escola só tem um turno. E venham logo pra cá. Imagina como nós ficamos. Chegando lá elas comunicaram que vamos fechar o turno da tarde e eu disse como: o ensino médio tem 1000h, como vamos atender esses alunos. Eu disse vocês estão fechando a escola e elas: não é só um turno. (...) Eu disse: e o transporte? O nosso transporte é junto com o município. Fizemos todos os ofícios para mostrar que não tinha outra forma de fazer o transporte. A outra forma seria trabalhar frio, o que isso significa, eu que sou 40h teria que fazer as outras 20h em outro município e os professores só poderiam trabalhar o turno da manhã. Eu puxei o horário eu disse gurias olham isso aqui, nós e a Santos Anjos sentamos juntas para montar o horário. Nós temos professores compartilhados. Se os professores tiverem que escolher, onde você acha que eles vão escolher, do jeito que está o estado, é no município. Disse pra a CRE pode começar a fazer a lista dos professores que vou precisar: história, ...eu disse vocês não vão anotar, nós não vamos ter professor, nem funcionários e não vamos ter alunos. (...) Eu disse agora que entrei para ajudar a escola, porque a gente entra na escola para ajudar e agora eu vou bater o cadeado da escola, fechando a escola”. (Moradora (23), 30/04/2019)

“Conversamos com a secretaria da educação, o que me derruba é a escola. Eu gosto dessa escola. Fui no vereador, presidente da Câmara e pedimos ajuda. E disse vou atrás de um político nunca fiz isso, mas vou fazer. Conversei e ele disse no estado não tem um político que defende a educação. Nós aqui no estado não temos ninguém. Pra agricultura você consegue vários, mas pra educação não tem”. (Moradora (23), 30/04/2019)

O relato da Moradora (23) retrata um contexto vivenciado na rede estadual de ensino: há um descaso com a educação. As políticas educacionais do Brasil vêm sofrendo influências de organismos internacionais, principalmente por meio de financiamentos que buscam tornar-se homogêneos os sistemas educacionais independentemente do país, do povo, da cultura ou realidade das pessoas envolvidas (CORSETTI, 2015).

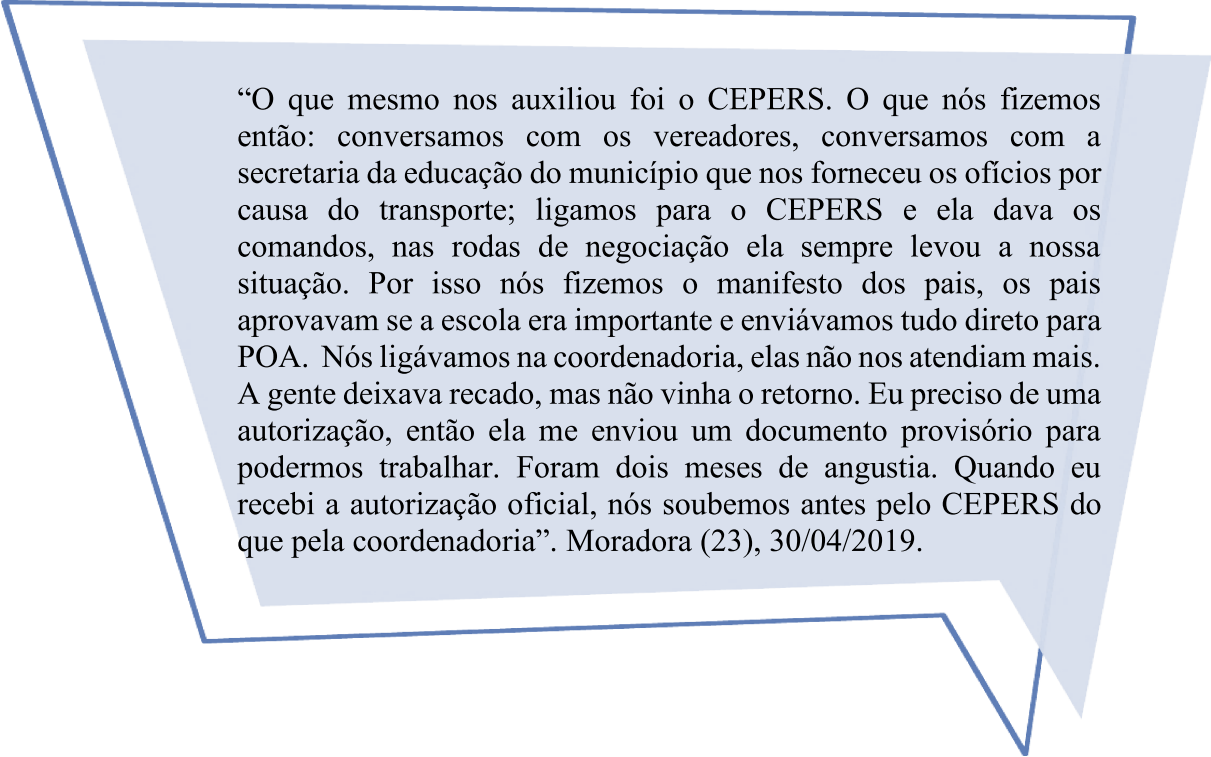
Outra questão que está sendo refletida é o “quase mercado”, que não deixa de ser um modo de privatizar os serviços dentro da própria escola pública. Dando continuidade ao processo de terceirização dos serviços públicos e a desresponsabilização dos governos em relação ao compromisso de prover o bem-estar social, limitando-se ao ato de regular a prestação de serviços à população. Na maioria das vezes, os governos contratam empresas para determinados trabalhos, que são controlados por sistemas internos, nem sempre eficientes. Essa é uma realidade que nos últimos anos está se infiltrando sutilmente nos sistemas educacionais públicos, criando paradoxos e tensões. (AFONSO, 2010).

E isso remete a outro aspecto que se manifesta enquanto fruto das políticas mercantis modernas: o investimento do governo em sistemas de controle ou modelos de prestação de contas e de responsabilização (*accountability*) (CORSETTI, 2015). Com isso, aperfeiçoam-se os sistemas a fim de exercer o poder, não mais como provedor de serviços, mas como controlador. Essa questão é apresentada pela Moradora (24) sobre a repercussão dos resultados do SAERS, que em outros municípios as notas foram inferiores, os respectivos diretores foram chamados para levarem “uma sacudida” e alguns casos expostos, usados como exemplos negativos diante das outras direções.

Na Educação Básica isso ocorre de muitas maneiras. Esses sistemas de controles são implantados para monitorar os serviços administrativos e os serviços pedagógicos. Segundo Afonso (2010), trata-se de introduzir lógicas mais competitivas (e supostamente mais meritocráticas) através da produção e constante melhoria de resultados.

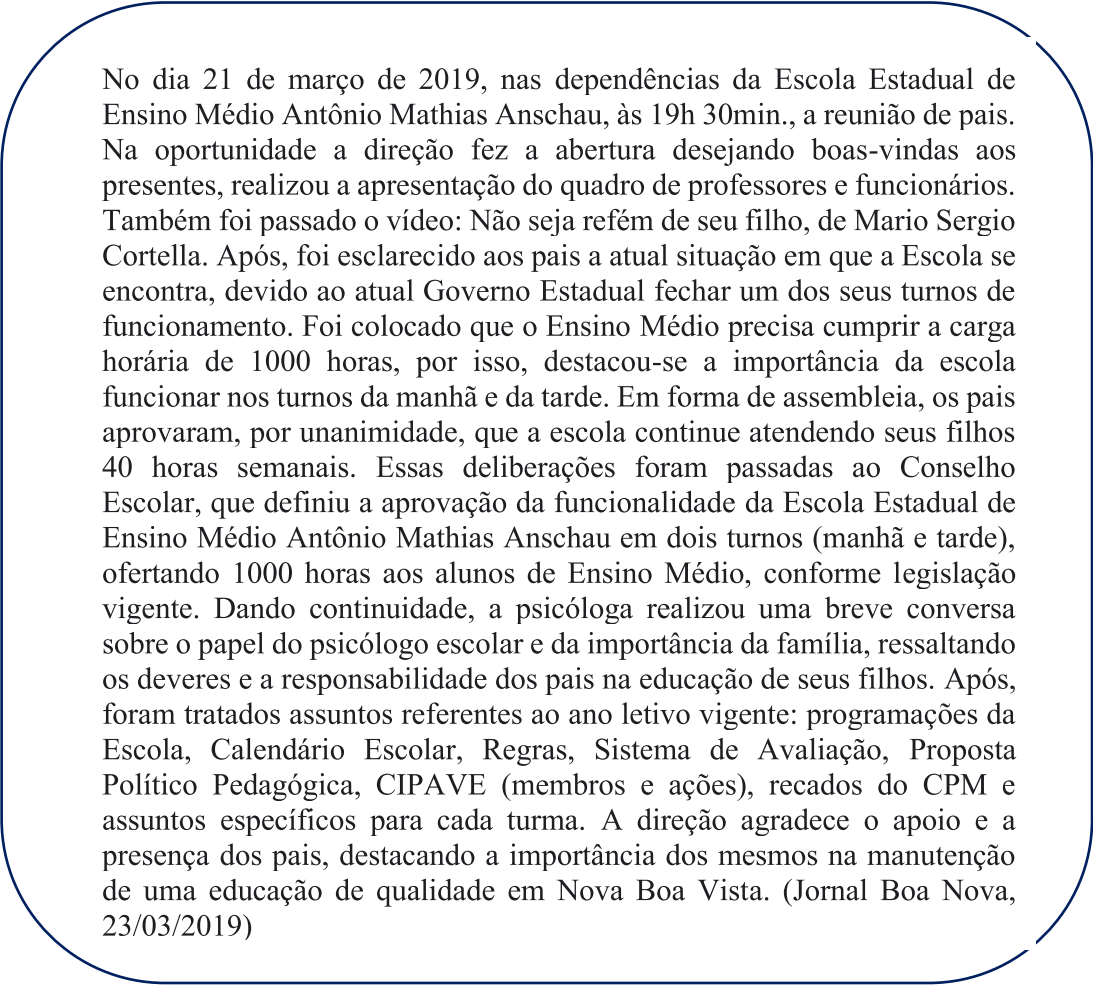
Isso é o que Teodoro (2011) chama de empresariamento da educação. O Estado passa a orientar-se por uma racionalidade, que consiste em reduzir sua esfera pública e reconstruir sua regulamentação para expandir sua esfera privada. E, assim, permite que muitas áreas e instituições sociais, antes orientadas pelos valores públicos, sejam agora mercantilizadas, sem, contudo, fazer do Estado uma instituição fraca e, sim, fortalecê-lo, tornando-o cada vez mais controlador. Confirma-se, portanto, que a privatização da educação se constitui, também, em uma estratégia de multiplicação e diversificação de investidores. (AKKARI, 2011). Esse é o retrato da escola pública, tão bem retratada na fala da secretária da EAMA sobre a avaliação realizada pelos estudantes.

O relato da Moradora (23) continua:



“O que mesmo nos auxiliou foi o CEPERS. O que nós fizemos então: conversamos com os vereadores, conversamos com a secretaria da educação do município que nos forneceu os ofícios por causa do transporte; ligamos para o CEPERS e ela dava os comandos, nas rodas de negociação ela sempre levou a nossa situação. Por isso nós fizemos o manifesto dos pais, os pais aprovavam se a escola era importante e enviávamos tudo direto para POA. Nós ligávamos na coordenadoria, elas não nos atendiam mais. A gente deixava recado, mas não vinha o retorno. Eu preciso de uma autorização, então ela me enviou um documento provisório para podermos trabalhar. Foram dois meses de angustia. Quando eu recebi a autorização oficial, nós soubemos antes pelo CEPERS do que pela coordenadoria”. Moradora (23), 30/04/2019.

O registro da reunião com pais da Escola Antônio Mathias Anschau foi publicado pelo do Jornal Boa Nova:



No dia 21 de março de 2019, nas dependências da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau, às 19h 30min., a reunião de pais. Na oportunidade a direção fez a abertura desejando boas-vindas aos presentes, realizou a apresentação do quadro de professores e funcionários. Também foi passado o vídeo: Não seja refém de seu filho, de Mario Sergio Cortella. Após, foi esclarecido aos pais a atual situação em que a Escola se encontra, devido ao atual Governo Estadual fechar um dos seus turnos de funcionamento. Foi colocado que o Ensino Médio precisa cumprir a carga horária de 1000 horas, por isso, destacou-se a importância da escola funcionar nos turnos da manhã e da tarde. Em forma de assembleia, os pais aprovaram, por unanimidade, que a escola continue atendendo seus filhos 40 horas semanais. Essas deliberações foram passadas ao Conselho Escolar, que definiu a aprovação da funcionalidade da Escola Estadual de Ensino Médio Antônio Mathias Anschau em dois turnos (manhã e tarde), ofertando 1000 horas aos alunos de Ensino Médio, conforme legislação vigente. Dando continuidade, a psicóloga realizou uma breve conversa sobre o papel do psicólogo escolar e da importância da família, ressaltando os deveres e a responsabilidade dos pais na educação de seus filhos. Após, foram tratados assuntos referentes ao ano letivo vigente: programações da Escola, Calendário Escolar, Regras, Sistema de Avaliação, Proposta Político Pedagógica, CIPAVE (membros e ações), recados do CPM e assuntos específicos para cada turma. A direção agradece o apoio e a presença dos pais, destacando a importância dos mesmos na manutenção de uma educação de qualidade em Nova Boa Vista. (Jornal Boa Nova, 23/03/2019)

As fotos mostram o momento com a comunidade escolar.

Fotografia 59 - Assembleia com a comunidade escolar



Fonte: Arquivo da EAMA (2019).

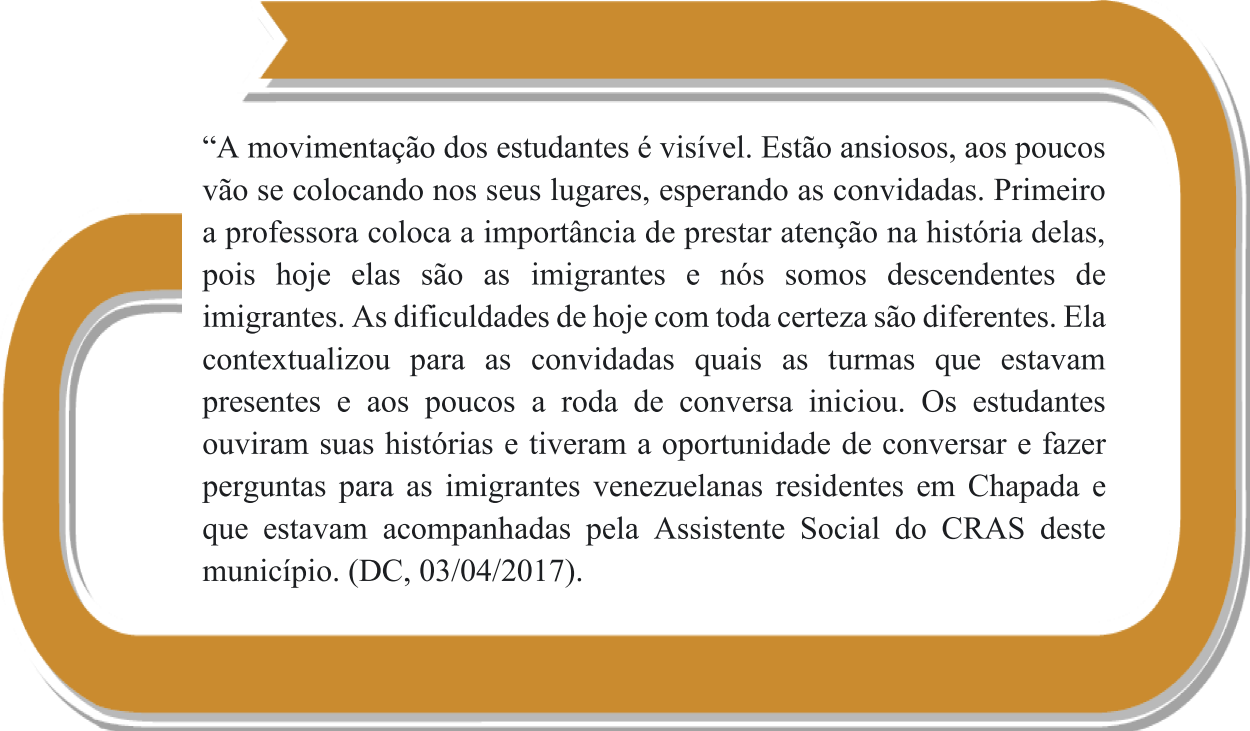
Pergunto sobre como foi o envolvimento da comunidade, e ela relata:

“Teve de tudo, alguns apoiavam e outros criticavam. Por isso, fizemos a nota de esclarecimento para que todos ficassem cientes. Sabe como é em lugar pequeno, sempre tem os que entendem tudo atravessado. E a nota de esclarecimento teve uma repercussão boa. E esse povo que ajuda tanto nos eventos de forma voluntária, não iria deixar fechar a escola. Para ano que vem queremos abrir duas turmas do primeiro ano do EM vamos abrir uma turma de manhã e de tarde, isso temos que fazer isso no segundo semestre. Muitos alunos vêm de Sarandi, formamos ano passado duas turmas para o primeiro ano do EM, e vem da escola particular de Sarandi. Nós temos filho de médico, dentista, gerente de banco. Sabe o que eles buscam? Eles querem a federal, tem que ter uma cota de estudo na escola pública, portanto, o Ensino Médio basta. Mesmo diante de toda essa situação a qualidade da escola é boa”. Moradora (23), 30/04/2019.

Na fala da Moradora (23), percebo que há certo descaso de alguns moradores com a situação vivenciada pela escola. Há os que criticam e há os que apoiam; os que auxiliam e se envolvem e outros “que não estão nem aí”, como disse a Moradora (23). Mas ela reforça dizendo: “*E esse povo que ajuda tanto nos eventos de forma voluntária, não iria deixar fechar a escola*”. Essa é a certeza que ela demonstra, pois nasceu e vive nesta comunidade. Minha

estranheza é com a reação da comunidade diante do relato da moradora (23), há uma contradição: uma comunidade que não se importa com o contexto da escola e a constatação no relato da moradora que diz que a comunidade defende a escola.

A proximidade diante das diversas imersões no campo empírico propiciou com que eu fosse avisada da realização das atividades. Uma roda de conversa com famílias venezuelanas, o tema da roda de conversa é “Como aceitar as diferenças e começarmos a nos tratar como seres humanos sem máscaras ou estereótipos”.



“A movimentação dos estudantes é visível. Estão ansiosos, aos poucos vão se colocando nos seus lugares, esperando as convidadas. Primeiro a professora coloca a importância de prestar atenção na história delas, pois hoje elas são as imigrantes e nós somos descendentes de imigrantes. As dificuldades de hoje com toda certeza são diferentes. Ela contextualizou para as convidadas quais as turmas que estavam presentes e aos poucos a roda de conversa iniciou. Os estudantes ouviram suas histórias e tiveram a oportunidade de conversar e fazer perguntas para as imigrantes venezuelanas residentes em Chapada e que estavam acompanhadas pela Assistente Social do CRAS deste município. (DC, 03/04/2017).

Na conversa intermediada pelas professoras e por um aluno, compreendo melhor o problema humanitário que ocorre na Venezuela, país vizinho ao nosso, atingido por uma forte crise econômica, social e política. A atual situação com falta de emprego, medicação, comida e diversas outras dificuldades vêm obrigando milhares de pessoas a deixarem seu país em busca de sobrevivência. As venezuelanas contam suas histórias de vida, as atividades que desenvolvem na Venezuela, a forma como sentem os reflexos da política de governo de Nicolás Maduro e a situação de pobreza extrema que tiveram que enfrentar. Atualmente, residentes nos municípios vizinhos de Nova Boa Vista (Chapada e Sarandi), tentam reconstruir suas vidas, juntamente com seus familiares, contando com o apoio da comunidade, para que possam se adaptar e trabalhar dignamente.

Fotografia 60 - Conversa com as famílias venezuelanas



Fonte: Arquivo da autora (2017).

A Assistente Social relata o processo para trazer ao município de Chapada as dez famílias venezuelanas, num total de 52 pessoas. A administração pública de Chapada aderiu ao programa Ação Humanitária, que, através da ONU, busca alcançar a cooperação internacional na resolução de problemas internacionais de caráter econômico, social, cultural ou humanitário, com o processo de Interiorização, cujo objetivo é levar refugiados ou migrantes a outras cidades, onde possam encontrar mais oportunidades. Ao término da conversa, um estudante, Morador (26), em nome dos demais, diz:

“Foi de grande crescimento para nós que tivemos a oportunidade de estar conversando e ouvindo as experiências de vocês que se viram obrigadas a buscar a sobrevivência. Agradecemos por compartilharem conosco as suas histórias, que certamente fizeram cada um de nós repensar sobre nossas ações enquanto cidadãos, e como é importante conhecer as razões que levam as pessoas a migrar. (Morador 26,03/04/2017)

A iniciativa da escola em proporcionar a roda de conversa com pessoas que foram “obrigadas” a deixar sua pátria, por diferentes motivos – políticos, geográficos, etc. – é uma oportunidade para que os jovens tenham a atitude de empatia, pois a cooperação natural começa

assim, pelo fato de que não se pode viver sozinhos. A capacidade de cooperar de maneiras complexas está enraizada nas etapas mais iniciais do desenvolvimento humano, e essas capacidades não desaparecem na vida adulta. Esse contexto relatado pelas venezuelanas, estabelece algumas conexões com o início da imigração e da colonização em Nova Boa Vista, as dificuldades enfrentadas pelos primeiros moradores e a esperança de uma vida melhor.

Para compreender essa realidade, é relevante a imersão no campo empírico, no contexto dos moradores das duas escolas, bem como desenvolver um processo de aproximação e respeito que permita perceber as múltiplas manifestações presentes no dia a dia. Contudo é imprescindível olhar e refletir as duas dimensões que estão interligadas que é o contexto macro e o contexto micro.

No contexto macro, o cenário em que o liberalismo⁶⁷ predomina e políticas públicas mercantis estão impactando fortemente na Educação Básica, há uma expansão e consolidação do mercado educacional com entrada de redes e empresas, cujo negócio é vender educação. Há, ainda, o chamado “quase mercado”⁶⁸, que não deixa de ser um modo de privatizar os serviços dentro da própria escola pública.

Na perspectiva de uma educação cuja centralidade está no exercício e construção da cidadania, da melhoria da qualidade da aprendizagem, a educação pública estadual do RS está em contradição. O relato angustiante das moradoras (24) e (25) sinaliza a dureza e o engessamento do setor educacional no estado do Rio Grande do Sul. As moradoras (24) e (23) abordam o sucateamento da escola pública: como melhorar as condições do Ensino Médio se o estado não tem nem recursos para atualizar o salário dos professores? Como motivar o professor gaúcho diante desse contexto educacional? Bem como, a falta de valorização dos professores e de investimento público na qualificação. Neste contexto macro, Libâneo (2008), coloca que além dos aspectos procedimentais e administrativos da organização escolar, também há aspectos de natureza cultural, geralmente implícitos, que caracterizam as escolas de forma diferenciada. E a influência que a cultura organizacional tem na dinâmica da instituição educacional faz com que os gestores possam estabelecer estratégias e compreensão para trabalhar de forma articulada no interior da escola, como evidencia a Moradora (23).

⁶⁷ Forma dominante de globalização hegemônica; mais do que uma teoria econômica, o neoliberalismo deve ser considerado como uma nova ordem social e uma tecnologia de governo favorável aos mais poderosos. (TEODORO, 2011).

⁶⁸ Nesta perspectiva o serviço continua público, porém prestado por empresas terceirizadas: material didático, merenda escolar, limpeza, aulas de apoio ou reforço, cantinas, reparos. Sugere a existência de valores, lógicas ou ideologias de mercado no sentido restrito. (AFONSO, 2010).

Tais aspectos, para o autor, constituem o que se conhece por currículo oculto, ou seja, diretrizes que, ainda que tacitamente, implicitamente, atuam de forma importante na forma como a escola funciona e nas práticas dos seus profissionais. As escolas têm organizações estruturais semelhantes, mas divergem pelas diferentes maneiras com que se apropriam do saber e da cultura de uma comunidade, podendo-se falar de culturas escolares diversas. Ora, nesse processo a gestão escolar apresenta-se como motor para a articulação de processos e práticas pedagógicas.

Para os munícipes de Nova Boa Vista⁶⁹, a educação é um dos pilares propulsores. A ideia norteadora é a de que o ser humano necessita de oportunidade para crescer como sujeito, poder sentir-se a si mesmo em sua subjetividade e sociabilidade, tendo espaço para desenvolver seu potencial criativo e afetivo, num processo de descoberta e construção de sua história em família e na comunidade. O contexto macro tem seus embates e conexões com o contexto micro, que é a escola.

No contexto micro a escola tenta fazer um movimento de resistência à proposta do neoliberalismo, utilizando-se dos princípios do cooperativismo, da coletividade, do trabalho em equipe. O contexto educacional está permeado pelo contexto do local, as aproximações com a história do município, dos moradores, a conexão entre as linhas, bem como entre as comunidades. Os vínculos culturais, identitários, de tradição, de sentir-se pertencente a um lugar, tem consonância com a gestão das escolas. Portanto, a comunidade, os moradores têm a sua expressividade na escola.

Nesse contexto micro é relevante observar que a rede de solidariedade, de entreajuda, de cooperação construída na comunidade escolar com a comunidade local propicia o diálogo. Há, portanto, contradições: situações que evidenciam um contexto de relações de poder; o não envolvimento de toda comunidade escolar, no caso específico os funcionários; famílias que ficam aquém da comunidade escolar; estudantes com dificuldades sem o aparato familiar; o enfraquecimento das linhas e, conseqüentemente, o enfraquecimento das comunidades locais.

No “chão da escola”, há movimentos que possibilitam a construção de novas atitudes, tanto no que se refere à cognição, quanto à convivência social, privilegiando o aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos (as) e aprender a ser (DELLORS, 2003). Outro fator é que as escolas têm a característica de aglutinar seus professores e funcionários em prol da escola, com a realização de atividades comemorativas, atividades de integração com as famílias. Dessa forma, a EAMA, mesmo sendo de natureza estadual, traz na sua constituição a

⁶⁹ Objeto citado no site da Prefeitura do Município. Acessado em 24/04/2017.

questão da religiosidade, resultado da herança educacional e cultural dos imigrantes e colonizadores alemães. As escolas são construídas coletiva e historicamente por seus moradores dentro do contexto cultural e social ao qual pertencem.

Não há como separar os contextos macro e micro. A manutenção de uma escola pública de qualidade, é direito de todos os cidadãos e dever do estado. As escolas fazem parte de um momento histórico em que o campo educacional tem sido alvo de vários interesses que não se dirigem para uma real qualificação da escola pública, na perspectiva que entendo adequada, ou seja, da sua democratização. A discussão da qualidade da educação passou a justificar novas formas de atuação dos Estados, em relação ao campo educacional. Uma nova lógica passou a predominar, tendo por base a competitividade, a prestação de contas e o desempenho dos sistemas e dos sujeitos da educação.

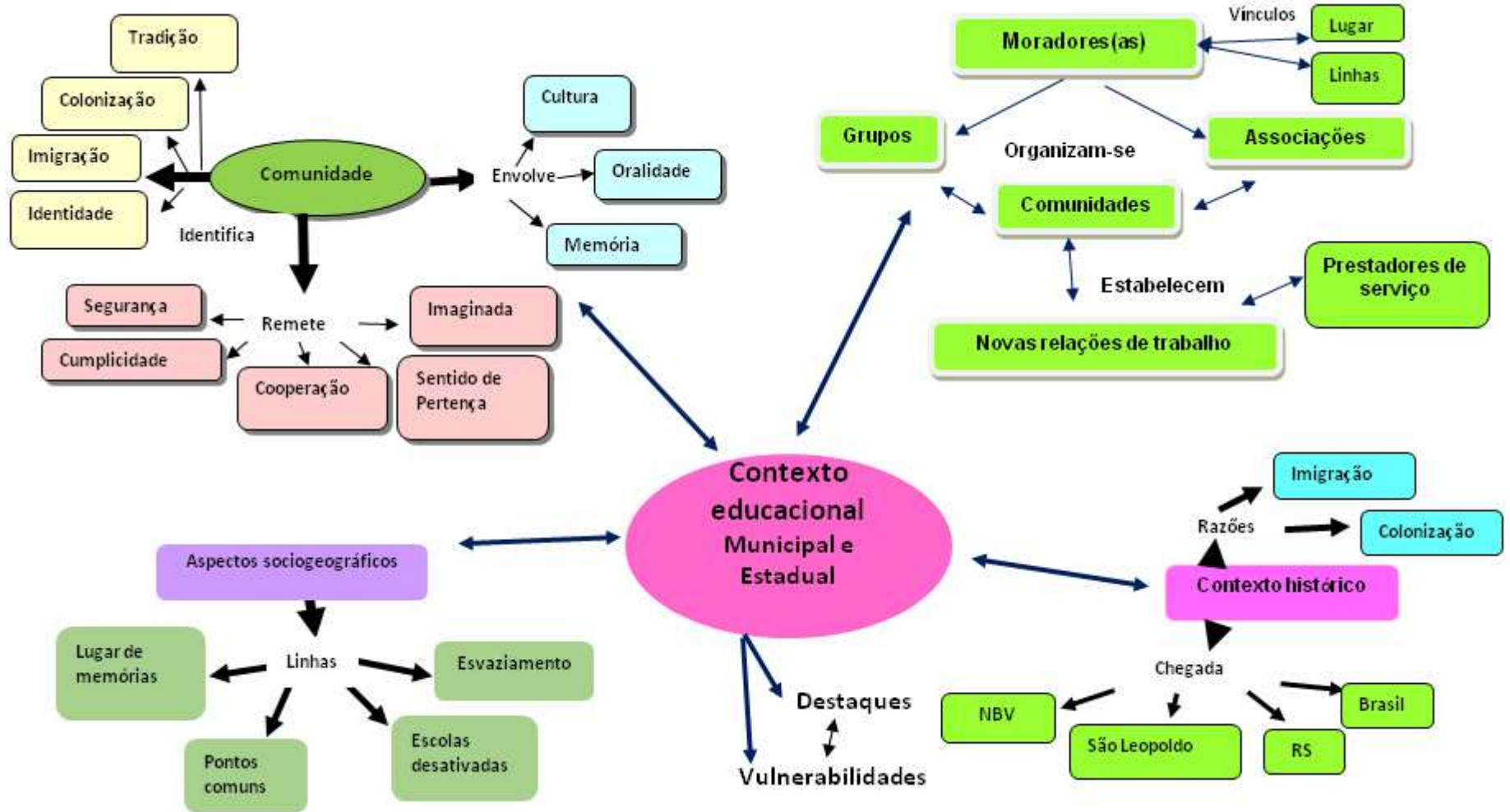
Os contextos macro e micro estão emaranhados, e tem seus embates: até quando as duas escolas conseguirão manter os valores e os princípios da coletividade? Até quando elas serão referência de planejamento coletivo e colaborativo? Até quando prevalecerá o espírito de voluntariado de dispor de seu tempo livre em prol da comunidade escolar e local?

A Figura 13 apresenta o mapa conceitual 5 da pesquisa, que aborda o contexto educacional das duas escolas em duas dimensões. No contexto macro, o cenário em que o liberalismo predomina e as políticas públicas mercantis que estão impactando fortemente na Educação Básica, há uma expansão e consolidação do mercado educacional com entrada de redes e empresas, cujo negócio é vender educação. A terceirização dos serviços públicos e a desresponsabilização dos governos em relação ao compromisso de prover o bem-estar social, limitando-se ao ato de regular a prestação de serviços à população. Essa é uma realidade que nos últimos anos está se infiltrando sutilmente nos sistemas educacionais públicos, criando paradoxos e tensões. E isso remete a outro aspecto que se manifesta enquanto fruto das políticas mercantis modernas: o investimento do governo em sistemas de controle ou modelos de prestação de contas e de responsabilização.

Nesse cenário encontra-se a desvalorização do professor público do Rio Grande do Sul, a sobrecarga de horas de trabalho, a pouca e falta de remuneração, bem como, a rotatividade dos professores. É preocupante a situação da EAMA, por um possível fechamento da escola, pela diminuição de estudantes; pois para o Estado importa quantidade e não a qualidade. Portanto, o contexto educacional da EAMA, requer uma reflexão maior, como possibilidade de campo empírico para outros estudos.

No contexto micro, as relações estabelecidas entre escola, comunidade e família, as conexões com os moradores e os vínculos com as linhas e o sentido de pertencimento com a comunidade. Estabelecendo relações e correlações com o contexto da imigração e colonização alemã em Nova Boa vista, bem como, as conexões com o contexto das linhas e da cidade, entrelaçados pela cultura, pela identidade e pela comunidade.

Figura 13 - Mapa conceitual 5 da pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2020).

7 PARA NÃO FINALIZAR

“Um dia, enquanto caminha pelos arredores de uma nova construção, Miguelangelo aproximou-se de dois artesãos. Ele se dirigiu ao primeiro e perguntou-lhe o que estava fazendo. – “Senhor, eu estou quebrando estas pedras”, foi a resposta. Então, prossegue e perguntou a mesma coisa ao segundo. A resposta desta vez foi: “Eu sou parte de um grupo de trabalhadores e artesãos que está construindo uma catedral”. A tarefa era a mesma, mas a perspectiva, bem diferente”. Da “segunda, por certo, resulta a possibilidade de sucesso de qualquer empreendimento” (LUCK et al., 1998, p. 40).

Escrever “Para não finalizar” não significa despedir-se do assunto, mas apenas recolher, olhar o todo, assumir resultados, fechar um ciclo de muito investimento e abrir-se para novas metas, dentro da dinâmica da continuidade que o assunto remete, especialmente, pela relação pessoal que tenho com a temática. Porém, é preciso recolher e reconhecer elementos de crescimento, descobertas, apropriações, “achados”. É nessa perspectiva que escrevo esta parte da pesquisa.

A temática dessa tese está situada no campo da gestão escolar. E seu objeto de investigação é a gestão escolar nas interações com a cidade, com a comunidade e com os moradores. O objetivo principal da tese é compreender as experiências e as práticas de gestão escolar das escolas das redes municipal e estadual a partir das dinâmicas e interações estabelecidas com a cidade, com as linhas e com os moradores do município de Nova Boa Vista.

A escolha metodológica é da etnografia. Como estratégias para a produção de dados, foram utilizadas entrevistas não dirigidas, visitas informais, observação participante, registro fotográfico, análise de documentos, com destaque para o diário de campo. O campo empírico da pesquisa constitui-se da cidade, das linhas, dos moradores e das duas escolas do Município de Nova Boa Vista/RS. Os achados vão aparecendo como um espiral, agregando resultados da cidade, das linhas, dos moradores, estabelecendo conexões com o contexto das escolas.

A gestão escolar nas escolas das redes de ensino estadual e municipal assume formas de participação nas decisões de colaboração de compartilhamento que estão imbricadas com a vida dos moradores, suas memórias e suas práticas. As escolas são construídas coletiva e historicamente por seus moradores dentro do contexto cultural e social ao qual pertencem e suas vivências, experiências e práticas estão vinculadas ao contexto cultural e histórico da comunidade, estabelecendo relações com o lugar, relações de cooperação, de voluntariado e de pertencimento a uma comunidade, a um lugar, essa é a minha tese.

Na perspectiva de reconhecer elementos de descobertas, apropriações, “achados”, apresento alguns apontamentos, sem colocá-los numa ordem de relevância, fazendo as conexões entre os contextos macro e micro e seus entrelaçamentos.

No contexto macro, algumas ideias partem do entendimento de que a escola se constitui num patrimônio da sociedade, sendo o lugar de formação cultural e científica, pela qual se promove o desenvolvimento intelectual e a formação integral dos estudantes e, para alcançar seus objetivos, necessita de meios organizacionais. Na perspectiva da escola como organização social, para além da visão “administrativa”, as organizações escolares são abordadas como unidades sociais formadas de pessoas que atuam em torno de objetivos comuns, portanto, como lugares de relações interpessoais.

Entretanto, nas últimas décadas têm surgido entendimentos muito diferentes sobre os modos de organizá-las e geri-las, frequentemente trazendo dúvidas, incertezas entre diretores de escola, coordenadores pedagógicos e professores. A escola é uma organização em sentido amplo, uma “unidade social que reúne pessoas que interagem entre si, intencionalmente, e que opera através de estruturas e processos próprios, a fim de alcançar os objetivos da instituição” (LIBÂNEO, 2005, p. 77).

Nessa perspectiva, amplia-se a compreensão da escola como lugar de aprendizagem, de compartilhamento de saberes e experiências, ou seja, um espaço educativo que gera efeitos nas aprendizagens de professores e estudantes. As formas de organização e de gestão adquirem dois novos sentidos: a) o ambiente escolar é considerado em sua dimensão educativa, ou seja, as formas de organização e gestão, o estilo das relações interpessoais, as rotinas administrativas, a organização do espaço físico, os processos de tomada de decisões, etc., são práticas educativas; b) as escolas são tidas como instituições aprendentes, portanto, espaço de formação e aprendizagem, em que as pessoas mudam com as organizações e as organizações mudam com as pessoas.

Quanto à noção de cultura organizacional, ela se constitui pelo conjunto dos significados, modos de pensar e agir, valores, comportamentos, modos de funcionar que revelam a identidade, os traços característicos de uma instituição – escola, empresa, hospital, prisão, etc. – e das pessoas que nela trabalham, conforme Luck (1998). A escola também é um mundo social, que tem suas características de vida próprias, seus ritmos e seus ritos, sua linguagem, seu imaginário, seus modos próprios de regulação e de transgressão, seu regime próprio de produção e de gestão de símbolos. Percebo a evidência dessas características nas

diferentes visitas informais, na participação de atividades vinculadas às escolas e as comunidades que realizo.

Nesse contexto sociocultural e institucional, do qual professores, gestores, alunos e pais fazem parte, assegurada as condições mínimas de funcionamento – físicas, materiais, humanas –, a participação é uma condição de compreensão na prática, ou seja, é condição de aprendizagem. Nos diferentes eventos proporcionados pela EMSA e pela EAMA, a comunidade escolar constituída de professores, pais, estudantes e funcionários contribuem e participam nas práticas de organização e gestão da escola.

Quanto ao elemento escola, destaco e concordo com Kreutz (2001, p. 123) que afirma:

a dimensão étnico-cultural é construída e reconstruída constantemente num processo relacional em que os grupos e indivíduos buscam, selecionam, ou relutam em função do significado que fenômenos e processos tem para eles. Por isto a educação e a escola são um campo propício para se perceber a afirmação dos processos identitários e os estranhamentos e as tensões decorrentes da relação entre culturas.

As escolas ensinavam as noções básicas de escrita, leitura e cálculo, que, na maioria dos casos, eram instruídas por iniciativa das próprias comunidades. Mediante a inexistência de escolas públicas ou pela própria distância, escolhiam o professor entre aqueles moradores que eram um pouco mais instruídos. Mais adiante, chegam professores que fixam residência na comunidade e são pagos pelas famílias.

Rambo destaca:

a escola comunitária teuto-brasileira foi uma instituição criada pelas próprias comunidades dos imigrantes com a finalidade de atender seus filhos. O que se entendia como necessidade, na época e nas circunstâncias concretas de então, pode-se resumir no seguinte: aprender a ler, a contar e a calcular; a alfabetização, portanto, aprender as verdades básicas da fé e os princípios mais elementares da moral e dos bons costumes; transformar a criança, em primeiro lugar, num membro útil de sua comunidade; guardar viva a tradição dos antepassados e despertar no filho do colono a consciência de cidadão responsável e comprometido”. (RAMBO, 1994, p. 201)

Na pesquisa, há relatos que diversos foram os casos de união das famílias de imigrantes para empreenderem em mutirão a construção da escola, geralmente uma pequena casa de madeira rústica, apesar de, nos primeiros tempos, estas aulas terem funcionado na própria casa do professor.

As escolas étnico-comunitárias, como ressalta Kreutz, foram muito importantes para os imigrantes, especialmente entre os alemães. O autor refere-se às iniciativas como algo muito peculiar na história da educação brasileira, caracterizando-as como iniciativas que não se

desenvolveram de forma isolada, cada uma restrita a seu núcleo. “Foram assumidas pelas respectivas comunidades de imigrantes, vinculadas a uma instância maior, isto é, à coordenação das respectivas confissões religiosas. Além disso, eram escolas étnicas porque retratavam aspectos culturais importantes da respectiva etnia, como língua e costumes” (KREUTZ, 2005, p. 72).

A identidade cultural que abrange aquelas características referentes à cultura também se destaca. Envolve as características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são socializadas por um povo. Assim, a identidade cultural e a tradição religiosa do imigrante foram fatores que serviram para amenizar o isolamento em meio às matas, superar as dificuldades e fugir de uma desintegração social.

No contexto macro, outro ponto é sobre as novas relações sociais estabelecidas com a questão do trabalho: o trabalho em serviços e os seus novos significados; a informalidade, flexibilidade, uberização do trabalho, quem é a classe trabalhadora hoje; o trabalho imaterial, a dialética do trabalho abstrato e do trabalho concreto. Isso mostra um desenho contemporâneo de homens e mulheres que vivem da venda de sua força de trabalho em troca de salário, seja na indústria, na agricultura ou nos serviços, seja nas interconexões existentes entre esses setores, como na agroindústria, nos serviços industriais, na indústria de serviços.

Outra situação é o trabalho on-line, que fez desmoronar a separação entre o tempo de vida no trabalho e fora dele, florescendo uma nova modalidade laborativa que combina mundo digital com sujeição completa ao ideário e à pragmática das corporações. Em municípios pequenos, onde o capital gira em torno da agricultura, uma das formas para o mundo do trabalho é a ampliação do trabalho morto, tendo o maquinário digital – a “internet das coisas” – como dominante e condutor de todo o processo fabril, reduzindo, conseqüentemente, o trabalho vivo, através da substituição das atividades tradicionais e mais manuais por ferramentas automatizadas e robotizadas, sob o comando informacional-digital.

Nesse contexto macro, a flexibilização da jornada de trabalho constitui outro dado a ser considerado e impacta na vida e no trabalho dos moradores. Há uma ilusão de que não existe horário fixo de trabalho, mas, de fato, os moradores que são prestadores de serviço duplicam sua jornada de trabalho. Por exemplo: os porcos são alimentados quatro vezes ao dia, de domingo a domingo. Não tem dia de folga. O mesmo acontece com o morador que cuida do gado leiteiro; sua jornada de trabalho é de domingo a domingo. Aqui fica evidente como os contextos macro e micro estão imbricados constituindo-se um único contexto. Portanto, as jornadas de trabalho com frequência avançam pelas horas vagas em função da necessidade de

aumentar a renda, com a incorporação de outros membros da família, tornando-se uma atividade familiar. Algumas famílias que vivem no interior atendem sua propriedade e, no outro turno, trabalham na fábrica de móveis do município, a fim de aumentar a renda familiar. Alguns integrantes da família não trabalham no mesmo turno, assemelhando-se a uma rotina de centros maiores.

O contexto micro é influenciado e impactado pelas novas relações de trabalho. Os Moradores (14), (11) e (10) são prestadores de serviço. A terceirização vem se tornando a modalidade de gestão que assume centralidade na estratégia empresarial, uma vez que as relações sociais estabelecidas entre capital e trabalho são disfarçadas em novas relações de trabalho, baseadas em contratos por tempo determinado, flexíveis, de acordo com os ritmos produtivos das empresas contratantes. E isso provoca consequências profundas que desestruturam ainda mais a classe trabalhadora, seu tempo de trabalho e de vida, seus direitos, suas condições de saúde, seu universo subjetivo etc. O contexto dos Moradores (14), (11) e (10) estabelece novas relações de trabalho e na vida familiar, portanto, são prestadores de serviço.

Um aspecto relevante que se destaca na tese é a relação escola-família. A escola é importante para a comunidade local, expresso na história das escolas, o empenho na construção das mesmas. A herança cultural pelo cuidado, a entreeajuda a valorização e o comprometimento com a vida comunitária. Os valores e os princípios cultivados na família e que tem sua extensão no espaço escolar. E o exercício da cidadania, nos diferentes projetos pensados, elaborados e executados pelos estudantes.

No contexto micro, o envolvimento das escolas nas atividades da comunidade, portanto, não é apenas na sala de aula que os estudantes aprendem; eles aprendem com os contextos socioculturais, com as interações sociais, com as formas de organização e de gestão, nas atividades, nos eventos, nas festas organizadas pela comunidade escolar com o envolvimento das famílias. Em razão disso, uma concepção de escola como sistema de atividades, em que instituição, professores e estudantes compõem uma dinâmica social rica de interações, mas também de contradições. Reitero: a ideia é que a educação dos alunos não ocorre apenas na sala de aula. As formas de relacionamento, os modos de resolver problemas e solucionar conflitos educam e ensinam. A metodologia de projetos, utilizada nas escolas do município, tem esse propósito.

Um fator relevante da pesquisa é a cultura organizacional. Ela sintetiza os sentidos que os moradores, os professores, funcionários e estudantes dão às situações, gerando um modo característico de pensar, de perceber e de agir. Isso explica, por exemplo, a aceitação ou

resistência frente a inovações, certos modos de tratar os alunos, as formas de enfrentamento de problemas de disciplina, a aceitação ou não de mudanças na rotina de trabalho, a dificuldade de aceitar a transferência dos bens públicos, conforme relato da Moradora (17).

Um dado que aparece na pesquisa é a proliferação dos pequenos negócios vinculados às grandes corporações, envolvendo as áreas de produção, comércio e prestação de serviços. É o caso dos artesãos, em que foi necessário criarem uma associação para concorrer e fazer com que seus produtos tivessem visibilidade e aceitação no mercado. O mesmo aconteceu com os apicultores e produtores de saladas e frutas. É essa, portanto, a nova morfologia do trabalho e do novo proletariado hoje.

Quando percorro as linhas, percebo a questão da adaptabilidade. Como aparece no relato do morador: *“ou você se adapta ou cai fora”*. A economia está sob comando e hegemonia do capital financeiro, e as empresas buscam garantir seus altos lucros exigindo e transferindo aos trabalhadores e às trabalhadoras a pressão pela maximização do tempo, pelas altas taxas de produtividade, pela redução dos custos, como os relativos à força de trabalho, além de exigir a “flexibilização” crescente dos contratos de trabalho, que, nesse caso, são transformados em prestadores de serviço, como os Moradores (11) e (10), com as matrizes de porcas e com as famílias que têm aviários.

O mesmo acontece com o Morador (14), que engorda os porcos para o Frigorífico Aurora, e o Morador (16), com jornadas de trabalho prolongadas. A terceirização assume cada vez mais relevo, tanto no processo de corrosão do trabalho e de seus direitos como no incremento e na expansão de novas formas de trabalho produtivo geradoras de valor.

Outro aspecto relevante na pesquisa é o enfraquecimento das linhas. Esse é um fator que marca a fala do Morador (12): *“aqui morava uma família”*; *“aqui também tinha uma casa”*; *“aqui tinha...”* Várias situações marcam o esvaziamento das linhas. Primeiro, era necessária mão de obra para cuidarem de suas propriedades, mas hoje, com o maquinário, se otimiza o tempo. O relato do Morador (19) expressa essa situação: *“Eu puxo os alunos e planto a minha terra de noite e nos finais de semana”*. Ou seja, ocorre a otimização do tempo, com máquinas mais rápidas e mais automatizadas.

Destaco o elemento do enfraquecimento das comunidades, mencionado pelo Morador (12): *“Aqui era uma comunidade forte, tinha fábrica de refrigerante, tinha fábrica de queijos, armazém, é até triste passar aqui, não tem mais nada”*. Em diferentes relatos dos moradores, percebo a saudade do tempo em que era uma comunidade com possibilidades. O sentido que a palavra comunidade evoca é o de viver seguros e confiantes. Um lugar cujos moradores

inclinam-se ao bem, naturalmente; todavia, a comunidade também é o lugar da dominação, da segregação social e cultural, da formação de guetos, de grupos estritamente fechados.

Percebo que alguns moradores projetam uma comunidade vinculada ao passado. Uma comunidade imaginada (postulada, sonhada) que se alimenta dessa diferença e nela “sobrevive”, o que cria um problema – a diferença que existe entre a comunidade de nossos sonhos e a “comunidade realmente existente”. Uma coletividade que pretende ser a comunidade encarnada, ter o sonho realizado; em contrapartida, não percebe os conflitos, as tensões, os estranhamentos, as brigas entre vizinhos. São entraves que existem na comunidade.

Outro aspecto que observo nas linhas é a existência de uma estrutura física, formada por uma igreja (Católica ou Luterana). Em algumas linhas, estão localizadas as duas igrejas, uma escola que foi desativada, um cemitério, um campo de futebol e um ginásio de esportes. Isso remete ao início da imigração. O comerciante, que negociava os produtos para os colonos, era responsável pela questão financeira e, portanto, resolvia problemas de terras e hospitalizações. A escola e a igreja/capela surgiam tão logo surgia uma nova comunidade. A discussão sobre a construção das escolas ocorria, primeiramente, na igreja/capela e, depois, nos encontros domingueiros, em que se rezava o terço e se realizavam encontros com os conterrâneos, e em situações pela iniciativa do próprio padre e ou pastor que desejava uma escola na comunidade.

Essa é uma característica em todas as linhas desse contexto. No início da formação da linha foram os locais de encontro, de convivência, como a escola, a igreja, o comércio, o salão de festas, o campo de futebol e o cemitério, para os moradores estarem mais próximos das instâncias comunitárias. Levando em consideração esses pontos enfraqueceram, devido ao enfraquecimento da linha. A escola está desativada, o campo de futebol em algumas linhas já foi desativado, mas em algumas linhas ainda são um ponto de referência para a comunidade.

Outra característica marcante é a questão do lugar, da propriedade e do saber, que indicam experiências e expectativas, vivências e sentidos e propiciam a resistência mesmo que inconsciente. É o que percebo na fala do Morador (12): *“o dono da terra, ou melhor, do potreiro⁷⁰ não cobra nada, isso ele dá de graça, imagina cobrar por isso, nem pensar”*. Situados no mundo com característica consumista, incentivados pelo mercado a sempre “ganhar”, tirar proveito sobre o outro ou tirar proveito diante de uma situação, há iniciativas em que os proprietários das terras disponibilizam áreas para propiciar o lazer aos moradores. Há

⁷⁰ Termo usado pelo Morador (1) para denominar o local dos campos de futebol. Uma área verde, cercada, com grama. Durante a semana é um local de pastagem do gado.

movimentos nestas comunidades de ir na “contramão” do sistema neoliberal, com a soberania da coletividade.

O êxodo do jovem do campo para a cidade é aspecto relevante, que observo na fala dos moradores. Morador (12): *“O campo de futebol foi desativado, pois não têm mais jovens, eles vão para centros maiores. Não há políticas de incentivo para que os jovens fiquem no interior”*. São poucos os jovens que permanecem no campo, pois há poucos incentivos para que fiquem. Com o avanço das máquinas, houve a otimização do tempo; outros são filhos de pequenos proprietários e, portanto, não tem terra para todos os filhos, fazendo com que migrem para centros maiores.

O quesito da religiosidade é outro elemento significativo nesta pesquisa. As diferentes atividades que acontecem na EAMA, na EMSA (celebração das mães, dos pais, semana da família, início do ano letivo e outras festas religiosas que acontecem nas comunidades das linhas) enfatizam a importância que essa comunidade escolar atribui à religiosidade. Ela é um dos elementos importantes no processo de enraizamento do imigrado em terras brasileiras. Em Nova Boa vista, a religiosidade contribui para manter os costumes, as tradições e os dialetos.

Um elemento que merece atenção é a nucleação das escolas. Com ela, os educandos precisam deslocar-se das comunidades de origem para locais distantes, onde se desvinculam das suas formas de viver, de suas culturas, ou seja, de suas especificidades locais. Há indícios de que o fechamento das escolas localizadas nas comunidades rurais provoca o “fechamento” da comunidade. Isso porque, nessas localidades, as escolas funcionam como coração que traz vida à comunidade. Nesse sentido, quando há o fechamento das escolas, as comunidades enfraquecem e envelhecem.

Evidencio a situação das escolas desativadas. O Morador (12) diz: *“Olhem lá, já podemos ver a escola⁷¹, aqui tinha uma escola. Disse que o dono da terra deixaria a escola como recordação, hoje ele guarda maquinário, ferramentas e adubo”*. Reitero minha ideia de que deveria haver a possibilidade de transformar esses espaços em um lugar histórico do município ou um museu com artefatos antigos, a fim de que pudesse tornar-se um local de acervo cultural, fonte de pesquisa e outras possibilidades.

Há uma contradição neste contexto: as lideranças têm uma preocupação de passar para as gerações mais jovens a questão da tradição, da imigração, dos costumes, das festas, dos cultos, dos rituais, denominado patrimônio cultural imaterial, mas, em relação às escolas

⁷¹ É a terceira escola desativada encontrada na visita realizada a fim de conhecer as linhas.

desativadas, há uma lacuna pela preservação da memória do lugar, das vivências e dos significados para os moradores.

Evidencio também a dimensão do voluntariado. Em diferentes relatos aparece essa dimensão: *“eu ajudei a construir o salão”*; *“mulheres cozinhando pé-de-moleque”*; *“auxiliando nas festas da comunidade religiosa e na comunidade escolar”*; *“mulheres auxiliando na cozinha durante três dias de forma gratuita”*; *“ eu ajudo a carnear porco e levo meu maquinário”*, *“capaz, isso é de graça. Ninguém cobra nada, todo mundo ajuda, isso é para a comunidade ou o coral, ou qualquer outra festa”*. Os moradores trabalham numa lógica antiliberal, marcada pelo individualismo, pela competição e ganância em ganhar acima de tudo e de todos. Portanto, há movimentos que enfatizam a solidariedade, a ajuda mútua, a valorização da coletividade e da comunidade.

Ao mesmo tempo há um contraponto vinculado a questão de voluntariado e empreendedorismo. Essa situação foi abordada pelo morador (14) ao falar sobre a situação do gado leiteiro. As empresas proporcionam cursos de aperfeiçoamento para o manejo e aumento da produtividade, colocando o agricultor – nesse caso, o Morador (12) – numa situação de destaque, para que se sinta parceiro, voluntário, empreendedor. Ele comenta: *“eles ficam iludindo a gente e o pior que caímos facilmente, com os que têm aviários e matrizes acontece o mesmo”*.

Outra característica que apresento como achado da pesquisa é a realidade educacional. São duas características de gestão: uma gestão municipal e uma estadual. Um “gestor próximo e um gestor distante”; um “gestor que vê a realidade e um gestor que omite um contexto”; “uma gestão que proporciona momentos intensivos de formação para seu quadro funcional e uma gestão que não paga seu quadro funcional”; “uma gestão presente e uma gestão ausente”. Duas realidades contraditórias numa realidade de menos de dois mil habitantes.

Os gestores da EMSA realizam atividades, planejamentos, com incentivos de profissionais com especializações (psicóloga, fonoaudióloga, sala de recursos, etc.), ofertados pelo município. Enquanto na EAMA, há a preocupação pelo fechamento do Ensino Médio, ou melhor, pelo fechamento da escola, como constata o relato da vice-diretora: *“Chegando lá, elas comunicaram que vamos fechar o turno da tarde. E eu disse como, se o ensino médio tem 1000h, como vamos atender esses alunos? Eu disse: vocês estão fechando a escola. Eu disse: pensem bem, dessa forma vocês estão fechando a escola”*. E quanto à situação dos professores: *“Se os professores tiverem que escolher, onde você acha que eles vão escolher, do jeito que*

está o estado”. É visível uma situação de angústia e descontentamento instaurada na escola, ao mesmo tempo em que percebo o comprometimento da equipe escolar em manter a escola aberta.

Evidencio a organização em grupos e ou associações. O município tem uma característica oriunda do período da imigração e colonização alemã na região, que é a formação de grupos. Grupos e associações com diferentes finalidades para fomentar a vida social, as atividades de lazer e de convivência. Alguns grupos que apresento: clubes de futebol de campo, futebol de salão, bolãozinho (jogo para mulheres), jogadores de carta, canto coral, grupos de bocha. Há associações com estatutos específicos: artesãos, cooperativa (agricultores), apicultores, bolãozinho (mulheres), Sicredi, grupo de hortifrúti, Associação de Pais e Mestres (CPM). Os grupos da Terceira idade têm o acompanhamento da municipalidade, participando com frequência de encontros de convivência com grupos de outros municípios. Em todos, há pessoas que lideram por um período de um ou dois anos, denominados presidentes ou coordenadores e, nas associações, há os presidentes, tesoureiros e secretários.

Outro quesito é o lazer. Há uma preocupação com o bem-estar e o lazer dos moradores. As comunidades têm suas festas, seus eventos, suas atividades, bem como as festas das escolas, do coral, da terceira idade, e os tradicionais bailes, campeonatos esportivos de futebol de campo, futebol de salão, carteados, campeonato de bochas, de bolãozinho, etc. Nesse contexto, onde esta pesquisa acontece, faz sentido o relato: *“tantos campos de futebol e uma farmácia, uma farmácia para 1960 habitantes”*. E o relato do Morador (30): *“nestes encontros a gente não fica falando de doença, pois conhece outras pessoas, até namoro sai”*; *“e durante a semana a gente já fica esperando o próximo encontro”*. Encontros de convivência, de socialização afastam situações de isolamento e lamentações, possibilitando projetar outras possibilidades.

Outro elemento são as relações. Em diferentes relatos aparece o conflito na questão relacional. O Morador (12) cita vizinhos que estão “brigados”, comentando: *“faz algum tempo que se desentenderam isso é ruim. Foi por causa de terra”*. Esse comentário mostra que a prática da cooperação enfatizada por Sennet (2012) não é geral, podendo ocorrer situações de conflito. O mesmo acontece com o Morador (19) quando diz: *“a gente se desentendeu, não adianta falar, pois ela não entende, então ela entra por uma porta e eu saio pela outra”*. Demonstra como as relações de trabalho afetam o dia a dia dos moradores. Nos dois casos citados, percebo que ainda falta superar o conflito.

Retomo a epígrafe com que inicio este capítulo. As escolas, as comunidades, os moradores, as linhas, os grupos e associações ganharão outro sentido e significado quando professores, moradores, estudantes, famílias, funcionários e gestores puderem dizer: “Sou parte

de um grupo de pessoas que está construindo a qualidade nas relações interpessoais, qualidade na convivência, qualidade no ensino e na aprendizagem ”. Na condição de aprendiz, encerro por ora essa tese, que está interligada pelas marcas da história de um povo e da memória dos moradores que estão imbricados pela tradição, pela cultura, pela identidade e pelo sentido de pertencimento a um lugar. Em cada linha, em cada comunidade e em cada morador (a) há diferentes modos de compreender e dar sentido à vida. Portanto, “Eu sou parte de um grupo de trabalhadores (as) e artesãos (as) que está construindo uma catedral”.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina. **Patrimonialização das diferenças e os novos sujeitos de direito coletivo no Brasil**. In: Memória e novos patrimônios. Disponível em <http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/patriminializacao-das-diferencas.pdf>. Acesso em: 23 jun. 2019.
- AFONSO, Almerindo Janela. Protagonismos instáveis dos princípios de Regulação e interfaces público/privado em Educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1137-1156, out.-dez. 2010. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em: 21 abr. 2016.
- AKKARI, Abdeljalil. **Internacionalização das Políticas Educacionais**. Petrópolis: Vozes, 2011.
- ANDRADE, Fernando T. de. Disponível em: https://www.pensador.com/ha_um_tempo_em_que_e_preciso_abandonar/. Acesso em: 30 nov. 2017.
- ANDRE, Marli Eliza D. A. de. **Etnografia da Prática Escolar**. 18. ed. Campinas: Papyrus, 2012.
- ARENDT, H. **A condição humana**. 11. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2010.
- ARENDT, H. A crise na educação revisitada. **I Colóquio Internacional**. São Paulo, SP. 05 a 07 de novembro de 2013.
- BALL, Stephen J. **Educação Global S.A.** Novas redes políticas e o imaginário neoliberal. Ponta Grossa: UEPG, 2014.
- BARCELLOS Fontanella, Bruno José; CAMPOS, Claudinei José Gomes; TURATO, Egberto Ribeiro. Coleta de dados na pesquisa clínico-qualitativa: uso de entrevistas não-dirigidas de questões abertas por profissionais da saúde. **Revista Latino-Americana de Enfermagem**, vol. 14, núm. 5, septiembre-octubre, 2006. Universidade de São Paulo/SP.
- BATTISTI, Juliana. **Práticas hibridizadas de socialização e projetos em uma escola rural do interior do estado do Rio Grande do Sul**: a comunidade na escola, a escola na comunidade. UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2016.
- BAUMAN, Z. **Medo líquido**. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**. Rio de Janeiro: Zahar. 2008.
- BAUMAN Z. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Zahar. 2003.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar. 2001.
- BAUMAN, Zigmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BAUMAN, Zigmunt. **Ensaio sobre o Conceito de Cultura**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade** / tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

BAUMANN, Siuzete Vandresen. **Da vida das escolas rurais isoladas a uma escola isolada da vida rural**: aprendizagens do processo de nucleação em Santa Rosa de Lima. Goiânia: ANPED, 2013.

BARROSO, João (org.). **O estudo da escola**. Porto: Porto Editora, 1996.

BERMAN, M. **Tudo que é sólido se desmancha no ar**. São Paulo: Cia. das Letras, 1981.

BODGAN, Robert C.; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação Qualitativa em Educação**. Uma introdução à teoria e aos métodos. Trad. Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto-PT: Porto Editora, 1994.

BOTELHO, Isaura. Dimensões da cultura e políticas públicas. **São Paulo em Perspectiva**. São Paulo, v. 15, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n2/8580.pdf>. Acesso em: 22 set. 2014.

BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Pergunta a Várias Mãos**: a experiência da pesquisa no trabalho do educador. São Paulo: Cortez, 2003.

BRANDÃO, Maria de Azevedo (org.). **Milton Santos e o Brasil**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

BRASIL. **Educação Patrimonial para o Programa Mais Educação**. Brasília: Ministério da Educação, 2012.

BRICEÑO-LEÓN, R. **Quatro Modelos de Integração de Técnicas Qualitativas e Quantitativas de Investigação nas Ciências Sociais**. In: GOLDENBERG, P.; MARSIGLIA, R.M.G.; GOMES, M.H.A. (org.). *O Clássico e o Novo: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003.

CAMPOS, Brisa Bejarano. **A Dimensão Subjetiva da Relação Escola-Comunidade**. Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, SP, 2016.

CASTELLS, Manuel. **A Questão Urbana**. 4. ed. Trad. Arlene Caetano. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1983.

CASTRO, Megione Bassetto de. **A Gestão da Relação Escola-Comunidade**. Universidade Nove de Julho (UNINOVE), Programa de Mestrado em Gestão e Práticas Educacionais, São Paulo, 2016.

CAVALCANTE, Márcio Balbino. O lugar no mundo e o mundo no lugar: a Geografia da sociedade globalizada. **Caminhos de Geografia Uberlândia**, v. 12, n. 40 dez/2011 p. 91-95. Acesso em: 26 abr. 2019.

CAVALCANTE, Maria do Socorro Silva. **Conselho Escolar e a Configuração de uma Democracia Contra-hegemônica na Gestão da Escola Pública**: considerações a partir do princípio da comunidade. Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação, João Pessoa, 2014.

CERTEAU, Michel De. **A invenção do cotidiano**: artes do fazer. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARLOT, Bernard. A etnografia da Escola. **Em Aberto**, Brasília. 53, jan./mar. 1992.

CHARLOT, Bernard. A pesquisa educacional entre conhecimentos, políticas e práticas: especificidades e desafios de uma área de saber. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, n. 31 jan./abr. 2006.

CHARLOT, Bernard. **Da relação como saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber, Formação de Professores e Globalização: questões para a educação hoje**. Porto Alegre: ARTMED, 2005.

CHAUÍ, Marilena. Cultura política e política cultural. **São Paulo: Estudos Avançados**. 9 (23), 1995, p.71-84. Acesso em: 22 set. 2014.

CHIZZOTTI, Antônio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**. v.16, n.2, 2003. P. 221- 236. Acesso em: 4 set. 2016.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

CONGREGAÇÃO de Nossa Senhora. **Anais** (1973 a 1988), estudos internos. [S.I.]

CONSTANTINO, Núncia Santoro de. **O Italiano da Esquina**: imigrantes meridionais na sociedade porto-alegrense. 2. ed. Porto Alegre: EST, 2008.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual Infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Neto. **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 2012, p. 359-374.

CORAZZA, Sandra Mara. Manual Infame... mas útil, para escrever uma boa proposta de tese ou dissertação. *In*: BIANCHETTI, Lucídio; MACHADO, Ana Maria Neto. **A bússola do escrever**: desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações. 3. ed. Florianópolis: UFSC; São Paulo: Cortez, 2012, p. 359-374.

CORSETTI, BERENICE. **Avaliação da educação, gestão democrática e indicadores de qualidade:** um estudo de caso no município de Novo Hamburgo. São Leopoldo: Casa Leiria, 2015.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** 2. ed. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Maria Isabel. **Profissionalização Docente:** contradições e perspectivas. In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro; CUNHA, Maria Isabel (orgs.). *Desmistificando a Profissionalização do Magistério.* Campinas, SP: Papyrus, 1999.

DELGADO, M. G. **Capitalismo, trabalho e emprego:** entre o paradigma da destruição e os caminhos da reconstrução. São Paulo: LTr, 2008.

DELLORS, J. **Educação:** um tesouro a descobrir. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Reinaldo. (org.) **Turismo religioso:** ensaios e reflexões. Campinas, SP: Editora Alínea, 2003.

E. E. E. M. ANTÔNIO MATHIAS ANSCHAU. **Nova Boa Vista:** histórias e memórias. Nova Boa Vista/RS, 2012.

ECKERT, Cornélia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **Etnografia:** saberes e práticas. In: PINTO, Celi Regina Jardim (org.). *Ciências Humanas: pesquisa e método.* Porto Alegre: Editora da Universidade, 2008.

ELIAS, N. **O processo civilizador.** (Vol. I-II). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ESCOLA MUNICIPAL SANTOS ANJOS. **Projeto Político Pedagógico (PPP).** Nova Boa Vista. 2006. Documento interno da escola.

ESCOLA MUNICIPAL SANTOS ANJOS. **Registro da Fundação da escola.** Nova Boa Vista. Documento interno da escola.

ESQUIROL, Josep M. **O Respeito ou o Olhar Atento:** uma ética para a era da ciência e da tecnologia. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Formação Continuada e Gestão da Educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

FONSECA, Claudia. **Quando Cada Caso Não é um Caso:** pesquisa etnográfica em educação. ANPED, Caxambu, setembro de 1998.

GARDOLINSKI, Edmundo. **Escolas da Colonização Polonesa no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul, Universidade de Caxias do Sul, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 1989.

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Unesp, 1991.

GIDDENS, A. **Mundo em descontrole: o que a globalização está fazendo de nós**. São Paulo: Record, 1999.

GORELIK, Adrián. O moderno em debate: cidade, modernidade, modernização. *In*: MELO MIRANDA, Wander (ed.). **Narrativas da modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

GOULARTE, Gabriel Gules. **Violências na escola**: uma etnografia em duas escolas da rede municipal de ensino de Gravataí. UFRGS, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da Escola de Educação Física, 2015.

GÜNTHER, H. Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: Esta é a questão? **Revista Psicologia**: teoria e pesquisa, 2006, p. 201-210.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart de. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da silva, Guaracira Lopes louro, 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. **Relações sociais e serviço social no Brasil. Esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. 2005.

JUNIOR, Álvaro Francisco de Britto; JUNIOR, Nazir Feres. **A Utilização da Técnica da Entrevista em Trabalhos Científicos**. Evidência, Araxá, v. 7, n. 7, p. 237-250, 2011.

KREUTZ, Lúcio. **O Professor Paroquial**: magistério e imigração alemã. Pelotas: Seiva, 2004.

KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial**: magistério e imigração alemã. Porto Alegre: UFRGS; Florianópolis: UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

KREUTZ, Lúcio. A nacionalização do ensino no Rio Grande do Sul: medidas preventivas e repressivas. **Fronteiras**: Revista Catarinense de história, nº 13. Santa Catarina: UFSC/ANPUH-SC, 2005.

LANDO, Aldair M; BARROS, Eliane C. RS: Imigração e Colonização. *In*: Capitalismo e colonização – os alemães no Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1980.

LARROSA, Jorge. Narrativa, identidad y desidentificación. *In*: LARROSA, Jorge. **La experiencia de la lectura**: estudios sobre literatura y formación. Barcelona: Laertes, 1996, p. 461-482.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 28 set. 2014.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. 4. ed. Ver. e atual. Porto Alegre: Sulina, 1982.

LIBÂNEO, Jose Carlos. **Educação escolar**: políticas, estruturas e organização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

LIBÂNEO, José C. **Organização e gestão da escola. Teoria e Prática**. Goiânia: Alternativa, 2005.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DOS NAVEGANTES DE NOVA BOA VISTA. **Livro Tombo, nº 1**, 1956-1958.

LUCHESE, Terciane Ângela. As escolas étnico-comunitárias italianas no Rio Grande do Sul: o olhar dos cônsules e agentes consulares. *In*: LUCHESE, Terciane Ângela; KREUTZ, Lúcio. **Imigração e educação no Brasil**: histórias, práticas e processos escolares. Santa Maria: UFSM, 2011.

LUCK e outros. **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

LÜCK, Heloísa *et al.* **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

LÜCK, Heloísa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Positivo, 2009.

LÜCK, Heloísa. **Gestão da cultura e do clima organizacional da escola**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LÜCK, Heloísa. **Liderança em gestão escolar**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LUDKE, Menga; ANDRE, Marli. **Pesquisa em Educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. Contributo para a História das instituições educativas: entre a memória e o arquivo. *In*: FERNANDES, Rogério; MAGALHÃES, Justino (orgs.). **Para uma história do ensino liceal em Portugal**. Porto: SPCE, 1999, p. 63-77.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo nexos**: história das instituições educativas. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHAES, Maria C.R. **Na sombra da cidade**. São Paulo: Escuta, 1995.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um Diário no Sentido Estrito do Termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MATOS, Maristela Bortolon de. **As Culturas Indígenas e a Gestão das Escolas da Comunidade Guariba**: uma etnografia. Universidade do Vale dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, São Leopoldo, RS, 2013.

MATTOS, CLG. A Abordagem Etnográfica na Investigação Científica. *In*: MATTOS, CLG.; ASTRO, PA. (orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83. ISBN 978-85-7879-190.

MENDES, Madalena. Os sete pecados da governação global. Paulo Freire e a reinvenção das possibilidades de uma pedagogia democrática e emancipatória da educação. **Revista Lusófona de Educação**, 2009,14, 61-76.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MIOTO, Regina Celia Tamasso; SILVA, Telma Cristiane Sasso de. Procedimentos metodológicos na construção do conhecimento científico: a pesquisa bibliográfica. **Rev. Katál**. Florianópolis, v. 10, p. 37-45. 2007. Acesso em: 10 jun. 2017.

MORIN, Edgar. A noção do sujeito. *In*: SCHNITMAN, Dora Fried. **Novos paradigmas, cultura e subjetividade**. Trad. Jussara Haubert Rodrigues, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Lisboa: Instituto Piaget, 1991.

MORIN, Edgar. **O Método IV: As ideias**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O Método IV: As ideias**. Porto Alegre: Sulina, 2002.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *In*: **Projeto História**. São Paulo: PUC-SP, 10 dez. 1993, p. 07-28.

PAN, Raquel. **Significados da Reinserção Escolar de Crianças após Queimaduras: um estudo etnográfico**. Escola de Enfermagem de Ribeirão, USP, Ribeirão Preto, 2015.

PICCOLO, Helga I. L. **RS: Economia e política. A política Rio-Grandense no Império**. Porto Alegre, Mercado Aberto, 1979.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. *In*: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15. Acesso em: 14 jul. 2018.

RAMBO, Arthur Blásio. **A escola comunitária Teuto-Brasileira Católica**. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

RIBEIRO. Ana Clara Torres. **Lugares dos saberes: diálogos abertos**. 2004, p. 39-56.

ROCHE, Jean. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RODRIGUES, Ana Cláudia da Silva *et al.* **Nucleação de Escolas no Campo: conflitos entre formação e desenraizamento**. Porto Alegre: Educação e Realidade, 2017.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Globalização Fatalidade ou Utopia?** Porto: Edições Afrontamento, 2001.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Um discurso sobre as ciências**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço – Técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SANTOS, Milton. **Por outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2000.

SANTOS, Wilson da Silva. **O caráter organizacional e cultural da gestão escolar: breves anotações**, 2009.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **O Estudo de Caso Etnográfico em Educação**. Universidade do Minho, Braga. Portugal, 2000.

SAVIANI, Dermeval. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 17. ed. Campinas: Autores Associados, 2007.

SAVIANI, Dermeval. Epistemologia e teorias da educação no Brasil. **Pro- Posições**, v.18, n. 1 (52) jan/abril. 2007.

SAWAIA, Bader Burian. **Psicologia social comunitária - Da solidariedade à autonomia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCHMIDT, João Pedro. **O Comunitário em Tempos de Público Não Estatal**. Campinas, SP: Sorocaba, v. 15, n. 1, p. 9-40, mar. 2010.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Pesquisa participante: Alteridade e Comunidade Interpretativas**. Psicologia USP, 2006, p. 11-41.

SENNETT, Richard. **Juntos: os rituais, os prazeres e a política da cooperação**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SENNETT, Richard. (1943) **Carne e pedra**. (Tradução de Marcos Aarão Reis). 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SENNETT, Richard.(1943) **O artífice**. (Tradução de Clóvis Marques). 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SICREDI. **Programa a união faz a vida**. Disponível em:

<http://www.sicredipioneira.com.br/cooperativismo/programa-a-uniao-faz-a-vida>. Acesso em: 4 ago. 2014

SILVA, Rodrigo Manoel D. da. Educação patrimonial e a dissolução das monoidentidades. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 56, p. 07-22, abr/jun.2015, UFPR.

SILVA, Rodrigo Manoel Dias da. Educação Patrimonial e Políticas de Escolarização no Brasil. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 467-489, abr./jun. 2016.

SOMMER, Arno. **Reminiscências. Da Colônia Teutônia** – Estrela. Décadas 20 a 30. 1984.

SOUZA, Angelo Ricardo de. Explorando e construindo um conceito de Gestão escolar democrática. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 25, n. 03, p.123-140, dez. 2009.

SOUZA, Angelo Ricardo de. **Perfil da Gestão Escolar no Brasil**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2006.

SOUZA, Maria Adélia Aparecida. **O lugar de todo o mundo – A geografia da solidariedade**. Texto apresentado em Seminário na Bahia, em junho de 1997, organizado pelo Programa de Pós-Graduação e pelo Departamento de Geografia da UFBA.

SOUZA, Maria Adélia de. **Cidade: Lugar e Geografia da Existência**. Salvador, I encontro Internacional de Geografia da Bahia (conferência). Acesso em: 26 abr. 2019.

SOUZA, Maria Adélia de. A geografia da solidariedade. **GeoTextos**, vol. 2, n. 2, p. 171-178, 2006. Acesso em 26 de abril de 2019.

SOUZA, Maria Adélia de. **O lugar de todo mundo: a geografia da solidariedade**. Salvador. Conferência feita no I encontro Internacional de Geografia da Bahia, 1997. Acesso em: 26 abr. 2019.

SZYMANSKI, Heloisa; ALMEIDA, Laurinda R; PRANDINI, Regina C.A.R. **A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva**. 4. ed. Brasília: Liber Livro, 2011.

TELLES, Vera da Silva. Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 46, n. 1, jan/jun, 2015, p. 15-41. Acesso em: 22 jun. 2019.

TEODORO, Antonio. **A Educação em Tempos de Globalização Neoliberal**. Os novos modos de regulação das políticas educacionais: Brasília: Liber Livro, 2011.

THUMS, Angela. **Práticas de Gestão e Cultura Escolar: um estudo de caso na Escola Municipal Santos Anjos, São Leopoldo**, 2015.

TIMM, Jordana Wruck. **A Relação Escola/Comunidade na Região das Antigas Colônias Italianas, Nordeste do Rio Grande do Sul, 1915 a 1960**. UCS, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

VENCATO, Almedoro. Sarandi, um recanto histórico do Rio Grande do Sul. **A Região, Sarandi**, 1994.

VITORINO, Diego da Costa. **Um Divórcio entre Escola e Comunidade? Bananal/SP, um “laboratório a céu aberto” no Vale Histórico do Rio Paraíba do Sul**. Araraquara-SP: Faculdade de Ciências e Letras, 2014.

WARNIER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Tradução de Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2003.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria- RS**: UFSM, 2006.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezada(o) entrevistado (a)!

Você está sendo convidada (o) a participar como voluntária (o) da pesquisa intitulada “A gestão escolar a nas interações com a cidade com as linhas e os moradores: contextos, sentidos e práticas”, coordenada e desenvolvida pela acadêmica Angela Thums, estudante e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). A pesquisa tem como objetivo compreender as concepções e os desdobramentos da gestão das escolas da rede municipal e estadual e os enredamentos com a dinâmica da cidade/comunidade do município de Nova Boa Vista/ RS, tendo a etnografia como escolha metodológica.

Você é convidada(o) a participar do seguinte procedimento: uma entrevista, sendo que esta será gravada em áudio e, posteriormente, transcrita, única e exclusivamente para fins de pesquisa. A entrevista será realizada com base em um roteiro, com questões abertas que solicitam da(o) entrevistada(o) a exposição de suas opiniões sobre situações do cotidiano da escola e do contexto educacional. Salientamos que mediante qualquer possível risco, dano ou desconforto no compartilhamento de informações, que se relacionam exclusivamente com o seu trabalho profissional, você poderá se manifestar e que não precisará responder a qualquer pergunta ou parte de informações obtidas na pesquisa, se sentir que ela é muito pessoal ou sentir desconforto em falar.

Desse modo, assumo com você os seguintes compromissos:

1. De que sua identidade, assim como as identidades de todas (os) as (os) participantes serão preservadas e mantidas em sigilo; de que nenhuma pessoa será identificada e que se manterá o anonimato, das(os) participantes, em quaisquer momentos que impliquem a divulgação dessa pesquisa.
2. De que as informações reunidas serão usadas, única e exclusivamente, para fins desta pesquisa e dos trabalhos científicos que dela poderão se desdobrar.
3. De que os resultados lhe serão apresentados, pois esse retorno permitirá que você tome ciência das informações produzidas durante a pesquisa, assim como assegurará que tais informações não serão utilizadas em prejuízo ou para a estigmatização das pessoas envolvidas.
4. Do caráter voluntário de seu consentimento. Sua participação não é obrigatória. Caso você tenha interesse em desistir da participação na pesquisa, isso poderá ser feito em qualquer fase da pesquisa. Sua recusa, desistência ou retirada de consentimento não acarretará prejuízo e nenhuma penalização.
5. Da garantia de que você pode receber respostas a qualquer momento sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com a pesquisa, por meio de e-mail: angela@notredame.org.br e do telefone (54) 981248951.
6. De que você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Este Termo será assinado em duas vias, ficando uma em seu poder e a outra com a pesquisadora responsável.

Nova Boa Vista, ____ de _____ de _____.

Assinatura da(o) participante

Assinatura da pesquisadora

APÊNDICE B - CONTRIBUIÇÕES DA ESCOLA NA VIDA DOS EX-ALUNOS

Ex-aluno(a)	Tempo de EAMA	Curso que está cursando ou cursou	Contribuições da EAMA
Daniela	2009- 2011	Mestrado em Agronomia	A escola contribui muito na minha vida pessoal e na escolha profissional. Colaborou muito nos valores éticos. A equipe da EAMA contribui muito para a minha escolha profissional.
Angélica	2009 a 2011	Farmácia	Sou de outro município e decidi fazer o EM aqui pela qualidade da educação.
Carlos	Ensino Médio	Administração	Pude rever muitos conceitos sobre mim, me conheci melhor. Com os professores e as atividades proporcionadas melhoram minhas habilidades interpessoais e atividades coletivas, e aprimorando o meu modo de ser. Algumas atividades que me marcaram o concurso de oratória, projeto das profissões, concurso de músicas. As aulas do politécnico me auxiliaram muito no mundo da academia. E de modo especial a EAMA me ajudou a ser uma pessoa melhor.
Jonas	Ensino Fundamental e Médio	Veterinária	São muitos momentos bons que passei na escola. Tenho um carinho especial pela equipe docente, e como trabalhavam o todo do aluno. Preocupados em formar um cidadão. Nos ensinaram limites, responsabilidades e o quanto isso a gente aprende melhor. Em contrapartida incentivavam a pesquisar e se envolver nas atividades da comunidade a ter esse contato com o mundo. Isso me influenciou na vida profissional nas minhas amizades. Eu tenho a escola como uma família, pois passei a minha infância e adolescência na escola. Tenho um carinho especial pela escola.
Valério	Ensino Fundamental e Médio	Engenharia Mecânica	Estudei desde a educação infantil nesta escola. Foi uma longa trajetória. Agradeço tudo que aprendi na EAMA. O ser humano que me tornei, devo isso a EAMA.
Gabriela	Ensino Médio	Pedagogia	Sou de outro município, e sempre fui bem acolhida. A equipe docente sempre esteve preocupada com o bem estar dos alunos. Conheci pessoas atenciosas e percebi o empenho da escola e a preocupação com a aprendizagem e dificuldades dos alunos. As pessoas ajudaram a superar as minhas dificuldades. Todo o conhecimento e o esforço dos professores em passar todo o conhecimento e o incentivo de não pararmos de estudar, nos incentivando para fazer faculdade.
Eder	Ensino Médio	Ciências Contábeis	A escola contribui na minha vida pessoal e profissional, onde sempre oportunizaram atividades que alcançássemos a nossa autonomia. Recordo das feiras de ciências, o projeto das profissões. E em especial a equipe de professores e funcionários sempre preocupados com o bem estar dos alunos.
Carlos	Ensino Médio	Música	A escola é muito boa. Lá pude perceber que todos podem e lutar o seu objetivo. A escola incutia isso na gente que precisamos correr atrás do nosso sonho e que cada pessoa tem o seu valor e que é preciso respeitar o próximo. Foi

			isso que levo da escola, em acreditar no potencial que nós temos.
Ana Lúcia	Ensino Médio	Pedagogia	Tem projetos muito interessantes e em especial no terceiro ano, e auxiliam muito na formação do ser. Além dos outros projetos voltados para a vida.
Greice	Ensino Fundamental e Médio	Pedagogia	Eu sou da primeira turma que formou o EM. Em 2000, foi implantado o EM e isso foi um grande marco. A escola sempre conseguiu desempenhar o seu papel moral e social. Sempre tinha professores e funcionárias competentes que me auxiliaram a ser solidária, ética e consciente dos meus direitos e deveres e responsabilidades. Parabéns pelos Projetos de vida que realizam e os cidadãos competentes que formam no mundo de hoje.
Fernanda	Ensino Médio	Química	O que a escola mais agregou na minha vida, foi à questão humanitária. O que agregou foi a ética. E os valores. A escola não trabalha somente os conteúdos exigidos, mas a escola educa para a vida, através das atividades diárias. Nesta nova fase da minha vida e vejo que isso é um diferencial.
Bruna	Ensino Médio	Enfermagem	A escola foi de extrema importância na vida pessoal, pois ainda tenho os vínculos de amizade com os colegas. E na vida profissional abriu possibilidades me fez enxergar um mundo maior, e isso fez com que eu estudasse na federal em Santa Maria. Os professores sempre foram comprometidos e competentes. Fico feliz por estudado na EAMA.
Alana	Ensino Fundamental e Médio	Cosmética	Se hoje estou conseguindo realizar meus sonhos e ser essa profissional de sucesso, devo isso aos professores e funcionários que auxiliaram a ser uma pessoa melhor cada dia, cultivando os valores.
Vanessa	Ensino Médio	Psicologia Clínica	Sou de outro município. Lembro com carinho do vínculo que a gente tinha com os professores. Isso com toda certeza contribui para a minha escolha profissional. Todo dia a gente ia para NVB. Esses vínculos contribuíram, pois é uma escola que respeita e acolhe o aluno, tem uma atenção. É uma região que tem um bom ensino e isso contribui para a gente escolher essa escola para estudar.
Carol	Ensino Fundamental e Médio	Zootecnia	Cursei todo o ensino fundamental e ensino médio. Eu aprendi valores, vieram de casa e a escolha completou. Estive dentro da escola durante 9 anos. Só tenho a agradecer pela profissional que me tornei. Professores competentes que sempre me auxiliaram
Camila	Ensino Fundamental e Médio	Educação Física	Estudei desde o jardim. A EAMA me ajudou a reforçar alguns valores aprendidos em casa e que a escola reforçou. Me ensinou a conviver e fazer experiências e a ter vivências diferentes. Uma escola de boa qualidade e a equipe de trabalho: professores e funcionários comprometidos com a nossa aprendizagem.
Aline	Ensino Fundamental e Médio		A escola me proporcionou muitos aprendizados. Hoje faço parte do conselho escolar. Minha filha estuda nesta escola. A equipe de trabalho é comprometida e incentiva os alunos a buscarem seus sonhos.

Fonte: Vídeos produzidos por ex-alunos (elaborado pela autora - 2019).

